

*Para uma mãe, a vida traz uma série de escolhas difíceis:
proteger, dar liberdade, esquecer, perdoar... Que caminho você seguiria?*

O caminho para casa

KRISTIN
HANNAH

Mais de 8 milhões de livros vendidos no mundo





Durante 18 anos, Jude pôs as necessidades dos filhos em primeiro lugar, e o resultado disso é que seus gêmeos, Mia e Zach, são adolescentes felizes. Quando Lexi começa a estudar no mesmo colégio que eles, ninguém em Pine Island é mais receptivo que Jude. Lexi, uma menina com um passado de sofrimento, criada em lares adotivos temporários, rapidamente se torna a melhor amiga de Mia. E, quando Zach se apaixona por ela, os três se tornam companheiros inseparáveis.

Jude sempre fez o possível para que os filhos não se metessem em encrenca, mas o último ano do ensino médio, com suas festas e descobertas, é uma verdadeira provação.

Toda vez que Mia e Zach saem de casa, ela não consegue deixar de se preocupar.

Em uma noite de verão, seus piores pesadelos se concretizam.

Então a vida dá uma guinada, levando os personagens a viver sentimentos intensos – amor e ódio, culpa e perdão – que qualquer um de nós poderia experimentar. Uma decisão muda seus destinos, e cada um deles terá que enfrentar as consequências – e encontrar um jeito de esquecer ou a coragem para perdoar.

Dedicatória



Eu não posso negar que tenha sido uma mãe superprotetora e participativa. Fui a todas as reuniões escolares, festas e excursões até meu filho me implorar, por favor, por favor, para que eu ficasse em casa. Agora que ele cresceu e terminou a faculdade, posso olhar para trás e ver aqueles anos do seu ensino médio com a sabedoria que a distância traz. O último foi sem dúvida um dos anos mais desgastantes da minha vida e também um dos mais gratificantes. Quando penso naquela época — e essas lembranças foram a inspiração para este livro —, recordo muitos altos e baixos. Acima de tudo, penso em como tive sorte por morar em uma comunidade unida e atenciosa, em que um ajudava o outro. Então, este livro é para meu filho, Tucker, e para todos os jovens que passaram pela nossa casa, iluminando-a com suas risadas: Ryan, Kris, Erik, Gabe, Andy, Marci, Whitney, Willie, Lauren, Angela e Anna, para citar alguns. E também para as outras mães: eu sinceramente não sei como teria sobrevivido sem vocês. Obrigada por estarem sempre presentes e por saberem quando estender a mão, oferecer uma margarita ou me dizer uma verdade dura. Para Julie, Andy, Jill, Megan, Ann e Barbara. Por fim, mas certamente não menos importante, agradeço ao meu marido, Ben, que sempre esteve ao meu lado, mostrando-me de mil maneiras que

*na criação do nosso filho, assim como em tudo, éramos uma equipe.
Obrigada a todos.*

Prólogo



2010

Ela está de pé na curva fechada da Estrada da Noite.

Aqui a floresta é escura, mesmo ao meio-dia, com o sol a pino. Coníferas antigas e imponentes se estendem ao longo de ambas as margens da estrada, muito próximas umas às outras, e seus troncos cobertos de musgo se erguem retos como lanças até o céu de verão, bloqueando todo o sol. Paralelamente à faixa do asfalto desgastado, as sombras terminam na altura dos joelhos. O ar está parado e silencioso, como se a natureza prendesse a respiração. Expectativa.

Esta estrada já foi simplesmente o caminho para casa. Antes, ela a escolhia com facilidade, seguindo por sua superfície esburacada sem pensar duas vezes, raramente — ou nunca — notando o declive que havia em cada lado. Naquele tempo, sua mente se ocupava com outras coisas, com as minúcias da vida cotidiana. Afazeres domésticos. Compras e incumbências externas. Horários.

É claro que ela não entrava nesta estrada havia anos. A mera visão da placa sinalizadora, de um verde desbotado, era suficiente para fazê-la virar bruscamente o volante. Melhor evitar aquela estrada. Ao menos era assim que ela pensava... até hoje.

As pessoas da ilha ainda comentam o que aconteceu naquele verão de 2004. Elas se sentam em bancos de bares ou em redes na

varanda e dão suas opiniões, dizem meias-verdades e fazem juízos que não lhes cabe fazer. Mas os fatos são o que menos importa.

Se alguém a vir aqui, de pé nesta estrada solitária, em meio às sombras, tudo virá de novo à tona. Eles se lembrarão daquela noite, há tanto tempo, quando a chuva se transformou em cinzas...

Parte Um



Da nossa vida, em meio à jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa,
Tendo perdido a verdadeira estrada.

— Dante Alighieri, *A DIVINA COMÉDIA*, “Inferno”

Um

2000

Lexi Baill estudou um mapa do estado de Washington até que as minúsculas marcações geográficas vermelhas oscilassem diante de seus olhos cansados. Os nomes dos lugares tinham um quê de magia e sugeriam uma paisagem que ela mal podia imaginar: montanhas cobertas de neve e divisadas pela água, árvores altas e retas como campanários de igrejas, um céu azul límpido e sem fim. Visualizou águias pousadas em postes telefônicos e estrelas que pareciam tão próximas que daria para alcançá-las. Era provável que houvesse ursos vagando à noite pelas regiões ermas, à procura dos locais que até pouco tempo atrás tinham sido seu território.

Aquele seria seu novo lar.

Queria pensar que teria uma vida diferente ali. Mas como poderia acreditar nisso de verdade?

Tinha 14 anos e podia não saber muito, mas de uma coisa ela tinha certeza: as crianças do Cadastro Nacional de Adoção eram retornáveis, como garrafas de refrigerante usadas.

No dia anterior, sua assistente social a acordara cedo para avisá-la de que deveria fazer a mala. Mais uma vez.

— Tenho uma boa notícia — dissera a Sra. Watters.

Mesmo semiacordada, Lexi sabia o que isso significava.

— Outra família... Ótimo. Obrigada, Sra. Watters.

— Não é apenas uma família. É a sua família.

— Está certo, claro. A minha nova família. Vai ser ótimo.

A Sra. Watters emitiu aquele som de desilusão, quando soltava suavemente a respiração, quase como um suspiro.

— Você tem sido forte, Lexi. Durante todo esse tempo...

Lexi tentou sorrir.

— Não se sinta mal, Sra. W. Eu sei como é difícil encontrar casas para crianças mais velhas. E a família Rexler foi muito legal. Se a minha mãe não tivesse voltado, acho que teria dado certo.

— Você sabe que nada daquilo foi culpa sua.

— Sei, sim — confirmou Lexi.

Nos dias bons, ela se deixava convencer de que as pessoas que a devolviam tinham os próprios problemas a resolver. Nos dias ruins, que ultimamente eram mais frequentes, perguntava-se o que havia de errado com ela, por que era alguém tão fácil de descartar.

— Você tem parentes, Lexi. Localizei a sua tia-avó. O nome dela é Eva Lange. Tem 66 anos e mora em Port George, em Washington.

Lexi se sentou, alerta.

— O quê? Minha mãe disse que eu não tinha parentes.

— Sua mãe... se enganou. Você tem família, sim.

Lexi passara a vida esperando ouvir essas palavras preciosas. Seu mundo sempre fora perigoso e incerto. Ela se sentia como um navio que, perdido em águas rasas, estivesse prestes a encalhar. Fora quase sempre uma menina sozinha, e assim crescera, cercada por estranhos, lutando por restos de comida e atenção, sem nunca receber o suficiente de nenhum dos dois — a criança selvagem dos tempos modernos. Apagara da memória a maioria dessas experiências, mas, quando tentava resgatá-las — quando um dos

psicólogos da rede pública de saúde a obrigava a fazer isso —, ela se lembrava de estar com fome, molhada, e de tentar alcançar uma mãe bêbada demais para ouvi-la ou drogada demais para se importar com o que quer que fosse. Lembrava-se de passar dias em um cercadinho sujo, chorando e esperando que alguém se desse conta de sua existência.

Agora ela olhava pela janela suja do ônibus interestadual enquanto sua assistente social, que estava sentada a seu lado, lia um romance.

Depois de mais de vinte e seis horas na estrada, finalmente seu destino estava próximo. Lá fora, um céu cinza-escuro e carregado parecia engolir o topo das árvores. A chuva fazia rabiscos na janela, turvando a paisagem. Washington era como outro planeta: nada das colinas do sul da Califórnia, que tinham cor de casca de pão e eram banhadas pelo sol, nem do quadriculado cinzento das autoestradas engarrafadas. As árvores eram imensas — como se tivessem tomado esteroides — e as montanhas, também. Tudo parecia colossal e selvagem.

O ônibus entrou em um terminal de concreto de teto baixo e freou, chiando e sacudindo. Uma nuvem de fumaça preta passou pela janela e escureceu a plataforma por um instante, para em seguida ser carregada pela chuva. As portas do ônibus se abriram deslizando e sibilando.

— Lexi?

Quando ouviu a voz da Sra. Watters, ela pensou *Ande, Lexi*, mas não conseguiu sair do lugar. Olhou para a mulher que fora a única presença constante em sua vida nos últimos seis anos. Todas as vezes em que uma família adotiva temporária desistira dela e a devolvera, como se ela fosse um produto com defeito, a Sra. Watters

estivera ali, aguardando-a com um sorriso tristonho. Talvez não fosse muito, mas era tudo o que ela conhecia, e de repente sentiu medo de perder até mesmo essa pequena familiaridade.

— E se ela não vier? — perguntou Lexi.

A Sra. Watters estendeu ao céu a mão de dedos finos e longos, rugosos e com nós largos ao dizer:

— Ela virá.

Lexi respirou fundo. Ela iria conseguir. É claro que sim. Nos últimos cinco anos, já tinha passado por sete famílias e frequentado seis escolas. Ela daria conta de mais isto.

Pegou a mão da Sra. Watters e saíram em fila pelo corredor estreito do ônibus, esbarrando nos bancos acolchoados de ambos os lados.

Fora do ônibus, Lexi apanhou a mala vermelha e surrada, que era quase pesada demais para ela, abarrotada com as únicas coisas que realmente lhe importavam: livros. Ela a arrastou até a extremidade da calçada e ficou ali, junto ao meio-fio. Aquela mínima elevação de concreto parecia um despenhadeiro perigoso. Um passo errado e ela poderia quebrar algum osso ou ser atirada de cabeça contra os carros.

A Sra. Watters parou ao seu lado e abriu um guarda-chuva. Os pingos ressoavam no náilon esticado.

Um a um, os outros passageiros desembarcaram do ônibus e desapareceram.

Lexi olhou para o terminal vazio e sentiu vontade de chorar. Quantas vezes já não estivera nesta mesma situação? Sempre que sua mãe se desintoxicava, depois de um tratamento, voltava para buscá-la. *Me dê outra chance, filhinha. Diga a este simpático juiz que*

você me ama. Desta vez vai ser melhor... Não vou mais esquecer você.

E, invariavelmente, Lexi tinha esperança.

— Talvez ela tenha mudado de ideia.

— Isso não vai acontecer, Lexi.

— Mas é uma possibilidade.

— Você tem família, Lexi.

Quando a Sra. Watters repetiu essas palavras aterrorizantes, Lexi se descuidou e deixou que uma pontinha de esperança entrasse, sorrateira.

— Família.

Ela ousou experimentar essa palavra estranha, que se derreteu na língua como uma bala, deixando um sabor adocicado.

Um Ford Fairlane azul, bastante velho, freou diante das duas e estacionou. Tinha marcas de ferrugem e o para-lama estava amassado. Uma fita adesiva fora passada transversalmente numa janela rachada, para vedá-la.

A porta do motorista se abriu vagorosamente e uma mulher saiu do carro. Era baixa, tinha cabelo grisalho, olhos de um castanho pálido e aquele tipo de pele vincada de quem fuma muito. Parecia incrível, mas ela tinha um ar familiar, como uma versão mais velha e enrugada da mãe de Lexi. E então aquela palavra impossível estava de volta, agora preenchida com significado.

Família.

— Alexa? — disse a mulher, e sua voz soou rouca.

Lexi não conseguia responder. Ela queria que a mulher sorrisse ou talvez até a abraçasse, mas Eva Lange ficou ali parada, e seu rosto de uva-passa estava profundamente fechado.

— Sou sua tia-avó. Irmã da sua avó.

— Não conheci a minha avó — disse Lexi, e foi tudo em que conseguiu pensar.

— Todo este tempo pensei que você morasse com a família de seu pai.

— Não tenho pai. Quero dizer, não sei quem ele é. A minha mãe não sabia.

A tia Eva suspirou.

— Agora eu sei disso, graças à Sra. Watters. Esta é toda a sua bagagem?

Lexi sentiu a vergonha chegar como uma onda.

— É.

A Sra. Watters pegou a mala de Lexi com cuidado e a pôs no banco de trás do carro.

— Vá, Lexi. Entre no carro. Sua tia quer que você vá morar com ela.

É, por enquanto.

A Sra. Watters puxou Lexi e a envolveu em um forte abraço, enquanto sussurrava ao seu ouvido:

— Não tenha medo.

Lexi quase se deixou ficar neste abraço tempo demais. No último segundo, antes de a situação se tornar constrangedora, ela soltou os braços e se libertou. Caminhou até o carro velho e avariado e precisou fazer força para abrir a porta, que tremeu, rangeu e se escancarou.

Lá dentro, os bancos eram inteiriços e de vinil marrom. Suas costuras ressecadas deixavam escapar um enchimento cinza. O cheiro era uma mistura de hortelã com tabaco, como se alguém tivesse fumado um milhão de cigarros de menta ali.

Lexi se sentou o mais perto que pôde da janela. Através do vidro rachado, acenou para a Sra. Watters, observando-a desaparecer na neblina à medida que o carro se afastava. Deixou as pontas dos dedos deslizarem pelo vidro frio, como se esse breve toque pudesse ligá-la à mulher que já não podia mais ver.

— Lamentei muito saber do falecimento de sua mãe, mas agora ela está em um lugar melhor. Saber disso deve reconfortar você — disse a tia Eva após um longo e incômodo silêncio.

Lexi nunca soube como responder a esse tipo de observação. Era essa a opinião que ouvira de todos os estranhos que a acolheram. Pobre Lexi, filha de uma viciada morta. Mas ninguém fazia ideia do que realmente tinha sido a vida de sua mãe — os homens, a heroína, os vômitos, a dor. Nem de como o fim fora terrível. Só Lexi sabia disso tudo.

Pela janela, ela observou seu novo lar. Era imponente, verde e escuro, mesmo em plena luz do dia. Passados alguns quilômetros, uma placa lhes deu as boas-vindas à reserva de Port George. Símbolos nativos estavam por toda parte. Na frente das lojas havia esculturas de baleias orcas. Nos terrenos malcuidados, as casas eram pré-fabricadas e no quintal de muitas delas era possível ver máquinas e carros enferrujados. Suportes para fogos de artifício vazios sinalizavam, nesta tarde de fim de agosto, a festividade de poucos dias atrás, e um chamativo cassino estava sendo construído em uma colina, com vista para o estuário de Puget.

As placas indicavam o caminho para o Parque de Trailers Chefe Sealh. Tia Eva atravessou o parque e parou o carro na frente de um trailer amarelo e branco, largo e espaçoso. Sob a chuva fina, ele parecia um pouco fora de foco, arredondado e frustrado. Vasos cinza, de plástico, que abrigavam longas petúnias moribundas,

guardavam a porta, que fora pintada com um tom azul-bebê. De cada lado da janela da frente, as cortinas de tecido xadrez eram como duas ampulhetas de pano, cingidas no meio por fios de uma lã amarela felpuda.

— Não é muito — disse a tia Eva, parecendo envergonhada. — A tribo me aluga o trailer.

Lexi não sabia o que dizer. Se sua tia tivesse visto alguns dos lugares em que ela já havia morado, não se desculparia por este trailer tão bonitinho que era sua casa.

— É legal.

— Venha — chamou tia Eva, desligando o motor do Ford.

Lexi a seguiu pela trilha de cascalho até a porta da frente. Dentro, a casa móvel era impecável. Uma cozinha pequena, em L, emendava com uma copa na qual havia uma mesa cromada com tampo revestido de fórmica amarela e quatro cadeiras. Na sala, um pequeno sofá xadrez de dois lugares e duas poltronas de vinil azul ficavam em frente a uma TV posta sobre um suporte metálico. Na mesa de canto havia duas fotografias, uma de uma senhora idosa que usava óculos com armação de chifre e outra do Elvis. No ar, cheiro de fumaça de cigarro e de flores de plástico. Na cozinha havia desodorizantes de ar roxos pendurados em quase todos os puxadores.

— Desculpe—me pelo cheiro. Parei de fumar na semana passada, quando soube de você — disse a tia Eva, voltando-se para olhar para Lexi. — Crianças e fumo barato não combinam, não é?

Uma sensação curiosa tomou conta de Lexi. Era como o leve bater das asas de um passarinho, uma emoção tão estranha que ela não a -reconheceu de imediato.

Esperança.

Esta estranha, esta tia, largara o cigarro por ela. E a acolhera, mesmo estando com o dinheiro curto, o que era óbvio ali. Olhou para a mulher com vontade de dizer alguma coisa, mas não conseguiu pensar em nada. Temia que uma palavra errada fizesse tudo desandar.

— Estou me sentindo um tanto perdida, Lexi — disse tia Eva por fim. — Eu e o Oscar, meu marido, nunca tivemos filhos. Tentamos, mas não vieram. Então, não sei como é ser mãe. Se você ficar...

— Eu vou me comportar, juro. — *Não mude de ideia, por favor.*
— Se a senhora ficar comigo, não vai se arrepender.

— Se eu ficar com você? — Tia Eva contraiu os lábios finos e franziu um pouco as sobrancelhas. — Sua mãe aprontou mesmo com você, não foi? Mas não posso dizer que esteja surpresa. Ela também fez a minha irmã sofrer muito.

— Ela era boa em magoar as pessoas — falou Lexi, baixinho.

— Nós somos uma família — disse Eva.

— Nem sei o que isso significa.

Tia Eva sorriu, mas foi um sorriso triste, que doeu em Lexi, fazendo-a se lembrar da própria ferida. A vida com a mãe tinha deixado suas cicatrizes.

— Significa que você vai ficar aqui comigo — respondeu tia Eva. — E acho melhor começar a me chamar de Eva, porque essa história de “tia” logo vai -cansar.

Depois de dizer isso, Eva já estava se virando, quando Lexi agarrou seu pulso fino, sentindo a pele aveludada se enrugando na palma de sua mão. Ela não pretendia fazer isso — e não deveria ter feito —, mas agora era tarde demais.

— Que foi, Lexi?

Lexi precisou lutar para formar aquela palavrinha, que até parecia uma pedra presa na garganta. Mas tinha que falar. Tinha.

— Obrigada — disse, e seus olhos ardiam. — Não vou causar problemas. Prometo.

— Provavelmente vai, sim — respondeu Eva, e finalmente sorriu. — Você é adolescente, não é? Mas tudo bem, Lexi. Tudo bem. Estou sozinha há muito tempo. E me sinto feliz de ter você por aqui.

A única coisa que Lexi conseguiu fazer foi assentir com a cabeça. Também estava sozinha havia muito tempo.

Jude Farraday não conseguira dormir. Por fim desistiu de tentar, logo antes de amanhecer. Então se levantou da cama, erguendo com cuidado o edredom leve, pois não queria acordar o marido, e deixou o quarto, abrindo silenciosamente as portas francesas que davam para o quintal.

Na luz que começava a despontar, o orvalho fazia o jardim dos fundos reluzir. Seu exuberante gramado verde descia em ondulações suaves até uma praia arenosa e cinzenta, repleta de seixos. Mais adiante, o estuário de Puget formava ondas cor de carvão que rolavam e rolavam, com seus picos pintados de laranja pela alvorada. Na margem oposta, a cordilheira Olímpica era uma linha tor-tuosa cor-de-rosa e lavanda.

Ela calçou os chinelos de borracha que ficavam sempre junto à porta e foi para o jardim.

Este pequeno pedaço de chão significava mais do que seu orgulho e alegria. Era seu santuário. Aqui, agachada na rica terra preta, ela plantava e replantava, tirava mudas e podava. Entre esses muros baixos de pedra, criara um mundo inteiramente definido pela

beleza e pela ordem. O que era plantado aqui ficava onde ela o colocava e estendia raízes que se embrenhavam fundo nesta terra. Não importavam o frio nem o rigor do inverno, tampouco a violência das tempestades: suas plantas queridas sempre voltavam à vida, retornando com as —estações.

— Você se levantou cedo.

Ela se virou. O marido estava de pé no pátio de pedra, em frente à porta do quarto. Vestindo calção preto e com o cabelo louro-grisalho comprido demais e ainda despenteado, ele parecia um charmoso professor de literatura clássica ou um astro do rock logo depois do apogeu. Não era de estranhar que tivesse se apaixonado por ele à primeira vista, mais de vinte e quatro anos atrás.

Jude tirou as sandálias e foi andando pelo caminho de pedras até o quintal cimentado.

— Não consegui dormir — confessou.

Ele a acolheu em um abraço.

— Será o primeiro dia de aula.

Aqui estava o que tinha entrado sorrateiramente no sono de Jude, como um ladrão, e arruinado a sua paz.

— Mal acredito que já estejam começando o ensino médio. Ainda ontem estavam no jardim de infância.

— Será uma aventura interessante ver quem eles irão se tornar nos próximos anos.

— Interessante para você, que está na arquibancada, assistindo ao jogo — ela retrucou. — Eu estou no campo, levando os golpes. Morro de medo de que algo dê errado.

— O que poderia dar errado? São crianças inteligentes, curiosas e amorosas. Tudo está a favor deles.

— O que poderia dar errado? Você está falando sério? É... um mundo perigoso, Miles. Nós os mantivemos em segurança até agora, mas o ensino médio é diferente.

— Você vai ter de relaxar um pouco, e sabe disso.

Era o tipo de coisa que ele lhe dizia o tempo todo. Aliás, muita gente lhe dava esse conselho havia anos. Ela era criticada por apertar demais as rédeas da maternidade, por controlar os filhos, mas ela não sabia ser diferente. Desde o instante em que decidira ser mãe, iniciara uma batalha épica. Sofrera a dor de três abortos antes dos gêmeos. E houve um período em que, mês após mês, toda vez que menstruava, sentia-se afundar em uma depressão turva e cinzenta. Então, um milagre: engravidara novamente. A gestação fora difícil, sempre no limite, e ela teve de ficar quase seis meses em repouso total. Cada dia que passara naquela cama, imaginando os bebês, era uma batalha de determinação. E nela Jude dera sua alma.

— Ainda não posso relaxar — disse ela finalmente. — Eles só têm 14 anos.

— Jude — disse ele, suspirando. — Só um pouquinho. Só peço isso. Você verifica o dever de casa todo dia, acompanha cada dança e organiza todos os eventos da escola. Faz o café da manhã e os leva aonde quer que seja, sempre. Limpa o quarto deles, lava suas roupas. Se eles se esquecem de alguma tarefa, você arranja desculpas e faz tudo você mesma. Eles não são passarinhos indefesos. Deixe que fiquem um pouco mais soltos.

— E do que eu devo abrir mão? Se parar de controlar o dever de casa, a Mia vai deixar de fazer. Será que eu deveria parar de ligar para os pais dos amigos deles para verificar se as crianças estão mesmo onde disseram que estariam? Quando eu cursava o ensino

médio, todo fim de semana fazíamos festas regadas a cerveja e duas amigas minhas engravidaram. Agora meu controle precisa ser *ainda mais eficaz*, se você quer saber. Muita coisa pode dar errado nos próximos anos. Preciso protegê-los. Depois que entrarem para a faculdade, eu relaxo. Prometo.

— Para a faculdade certa — provocou ele, mas ambos sabiam que não era exatamente uma brincadeira. Os gêmeos mal haviam entrado no ensino médio, e Jude já começara a pesquisar faculdades.

Ela olhou para o marido, desejando compreensão, embora soubesse que a opinião dele era de que ela vivia excessivamente em função dos filhos. Jude entendia a preocupação que ele sentia, mas era mãe e não conseguia lidar com a maternidade de forma casual. Não suportava a ideia de que seus filhos crescessem como ela, sem que se sentissem amados.

— Você não se parece nada com ela, Jude — disse Miles em voz baixa.

E, por ter dito isto, Jude o amou ainda mais. Então se deixou relaxar, apoiada nele, e juntos viram o dia se iluminar. Finalmente, ele falou:

— Preciso ir. Tenho uma cirurgia às dez.

Ela lhe deu um beijo apaixonado e o seguiu de volta para dentro de casa. Depois de uma ducha rápida, secou os cabelos louros que iam até a altura dos ombros, fez uma maquiagem suave e vestiu uma calça jeans desbotada e um casaco de caxemira de gola canoa. Em seguida, abriu a gaveta da cômoda e pegou dois embrulhos, um para cada filho. Saiu do quarto e atravessou o amplo corredor de ardósia. A luz da manhã reluzia através das amplas janelas, que iam do chão ao teto, e isso fazia com que a casa, que

fora construída principalmente com pedra, vidro e madeiras exóticas, parecesse ter um brilho próprio. No andar principal, cada um dos pontos mais destacados exibia alguma preciosidade decorativa. Para que esta casa ficasse espetacular e exatamente como ela queria, Jude passara quatro anos envolvida com arquitetos e designers.

O andar superior era outra história. Uma escada flutuante feita de pedra e cobre conduzia ao território das crianças. Um salão de jogos gigante, com uma enorme TV e uma mesa de bilhar, dominava o lado leste da casa. Havia ainda dois quartos grandes, ambos suítes.

Ela bateu de leve à porta do quarto de Mia e entrou.

Como era de esperar, encontrou a filha de 14 anos esparramada sobre as cobertas da cama com dossel, adormecida. Havia roupas empilhadas, amontoadas e jogadas por toda parte, como projéteis resultantes de uma explosão mítica. Mia estava fortemente engajada na busca da própria identidade e cada tentativa exigia uma mudança radical no guarda-roupa.

Jude se sentou na beirada da cama e acariciou os cabelos louros e macios que caíam sobre o rosto da filha. Por um instante, o tempo atual deixou de existir e ela era novamente uma jovem mãe que observava sua menininha angelical: de sedosos cabelos cor de palha de milho e um sorriso que mostrava até a gengiva, Mia seguia o irmão gêmeo como se fosse a sombra dele. Pareciam dois filhotinhos, rolando juntos em brincadeiras animadas, falando sem parar em sua língua secreta, dando gargalhadas, pulando de sofás, degraus e colos. Desde o início, Zach fora o líder da dupla. Começara a falar antes e com mais fluência. Já tinha passado o quarto aniversário dos dois e Mia ainda não pronunciara nenhuma palavra

de verdade. Não era preciso, pois o irmão estava sempre ao lado dela. Tanto antes quanto agora.

Mia se virou, sonolenta, e abriu os olhos, piscando devagar. Em formato de coração, seu rosto pálido tinha uma estrutura óssea divina — herança do pai —, mas era um campo de batalha contra a acne, que nenhum cuidado ainda fora capaz de derrotar. Elásticos de várias cores se entrelaçavam no aparelho dental.

— *Hola, madre.*

— É o primeiro dia de aula.

Mia fez uma careta.

— Ah, me mate! Estou falando sério.

— Vai ser melhor que o ensino fundamental, você vai ver.

— É o que você pensa. Você não pode me dar aulas em casa?

— Você se lembra do sétimo ano? Quando eu tentei ajudar você com o dever de casa de matemática?

— Uma catástrofe — respondeu Mia, com mau humor. — Mas agora talvez fosse melhor. Eu não ficaria tão brava com você.

Jude acariciou o cabelo macio da filha.

— Você não pode se esconder da vida, bonequinha.

— Eu não quero me esconder da vida. Só da escola. É como nadar entre tubarões, mãe. Sério. Posso perder uma perna.

Jude não pôde deixar de rir.

— Está vendo? Você tem um ótimo senso de humor.

— É o que dizem para convencer alguém a sair com uma garota feia. Valeu, *madre*. E quem liga para meu humor, afinal? Eu nem tenho amigos.

— Claro que tem.

— Não. O Zach tem amigos que tentam ser simpáticos com a irmã sem graça dele. Não é a mesma coisa.

Durante anos, Jude movera céus e terras pela felicidade dos filhos, mas não tinha como travar esta guerra. Não era fácil ser a irmã gêmea tímida do menino mais popular da escola.

— Tenho um presente para você.

— Verdade? — Mia se sentou. — O que é?

— Abra — disse Jude, mostrando a pequena caixa embrulhada.

Mia rasgou o papel e abriu a caixa. Dentro havia um diário fino, de couro rosa e com um brilhante cadeado metálico.

— Eu tinha um desses quando era da sua idade. Eu escrevia tudo o que me acontecia. Escrever pode ajudar. Eu também era tímida, você sabe disso.

— Mas você era bonita.

— Você é bonita, Mia. Eu queria muito que você conseguisse enxergar isso.

— Sei. Espinhas e aparelho estão na moda, são o sonho de todo mundo.

— Apenas tente se abrir mais para as pessoas, está bem, Mia? É uma escola nova, então crie uma nova oportunidade, entende?

— Mãe, eu vou à escola com as mesmas pessoas desde o jardim de infância. Acho difícil que um endereço novo faça diferença. Além disso, eu já tentei me abrir... com a Haley, lembra?

— Isso foi há mais de um ano, Mia. Não ajuda nem um pouco se concentrar nas coisas ruins. Hoje é seu primeiro dia de ensino médio. Um novo começo.

— Está bem. — Mia tentou dar um sorriso otimista.

— Ótimo. Agora, saia desta cama. Quero chegar à escola cedo, assim posso ajudá-la a achar seu armário e a sala de sua primeira

aula. O professor de geo-metria é o Sr. Davies e quero contar a ele como você foi bem no exame de avaliação estadual.

— Você *não* vai me levar até a sala de aula. E eu também consigo achar meu armário sozinha.

Racionalmente, Jude sabia que Mia tinha razão, mas não estava preparada para soltar as rédeas. Ainda não. Muitas coisas podiam dar errado. Mia era frágil e se irritava facilmente. E se alguém zombasse dela, se implicassem com sua filha?

O papel da mãe é proteger os filhos, quer eles queiram, quer não.

— Vou ficar praticamente invisível, você vai ver. Ninguém nem sequer vai perceber a minha presença — disse Jude, levantando-se.

Mia suspirou.

Dois



No primeiro dia de aula, Lexi acordou cedo e foi cambaleando pelo corredor estreito até o banheiro. Uma olhada no espelho confirmou seu maior medo: ela estava abatida, com a pele um tanto pálida, e os olhos azuis se mostravam inchados e injetados. Era provável que ela tivesse chorado durante a noite mais uma vez.

Tomou um banho morno e rápido, preocupada em não desperdiçar o dinheiro da tia. Não fazia sentido secar o cabelo: como sempre, suas mechas pretas, que desciam até a cintura, iriam enrolar e ficar eriçadas e fazer o que bem entendessem, então ela prendeu tudo em um rabo de cavalo e voltou para o quarto.

Lá, abriu a porta de seu armário e observou as peças de roupa. As opções eram tão limitadas...

O que será que as garotas vestiam por ali? Será que naquele lugar as adolescentes se arrumavam como modelos de vanguarda sempre antenadas com as tendências da moda? Ou as salas ficavam repletas de grunges ou aspirantes a astros de rap?

Alguém bateu à porta do seu quarto — tão de leve que Lexi mal ouviu. Depois de arrumar rapidamente a cama, ela foi ver quem era.

Eva estava de pé do outro lado e segurava um casaco de moletom rosa-bebê com uma reluzente borboleta de strass bordada na frente. Suas asas eram roxas, amarelas e verde-esmeralda.

— Comprei isto para você ontem, no trabalho. Acho que toda garota merece usar uma roupa nova no primeiro dia de aula.

Era a coisa mais feia que Lexi já vira. Parecia a roupa de uma criança de 4 anos, e não de uma menina de 14, mas ela amou o casaco assim que o viu. Ninguém nunca tinha comprado algo especialmente para ela usar no primeiro dia de colégio.

— Ele é perfeito! — disse, notando que estava com a garganta apertada.

A cada hora que passava, Lexi se sentia mais em casa, e só estava com a tia havia quatro dias. Essa adaptação a apavorava. Ela sabia como podia ser perigoso começar a gostar de um lugar, de uma pessoa...

— Não precisa vestir, se não quiser. Eu só pensei...

— Estou louca para usar este casaco, Eva. Obrigada.

O sorriso que a tia deu foi tão largo que suas maçãs do rosto sobressaíram.

— Eu disse à Mildred que você iria gostar.

— E gostei mesmo.

Eva amarrou o cabelo em um coque e voltou a sair para o corredor, fechando a porta do quarto da sobrinha. Lexi vestiu o moletom cor-de-rosa e uma calça jeans desbotada e pôs na mochila de segunda mão os cadernos, os papéis e as canetas que a tia havia comprado na noite anterior, na grande loja de departamentos em que trabalhava.

Na cozinha, encontrou Eva tomando café em pé ao lado da pia, já pronta para ir trabalhar, com o jaleco azul do uniforme, um casaco de náilon amarelo-limão e calça jeans. Naquele ambiente pequeno e organizado, seus olhares se cruzaram, e os olhos castanhos da tia pareceram preocupados.

— A Sra. Watters teve muito trabalho para conseguir uma vaga na escola de Pine Island. É uma das melhores do estado, mas o transporte escolar não atravessa a ponte. Você vai ter de pegar o ônibus intermunicipal. Tudo bem? Eu já tinha mencionado isso?

Lexi assentiu.

— Está bem, Eva. Não se preocupe. Eu pego ônibus há anos.

Ela não chegou a dizer que muitas vezes dormira naqueles bancos sujos, quando ela e a mãe não tinham para onde ir.

— Então está bem.

Eva terminou o café e lavou a xícara, que deixou sobre a pia.

— Bem, vamos lá, você não quer se atrasar logo no primeiro dia, não é? Eu vou lhe dar uma carona.

— Eu posso pegar o ônibus...

— Não no primeiro dia. Eu consegui o segundo turno hoje.

Lexi seguiu a tia até o carro. No trajeto para a ilha, observou atentamente os lugares pelos quais passavam. Ela vira tudo aquilo nos mapas, mas as linhas e os símbolos pequeninos que eles exibiam só contavam uma parte da história. Ela sabia, por exemplo, que Pine Island era uma ilha com pouco mais de dezenove quilômetros de comprimento e seis de largura, cujo acesso era feito por balsa a partir do centro da cidade de Seattle e por ponte, saindo do condado de Kitsap. Antes da ponte, em Port George, as terras pertenciam aos nativos. Já em Pine Island, como ela agora podia ver, não era assim. Ao examinar as casas, percebeu que quem morava ali na ilha era rico. As residências eram praticamente mansões.

Deixaram a estrada e pegaram uma rua que subia uma ladeira e levava à escola, um conjunto de edifícios baixos de tijolos vermelhos dispostos ao redor de um mastro de bandeira. Como muitas das escolas que Lexi frequentara, estava claro que esta

também crescera mais rápido do que o planejado. Várias estruturas móveis provisórias contornavam as construções centrais. Eva parou no espaço vazio reservado ao ônibus, olhou para Lexi e disse:

— Esses garotos não são melhores do que você. Lembre-se disso.

Lexi sentiu uma onda de afeto por essa mulher sofrida que a acolhera.

— Eu vou ficar bem — disse. — Não precisa se preocupar comigo.

Eva concordou com a cabeça e se despediu:

— Então, boa sorte.

Lexi não retrucou que sorte era algo sem utilidade alguma em se tratando de uma escola nova. Em vez disso, apenas se obrigou a sorrir e saiu do carro. Enquanto acenava, dando adeus, viu um ônibus escolar parar atrás do carro da tia e os alunos começarem a descer, apressados.

Lexi baixou a cabeça e se afastou, andando em direção ao colégio. Já fora a garota nova muitas vezes e conhecia os artifícios da camuflagem. A melhor tática consistia em se misturar ao conjunto, desaparecer, e para isso era necessário baixar o olhar e andar depressa. Regra número um: nunca pare. Regra número dois: nunca olhe para cima. Se ela seguisse esse padrão, até o final da semana seria só mais uma criança entre os calouros, e então poderia tentar — aí, sim — fazer um ou dois amigos. Mas aqui não seria fácil. O que ela poderia ter em comum com estes garotos?

Seguindo suas regras de disfarce, chegou ao bloco A e conferiu o horário de turmas duas vezes. Era ali mesmo. Sala 104. Ela se fundiu ao grupo de estudantes, em que todos pareciam se conhecer,

e se deixou levar pela corrente que formavam. Na sala, os jovens se acomodavam em seus lugares e conversavam com entusiasmo.

Seu erro foi ter parado. Ela olhou para cima apenas o tempo necessário para se orientar, e foi quando a sala ficou em silêncio. Todos olharam para ela e então os cochichos começaram. Alguém riu. Lexi sentiu seus defeitos se intensificarem: as sobrancelhas pretas e grossas, os dentes tortos e o cabelo crespo, a calça barata e o moletom horrível. Este era o tipo de lugar em que toda criança exibía um aparelho ortodôntico no início da adolescência e um carro aos 16 anos.

No fundo da sala, uma menina apontou para ela e começou a dar risadinhas. Outra, que estava sentada ao lado da que ria, meneou a cabeça. Lexi pensou ter ouvido “Bela borboleta”, e depois “Será que foi ela quem fez?”.

Um garoto ficou de pé e mais uma vez houve silêncio.

Lexi sabia quem ele era. Toda escola tinha um rapaz como ele: bonito, popular, atlético, o tipo que conseguia tudo o que queria sem nem mesmo precisar se esforçar. Capitão do time de futebol e representante da turma. Com sua camiseta azul-piscina e calça jeans larga, parecia o Leonardo DiCaprio, todo radiante, sorridente e seguro de si.

Ele vinha na direção dela. Por quê? Por acaso haveria alguma menina bonita atrás dela? Ou será que ele iria fazer algo para humilhá-la, e assim divertir os amigos?

— Oi — disse ele.

Lexi sentia a expectativa nos olhares de todos. Mordeu o lábio inferior para esconder os dentes tortos.

— Oi.

Ele sorriu.

— A Susan e a Liz são duas babacas. Não ligue para elas. A borboleta é legal.

Ela parecia uma pateta, parada ali, fascinada com o sorriso dele. *Tome jeito, Lexi. Você já viu garotos bonitos antes.* Ela deveria dizer alguma coisa, sorrir, fazer *qualquer coisa*.

— Venha — disse ele, segurando o braço de Lexi e fazendo-a estremecer levemente, como se uma pequena corrente elétrica passasse por seu corpo.

O garoto deveria ter andado, tê-la conduzido a algum lugar. Não era por isso que estava segurando seu braço? Mas ele simplesmente ficou ali, parado, olhando do alto para ela. E então o sorriso do rapaz se desfez. De repente, Lexi perdeu o fôlego e o mundo todo foi sumindo até restar somente este rosto que a olhava com seus incríveis olhos verdes.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas o coração de Lexi batia com tanta força que não a deixava ouvir as palavras. Em seguida ele estava sendo puxado para longe por uma menina linda vestida com uma saia menor que um guardanapo.

Ainda incapaz de respirar, Lexi ficou olhando para as costas dele por um tempo que pareceu longo demais, até que se lembrou de onde estava e de quem era: a menina nova de moletom cor-de-rosa brega. Apertando o queixo contra o peito, avançou depressa até uma cadeira na última fila. Deslizou pela superfície lisa bem no instante em que o sinal tocou.

Enquanto o professor fazia um discurso monótono sobre a fundação da cidade de Seattle, Lexi rememorava aqueles instantes sucessivas vezes. Dizia a si mesma que o jeito como ele a tinha tocado não significara nada, mas não conseguia parar de pensar nisso. O que será que ele queria dizer a ela?

Quando a aula acabou, ela ousou olhar para ele, que saía da sala com a multidão de estudantes, rindo de algo que a garota de minissaia lhe dissera. Ao passar pela carteira de Lexi, ele se demorou um pouco mais e olhou para ela, mas não sorriu nem parou, apenas continuou andando.

É claro que ele não parou. Lexi se levantou devagar e foi andando em direção à porta. No restante da manhã, tentou manter a cabeça erguida enquanto atravessava os corredores movimentados, mas ao meio-dia já estava se arrastando. E o pior ainda estava por vir.

A hora do almoço em uma escola nova é um inferno. Nunca se sabe o que pega bem e o que pega mal, e a ordem social pode ser subvertida se você ousar se sentar onde não deve.

Na porta do refeitório, Lexi parou. Só a ideia de entrar ali e de ser dissecada e julgada era mais do que ela conseguiria tolerar por hoje. Em geral era mais forte, contudo o Sr. Popular a desnorteara um pouco e fizera com que ela quisesse o impossível, e ela sabia de primeira mão que desejar algo a tornava vulnerável. Era uma perda de tempo. Resolveu que iria sair, ficar ao ar livre, onde o sol estava brilhando. Revirou o conteúdo da mochila e encontrou o lanche que Eva embrulhara para ela e uma edição bastante manuseada de *Jane Eyre*. Algumas crianças tinham bichinhos de pelúcia ou um cobertor especial que usavam desde sempre. Ela contava com Jane.

Lexi vagou pela escola em busca de um lugar em que pudesse se sentar e ler enquanto almoçava. Cruzando o terreno, avistou uma arvorezinha bonita, plantada em um pequeno gramado triangular. Mas não foi a árvore o que chamou sua atenção, e sim a menina inclinada sobre um livro, sentada de pernas cruzadas na grama que crescia sob a copa verde. Usando o cabelo louro dividido em duas

tranças frouxas, uma delicada saia de tule rosa, uma camiseta regata preta e tênis pretos de cano alto, ela certamente passava seu recado.

E era um recado que Lexi compreendia: não sou como você. Não preciso de você.

Ela mesma passara alguns anos se vestindo desse jeito, numa época em que não queria fazer amigos, porque temia que lhe perguntassem onde morava ou como era sua mãe.

Respirou fundo e caminhou na direção da menina. Ao se aproximar, parou. Queria dizer a coisa certa, mas, agora que estava ali, não sabia exatamente o que fazer.

A menina levantou o olhar. Tinha uma aparência frágil, com o rosto marcado por espinhas e os olhos verdes excessivamente delineados com um lápis roxo. A existência do aparelho ortodôntico era acentuada pela cor viva dos elásticos presos nele.

— Oi — disse Lexi.

— Ele não está aqui. E não vai vir.

— Quem?

A menina deu de ombros, desinteressada, e voltou à leitura.

— Se você não sabe, não tem importância, não é?

— Posso me sentar aqui com você?

— Suicídio social — respondeu a garota, sem erguer a vista.

— Quê?

Ela tornou a olhar para cima.

— É suicídio social se sentar aqui. Nem mesmo o pessoal do teatro anda comigo. Pois é. Drástico assim.

— Quer dizer que não vamos entrar para o time das líderes de torcida? Que tragédia...

Pela primeira vez a menina demonstrou interesse em Lexi. Deu-lhe um sorriso desajeitado e disse:

— A maioria das meninas liga para essas coisas.

— É mesmo? — Lexi deixou a mochila cair na grama. — O que você está lendo?

— *O morro dos ventos uivantes*.

Lexi mostrou seu livro.

— *Jane Eyre*. Posso me sentar?

A garota chegou para o lado, abrindo espaço no pequeno terreno gramado.

— Ainda não li esse. É bom?

Lexi se acomodou ao lado dela.

— É o meu preferido. Quando você terminar o seu, podemos trocar.

— Seria ótimo. Aliás, meu nome é Mia.

— Lexi. Sobre o que é esse livro?

Mia começou a contar devagar, tropeçando nas palavras, mas, quando chegou o momento de falar sobre Heathcliff, sua narrativa pareceu decolar. Quando Lexi percebeu, as duas estavam rindo como se fossem amigas de longa data. E então o sinal tocou e elas se levantaram e caminharam juntas até os armários, ainda conversando sem parar. Lexi não mantinha mais a cabeça abaixada e também não apertava os livros contra o peito nem evitava o contato visual com as pessoas. Em vez disso, estava rindo.

Na porta da sala em que seria sua aula de espanhol, Mia parou e disse, de repente:

— Você bem que poderia ir comigo à minha casa hoje, depois da aula. Quero dizer, se você quiser. — Ela parecia aflita. — Mas provavelmente não vai querer... Não tem problema.

Lexi quis sorrir, mas tinha vergonha de mostrar os dentes.

— Eu adoraria.

— Então me encontre perto do mastro da bandeira, em frente à secretaria, está bem?

Lexi foi para a sua sala e se sentou no fundo. Passou o restante do dia olhando para o relógio, desejando que o tempo voasse, até que, às 14h50, estava ao lado da bandeira, esperando. A garotada passava por ela, brincando uns com os outros, a caminho dos ônibus enfileirados do lado de fora.

Talvez Mia não aparecesse. Era provável que não viesse.

Lexi já estava desistindo de ficar ali, quando Mia surgiu ao seu lado.

— Você esperou — disse, e sua voz parecia demonstrar alívio, o mesmo sentimento que dominava Lexi. — Vamos.

Mia abriu caminho através da multidão de estudantes até um enorme utilitário esportivo, um Cadillac Escalade preto e brilhante, que estava parado no acostamento. Abriu a porta do passageiro e subiu no banco.

Lexi seguiu a nova amiga e se sentou no banco bege que recendia a couro.

— *Hola, madre* — disse Mia. — Esta é a Lexi. Eu a convidei para ir à nossa casa. Tudo bem?

Quando a mulher que estava ao volante se virou, Lexi ficou perplexa diante de sua beleza. A mãe de Mia lembrava a Michelle Pfeiffer, com uma pele clara e perfeita e os cabelos louros e lisos. Vestindo um casaco salmão obviamente caro, parecia saída da capa de um catálogo de loja de roupa chique.

— Oi, Lexi. Meu nome é Jude. Muito prazer. Como é que eu ainda não conhecia você?

— Acabei de me mudar para cá.

— Ah, então é por isso. E onde você morava, antes?

— Na Califórnia.

— Ah, não vou usar isso contra você, pode deixar — brincou Jude, com um sorriso reluzente. — Sua mãe não vai achar ruim se você não for direto para casa?

— Não — respondeu Lexi, já tensa com a expectativa da próxima pergunta.

— Se você quiser, posso ligar para ela, me apres...

— *Mãããe!* — queixou-se Mia. — Você está fazendo aquilo de novo.

Jude abriu um sorriso para Lexi.

— Estou deixando minha filha envergonhada. Infelizmente, parece que é algo que estou fadada a fazer hoje em dia, até mesmo quando respiro. Mas não tenho como deixar de ser mãe, não é? Tenho certeza de que às vezes sua mãe também faz com que você se sinta constrangida, não é, Lexi?

Lexi não fazia ideia do que responder, mas não tinha importância. Jude riu e continuou como se não tivesse perguntado nada.

— Muito bem, meu dever é levá-las em segurança. Coloquem os cintos. Não vou dar mais nem um pio.

Ela ligou o carro e Mia imediatamente começou a contar sobre um livro do qual tinha ouvido falar. Afastando-se da escola, entraram em uma ruazinha agradável. Na cidade, o tráfego estava lento, parando a toda a hora. Mas, ao deixarem para trás o perímetro urbano, o caminho ficou livre. Seguiram por diversas estradas sinuosas de mão dupla, todas ladeadas de árvores, até que viraram em um caminho de cascalho, quando Jude exclamou:

— Lar, doce lar!

De início, não se via nada além de árvores de ambos os lados, e elas eram tão altas e largas que bloqueavam todo o sol. Mas então veio outra curva e, por fim, uma clareira ensolarada.

A casa parecia saída de um romance: uma construção alta, feita de madeira e pedra e com janelas por todos os lados, imponente no centro do belo cenário. Muros baixos de pedra delineavam magníficos jardins e, ao fundo, via-se o estuário azul. Mesmo à distância, Lexi podia ouvir as ondas que quebravam na praia.

— Uau! — admirou-se ela, enquanto saía do carro.

Lexi nunca tinha estado em uma casa como essa. Como deveria se comportar? O que dizer? Com certeza cometeria algum erro, e então Mia iria rir dela.

Jude passou um braço pelos ombros da filha e as duas saíram andando na frente.

— Aposto que vocês estão com fome. Querem que eu faça umas *quesadillas*? Vocês podem me contar como foi o primeiro dia na nova escola.

Lexi instintivamente se deixou ficar para trás.

Na porta de entrada, Mia olhou para ela e perguntou:

— Lexi? Você não quer entrar, é isso? Mudou de ideia, não foi?

Lexi sentiu a insegurança se dissolver. Ou, mais precisamente, se fundir à de Mia e se transformar em outra coisa qualquer. Elas eram parecidas. Era um absurdo, mas ela, que não tinha nada, era como aquela menina que tinha tudo.

— Claro que não é isso! — Foi sua resposta, enquanto ria e avançava até a porta.

Assim que entraram, ela tirou os sapatos e percebeu em seguida que as meias estavam furadas nos dedos. Constrangida,

seguiu Mia mais para dentro da casa. Painéis de vidro emolduravam uma vista magnífica do mar, os pisos eram brilhantes e havia uma lareira de pedra. Lexi tinha medo de encostar em qualquer coisa que fosse.

Mia pegou sua mão e a levou até a cozinha, que era imensa. Reluzentes panelas de cobre pendiam de uma estrutura preta que fora projetada sobre o fogão de oito bocas e arranjos de flores frescas estavam dispostos em vários lugares. Elas se sentaram na longa bancada de granito escuro enquanto Jude preparava *quesadillas*.

— Sem mais nem menos, ela veio andando até onde eu estava, *madre*. Eu falei que se sentar do meu lado era suicídio social, mas ela nem ligou. Não é o máximo?

Jude sorriu ao ouvir o que a filha estava contando e quis começar a dizer algo, mas Mia continuou a falar. Lexi mal conseguia acompanhar o fluxo constante das histórias da amiga. Era como se a garota tivesse guardado suas considerações e pensamentos dentro de si durante anos e só agora, finalmente, os estivesse manifestando. Lexi conhecia isso, sabia o que era guardar para si as coisas, ter medo e tentar ficar calada. Ela e Mia compararam opiniões sobre a escola, os garotos, as aulas, filmes, tatuagens, *piercings* no umbigo, e sempre concordavam uma com a outra, em *tudo*. E quanto mais combinavam, mais Lexi se preocupava: o que aconteceria quando Mia ficasse sabendo do seu passado? Será que ela iria querer ser amiga da filha de uma drogada?

Por volta das cinco da tarde, a porta da frente foi escancarada e um grupo de jovens invadiu a casa.

— Os sapatos! — gritou Jude da cozinha, sem levantar os olhos.

Surgiram nove ou dez adolescentes, meninos e meninas. Lexi logo viu que eram do tipo “popular”. Qualquer um os reconheceria: garotas bonitas usando jeans de cintura baixa e tops bem acima do umbigo e garotos em uniformes azuis e casacos amarelos. Provavelmente estavam voltando dos treinos de futebol americano e de torcida organizada.

— Meu irmão é o de moletom cinza — disse Mia, aproximando-se dela. — Não o julgue pelas companhias. O cérebro dessas garotas é do tamanho de uma balinha de hortelã.

O irmão de Mia era o garoto da primeira aula.

Ele se afastou do grupo com a facilidade de quem sabe quanto é popular, foi até Mia e passou um braço por seus ombros. A semelhança entre os dois era surpreendente: o rosto dela era a versão feminina do dele. O garoto começou a dizer algo à irmã, mas então reparou em Lexi. O olhar que dirigiu a ela foi penetrante e se intensificou de tal modo que ela sentiu o peito começar a palpitar de novo. Ninguém jamais a olhara deste jeito, como se tudo nela fosse interessante.

— Você é a garota nova — disse ele baixinho, tirando os cabelos louros e compridos da frente dos olhos.

— Ela é minha amiga — falou Mia, abrindo um sorriso tão largo que o aparelho ficou parecendo um borrão multicolorido.

O sorriso do garoto desapareceu.

— Meu nome é Lexi — disse ela, embora ele não tivesse perguntado.

Ele desviou o olhar, desinteressado.

— Eu sou o Zach.

Uma garota vestindo um top e um short minúsculo chegou por trás, parou ao lado de Zach, encostando o corpo no dele, e em

seguida sussurrou algo em seu ouvido. Ele não riu. Aliás, mal sorriu. E se afastou de Mia e de Lexi.

— Até mais, Mimi — disse, dirigindo-se à irmã.

Passando o braço em torno da cintura da menina de shortinho, ele a conduziu até a escada e desapareceu em meio ao turbilhão de adolescentes que se dirigia ao andar de cima.

Mia olhou Lexi, franzindo as sobrancelhas. Então perguntou:

— Está tudo bem, Lexi? Tem algum problema se eu disser que você é minha amiga?

Lexi ficou olhando para o espaço vazio no qual ele tinha estado. Ela se sentia deslocada. Ele tinha sorrido para ela, não tinha? No início, durante um segundo? O que ela fizera de errado?

— Lexi? Tudo bem se eu disser às pessoas que somos amigas?

Lexi soltou a respiração que estivera prendendo. Obrigou-se a tirar os olhos da escada. Notando o nervosismo de Mia, ela se deu conta do que era importante ali. Não alguém como Zach. Não era de estranhar que a tivesse deixado confusa: ele sempre seria incompreensível para alguém que crescera na sarjeta. O que importava era Mia e este frágil início da amizade entre as duas.

— É claro! — respondeu, sorrindo. Pela primeira vez, não se importou em mostrar os dentes. Tinha certeza absoluta de que Mia não ligaria. — Pode contar para todo mundo.

O salão de jogos estava lotado de garotos, como de costume. Algumas mulheres ficariam assombradas com o barulho e a baderna, mas não Jude. Anos atrás — quando os gêmeos estavam começando o sétimo ano — ela fizera um esforço consciente para fazer da casa um lugar acolhedor. Queria que os filhos passassem tempo ali. Ela se conhecia bem e sabia que não gostaria de largá-los

aos cuidados de outra mulher. Queria estar no comando. Fora para isso que projetara cuidadosamente o segundo andar, e sua ideia tinha dado certo. Às vezes ficavam umas quinze crianças ali, devorando os estoques de petiscos como se fossem gafanhotos. Mas ela sabia onde os filhos estavam e que estavam protegidos.

Agora, enquanto destrancava as portas corrediças da sala e as escancarava, ouvia movimento no andar de cima. O piso rangia e sons de passos ecoavam pela casa.

Pela primeira vez Mia não estava se escondendo de toda a bagunça — que chegava a ser desmedida, em certas ocasiões — dos adolescentes no salão de jogos nem se trancara no quarto para assistir a mais sessões individuais de *A pequena sereia*, *A Bela e a Fera* ou outro filme reconfortante da Disney. Estava na praia, sentada na areia, com Lexi. Um pesado cobertor de lã as envolvia e os cabelos pretos e louros se enredavam na brisa salgada. Estavam lá havia horas, conversando.

A simples visão da filha em companhia de uma amiga fez Jude sorrir. Ela esperara tanto por isso, desejara com tanto fervor... Contudo, agora que se concretizara, não conseguia deixar de se preocupar um pouquinho. Mia era muito frágil e carente, o que tornava extremamente fácil magoá-la. E, depois do que tinha acontecido com Haley, ela não suportaria a traição de outra amiga.

Jude precisava descobrir um pouco mais sobre Lexi, apenas para saber com quem a filha estava andando. Essa era uma atitude que dera certo ao longo dos anos. Quanto mais soubesse da vida dos filhos, mais possibilidades de ser boa mãe ela teria. Saiu para o pátio. A brisa imediatamente tocou seus cabelos, jogando mechas contra o rosto. Sem se dar o trabalho de calçar alguma das sandálias que estavam amontoadas junto à porta, caminhou descalça pela

ardósia, passando entre os móveis de vime escuro do jardim. No limite da área gramada, já próximo à areia, um cedro gigantesco, reto e alto, se erguia contra o azul cristalino do céu. Ao chegar perto das meninas, ouviu Mia dizer:

— Quero fazer o teste para a peça da escola, mas sei que não vou conseguir um papel. A Sarah e a Joeley sempre ficam com as personagens principais.

— Eu estava morta de medo de falar com você hoje — disse Lexi. — E se não tivesse falado? Não é bom ter medo e fugir das coisas. Você deveria tentar.

Mia se voltou para Lexi:

— Você vai comigo aos ensaios? Aquele pessoal do teatro é... tão *sério*! Eles não gostam de mim.

— Vou. Claro que vou — disse Lexi, e a feição solene de seu rosto demonstrava que ela compreendia o sentimento da amiga.

Jude parou ao lado da filha.

— Oi, meninas — falou, pondo a mão no ombro magro de Mia, que sorriu para ela.

— Vou tentar um papel na peça da escola. A Lexi vai comigo. Não devo ser escolhida, mas...

— Que maravilha! — exclamou Jude, feliz com o progresso da filha. — Bem, é melhor eu levar a Lexi para casa. Seu pai vai chegar daqui a uma hora, Mia.

— Posso ir com vocês? — perguntou Mia.

— Não. Você tem de fazer um trabalho para sexta. É melhor começar quanto antes — respondeu Jude.

— Você já está conferindo minha agenda no site do colégio, mãe? Esse foi só o primeiro dia de aula — disse Mia, deixando cair os ombros.

— É preciso ter disciplina, Mia. No ensino médio, as notas são muito importantes. — E então Jude olhou para Lexi: — Está pronta?

— Posso ir de ônibus — respondeu Lexi. — Não precisa me levar.

— Ônibus?

Jude franziu a testa. Nunca vira uma criança fazer essa oferta. A maioria dizia que iria ligar para a mãe, mas nenhuma jamais se prontificara a pegar um ônibus. E onde é que se pegaria ônibus por ali?

— De verdade, Sra. Farraday. Não precisa me levar para casa — confirmou Lexi depois que se desenrolou do cobertor de lã listrado de vermelho e branco, que caiu sobre a areia quando ela ficou de pé.

— Por favor, Lexi, me chame de Jude. Quando diz “Sra. Farraday”, eu penso na minha mãe, e isso não é bom. Mia, vá dizer ao Zach que vou começar as viagens. Pergunte quem mais precisa de carona.

Dez minutos depois, ela estava ligando o carro. Cinco crianças entraram aos empurrões, acomodando-se atrás e falando sem parar enquanto ajustavam os cintos de segurança. Ao lado de Jude, no banco do passageiro, Lexi estava quieta, olhando para a frente. Jude lembrou aos filhos que eles deveriam fazer o dever de casa e saiu. Conhecia tanto aquele trajeto que poderia fazê-lo de olhos fechados: à esquerda na Estrada da Praia, à direita na Estrada da Noite e novamente à esquerda na rodovia. Dirigiu mais um pouco e seguiu até o final da rua de Molly, parando na frente da casa de sua melhor amiga.

— Está entregue, Bryson. Diga à sua mãe que nosso almoço nesta semana está confirmado.

O garoto murmurou uma resposta e saiu do carro. Nos vinte minutos seguintes, Jude fez o circuito tradicional pela ilha, deixando cada uma das crianças em casa. Finalmente, voltando-se para Lexi, perguntou:

— Muito bem, querida, para onde vamos agora?

— Aquilo ali não é um ponto de ônibus?

Jude sorriu.

— Não vou pôr você em um ônibus. Para onde, Lexi?

— Port George — respondeu a menina.

— Ah — disse Jude, surpresa.

A maioria dos alunos da Escola Pine High morava na ilha. O lado de lá da ponte era outro mundo, bem diferente. Geograficamente, menos de cem metros separavam Pine Island de Port George, mas havia muitas maneiras de calcular distâncias. Port George era aonde garotos de boa condição financeira iam para comprar, no mercadinho local e usando identidades falsificadas — que eles fabricavam usando os velhos cartões de seus jogos de cartas —, a cerveja e o cigarro que não tinham como conseguir em Pine Island. As escolas de lá enfrentavam todo tipo de problema. Ela voltou para a rodovia, dessa vez tomando a direção de saída da ilha.

— Vire aqui — disse Lexi aproximadamente um quilômetro e meio depois de passada a ponte. — Aliás, pode me deixar aqui. Eu ando o restante do caminho.

— Nem pensar.

Jude seguiu as placas até o Parque de Trailers Chefe Sealath. Dali, Lexi indicou uma rua sinuosa que conduzia a um terreno minúsculo, no qual só havia mato, ervas daninhas e um trailer

duplo, pintado com uma cor amarela desbotada e apoiado em blocos de concreto. A porta da frente tinha uma rachadura grande e era de um tom muito feio de azul. Dentro, era possível ver cortinas puídas e com bainhas desiguais. Faixas de ferrugem se estendiam como larvas pela casa. Na grama, rastros profundos de barro indicavam o lugar em que um carro costumava ficar estacionado.

Jude parou próximo ao mato e desligou o motor. Jamais teria imaginado algo assim.

— Sua mãe está em casa? Queria muito conhecê-la. Não gostaria de simplesmente deixar você aqui.

Lexi olhou para Jude.

— Minha mãe morreu há três anos. Agora eu moro com a minha tia Eva.

— Poxa, minha querida... Sinto muito. Sei como deve ser difícil para você.

Jude sabia bem o que era perder um parente. Seu pai falecera quando ela tinha 7 anos, e então o mundo se tornara escuro e assustador, e ela não conseguia encontrar seu lugar. Essa situação durou anos. Lexi encolheu os ombros.

— Há quanto tempo você mora com a sua tia?

— Há quatro dias.

— Quatro dias? Mas... onde você...

— Em adoção temporária — disse Lexi baixinho, suspirando.

— Minha mãe era viciada em heroína. Houve épocas em que moramos dentro do carro. Então imagino que você não queira que eu continue a andar com a Mia. Eu entendo. De verdade. Porque gostaria que a minha mãe tivesse se preocupado com as minhas companhias.

Jude franziu a testa. Tudo isto a pegara de surpresa. A situação toda a preocupava, mas ela não queria ser o tipo de pessoa que julga alguém só pelas circunstâncias. E, naquele instante, Lexi parecia ser a adolescente mais sofrida que ela já vira. Tudo nessa menina irradiava derrota. Sem dúvida alguma, ela já sofrera muitas decepções na vida.

— Eu não sou como a minha mãe — disse Lexi, compenetrada. E seus olhos azuis demonstravam uma carência genuína.

Jude acreditava na garota, mas ainda percebia como a situação poderia ser perigosa. Mia era frágil e fácil de manipular. Jude não podia ignorar esse fato, por mais que sentisse pena de Lexi.

— Eu também não sou como a minha mãe, mas...

— O quê?

— A Mia é tímida. Sei que você já percebeu isso. Ela tem dificuldade de fazer amigos e se preocupa muito em agradar. Sempre foi assim. E, no ano passado, ela sofreu uma decepção. Não por causa de um garoto. Foi pior que isso. Uma menina, a Haley, se aproximou dela. Durante alguns meses, as duas foram inseparáveis. Nunca tinha visto a Mia tão feliz. Mas na verdade a Haley estava mesmo era interessada no Zach, que caiu na armadilha. Ele não percebeu que isso afetaria a irmã. Enfim, a Haley trocou a Mia pelo Zach e, quando meu filho perdeu o interesse pela namorada, a Haley deixou de ir à nossa casa. A Mia ficou tão magoada que passou quase um mês sem falar. E eu fiquei muito preocupada...

— Por que está me contando isso?

— Acho que... é porque, se vocês vão ser amigas, a Mia precisa saber que pode contar com você. E eu também quero saber isso.

— Eu nunca faria nada que pudesse magoar a Mia — prometeu Lexi.

Jude pesou cada um dos perigos que essa amizade poderia significar para a filha e todos os benefícios, como se a decisão dependesse dela, mesmo sabendo que não era assim que funcionava. Uma jovem de 14 anos saberia escolher as próprias amizades. Mas Jude poderia facilitar ou dificultar o contato entre Mia e Lexi. O que seria melhor para a Mia?

Quando olhou para Lexi, a resposta veio com facilidade. Jude era mãe, acima de tudo. E sua filha precisava desesperadamente de uma amiga.

— Vou levar a Mia à cidade no sábado, para a manicure. Um programa só de mulheres. Gostaria de ir conosco?

— Não posso — respondeu Lexi. — Ainda não arrumei emprego e o dinheiro está curto. Mas obrigada.

— Eu estou convidando, é por minha conta — disse Jude, com naturalidade. — E não vou aceitar um não como resposta.

Três



2003

Os três últimos anos esgotaram Jude, mas também a fortaleceram, tornando-a mais preparada — ou seja: perspicaz e vigilante. Ela não sabia como a vida podia ser aterrorizante até o dia em que deu a chave do carro para Zach e Mia e os viu partir sozinhos. Dali em diante, começou a temer pelos filhos, a imaginar todas as coisas ruins que poderiam acontecer a eles. Tudo a assustava. A chuva. O vento. A neve. A escuridão. Música alta. Os outros motoristas. Muitos adolescentes em um mesmo carro.

Ela lhes deu telefones celulares e impôs regras. Horários. Responsabilidade. Honestidade.

Quando se atrasavam alguns minutos, ela já começava a andar em círculos e só voltava a respirar com tranquilidade quando os via em suas camas, sãos e salvos. Jude pensara que aquela seria a pior parte, a liberdade que vinha com a carteira de motorista, mas agora percebia a situação com mais clareza.

Na verdade, tudo tinha sido apenas um prelúdio para o que estavam vivenciando: o último ano do ensino médio. O ano letivo mal começara e já parecia uma panela de pressão, um Cubo Mágico de prazos e burocracia necessariamente ajustados. A faculdade despontava no horizonte como uma nuvem radioativa, e todo ato de

respirar, cada lufada de ar, parecia difícil. Os anos em que se dedicara à rotina dos filhos, a buscá-los e a levá-los, de um lado para outro, em todas as ocasiões em que tinham eventos esportivos, treinos, ensaios de peças e apresentações não eram nada se comparados com isto.

Pendurados na parede logo acima de sua escrivaninha, Jude tinha dois calendários gigantes, um para ZACH e outro para MIA, assim especialmente identificados com destaque para cada filho. Todos os prazos para as universidades estavam escritos a tinta vermelha e cada data de prova estava em negrito. Jude passara anos estudando as estatísticas de admissões e lendo sobre as diversas instituições de ensino, avaliando qual seria a melhor para os filhos.

Para Zach seria moleza entrar numa faculdade, pois ele iniciara o último ano com média geral 9,9 e um teste de aptidão perfeito. Praticamente poderia ir para onde quisesse.

Com Mia a história era diferente: as notas eram boas, mas não ótimas, e assim também era seu teste de aptidão. Apesar disso, porém, ela sonhava em entrar na prestigiada faculdade de teatro da Universidade do Sul da Califórnia.

Tudo isto estava tirando o sono de Jude, que virava as noites na cama pensando em estatísticas e critérios de admissão, até que se sentia esgotada. Ela estava sempre tentando descobrir como realizar o sonho de Mia. Já não é nada fácil conseguir que *um* filho entre em uma faculdade ultracompetitiva, e Jude precisava garantir a admissão de dois. Os gêmeos tinham de ir para a faculdade juntos — qualquer outra possibilidade seria inconcebível. Mia precisava do irmão ao lado dela.

E agora, como se toda essa pressão não fosse ruim o bastante, a palavra que ela tanto temia acabara de ser pronunciada.

Festa.

Jude inspirou lenta e profundamente.

Estavam todos sentados à mesa, na hora do jantar. Era uma noite de sexta-feira, começo de outubro e o céu estava da cor de ameixas secas.

— E então? — perguntou Zach. — Podemos ir ou não? A Molly e o Tim deixaram o Bryson ir.

Mia estava ao lado do irmão. O cabelo louro tinha sido trançado ainda molhado e agora, seco, fazia zigue-zagues. Nesses três anos ela desabrochara e estava realmente linda, com a pele impecável e um brilhante sorriso de propaganda. A amizade com Lexi continuava fiel, imutável como o norte magnético, e renovara a confiança de Mia, que ainda não se mostrava corajosa nem extremamente social, mas estava feliz. E essa felicidade significava tudo para Jude.

— E você, Mia? Quer ir a essa festa?

Mia deu de ombros.

— O Zach quer ir.

Jude já esperava essa resposta. Os dois eram uma dupla, em todos os sentidos. Aonde um ia, o outro ia atrás. Sempre fora assim, desde o nascimento — provavelmente, antes, também. Um mal respirava sem o outro.

— Você ouviu o que eles disseram, Miles? — perguntou Jude.
— As crianças querem ir a uma festa na casa do Kevin Eisner.

— E há algum problema nisso? — questionou Miles, pondo molho holandês nos aspargos grelhados.

— Se não me engano, os Eisner estão em Paris — explicou Jude, observando os gêmeos se retraírem ao mesmo tempo, hesitantes. — Esta é uma ilha pequena — lembrou a eles.

— Mas a tia do Kevin está aqui. Não vamos ficar sem nenhum adulto por perto — disse Zach.

— É isso mesmo — acrescentou Mia, concordando.

Jude apoiou as costas no encosto da cadeira. Ela já sabia que este momento estava chegando, é claro. Também fora adolescente e se lembrava de que o último ano do ensino médio era o Santo Graal desejado por todas as crianças nessa fase da vida. Então, sabia muito bem o que significava quando elas queriam “festejar”. Tivera conversas intermináveis com os filhos sobre álcool, enfatizara repetidas vezes como beber poderia ser perigoso e eles juraram que não estavam interessados em bebidas alcoólicas. Mas ela não era boba. Nem do tipo que fingia ter filhos perfeitos. O que importava para ela era protegê-los dos riscos associados à adolescência — mesmo os que eles próprios criassem.

Ela poderia dizer não. Mas, se eles a desafiassem, não estariam correndo ainda mais riscos?

— Vou ligar para a tia do Kevin — disse. — Para ter certeza de que um adulto irá supervisionar a festa.

— Ai, meu Deus do céu... será uma humilhação total para nós. Não somos *bebezinhos* — choramingou Mia.

— Sério, mãe, você sabe que pode confiar na gente — disse Zach. — Eu nunca dirigiria depois de beber.

— Eu preferiria que você promettesse nunca beber — respondeu ela.

Ele olhou para a mãe.

— Talvez eu tome uma cerveja. Isso não vai me matar. Quer que eu minta? Pensei que não fosse assim que a banda tocasse por aqui.

Eram as próprias palavras de Jude, devolvidas com uma precisão implacável. O preço de ser franca com os filhos era muitas vezes ficar sabendo de coisas que seria melhor não saber. Jude acreditava que os pais tinham duas escolhas: exigir sinceridade e lidar com verdades indesejáveis ou enfiar a cabeça na terra e aceitar as mentiras. A honestidade de Zach era um motivo para confiar nele.

— Vou pensar — disse ela em tom decisivo, buscando encerrar a conversa.

O restante da refeição passou depressa. Assim que terminaram, as crianças puseram os pratos na máquina de lavar louça e subiram às pressas.

Jude sabia que estavam se arrumando para ir à festa. Já se consideravam vitoriosos — ela notara nos olhos dos dois.

— Não sei, não — falou para Miles.

Os dois estavam de pé observando o anoitecer em frente à janela fixa, um grande painel de vidro projetado com função decorativa e panorâmica. O estuá-rio estava da cor do grafite e o céu tinha um tom bronze-escuro.

— Como impedir que eles bebam? Como mantê-los a salvo?

— Acorrentá-los a uma parede talvez funcione. Pena que o governo não veja isso com bons olhos.

— Muito engraçado, você — disse ela, virando-se para ele. — Não podemos impedir que eles bebam, você sabe disso. Se não hoje, algum dia eles irão se embriagar. É a vida. Mas, então, o que fazer para protegê-los? Talvez eles possam dar uma festa aqui. Nós recolheríamos as chaves de todos, para que não dirigissem. E poderíamos cuidar para que não bebessem demais.

— Não... Poríamos em risco tudo o que temos. Sem contar que, se alguém se machucar, a responsabilidade será nossa. E os

adolescentes, você sabe, são como bactérias: eles se multiplicam rápido demais e é impossível ficar de olho em todos ao mesmo tempo. Nem acredito que você tenha cogitado isso.

Jude sabia que ele tinha razão, mas isso não ajudava.

— Você se lembra do nosso tempo de colégio? Porque eu não consigo esquecer. As chopadas na fazenda dos Morrow eram semanais. E voltávamos para casa dirigindo.

— Você precisa confiar neles, Jude. Deixe que comecem a tomar decisões. A Mia é esperta e com certeza não é festeira. E o Zach nunca deixaria que nada de ruim acontecesse a ela. Você sabe disso.

— É, acho que sim — cedeu Jude, analisando toda a situação pela milionésima vez. Não parecia haver uma resposta que fosse boa, uma opção que se mostrasse indubitavelmente correta.

Durante o restante da noite, Jude lutou para saber a atitude que uma boa mãe tomaria nessa circunstância. Ainda tentava achar uma solução quando os filhos desceram a escada correndo.

— E então? — perguntou Zach.

Ela olhou para as crianças. Zach, muito alto, bonito e confiante tinha vestido uma calça jeans de cintura baixa e moletom listrado. Mia estava com uma calça capri jeans surrada, camiseta branca e gravata masculina de seda azul amarrada de lado. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo bem no topo da cabeça. Desde que conhecera Lexi, ela saíra da concha, despertara para o mundo, mas ainda se mostrava frágil e um pouco carente. Seria muito fácil alguém partir seu coração e, como tinha medo de ser alvo de piadas, poderia tomar a decisão errada. Eram crianças boas. Crianças sinceras que se preocupavam com o futuro. Nunca tinham dado a Jude nenhum motivo para desconfiança.

— *Madre?* — insistiu Zach, segurando sua mão. — Ande, *madre*. Você sabe que pode confiar na gente.

Jude sabia que ele a estava manipulando, tirando vantagem de seu amor de mãe, mas era incapaz de resistir. Ela os amava demais e queria vê-los felizes.

— Não sei...

Mia revirou os olhos ao dizer:

— Isto parece a Inquisição, uma caça às bruxas. Podemos ir ou não?

— Já dissemos que não vamos beber — disse Zach.

Miles se aproximou e ficou ao lado de Jude, com um braço em torno da cintura da esposa. Em seguida, perguntou:

— Então temos a palavra de vocês?

— Com certeza — disse Zach com um imenso sorriso.

— O toque de recolher é à meia-noite — disse Jude.

— *Meia-noite?* — reclamou Zach. — Poxa! Até parece que somos crianças. Por favor, mãe! Pai?

Miles repetiu “meia-noite” ao mesmo tempo em que Jude disse “uma hora”.

Zach e Mia a cercaram e a envolveram em um forte abraço.

— Tomem cuidado — pediu Jude, nervosa. — Se houver *qualquer* problema, liguem. De verdade. Se vocês beberem, o que não deveriam fazer, mas, se por acaso beberem, liguem. Seu pai e eu iremos buscar vocês e qualquer outro amigo. De verdade. Não pergunto nada, não castigo. Prometo. Está bem?

— Já sabemos — disse Mia. — Você diz isso há anos.

Com isso, eles partiram, correndo até o Mustang branco esportivo que ela e Miles haviam comprado para os filhos no ano anterior.

— Você não deveria ter cedido na questão do horário — disse Miles quando eles fecharam a porta do carro.

— Eu sei — respondeu ela.

Para ele, era fácil. Quando Miles dizia “não”, eles desistiam. Quando era ela, eles insistiam, esvaziando-a de autoridade como carunchos no milho, até que nada mais restasse entre eles e aquilo que desejavam.

Miles franziu a testa ao ver os faróis vermelhos do carro desaparecerem na escuridão.

— Este último ano não será nem um pouco fácil.

— Não mesmo — concordou Jude.

Ela já estava arrependida de tê-los deixado ir. Eram tantas as coisas que podiam dar errado...

Em uma noite de outono quente como esta, a Amore ficava repleta de clientes. O verão tinha acabado e todos — moradores e turistas — sabiam que o período de frio se aproximava.

Lexi trabalhava em meio expediente na sorveteria desde o primeiro ano do ensino médio. Cada centavo que ganhava ia para a poupança, para pagar a faculdade. Ela e a chefe, a Sra. Solter — uma viúva de 60 anos, cabelos grisalhos e fixação por colares —, trabalhavam em perfeita sincronia: uma registrava as compras e a outra servia bolas de sorvete.

Esta noite, mesmo com a casa cheia, Lexi ficava o tempo todo olhando para o relógio. A festa na casa dos Eisner começava às nove da noite e Mia e Zach viriam buscá-la.

Zach.

Ele representava a única mácula no paraíso que era sua nova vida. Nos últimos três anos, Lexi encontrara seu lugar. Eva gostava

dela de verdade — isso era óbvio, mesmo que a tia não o demonstrasse. Mia se tornara sua outra metade, sua irmã. Eram inseparáveis. E os Farraday a acolheram com os braços abertos e nunca a julgavam. Jude passara a ser como uma mãe para ela, tanto que, no Dia das Mães, Lexi sempre comprava dois cartões, um para Eva e outro para Jude, e sempre escrevia “obrigada” no espaço em branco.

Só Zach se mantinha distante.

Ele não gostava de Lexi. Essa era a verdade. Nunca ficava sozinho com ela mais tempo que o necessário e raramente lhe dirigia a palavra. Quando de fato lhe dizia algo, olhava sempre para outro lado, como se não suportasse o contato visual entre eles. Lexi não sabia o que tinha feito para ofendê-lo, e todas as tentativas de se redimir não surtiram efeito. O pior era que toda vez ela se sentia magoada. Quando ele desviava o olhar ou se afastava, ela invariavelmente experimentava uma pitada daquela sensação de perda.

Mas isso é bom, ela dizia a si mesma. Era bom que ele não gostasse dela, porque ela gostava demais dele. E de uma coisa ela tinha certeza, algo que soubera desde o início: Zach Farraday estava fora de cogitação.

Um pouco depois das nove da noite, ela ouviu o carro parar na frente da sorveteria. Arrancou o avental multicolorido e correu para buscar a bolsa no banheiro dos funcionários. Enquanto a tirava do gancho da parede, deu uma olhada rápida no espelho, só para confirmar que a maquiagem ainda estava perfeita, e então se dirigiu à saída, acenando para a Sra. Solter ao passar.

— Juízo, menina! — disse a senhora, acenando alegremente.

— Pode deixar — prometeu Lexi.

Correu para o Mustang e se sentou no banco de trás. O som estava tão alto que ninguém conseguia conversar.

Zach saiu de ré do estacionamento e pegou a estrada, afastando-se da cidade. Não demorou nada e já estavam na longa trilha de cascalho que levava à charmosa casa vitoriana amarela de telhado de madeira inclinado e circundada por uma varanda branca, de cujos beirais pendiam lâmpadas que iluminavam cestas repletas de flores.

Quando saíram do carro, embora ouvisse a música e o burburinho distante das conversas, Lexi avistou apenas algumas pessoas, bem poucas. Quase todos os jovens deviam estar na praia, onde era mais difícil que os olhares dos vizinhos os alcançassem. Dessa maneira, evitavam-se as reclamações à polícia.

Zach deu a volta no carro e parou ao lado de Lexi. Ela tentou agir normalmente, mas, como sempre, não conseguiu. Ao voltar-se um pouco na direção dele, flagrou o olhar que ele lançava para ela.

Antes que ela conseguisse pensar em algo interessante para dizer, Mia apareceu a seu lado e segurou a mão dela, perguntando com ansiedade:

— Será que o Tyler vai estar aqui?

— Provavelmente — respondeu Zach. — Vamos — disse ele, já andando.

Sobre a grama alta, Lexi e Mia o seguiram. Do jardim da frente, já podiam ver a festa: mais ou menos setenta e cinco jovens estavam ali, a maioria em volta de uma fogueira, e o cheiro adocicado do cigarro de maconha pairava no ar.

Mia apertou a mão de Lexi e a fez parar, com um puxão.

— Lá está ele. Como eu estou?

Lexi passou os olhos pela multidão até distinguir Tyler Marshall, um garoto alto e desengonçado, com cabelo de skatista e que usava as calças *baggy* tão baixas no quadril que era obrigado a puxá-las constantemente para cima. Mia tinha uma queda por ele desde o final do ano anterior.

— Você está linda. Vá falar com ele — respondeu Lexi.

As maçãs do rosto de Mia ganharam um tom vermelho intenso.

— Não consigo.

— Vou com você — disse Lexi, fazendo uma leve pressão na mão de Mia.

— Você também vai, Zach Attack? — perguntou Mia.

Zach deu de ombros e os três caminharam em direção ao centro da festa. Passaram por dois barris de chope e foram até Tyler.

— Oi, Mia — disse Tyler, abrindo um sorriso.

Ofereceu a ela uma garrafa de vodca sabor framboesa já pela metade.

Mia pegou a garrafa e tomou um gole da bebida antes mesmo que Lexi pudesse reagir.

— Pelo jeito, eu é que vou ter que dirigir — disse Zach. E acrescentou: — Se cuide, Mia.

— Quer ir andar na praia? — perguntou Tyler à Mia.

Mia lançou um olhar de “Uau!” para Lexi e seguiu o garoto.

Lexi tinha perfeita noção de que Zach estava ao seu lado. Ele ficou ali, sem dizer nada, e ainda assim ela podia sentir que havia algo no silêncio entre os dois. Sem conseguir se conter, ela se virou e o encarou.

— Por que você não gosta de mim?

— É isso que você pensa?

Ela não sabia o que responder. Parecia que estava acontecendo algo que ela não compreendia. Desejou nunca ter feito essa pergunta idiota.

— Lexi... — começou ele.

Nesse momento, Amanda Martin apareceu diante dos dois como se num passe de mágica, segurando um copo de rum aromatizado já pela metade. Ela era ruiva, tinha pernas longas, lábios cheios e olhos amendoados, um pouco ciganos. A conquista mais recente de Zach.

— Aí está você — disse, ronronando como uma gatinha. — Demorou a chegar.

Então pôs os braços em volta do pescoço de Zach e pressionou o corpo contra o dele.

Lexi os viu se afastar, agarrados — agora ele estava beijando a Amanda —, e teve uma conhecida sensação de decepção. Com um suspiro, caminhou até a praia, onde encontrou algumas pessoas do grupo de teatro. Lexi andava com eles havia anos, pois ia assistir aos ensaios da Mia. Sentados na areia, ficaram conversando. É claro que o assunto “faculdade” veio à tona. Era o principal tema neste último ano. Desde o começo do primeiro semestre que falavam sobre prazos, testes e processos de admissão. A cada dia um representante de uma faculdade diferente ficava na biblioteca para conversar com os alunos interessados. As visitas semanais às universidades estavam virando rotina. E não era só até Seattle que os alunos de Pine Island iam em visita a faculdades. Seus pais os faziam viajar por todo o país.

— Sua Lexência! — a voz de Mia se vez ouvir por sobre a balbúrdia.

Lexi se virou e viu a amiga caminhando trôpega em sua direção.

— Não sei como fui ficar bêbada desse jeito — disse Mia, cambaleando perigosamente. — Lex, como fiquei tão bêbada?

— Bebendo, talvez?

Lexi se levantou e abraçou Mia, sustentando-a.

— Eu amo você, Lexi — sussurrou Mia, mas era um sussurro de bêbada, exagerado e arrastado. Ela passou o braço pelos ombros de Lexi. — Você e o Zach Attack são meus melhores amigos.

— Você também é minha melhor amiga.

Mia se deixou cair sentada na areia fria. Lexi se sentou a seu lado e elas se apoiaram uma na outra.

— O Tyler falou que eu sou bonita — disse Mia. — Você acha que ele falou sério?

— Ele seria um idiota se não a achasse bonita.

— A gente dançou — disse Mia, com um tom de voz sonhador. Deixou o corpo balançar um momento e depois parou. — Não estou sentindo meus lábios. Meus lábios ainda estão aqui?

Lexi deu uma gargalhada.

— Acho melhor levar você para casa. Vamos achar o Zach.

Lexi ajudou Mia a ficar de pé e a conduziu por entre a multidão. Encontraram Zach do lado da casa, na penumbra. Amanda estava se atirando sobre ele. Ao menos foi o que Lexi pensou.

— Zach? — arriscou Lexi. — A Mia não está bem. Acho que ela precisa ir para casa.

No instante em que acabou de dizer isso, Mia se curvou e vomitou na grama.

Zach correu para o lado da irmã.

— Você está bem? — perguntou, passando um braço pelas costas dela.

Mia cambaleou, enxugando a boca.

— Não tô passando muito bem, não.

— Amanda, ela pode ficar na sua casa? — perguntou Zach. — Não posso levar minha irmã para casa assim.

— Fala sério! — respondeu Amanda, com uma expressão azeda. — Não vou sair da festa tão cedo. Mal passou da meia-noite.

Ela deu um longo beijo em Zach e se afastou, balançando os cabelos enquanto caminhava na direção dos barris de chope.

— A Mia pode passar a noite na minha casa — disse Lexi. — Eva já deve estar dormindo.

Zach olhou para ela.

— Mesmo?

— É claro.

Zach conduziu Mia até o carro e a colocou no banco de trás. Foi como tentar fazer espaguete cozido ficar de pé e, quando ele por fim conseguiu, Mia estava rindo descontroladamente, esparramada no banco. Demorou um século até conseguir prender o cinto de segurança da irmã.

Lexi se sentou no banco do carona enquanto Zach ligava o motor. Ele deu ré devagar e entrou na rua principal.

Enquanto seguiam pela estrada até a ponte, Zach batucava com os dedos no volante forrado de couro. Lexi não conhecia a música que saía pelos alto-falantes, mas o ritmo era viciante. Mia cantarolava no banco de trás, desafinada como sempre.

Ao chegarem ao trailer, Lexi saiu do carro e Mia a seguiu, tropeçando e dando uma gargalhada ao cair de joelhos na grama úmida.

— Vamos pra nossa colina — disse, tentando ficar de pé.

Zach correu para ajudar a irmã a se levantar.

— Ei, Mia — falou suavemente —, talvez você devesse ir se deitar.

Mia abriu um sorriso frouxo.

— É. Seria bom.

Zach olhou para Lexi.

— Vou esperar até ela dormir e então vou embora, está bem?

— Não precisa fazer isso. Sei que você quer voltar para a Amanda.

— Você não tem a menor ideia do que eu quero.

Sentida, Lexi foi até Mia e a tomou dos braços do irmão.

— Vamos, Mia.

Conduziu a amiga pela grama úmida até chegarem ao trailer. Na sala, Mia despencou no chão, murmurando e dando risadinhas.

— Psiu! — sussurrou Lexi.

— Vou tirar só um cochilinho...

Lexi deixou Mia sobre o carpete e saiu de novo. Observou Zach da porta e caminhou lentamente na direção dele. Agora ele a olhava, *encarando-a*, e essa atenção fazia algo vibrar na boca do seu estômago.

— Ela... ela está bem — disse.

— Qual é a colina de vocês? — perguntou ele.

— A Mia e eu ficamos lá às vezes. Não é nada de mais.

— Posso ver?

— Claro.

Lexi ouvia os passos dele quebrando galhos e raízes enquanto atravessavam a densa mata de arbustos e gaultérias. A trilha era tão estreita que só quem a conhecesse poderia encontrá-la. Quando

saíram em campo aberto, estavam no topo de um morro alto e descampado do qual se avistavam um trecho movimentado da estrada, o cassino luminoso e, além deles, o estuário negro.

— Eu sempre venho aqui — disse ela.

— É legal — falou Zach, sentando-se na grama macia.

Lexi se sentou ao lado dele, relutando. Estavam tão próximos que ela sentia a perna dele contra a dela.

Ela esperou que ele falasse alguma coisa, mas ele ficou quieto.

O silêncio se prolongou até se tornar desconfortável.

— Então quer dizer que no próximo fim de semana vocês vão visitar faculdades. Legal — disse Lexi, finalmente. Foi tudo em que conseguiu pensar.

Ele deu de ombros.

— É, sei lá.

— Você não parece muito entusiasmado.

— A Mia diz que vai morrer se não entrarmos na universidade juntos. Eu também quero estudar com ela e quero ser médico, como meu pai, mas... — Ele olhou para o cassino lá embaixo e suspirou.

— Mas o quê?

Ele se virou para ela e a flagrou olhando para ele.

— E se eu não der conta? — Ele falou tão baixo que ela mal o ouviu sobre o murmúrio distante da estrada.

Havia mais de três anos que Lexi conhecia Zach e o adorava em silêncio. Ela o estudara como uma arqueóloga, investigando cada palavra dele em busca de um sentido oculto, mas ele nunca lhe dissera nada como isso que acabara de revelar. Parecia vulnerável e confuso.

Era como se a noite tivesse ficado em silêncio. O zum-zum dos carros cessou. Tudo o que Lexi ouvia eram as batidas de seu coração

e as respirações dos dois. Recordou todas as vezes em que aguardara o retorno materno, sempre sofrendo decepções e sendo descartada. Se havia uma emoção que ela conhecia profundamente, era a incerteza. Ela jamais imaginaria que Zach fosse capaz de senti-la também. Era como se estivessem ligados, na mesma sintonia. Durante frações de segundo, ele deixou de ser o irmão de Mia e era novamente o menino que ela vira no primeiro dia de aula, aquele que fizera seu coração bater mais rápido.

— Achei que você nunca sentisse medo.

— Ah, tem uma coisa que está me dando medo, sim.

Ele se inclinou ligeiramente na direção de Lexi. Talvez estivesse apenas se acomodando sobre a terra dura, ela não sabia. Só sabia o que era sentir medo, e que o jeito como ele a olhava tornava difícil respirar. Sem pensar, apenas sentindo, ela se inclinou para mais perto dele, pronta para um beijo. Estava quase fechando os olhos quando ele se afastou.

— O que você está fazendo?

A magnitude daquilo que ela quase fizera a deixou sem fôlego. Ele nem mesmo gostava dela e, o que era ainda pior, não estava disponível. Jude deixara isso claro, e Mia também. E o que importava era sua amiga, não uma quedinha inútil e infundada por um garoto que se apaixonava por uma menina diferente a cada semana.

Aterrorizada, ela murmurou um pedido de desculpas, ficou de pé e começou a correr por entre os arbustos até a relativa segurança de sua casa.

— Lexi, espere!

Ela entrou no trailer e bateu a porta. Mia agarrou seus pés, cantando uma música do filme *A pequena sereia*.

Lexi pulou a melhor amiga, que ainda estava sentada no chão, e espiou pelo pequeno vão entre as cortinas fechadas.

Zach ficou bastante tempo ali, olhando para a porta. Então, voltou para o carro e ligou o motor.

Foi só depois de ter escovado os dentes, vestido o pijama e deitado na cama perto de Mia que Lexi se permitiu pensar sobre o que quase tinha feito.

— Você é uma idiota, Lexi Baill — disse ela para o silêncio.

— Não é, não — retrucou Mia, e em seguida começou a roncar.

Na manhã seguinte, Lexi ficou olhando pela janela do quarto, observando a chuva cair e se sentindo enjoada. Quase não acreditava que estivera a ponto de beijar Zach na noite anterior.

Que idiota!

O que ela deveria fazer agora? Contar a verdade a Mia, esperar misericórdia da melhor amiga e se arrepender de um instante de loucura? Mas... e se isso estragasse tudo? E Zach nunca diria nada. Ou diria? Será que ele a odiaria tanto assim?

— Estou me sentindo um lixo.

Lexi ouviu o colchão ranger contra o estrado de madeira da cama. Houve um som agudo quando Mia se sentou. Lexi se voltou para ela lentamente, sentindo uma nova onda de vergonha.

Mia tirou os cabelos embaraçados da frente dos olhos, que estavam um pouco enevoados, sem foco. Em uma das bochechas, na pele clara, era possível ver um arranhão. Lexi não fazia ideia de como Mia tinha se machucado. Mia também não, sem dúvida.

— Caramba! — reclamou Mia. — Eu me acabei ontem.

— É verdade.

Lexi voltou para a cama e se sentou ao lado da amiga.

Mia se apoiou nela.

— Obrigada por ter tomado conta de mim. Juro que nem bebi muito. — Deixou a nuca bater contra a parede. — Nossa, espero que a minha mãe não fique sabendo...

Lexi não conseguiria aguentar: a verdade a corroía por dentro. Ela *tinha* de ser leal, precisava ser uma boa amiga para Mia. Tinha de ser assim.

— Por falar em ontem, eu fiz uma idiota...

De repente, Mia se endireitou.

— O Tyler me convidou para ir com ele ao baile dos veteranos.

Lexi parou.

— O quê?

Ela e Mia costumavam ir às festas juntas. Nenhum garoto as convidara em nenhuma das festas do ano anterior. Lexi sentiu uma pontada de ciúme, porque este ano ficaria de fora vendo a amiga se divertir.

— Você pode vir com a gente. Sério, vai ser o máximo! Podemos fazer um programa triplo, com a Amanda e o Zach.

— Não... E, por falar no Zach...

— O que tem ele?

Mia chutou os lençóis e saiu da cama. Ficou ali parada, oscilando ligeiramente enquanto procurava a calça jeans.

— Está na secadora. Ontem você vomitou nela.

— Que nojo!

Pé ante pé, Mia saiu do quarto e atravessou o corredor. O trailer rangia sob seus passos.

Lexi seguiu Mia e ficou na sala esperando a amiga vestir a calça. Quando ia tocar novamente no assunto “Zach”, Eva saiu do quarto.

— Oi, Eva — disse Mia, dando um sorriso claramente constrangido. — Obrigada por me deixar passar a noite aqui.

— Você é sempre bem-vinda — respondeu Eva. — E então, se divertiram ontem?

Mia sorriu de novo, mas estava abatida, com a pele um tanto acinzentada.

— Nos divertimos, sim, foi ótimo. — Passou um braço sobre os ombros de Lexi. — Não sei o que eu faria sem a Lexi. Ela é *a melhor* amiga do mundo.

Um carro buzinou lá fora.

— Deve ser a minha mãe — disse Mia. — Ela me mandou uma mensagem de texto ontem. Vamos visitar a minha avó. É melhor eu ir.

Lexi acompanhou Mia até a porta. Mentalmente, ela revelou o segredo à amiga várias vezes — e em todas as duas riam do acontecido. Na realidade, porém, não disse nada, e apenas ficou olhando para os longos cabelos louros de Mia.

Na porta, Mia a abraçou com força.

— Obrigada mesmo, Lexi. — E se afastou, parecendo um pouco insegura. — E me desculpe. Eu não deveria ter perdido o controle daquele jeito. Você vai à festa comigo e com o Ty, certo?

— Como se eu já não fosse insignificante o bastante — disse Lexi.

— Não diga isso. E vai ser o máximo, você vai ver.

O carro buzinou novamente.

— Ela sofre de ansiedade — disse Mia, abrindo enfim a porta do trailer.

Com o motor ligado, o Mustang branco aguardava na frente da casa, e a fumaça que saía do escapamento se misturava à neblina.

Zach saiu do carro e ficou ali, encarando Lexi por sobre o teto do carro. As gotas de chuva que batiam em seu rosto o faziam piscar.

Mia puxou o capuz sobre a cabeça, correu até o carro e entrou.

Lexi teve certeza de ver Zach balançar ligeiramente a cabeça, como quem diz “Nunca aconteceu... não pode acontecer”. Então ele entrou no carro.

Lexi os viu partir e voltou para o trailer, fechando a porta. Ele não queria que ela contasse a Mia. Era isso que ele queria dizer?

Eva estava sentada à mesa da cozinha, segurando a caneca com ambas as mãos.

— Acordei com o barulho desse carro ontem à noite — disse, erguendo o olhar. — Então, fui até a janela. Não esperava que você viesse para casa.

Lexi tentou imaginar a cena que Eva testemunhara: sua sobrinha-neta praticamente carregando Mia para dentro, ajudando a amiga a subir as escadas e Mia desabando no chão, cantando.

— Achei que a gente fosse ficar na casa dos Farraday.

— Sei muito bem por que não ficaram.

Lexi se sentou de frente para Eva.

— Desculpe-me — disse, sentindo-se envergonhada a ponto de não conseguir olhar a tia nos olhos.

Eva devia estar decepcionada com ela. Talvez até se perguntasse se Lexi não seria de fato igual à mãe.

— Quer falar sobre o que aconteceu?

— Eu não bebi nada, se é o que você está pensando. Eu vi... minha mãe beber, então... — Ela se encolheu. Não havia como expressar o que ela sentia sobre seu passado, todas aquelas

emoções, em poucas palavras, com os sentidos exatos. — Eu não bebi nada — repetiu.

Eva estendeu os braços sobre a mesa e segurou as mãos de Lexi.

— Não sou sua vigia, Alexa. Não estou policiando você. Olhando para mim não parece, mas eu me lembro do que é ser jovem e sei como o mundo gira, como tudo funciona. Uma moça naquele estado pode se meter em problemas sérios. Pode tomar decisões ruins. Não quero que você se machuque.

— Eu sei.

— E eu sei que você sabe. Tem mais uma coisa: a Mia e o irmão dela não são iguais a você. Aqueles dois têm escolhas que você não tem. E terão oportunidades e brechas que você não terá. Entende o que estou dizendo?

Lexi sabia disso desde que entrara na casa dos Farraday pela primeira vez. Mia podia se permitir cometer erros. Ela, não.

— Vou ter cuidado.

— Ótimo. — Eva olhou para ela. — E sobre aquele menino. Eu vi o modo como ele correu atrás de você. Tome cuidado com isso também.

— Ele não gosta de mim. Não precisa se preocupar com isso.

Eva a estudou atentamente. Lexi se perguntou o que ela estaria vendo.

— Apenas tome cuidado com ele.

Quatro



Jude adorava o jardim em outubro. Era um período de organização, de planejamento para o futuro. Ela se esquecia do mundo enquanto plantava bulbos e ficava imaginando como cada escolha iria alterar o jardim na primavera seguinte. E era disso que ela precisava agora: encontrar um pouco de paz.

Os últimos cinco dias tinham sido estressantes, embora Jude não soubesse dizer com exatidão por quê. Ela não quisera que os filhos fossem à festa, mas eles tinham ido e tudo transcorrera bem. Zach voltara para casa pontualmente e ela o abraçara com força (sentindo seu hálito) e o mandara para a cama. Não tinha percebido nenhum sinal de álcool. Mia passara a noite com Lexi e voltara sorridente no dia seguinte. Nada dera errado, aparentemente. Então, por que ela estava pensando o contrário, que tinha acontecido algo? Talvez Miles tivesse razão e ela estivesse vendo problemas que não existiam.

Ela se pôs de cócoras e bateu uma mão contra a outra, para soltar a terra das luvas. Uma chuva de pequeníssimas partículas pretas criou um padrão rendado em suas coxas. Ia pegar o alicate que descansava no chão ao seu lado quando ouviu o barulho de um carro que se aproximava. Levantou a cabeça, fez sombra sobre os olhos com a luva e viu um raio de sol se refletir no teto prateado de um Mercedes novinho, último lançamento.

— Droga! — resmungou. Tinha perdido a hora.

O carro parou diante da mureta de pedra que contornava o jardim da frente. Jude tirou as luvas cobertas de terra e se levantou enquanto a mãe saía do carro.

— Oi, mãe.

Caroline Everson contornou o carro esportivo e entrou no jardim exuberante com ar de picador de gelo — dura e frenética. Como sempre, fosse inverno, fosse verão, vestia calça preta de lã e uma blusa justa que modelava o corpo magro e bem-torneado. O cabelo branco estava penteado para trás no rosto anguloso. A severidade do estilo era contrabalançada pelos olhos verde-escuros absolutamente perfeitos. Aos 70 anos, continuava sendo uma mulher bonita. E bem-sucedida, que era o que mais importava para Carol. O sucesso.

— Já aceitou participar do Circuito dos Jardins?

Jude desejou nunca ter revelado à mãe esse pequeno sonho.

— Ainda não está pronto. Mas em breve estará.

— Não está pronto? Está lindo.

Jude sentiu o sarcasmo no tom de voz da mãe e tentou não se deixar magoar. Caroline não via sentido em passatempos. Para ela, o importante era o resultado e, até que Jude exibisse o jardim no circuito da ilha, de certo modo seu jardim seria um fracasso.

— Vamos entrar, mãe. O almoço está pronto.

Sem esperar resposta, Jude foi andando até a porta de entrada. No pórtico, descalçou as sandálias de jardinagem, bateu a sujeira da calça e entrou.

A luz do sol atravessava as janelas de seis metros de altura e fazia o piso de madeiras exóticas reluzir como se fosse de cobre polido. Uma imensa lareira de granito dominava o salão,

inteiramente decorado com tons neutros calmantes. Mas a grande estrela do ambiente era a paisagem: imensos painéis de vidro permitiam apreciar a grama verde-esmeralda do jardim, uma faixa do estuário azul-metálico e a cordilheira Olímpica ao longe.

— Aceita uma taça de vinho? — perguntou Jude.

Caroline apoiou a bolsa com tanto cuidado que parecia levar explosivos ali.

— Claro. *Chardonnay*, se tiver.

Jude ficou contente por ter uma desculpa para se afastar um pouco. Passou pela sala de jantar, projetada para abrigar uma longa mesa ovalada de madeira de bordo com dez cadeiras, e se dirigiu à cozinha aberta, integrada a ela. Só deixou de avistar a mãe quando abriu a porta de painéis de madeira da geladeira.

Quando retornou ao salão, a mãe estava de pé ao lado do sofá, observando um enorme quadro pendurado sobre a lareira. Era uma belíssima obra de arte abstrata: faixas curvas de âmbar, vermelho e preto, que pareciam se mover e, de alguma forma, transmitir uma alegria leve, flutuante. Carol a pintara décadas atrás e Jude ainda sentia dificuldade de associar o glorioso otimismo da pintura à mulher que tinha agora à sua frente.

— Você devia substituí-lo. A galeria está com umas peças lindas — sugeriu a mãe.

— Eu gosto dessa tela — foi a resposta de Jude. E era verdade.

Era a pintura preferida de seu pai. Ela se lembrava de ser ainda bem pequena e estar de pé ao lado dele, com a minúscula mão envolta pela enorme pata de urso dele, enquanto ambos observavam Caroline pintá-la. “Veja como ela faz isso — é pura magia”, ele disse, então. E durante um tempo Jude acreditou naquilo, acreditou que em sua casa reinasse uma espécie de magia.

— Eu me lembro de observá-la enquanto a pintava.

— Faz um tempão — retrucou a mãe, dando as costas ao quadro. — Por que não vai tomar um banho? Eu espero.

Jude entregou a taça de vinho à mãe e saiu da sala. Tomou uma ducha rápida, vestiu um jeans confortável e um suéter preto de gola em V e voltou ao salão. A mãe estava sentada no sofá, ereta, bebericando o vinho como se fosse um beija-flor.

Jude se sentou de frente para ela. Uma grande mesa de centro de pedra as separava.

— O almoço poderá ser servido quando você estiver com fome — disse Jude. — Fiz uma salada Waldorf.

Então elas voltaram ao silêncio habitual. Jude não conseguiu deixar de questionar por que continuavam com essa simulação. Uma vez por mês elas se encontravam para almoçar, alternando os lugares de sempre, como se isso importasse, o lugar em que se encontrariam. Durante a refeição de comida leve e vinho caro, fingiam ter um relacionamento, o que conversar.

— Você viu o artigo do *Seattle Times*? Aquele sobre a galeria? — perguntou Caroline.

— Vi, sim, claro. Você o enviou para mim. Disse que ser mãe é muito importante para você.

— E é.

— Apesar das babás.

A mãe suspirou.

— Ah, Judith Anne... Não comece de novo com essa sua velha choradeira.

— Desculpe-me. Você tem razão — disse Jude.

E disse isso não só porque seria a única resposta que poria um fim na conversa, mas porque era verdade. Ela estava com 46

anos. Já deveria ter perdoado a mãe. Por outro lado, a mãe nunca pediu desculpas e em nenhum momento julgou que fosse necessário fazê-lo, embora tivesse deixado a maternidade para trás como se faz com um motel de beira de estrada: depressa e no meio da noite. Jude tinha 7 anos quando de repente conheceu a dor, que virou seu mundo do avesso. Depois do enterro de seu pai, porém, ninguém pensou em lhe estender a mão — muito menos a mãe, que voltou a trabalhar já no dia seguinte. Em todos os anos subsequentes, a mãe nunca parou de trabalhar. Quando abandonou a pintura, se tornou uma das mais bem-sucedidas proprietárias de galeria de arte de Seattle. Promovia jovens artistas enquanto a filha era entregue aos cuidados das babás, uma após a outra. Elas mal tiveram contato até cerca de cinco anos atrás, quando Caroline telefonou e marcou um almoço. Agora, uma vez por mês, elas encenavam. E Jude nem sabia por quê.

— Como estão as crianças? — perguntou a mãe.

— Maravilhosas — respondeu Jude. — As notas do Zach estão excepcionais e a Mia se tornou uma atriz talentosa. Papai teria orgulho dela.

A mãe suspirou. Não foi surpresa para Jude aquela breve exalação de ar. O pai era assunto proibido. Jude sempre fora muito apegada ao pai e nenhuma das duas queria reconhecer isso agora, tantos anos após sua morte, embora Jude ainda sentisse saudade dele e de seus abraços de urso.

— Tenho certeza de que teria — disse a mãe, sorrindo. — E suponho que o Zach vá entrar na faculdade que quiser. Espero que mantenha o plano de ser médico. Seria uma pena se ele abandonasse os estudos — continuou Caroline.

— Imagino que seja mais um lembrete de que eu larguei a faculdade de direito. Eu estava grávida e o Miles fazia medicina. Não tivemos muita escolha.

— Você perdeu o bebê — disse a mãe, como se isso fizesse diferença.

— Foi — falou Jude baixinho, rememorando.

Ela era jovem e estava apaixonada e, sinceramente, durante boa parte da vida tivera medo de ser mãe, de descobrir em si alguma anomalia genética transmitida por Caroline. A gravidez não fora planejada. Era cedo demais, ela e Miles não estavam preparados, mas, desde que soube que estava grávida, descobrira quanto era capaz de amar. A simples *ideia* da maternidade a transformara.

— Você sempre amou seus filhos excessivamente. Você se preocupa demais em fazê-los felizes.

Conselhos sobre filhos vindos de sua mãe. *Perfeito*. Jude deu um meio sorriso.

— É impossível amar excessivamente os filhos. Mas eu não espero que você entenda isso.

Sua mãe se retraiu.

— Judith, por que você dá todo o crédito do mundo àquela menina do trailer e nenhum a mim?

— A Lexi, e sem dúvida você já aprendeu o nome dela, é como se fosse da família há três anos. Ela nunca me decepcionou.

— E eu, sim.

Jude não respondeu. De que adiantaria? Em vez disso, ficou de pé e sugeriu:

— Que tal almoçarmos agora?

Sua mãe se levantou.

— Acho ótimo.

Passaram o restante do tempo reservado — exatamente duas horas, entre o meio-dia e as duas — falando de coisas sem importância. Quando ele se esgotou, Caroline deu um beijo distante no rosto de Jude e foi até a entrada, onde parou.

— Tchau, Judith. O almoço hoje foi adorável. Obrigada.

— Tchau, mãe.

Pela porta aberta, ela observou a figura esguia da mãe caminhar depressa pelo jardim, sem se dar o trabalho de olhar para nada que houvesse nele. Por mais que tentasse não sentir nada, ela foi acometida pela depressão generalizada que sempre acompanhava esses almoços. Por que ela não conseguia deixar de desejar que a mãe a amasse? O Mercedes veio à vida com um ronronar profundo e se afastou lentamente.

Sobre a mesa do hall, ao lado de um vaso de vidro no qual havia rosas boiando, ficava um telefone sem fio. Jude o pegou e discou o número da melhor amiga.

— Alô?

— Molly, graças a Deus! — exclamou Jude, enquanto se apoiava na parede. De repente, estava se sentindo exausta. — A bruxa malvada acaba de sair daqui.

— A sua mãe?

— E quem mais?

— Quer beber alguma coisa?

— Achei que você não fosse perguntar.

— Vinte minutos. Na marina?

— Nos vemos lá.

Na sexta-feira, depois da aula, foram comprar vestidos. Jude se sentia ridiculamente feliz com tudo aquilo. Sabia que era só uma

festa, nada que pudesse abalar o mundo, mas seria o primeiro encontro de Mia e ela estava ansiosa por conseguir fazer com que a experiência toda fosse perfeita para a filha. Pensando nisso, marcara manicure e pedicure para as duas — e para Lexi, claro — e uma noite de compras no shopping.

Ela ouviu a porta do quarto se abrir e se virou. Miles estava ali, parado, e se encostou contra o batente. Vestia uma calça jeans gasta e uma camiseta do -Aerosmith. À luz pálida do outono, parecia bonito de uma forma rústica. A barba crescera durante o dia, dando um contorno cinzento ao seu rosto.

— Eu chego cedo do trabalho e você está de saída?

Sorrindo, ela foi até ele e se deixou abraçar.

— Você pode me explicar, Dr. Farraday, como é que o senhor não faz a barba, está ficando grisalho e ainda assim consegue ficar cada vez mais bonito, enquanto eu, se esqueço de me maquiar um dia que seja, sou olhada na rua como se fosse uma anciã?

— Isso só acontece quando você não está vendo.

— Muito engraçado.

Ele tocou de leve o queixo dela, como se a acariciasse com uma pluma.

— Você é linda, Jude, e sabe disso. É por isso que sempre consegue o que quer.

Isso valia para os dois. Miles fora brilhante desde a infância. Bonito e inteligente, com um sorriso perene no rosto, seduzia as pessoas sem fazer esforço algum. Seu apelido no hospital era Doutor Hollywood.

— Leve o Zach para jantar. Eu volto o mais rápido que puder. Bem que poderíamos tomar um vinho hoje à noite, na praia. Há tempos não fazemos isso.

Miles puxou Jude para perto de si. Então lhe deu um beijo cheio de segundas intenções e em seguida um tapinha no bumbum.

— É melhor ir logo, antes que eu me lembre de como gosto de fazer sexo à tarde.

— Ao contrário de sexo de manhã e de noite, que você detesta, é isso?

Depois de dizer isso, Jude se contorceu, rindo, para sair do abraço do marido e seguiu para a escada.

Ela bateu à porta do quarto de Zach, esperou pelo “entre” e então a abriu. Ele estava sentado na sua nova cadeira para jogos eletrônicos, jogando alguma coisa no Xbox. Ela pôs a mão na cabeça do filho e acariciou seus cabelos, que ainda estavam úmidos depois do treino de futebol americano. Ele se esticou para sentir melhor as carícias, como uma flor que busca o sol.

— Vamos até o shopping comprar um vestido para a Mia ir ao baile. Quer vir?

Ele riu.

— Eu nem vou ao baile, lembra? A Amanda vai estar em Los Angeles com a família.

Jude se sentou na cama.

— Eu não gosto dessa ideia de você não ir. É o último ano. E a Mia me disse que você é um dos candidatos a rei do baile dos veteranos.

Zach revirou os olhos.

— Grande coisa.

— Você deveria convidar alguma amiga para ir com você. Um dia, você vai olhar para trás e...

— Se no futuro eu ligar para essa porcaria, você pode me matar, mãe. Sério.

Jude não conseguiu deixar de rir.

— Está bem. Mas ao menos venha ao shopping com a gente.

Significa muito para a Mia.

— Achei que a Lexi fosse.

— E vai. Mas o que tem isso?

— A Mia terá a melhor amiga ao lado dela. E eu *não* vou ficar esperando fora dos provadores enquanto minha irmã experimenta vestidos. De jeito nenhum.

— Está certo. Mas eu não vou abrir mão da festa.

— Que surpresa... — disse ele, dando um sorriso irônico. — Você não abrir mão de alguma coisa. E *não* compre calça jeans para mim de novo. Estou falando sério, mãe. Você não entende o que eu curto.

— Está bem, está bem.

Jude coçou a cabeça do filho uma última vez e se afastou.

Saiu do quarto de Zach, encontrou Mia no corredor e as duas foram juntas para a garagem. Em quinze minutos, tinham buscado Lexi e estavam a caminho do shopping.

Na primeira loja, Mia perambulou por entre os cabides, parecendo um pouco confusa e intimidada, quando, de repente, escolheu algo.

— Olhe este aqui — pediu, segurando um vestido longo de cor salmão, mangas rendadas e saia em camadas. — O que acha? — perguntou a Lexi.

Lexi sorriu, mas estava um pouco distraída.

— É lindo. Experimente.

— Só se você também experimentar um. Por favor? Não consigo fazer isso sozinha. Você sabe que eu não consigo.

Lexi suspirou, mas foi até o cabide, escolheu um vestido azul-piscina de corpete tomara que caia com apliques de contas e acompanhou Mia até os provadores.

Quando saíram, Jude ficou atordoada com a beleza das duas.

— Ficaram perfeitos! — disse.

Mia deu voltas, estudando o reflexo no espelho.

— Com certeza estes serão nossos vestidos para o baile dos veteranos, não é, Lexi?

— Eu não vou à festa — retrucou Lexi. — Não tenho acompanhante.

Mia parou de rodopiar.

— Então eu também não vou.

Lexi murmurou alguma coisa abafada e se enfiou de novo no provador. Quando saiu, vestia sua calça jeans e a camiseta.

— Chega de vestidos para mim — disse. — Até porque eu não posso pagar mesmo...

— Por favor, Lexi — implorou Mia. — Você é a minha melhor amiga. Se não vai ao baile, eu também não vou.

— Ela poderia ir com o Zach — propôs Jude.

Mia deu um gritinho.

— Que *ótima* ideia, mãe! Vai ser o máximo irmos em dois casais!

Lexi se sobressaltou.

— Eu *não* vou obrigar o seu irmão a me levar a um baile bobo — disse, e se afastou das duas.

Imediatamente, os olhos de Mia se encheram de lágrimas.

— Eu a ofendi, mãe? Não tive essa intenção, foi sem querer.

Jude viu Lexi sair da loja.

— Você não fez nada de errado — disse, com ternura. — É que nós... às vezes nos esquecemos de que a Lexi não tem as mesmas oportunidades que você. Deve-ríamos ter um pouco mais de tato. Venha.

Foram até o caixa e Jude pagou os dois vestidos. Pediu que o de Lexi fosse embrulhado para presente.

— Vá se trocar, boneca. Eu falo com a Lexi.

Jude saiu da pequena butique para o corredor movimentado do shopping segurando a sacola da loja. Em todas as direções, via grupos de meninas, sem dúvida armadas com os cartões de crédito dos pais. Não era de espantar que Lexi ficasse chateada. Devia ser difícil ser diferente de todas as outras crianças e da melhor amiga, que achavam natural ter tudo o que desejassem.

Jude avistou Lexi sentada em um banco diante da livraria. Estava inclinada para a frente, com os longos cabelos pretos caindo sobre o rosto fechado. Jude foi até ela e se sentou. Lexi abriu espaço para ela no banco.

— Desculpe-me pelo chilique — resmungou Lexi.

— Eu deveria ter sido mais sensível. Sei que esses vestidos são caros.

— Não é por isso.

Jude prendeu o cabelo da menina atrás da orelha, para poder ver seu rosto.

— Não tive a intenção de lhe causar constrangimento.

— Tudo bem. Eu não deveria ter reagido tão mal.

Jude apoiou as costas no encosto. Sentia o coração apertado por causa de Lexi. Sabia como a vida tinha sido dura para essa menina e como às vezes ainda era difícil. Enquanto a maioria das crianças da ilha — como seus filhos — procurava a universidade

perfeita por todo o país, Lexi planejava frequentar a faculdade pública da própria cidade após se formar. Trabalhava muitas horas na sorveteria, guardando cada centavo que ganhava. Seu sonho mais mirabolante era uma bolsa integral na Universidade de Washington, mas isso só era oferecido esporadicamente. Jude se sentia mal sabendo que Lexi perderia o baile que representava um rito de passagem.

— Soube que o Zach tem uma boa chance de ser escolhido rei do baile dos veteranos.

— E vai ser.

— E a Kaye Hurtt é candidata a rainha.

— Ou pode ser a Maria de la Peña.

— Mas o Zach não vai ao baile porque a Amanda não vai estar na cidade.

Lexi virou a cabeça e olhou para Jude. Se Jude não a conhecesse, teria dito que ela estava assustada.

— Eu não sabia disso.

— Eu não quero que nenhum de vocês perca essa festa. O Zach nunca chamaria outra menina para acompanhá-lo ao baile que não fosse a Amanda, mas você é a melhor amiga da irmã dele. A Amanda não se importaria. E então vocês três poderiam se divertir, e sempre irão se lembrar desse dia.

— Eu acho que não é uma boa ideia — disse Lexi em voz baixa. — E aquilo que aconteceu com a Haley?

— Ah, querida. Você nunca faria uma coisa daquelas com a Mia. Isso é totalmente diferente. — Jude sorriu. Sabia que Lexi tinha todo o cuidado para não abusar da família que a acolhera, mas a solução seria boa para todos. — E se deixarmos o Zach decidir?

Lexi olhou para ela durante muito tempo, sem dizer nada.

— Você não seria um estepe, Lexi. É um programa entre amigos. E eu penso que o Zach merece estar lá quando for escolhido rei do baile, você não acha?

Lexi suspirou.

— Acho.

Jude ergueu a sacola.

— Comprei o vestido para você.

— Não posso aceitar — disse Lexi. — Isso já seria de mais.

Jude notou a gratidão de Lexi, mas em seus olhos azuis havia algo mais, uma névoa de vergonha que partiu o coração de Jude.

— Você faz parte da família, Lexi. Você sabe disso. Deixe que eu faça isso por você, está bem? Eu sei que você quer ir ao baile. Deixe que o Zach a acompanhe.

Lexi voltou o olhar para o chão de ladrilho. O cabelo se soltou de trás da orelha, impossibilitando que Jude visse seu perfil.

— Está bem, Jude — disse finalmente, em voz baixa. — Se o Zach quiser me acompanhar, eu vou com ele. Mas...

— Mas o quê?

Lexi balançou a cabeça, e seus cabelos brilharam com o movimento.

— Não fique surpresa se ele disser que não irá.

Cinco



- Pronto. Abra os olhos — disse Jude, pondo as mãos nos ombros de Lexi.

Lexi inspirou profundamente e fez o que Jude pedia. Na sua frente havia um grande espelho rodeado de lâmpadas minúsculas. Por um instante, ela viu uma estranha — uma garota de sobrancelhas perfeitamente arredondadas e cabelo liso e sedoso que caía em camadas ao redor do rosto. Cuidadosamente aplicado, o lápis de olho cor de violeta ressaltava seus olhos azuis e lhes conferia uma aparência etérea, sofisticada, enquanto o blush iluminava as maçãs de seu rosto. Ela quase teve medo de sorrir, caso fosse uma ilusão.

Jude se inclinou, chegando mais perto.

— Você está linda.

Lexi se levantou da cadeira e se virou.

— Obrigada — disse, dando um abraço apertado em Jude.

Depois, na balsa para casa, ela e Mia foram no banco de trás do carro. Lexi ficava se espiando no espelho. Queria acreditar que essa transformação faria alguma diferença, que Zach finalmente olharia para ela e a acharia bonita. Mas sabia que não seria assim.

A noite não acabaria bem. Sinceramente, ela não conseguia imaginar por que ele concordara em acompanhá-la ao baile.

Provavelmente Jude e Mia o haviam pressionado, inflexíveis, e uma coisa era sempre verdade: Zach detestava decepcionar a irmã.

Se ao menos Lexi não tivesse tentado beijá-lo. Nada disso seria problema se ela não tivesse se aproximado dele naquela noite. Ou se tivesse dito a verdade a Mia. Se ao menos... Era uma lista que não acabava mais e ela a rememorara tantas vezes mentalmente que chegara a ficar tonta.

Uma semana havia se passado desde a festa — e a colina. Repetidas vezes Lexi teve a intenção de contar a verdade a Mia, mas não o fizera. Não conseguira, e agora, pela primeira vez, ao olhar para a melhor amiga, Lexi se sentiu uma mentirosa. Toda vez que via Zach, corria como uma campeã de atletismo. Tinha pavor de ter estragado tudo, de perder a amizade de Mia e o respeito de Jude quando seu segredo viesse à tona. De perder tudo o que era valioso para ela.

— Eu devia ter dito que não — murmurou Lexi depois, quando ela e Mia subiam a escada na casa dos Farraday para se vestirem. — Está na cara que vai ser um desastre.

— Eu não entendo você — disse Mia, fechando a porta do quarto. — Juro que não entendo.

Lexi imediatamente se sentiu culpada.

— Desculpe-me. Vai ser divertido. Mal posso esperar.

Foi até o armário abarrotado de Mia, onde os dois vestidos estavam pendurados protegidos por sacos plásticos. As duas se vestiram e se estudaram no espelho oval ao lado da mesa. Só ocasionalmente se via o tênis preto e branco de cano alto de Mia por baixo da barra do vestido.

— Acho que estou bem — disse Mia, voltando-se para Lexi. Seus olhos verdes mostraram preocupação. — Não estou? Será que ele vai gostar?

— Você está perfeita. O Tyler vai...

Uma batida à porta as interrompeu. Houve uma pausa e então ela se abriu. Era Jude, com uma câmera fotográfica prateada na mão.

— O Tyler chegou.

Mia olhou para Lexi, nervosa.

— Como estou?

— Lindíssima. Ele é um cara de sorte.

Mia abraçou Lexi e a apertou com força.

— Graças a Deus que você está aqui comigo. Acho que não teria coragem de descer a escada sem você.

De mãos dadas, elas saíram do quarto e desceram a grande escadaria curva.

Zach e Tyler estavam de pé na sala, conversando. Ambos vestiam ternos azuis. O cabelo de Zach ainda estava molhado — o jogo de futebol americano acabara logo antes e ele correria para casa para se aprontar.

Ele ergueu o olhar e deparou com Lexi. Ela percebeu o modo como ele franziu o cenho ao vê-la descer a escada. O coração de Lexi começou a bater tão rápido que ela sentiu uma leve tontura.

Fique fria, pensou.

Ela poderia ter pedido desculpas na mesma hora, rindo daquele quase beijo bobo. Ou talvez pudesse dizer que estava bêbada e não se lembrava de nada. Será que ia colar?

Quando ela se aproximou dele, Zach deu um passo à frente e lhe ofereceu um cravo branco de pontas azuis em uma caixa plástica transparente.

— Obrigada — murmurou ela.

— Tem um elástico para pôr no pulso — disse ele. — A Amanda diz que é o melhor tipo.

— Obrigada — repetiu ela, sem ousar olhar para ele. Ele mencionara a namorada e ela tinha entendido.

— Muito bem, hora das fotos — disse Jude.

Miles se pôs ao lado dela.

— Vamos precisar das suas impressões digitais, Tyler — falou.

— *Pai!* — gritou Mia, corando.

Lexi, um tanto sem jeito, ficou ao lado de Zach. Ele passou um braço ao redor da cintura dela, mas não a puxou para perto. Ficaram como em uma antiga fotografia do Velho Oeste, duros e sérios.

Flash. Clique.

As fotografias prosseguiram, até que finalmente Zach disse:

— Já chega, *paparazzi*. Estamos indo.

Quando começaram a andar para a porta, Lexi se afastou de Zach. Entrou no hall, onde havia deixado uma sacola de compras marrom ao lado da mesa. Pôs a mão dentro e retirou um vaso de plástico verde que continha uma petúnia roxa plantada.

— Isto é para você — disse Lexi para Jude, sentindo o rosto ficar quente. Era uma lembrancinha tão pequena... Ela a encontrara no balcão de descontos da floricultura. Provavelmente iria pegar mal, mas era só o que Lexi podia pagar. — Eu sei que você não precisa de mais nada, mas eu olhei e... vi que você não tem petúnias, então pensei... Bom, obrigada pelo vestido.

Jude sorriu.

— Obrigada, Lexi.

— Vamos, Lex — chamou Mia, já na porta de entrada.

Lexi saiu acompanhada de Jude e então seguiu Mia até o Mustang.

— O toque de recolher é à uma da manhã! — gritou Jude na porta.

Zach parecia não ouvir. Ele andou na frente dos outros até o Mustang, que estava estacionado diante da casa. Abriu a porta para Lexi, mas não esperou que ela entrasse e deu a volta até a porta do motorista.

Quando Mia e Tyler se acomodaram no banco de trás, Lexi assumiu seu lugar ao lado de Zach, que ligou o carro e pôs a música no volume máximo.

Durante todo o trajeto até a escola, Mia e Tyler cochicharam. Zach não tirava os olhos da rua. Parecia que estava bravo com Lexi ou com o fato de tê-la como acompanhante. Ela não podia culpá-lo. No estacionamento da escola, ele parou próximo à escada e os quatro se misturaram ao rio colorido de jovens que fluía em direção ao ginásio, que fora transformado em uma versão cafona de Nova Orleans, incluindo serpentinas e arbustos falsos. O tema do carnaval de Nova Orleans, o Mardi Gras, podia ser visto enquanto adentravam mais e um assistente lhes deu um punhado de colares de contas coloridas.

Estava tocando a música “Hella Good” e a pista de dança fervia.

Primeiro tiraram fotos. Cada casal sozinho, depois as meninas, depois Mia e Zach.

Lexi notou quanto Zach estava rígido. Parecia que todas as garotas do último ano estavam olhando para eles. Sem dúvida, Amanda encomendara um relatório completo e Zach não faria nada para magoar a namorada. Nem mesmo olharia para Lexi.

Finalmente, ele a tomou pela mão e a conduziu até a pista de dança. Assim que chegaram lá, a música mudou, ficando mais lenta. Ele a pegou nos braços.

Lexi ficou olhando para baixo, para o peito de Zach, tentando se mover com ele sem pisar seus pés. Ela realmente não sabia dançar e estava tão nervosa que nem respirava. Por fim, levantou a vista e pôde ver como ele a encarava de um modo indecifrável.

— Eu sei que você não queria me trazer para o baile, Zach. Desculpe-me.

— Você não sabe de nada.

— Desculpe-me. — Isso foi tudo o que lhe ocorreu.

Ele a pegou pela mão e a puxou por entre as pessoas. Ela o seguiu, tropeçando, tentando manter o ritmo e sorrindo para as pessoas que empurrava, para que não parecesse tão estranho que Zach a puxasse pelo salão.

Ele continuou avançando, passando pelo jarro de ponche e a fileira de professores e pais que monitoravam a festa, através dos portões, até o campo de futebol. Ali tudo estava escuro e quieto. Acima deles, as estrelas acompanhavam uma lua brilhante, que fazia as traves brilharem.

Zach finalmente parou.

— Por que você tentou me beijar?

— Eu não tentei. Perdi o equilíbrio. Foi uma idiotice... — Ela suspirou e olhou para ele, imediatamente desejando não ter feito aquilo.

— E se eu quisesse?

— Não me provoque, Zach — disse ela. Sua voz oscilou, traindo-a. Ela conhecia a reputação dele. Provavelmente dizia coisas daquele tipo o tempo todo. Ele trocava de namorada como ela trocava de brilho labial. — Por favor.

— Posso beijar você, Lex?

Em sua cabeça, ela disse *não*, mas, quando Zach a olhou, ela apenas balançou a cabeça e a voz não saiu.

— Se quiser me impedir — disse ele, puxando-a para si —, a hora é agora.

E então ele a beijou e ela caiu e voou, girando e se transformando em outra pessoa, em outra coisa. Quando ele finalmente afastou o rosto, estava tão pálido e trêmulo quanto ela, o que foi um alívio, porque ela estava chorando.

Chorando. Que idiota...

— Eu fiz algo de errado?

— Não.

— Então por que você está chorando?

— Não sei.

— Zach!

Lexi ouviu a voz de Mia e se afastou de Zach, enxugando aquelas lágrimas ridículas.

Mia correu até eles.

— Vão coroar o rei e a rainha do baile. É melhor você ir para lá.

— Eu não estou nem aí para essa porcaria. Estou falando com a Lexi...

— Venha — disse Mia.

Zach olhou de novo para Lexi, fechando o rosto. Então saiu andando para o ginásio.

— O que vocês estavam fazendo aqui? — perguntou Mia.

Lexi começou a andar para o ginásio. Não ousava olhar para a amiga.

— Ele queria me contar uma coisa sobre o jogo de hoje. — Forçou um sorriso. — Você me conhece. Não saco nada de futebol americano.

Lexi se encolheu. Outra mentira contada à melhor amiga. Que tipo de pessoa ela estava se tornando?

Foi a última vez naquela noite em que ela e Zach ficaram sozinhos, tirando quando ele a acompanhou até a porta do trailer. Mesmo assim, Mia estava no carro e os observava.

Na porta, Lexi não fazia ideia do que dizer a ele. Tudo parecia estar fora do lugar e ela se sentia como uma presa, paralisada de medo, com os sentidos aguçados. Aquele beijo a sacudira por completo, mas será que tinha feito ao menos uma ondinha nele?

Ele olhou para ela, os cabelos dourados se transformaram em prata com o luar.

Ela queria gritar *fale alguma coisa*, mas só conseguiu dar um sorriso trêmulo.

— Obrigada por me deixar ser estepe da Amanda.

— Não diga isso — retrucou ele.

— O toque de recolher! — gritou Mia do carro. — Mamãe vai ter um treco se a gente chegar tarde.

Zach se inclinou e deu um beijo no rosto de Lexi. Ela precisou de todas as energias para não reagir, não agarrá-lo nos braços. Ficou ali parada, sentindo os lábios dele em sua pele como ferro em brasa.

Ela ficou bastante tempo ali, até bem depois de eles terem ido embora. Então entrou em casa e apagou as luzes.

Lexi não foi à escola na segunda-feira. Como seria capaz de encarar Zach ou Mia depois do que tinha acontecido?

Porém, na segunda à noite (e ele não tinha ligado, é claro — por que ela iria pensar que ele ligaria?), Eva ameaçou marcar uma consulta com um médico — algo que elas certamente não poderiam pagar.

Então, na terça, Lexi voltou à escola. No ponto de ônibus, ela se encolheu sob a cobertura estreita do abrigo, observando a chuva transformar o mundo em um caleidoscópio azul e verde.

Ela agiria naturalmente.

Daria um sorriso casual para Zach e seguiria normalmente, como se o beijo não tivesse significado nada. Ela não era assim tão idiota: fora só um beijo de um garoto que beijava meninas o tempo todo. Lexi não podia permitir que significasse algo a mais para ela.

Na escola, ela evitou Zach sem dificuldade — eles raramente estavam no mesmo círculo social —, mas era impossível evitar Mia. A vida das duas era totalmente entrelaçada. Após o último sinal, Mia acompanhou Lexi na caminhada para o trabalho.

Durante todo o percurso até a cidade, Lexi manteve o sorriso no rosto enquanto ouvia Mia narrar o baile, cena por cena. De novo. Mas a palavra *mentirosa* não parava de gritar em sua cabeça e, cada vez que olhava para a amiga, sentia um embrulho no estômago.

— A gente ficou. Já contei isso? — perguntou Mia.

— Só um milhão de vezes. — Lexi parou na frente da Amoré, onde um ar adocicado, com aroma de baunilha, as envolveu. Ela

pretendia dizer só *até mais* e ir para dentro, mas ficou parada. — E como foi?

— No começo, eu achei a língua dele um pouco escorregadia e nojenta, mas depois me acostumei.

— Você chorou?

— Se eu chorei? — Mia pareceu confusa e depois nervosa. — Eu devia ter chorado?

Lexi deu de ombros.

— E eu sei alguma coisa sobre beijo?

Mia franziu o cenho.

— Você está estranha. Aconteceu alguma coisa no baile?

— O que... o que poderia ter acontecido?

— Sei lá. Alguma coisa com o Zach?

Lexi sentiu raiva de si mesma. Queria contar a verdade, mas o receio de perder a amizade de Mia a aterrorizava. Aliás, de que serviria? Fora só um beijo, não o começo de alguma coisa.

— Não, é claro que não. Estou bem. Está tudo bem.

— Está bem — disse Mia, acreditando. E isso fez Lexi se sentir ainda pior. — Até mais.

Lexi entrou na sorveteria. O ambiente era muito iluminado, com um balcão comprido de vidro e metal cromado e uma pequena área com algumas mesas e cadeiras. Nos meses mais quentes, o lugar fervilhava de gente, mas agora, em meados de outubro, o movimento estava bastante fraco.

A Sra. Solter estava de pé junto ao caixa quando Lexi entrou. Um sininho soou por sobre a porta.

— Oi, Lexi — disse a Sra. Solter, animada. — Como foi o baile?

Lexi forçou um sorriso.

— Foi ótimo. Aqui. Trouxe alguns colares para a senhora.

Ela lhe estendeu os colares de Mardi Gras que ganhara no baile. A Sra. Solter ficou tão entusiasmada ao vê-los que voou sobre eles como uma ave de rapina.

— Obrigada, Lexi. Foi muita gentileza sua — agradeceu a Sra. Solter, pondo imediatamente os colares no pescoço.

Lexi passou o restante do dia e o cair da noite atendendo os clientes. Às nove horas, quando quase não havia mais movimento, começou a limpar os balcões e a se preparar para fechar a loja. Estava saindo do quarto de serviço, com um borrifador de Vidrex e um pano velho nas mãos, quando Zach entrou na loja.

O sino soou animado sobre ele, mas ela mal o ouviu acima das batidas aceleradas de seu coração.

Ele *nunca* ia lá sozinho. Amanda estava sempre junto, agarrada a ele como aqueles musgos compridos das florestas dos filmes de terror. Lexi foi para trás do balcão, para ficarem separados.

— Oi — disse ele, andando na direção dela.

— Oi. Você... quer sorvete?

Ele olhou fixamente para ela.

— Me encontre no parque LaRiviere mais tarde.

Antes que ela pudesse responder, o sininho badalou de novo e a porta se escancarou. Amanda entrou na loja com pressa e caminhou até onde Zach estava, envolvendo-o com seu braço-tentáculo.

— Oi, Lexi. Obrigada por ficar de olho no Zach por mim. Digo, lá no baile.

Lexi nem conseguia sorrir, por mais que quisesse.

— Aceita um sorvete?

— Nem morta. Engorda — disse Amanda. — Vamos embora, Zach.

Ela foi em direção à porta. Zach ficou onde estava. *Dez horas*, ele disse, apenas movendo os lábios. *Por favor*.

O coração de Lexi continuou batendo acelerado até que ele seguiu a namorada e deixou a loja.

Às dez.

Ela seria uma idiota se pensasse que ele queria mesmo encontrá-la na praia. Ele namorava Amanda, a grudenta Post-it humana. Eram o casal mais popular da escola.

E Mia ficaria magoada se descobrisse. Uma coisa era um beijo no baile — algo até compreensível, comum. Mas isto — um encontro com ele, às escondidas — seria outra coisa. Uma mentira mais séria.

Lexi não podia ir. Não deveria ir.

Olhou para a Sra. Solter. *Não faça isso, Lexi*.

— Ah, Sra. Solter? Eu queria saber se poderia sair uns minutinhos mais cedo. Talvez umas nove e meia?

— Tudo bem, eu dou conta de fechar a loja — respondeu ela. — Tem um encontro romântico?

Lexi gostaria que a risada que soltou não demonstrasse tanto nervosismo.

— E quando foi que me viu ter algum encontro romântico?

— Esses garotos da sua escola devem ser cegos, é só o que eu digo.

Durante o restante do turno, Lexi se recusou a pensar na decisão que tinha tomado. Concentrou-se no trabalho e o fez da melhor maneira possível. Foi só mais tarde, ao sair da loja, que o nervosismo tomou conta dela.

Era uma burrice fazer isso, mas ela continuava andando.

A Avenida Central estava tranquila nesta noite fria de outono. A luz passava pelas janelas dos restaurantes, mas havia poucos clientes àquela hora.

Ela chegou ao mercado Island Center, muito iluminado, e continuou andando, além do terminal de balsas, além da imobiliária Windermere e do jardim de infância Pequeninos. Em menos de cinco minutos, estava fora da cidade. O céu parecia pintado de preto; a lua azulada reluzia sobre as copas das árvores imponentes. Nesta área não havia muitas residências, que eram sobretudo casas de veraneio dos habitantes de Seattle, por isso as luzes estavam apagadas.

Na entrada do parque da praia de LaRiviere, ela parou.

Ele não estaria lá.

Ainda assim, ela seguiu pela rua asfaltada e sinuosa até a faixa de areia. O luar se refletia na pilha de imensos troncos de madeira que o mar depositara na areia cinzenta.

Não havia carros no estacionamento.

É claro que não havia.

Ela andou pela areia. Os troncos empilhados — árvores inteiras, carregadas até a margem e todas emaranhadas — pareciam palitos de dente gigantes. Uma balsa iluminada se arrastava pelo estuário, lembrando uma lanterna chinesa contra as águas negras. Atrás dela, os contornos de Seattle eram uma faixa de luzes coloridas.

— Você veio.

Ela ouviu a voz de Zach e se voltou.

— Não vi seu carro — foi tudo o que pôde dizer.

— Está no fim do outro estacionamento.

Ele a pegou pela mão e a levou até onde tinha estendido um cobertor na areia.

— Pelo visto, você já trouxe algumas garotas aqui — disse ela, nervosa. Ela precisava se lembrar disso. O que era especial para ela era corriqueiro para ele.

Ele se sentou e a puxou delicadamente para junto dele. Ela imediatamente recolheu a mão, soltando-se. Não conseguia pensar direito quando ele a estava tocando e precisava pensar direito. Era o irmão de sua melhor amiga.

— Olhe para mim, Lexi. Por favor — disse ele, e ela não teve como resistir. Ele passou a mão em uma mecha de cabelos ondulados e a prendeu atrás da orelha dela. Foi o toque mais delicado que ela já sentira e lhe deu vontade de chorar. — Eu sei que a gente não deveria se encontrar. Mas você quer?

— Eu não devia — disse ela, em voz baixa.

Lexi fechou os olhos, incapaz de olhar para ele. Na escuridão, ela ouvia a respiração dele, a sentia contra os lábios, e só conseguia pensar em quantas vezes já se decepcionara. Lembrou-se de sua mãe drogada, que o tempo todo lhe dizia quanto a amava. Ela a apertava com tanta força que Lexi não conseguia respirar, mas de repente isso passava. A mãe se zangava, saía batendo a porta e esquecia que tinha uma filha. O único período em que Lexi se lembrava de ter sido feliz antes de chegar a Pine Island foi enquanto a mãe estivera na cadeia. Lexi ficara com uma família boa, os Rexler, que tentaram fazê-la se sentir em casa. Mas então a mãe voltara.

Em geral, Lexi tentava não se lembrar dos últimos dias passados com a mãe, constantemente drogada, revoltada e maldosa. Fora então que aprendera a verdade sobre o amor — quanto estava próximo do ódio e como podia exaurir uma pessoa.

— A amizade da Mia é tudo para mim — falou ela, finalmente olhando para ele. Percebeu que suas palavras o machucaram, e por

fim ela entendeu. Toda aquela hostilidade, o olhar que ele constantemente desviava, fora tudo encenação. — Você finge não gostar de mim por causa da Mia.

— Desde o início — disse ele, suspirando. — Eu queria chamar você para sair, mas vocês já eram amigas. Então eu me afastei... ou tentei. Mas eu nunca consegui de verdade. E aí, quando você tentou me beijar...

O coração de Lexi parecia prestes a alçar voo. Como era possível ela se sentir tão feliz e tão triste ao mesmo tempo?

— Não devíamos mais falar nisso. Vamos esquecer. Eu não posso perder a Mia ou a sua família. Não posso. Eu já sofri o suficiente, entende?

— Você acha que eu já não pensei nisso tudo?

— Zach, por favor...

— Eu não consigo mais parar, Lex. Há três anos que eu penso em você. Talvez se você não tivesse me beijado...

— Eu não devia.

— Mas beijou.

— Eu não tive escolha — disse ela baixinho. Era impossível mentir para Zach. E como não seria? Ela o amava desde o primeiro instante em que o vira. Ela começou a sorrir, mas pensou em seus dentes e mordeu o lábio.

— Eu adoro seu sorriso — falou ele, e se inclinou na direção dela. Ela viu a distância entre eles diminuir e sentiu seu hálito de hortelã.

O beijo começou devagar, levemente. Ela sentiu a língua dele tocar a sua e seu coração pareceu voar. Quando ele a abraçou, ela desistiu e se entregou. O beijo prosseguiu, cada vez mais longo e profundo, até que ela pensou que não suportaria o fim. Atrás deles,

as ondas rolavam sobre a areia, formando uma música. Sua música. O som do estuário de Puget.

O desejo surgiu de algum lugar muito fundo dentro dela, irradiando para fora, formigando, doendo. Ela começou a tremer tanto que ele se afastou e a olhou.

— Você está bem?

Não, ela queria dizer, *não estou bem*, mas, quando se viu refletida nos olhos dele, não teve forças. Ela o desejava com uma ferocidade que a assustava. Era perigoso querer qualquer coisa nesta vida — e o amor de Zach acima de tudo.

— Estou bem — mentiu. — Só estou com frio.

Ele a acolheu nos braços.

— Podemos vir aqui de novo amanhã à noite?

Eles estavam pegando a estrada errada. Ela precisava pisar o freio, dizer que não era uma boa eles se apaixonarem e esquecer tudo. Agora, enquanto ainda era capaz disso. Devia dizer que não, que ela não faria nada que comprometesse sua amizade com Mia. Mas, ao olhar para ele, não teve forças para rejeitá-lo. Ele fazia toda a dor cessar.

Isso é perigoso, Lexi, ela pensou. *Diga não. Pense na sua melhor amiga e no que realmente importa*. Mas, quando ele a beijou novamente, ela sussurrou:

— Está bem.

Seis



Jude estava sentada na cama com o marido, apenas parcialmente atenta ao jornal da noite. Um edredom de penas, caro, forrado com uma capa feita sob medida, flutuava em torno dos dois como uma nuvem. Nos últimos dias — desde o baile, aliás — seu radar de mãe estivera emitindo um forte sinal. Havia algo errado com Zach, mas ela não sabia o quê. Nada a perturbava mais que ficar por fora da vida dos filhos.

— O Zach terminou com a Amanda — disse, finalmente.

— A-hã — respondeu Miles.

Ela olhou para ele. Como era possível que, não importando o tamanho do drama que ocorresse na casa, ele nunca parecesse se preocupar? Ele a acusava de ser uma mãe superprotetora, puro ruído e movimento, como um carro de polícia que acompanhasse sempre de perto os filhos. Se isso fosse verdade, então ele seria um satélite, posicionado tão distante no céu que seria preciso um telescópio de alto alcance para que ele visse o que se passava na própria casa. Talvez fosse a sua formação em medicina, que lhe ensinara a suprimir as emoções bem demais.

— Isso é tudo o que tem a dizer?

— Na verdade, eu poderia dizer até menos. É quase rotina.

— A Molly disse que o Bryson disse que o Zach estava estranho no treino de futebol americano. Acho que ele não está

lidando tão bem quanto parece com o fim do namoro. Você deveria conversar com ele.

— Eu sou homem. Ele é um garoto. Conversar não é nosso melhor esporte. — Miles sorriu para ela. — Vá em frente.

— Como assim?

— Você está doida para perguntar a ele o que está havendo. Não consegue se conter. Então vá. Ouça o que ele tem a falar e acredite quando disser que a Amanda não importa. Ele tem 17 anos. Quando eu tinha 17...

— Seu passado de garanhão não me deixa mais aliviada. — Ela lhe deu um beijo no rosto e passou por cima dele para sair da cama. — Não vou demorar.

— Acredite em mim. Eu sei.

Sorrindo, Jude saiu do quarto.

O segundo andar estava com as luzes todas acesas. Como sempre, nenhum de seus filhos inteligentes dominara a complexa coordenação necessária para desligar um interruptor. Ela parou ao lado da porta de Mia e escutou. Percebeu que a filha estava ao telefone, sem dúvida conversando com Lexi ou com Tyler.

Foi para o quarto de Zach. Parou diante da porta fechada. Ela *não* o afligia com perguntas nem o cobria de conselhos. Desta vez, ela só ouviria.

Bateu à porta e não teve resposta. Batendo novamente, ela se anunciou e entrou.

Ele estava na cadeira de jogo, segurando o joystick preto como se fosse um piloto de caça — e era mesmo, na tela.

— Oi — disse ela, indo até perto dele. — O que está fazendo?

— Tentando passar esta fase.

Ela se sentou no tapete preto de retalhos ao lado dele. O quarto fora decorado por um profissional e refeito por Zach ao longo dos anos. O caro papel de parede cor chocolate estava coberto de pôsteres de filmes. As prateleiras eram um mostruário arqueológico de sua infância: um cemitério de bonecos, uma pilha emaranhada de dinossauros de plástico, torres de caixas de jogos de videogame, uma edição amarfanhada do Capitão Cueca e os volumes do Harry Potter publicados até então.

Ela queria dizer *Podemos conversar?*, mas, para um adolescente (ou quase qualquer homem adulto), seria como dizer: *Posso arrancar seu fígado?*

— Vou adivinhar — disse Zach. — Você acha que eu estou usando drogas? Ou grafitando muros? Talvez tenha medo de que eu seja uma menina presa no corpo de um cara.

Ela acabou rindo disso.

— Sou tão incompreendida...

— Você se preocupa com tudo quanto é merda. Coisa, quero dizer.

— Você quer falar sobre a Amanda? Ou sobre o que está sentindo? Eu já tive algumas decepções amorosas. No ensino médio, o Keith Corcoran me deixou arrasada.

Ele largou o joystick e olhou para ela.

— Como você descobriu que amava o papai?

Jude ficou agradavelmente surpresa com a pergunta. Geralmente precisava arrancar esse tipo de diálogo do filho. Mas talvez ele estivesse crescendo, ou talvez estivesse realmente sentido por causa de Amanda.

Ela poderia dizer muitas coisas, partilhar muitas lembranças. Se estivesse conversando com Mia, faria isso. Mas este era o Zach. Ela não queria arruinar este momento por falar demais.

— Eu soube na primeira vez em que o vi. Sei que parece loucura, mas é verdade. Quando ele disse que me amava, eu acreditei, e não tinha acreditado em mais ninguém que dissesse isso, além do meu pai. Até o Miles... e vocês, eu tinha medo de ser igual à minha mãe. Acho que o seu pai me fez lembrar do que era sentir amor e, quando ele me beijou pela primeira vez, eu chorei. Na época eu não soube por quê, mas hoje eu sei. Aquilo era amor e eu fiquei apavorada. Eu percebi que nunca voltaria a ser como antes. — Ela sorriu para o filho, que, incrivelmente, absorvia cada palavra. — Um dia você vai encontrar a garota certa, Zach. Prometo. Você vai ser adulto e ela vai ser uma mulher, e, quando a beijar, você vai perceber que o seu coração é dela.

— E ela vai chorar.

— Com um pouco de sorte, vai.

Nas duas semanas seguintes, Lexi aprendeu a guardar segredos. Quando estava com Zach, seu amor por ele era avassalador, uma onda que a arrebatava de tal forma que o mundo parecia parar de girar. Depois, quando estava com Mia, a culpa a acertava quase com a mesma intensidade. Mia sabia que estava acontecendo alguma coisa com Zach, mas jamais lhe ocorreria pensar que Lexi tivesse a resposta.

Essa traição da confiança era a pior parte. Mais de uma vez, Lexi quase despejara toda a verdade, desesperada para ser absolvida, mas não o fizera, não abriu seu coração para a melhor amiga. E por que não?

Amor. Ela não se sentia capaz de negar nada a Zach e ele não estava pronto para contar a verdade à irmã. Lexi não entendia muito bem por quê. Sabia apenas que Zach tinha medo de contar à Mia e, se Zach sentia medo, Lexi sentia ainda mais.

Toda noite, ele pegava Lexi no trabalho e a levava à praia “deles”. Ali, se deitavam no cobertor de lã azul e ficavam conversando. Lexi lhe contava sobre sua infância, como fora a vida com a mãe, a sensação de ser esquecida e abandonada; Zach ouvia atentamente, segurando sua mão, e lhe dizia que ela era a pessoa mais forte que ele conhecia. Ele falava de seus sonhos com a faculdade de medicina e as expectativas de sucesso que às vezes o aterrorizavam.

As estrelas se tornaram parte de seu universo particular. Zach mostrava as constelações e contava histórias ligadas a cada uma delas — lendas de deuses e monstros, amor e tragédia. Sua voz na escuridão fria se convertera no porto seguro que ela não havia conhecido. Em seus braços, Lexi descobriu a paz. Viu uma faceta de Zach que jamais imaginara existir. Ele tinha sentimentos tão intensos que às vezes sentia medo das próprias emoções e temia decepcionar os pais. Essas inseguranças surpreendentes só fizeram com que ela o amasse ainda mais.

Esta noite, eles estavam juntos, observando o gigantesco universo. Ele a abraçou e rolou sobre ela, cobrindo-a com seu corpo. Ela lhe deu um beijo profundo, derramando nele todo o seu coração, como se de alguma forma pudesse fundir suas almas com a força do amor. Quando ele deslizou a mão pelas costas dela, por dentro da blusa, ela deixou. Era uma delícia ser tocada daquele jeito.

Ele abriu o sutiã dela. Ela sentiu os bojos macios saírem do lugar, e então a mão de Zach em seus seios.

Ela se arrastou de lado, saindo de baixo dele. Com a respiração pesada e desejando dolorosamente seu toque, ela ficou deitada, quieta.

— Lex? Fiz algo de errado?

Ela se virou para ele. À luz do luar, ele ficava tão lindo que ela mal conseguia respirar de tanto desejo. Mas ela vira a mãe entregar o corpo tantas vezes que não suportaria descuidar do seu. Sentou-se de joelhos, com a cabeça inclinada para a frente. Era isto que o amor fazia com uma pessoa? A retorcia e esvaziava até restar apenas a necessidade? Se fosse assim, como ela sobreviveria?

— O que você está fazendo comigo, Zach?

— Como assim?

Lexi juntou forças. Se aprendera uma coisa com a mãe, era que da escuridão não sai nada de bom.

— Eu não quero ser seu segredo, Zach. Se você tem vergonha de mim...

— Vergonha? É isso que você pensa?

— Você não quer contar à Mia sobre a gente... nem à sua família.

Ele balançou a cabeça.

— Ah, Lex... Eu amo você. Você não sabe disso?

— Ama?

Ele suspirou, e algo nesse som a lembrou de como ela era problemática, da certeza que tinha de que ninguém a amaria.

— Você não imagina o que é ser gêmeo. Eu amo a Mia, mas quero que você seja minha. E a minha mãe mergulha na minha vida como se ela fosse uma piscina. Dona Jude vai ter o que falar sobre a gente, pode escrever.

— Eu também amo você, Zach. Amo tanto que nem acredito. Mas eu não posso ser só sua. A Mia é minha melhor amiga. Temos que contar a ela. E os seus pais também são importantes para mim. Eu preciso que eles gostem de mim.

— Eu sei. Mas não quero magoar a Mia. Se ela pensar que eu roubei você...

— Eu posso pertencer a vocês dois — disse Lexi, com solenidade. — Já é assim.

Ele a beijou mais uma vez e segurou sua mão, ajudando-a a ficar de pé. No silêncio que subitamente pareceu um presságio, eles recolheram o cobertor e ficaram de pé sob as estrelas, se olhando. O fardo dessa decisão se tornou insuportavelmente pesado, e Lexi quase quis voltar atrás e dizer “Vamos continuar em segredo só mais um pouco”. E se por isso ela o perdesse? Ela não iria se enganar. Era uma possibilidade. Se Zach tivesse que escolher entre Lexi e a família, não hesitaria. Ele sempre escolheria Mia, que fazia parte dele tanto quanto o verde dos seus olhos. O vínculo entre os gêmeos era profundo. No ano passado, Zach se machucara no campo de futebol e Mia soubera instantaneamente, pois sentira a dor do irmão.

— Amanhã — disse ele.

— E se...

— Não diga nada. Ela vai entender. Precisa entender.

No dia seguinte, aula após aula, enquanto Lexi fingia prestar atenção ao blá-blá-blá dos professores, ela só conseguia pensar em contar a verdade a Mia. Imaginou a conversa inúmeras vezes, polindo cada palavra de arrependimento como se fosse ágata. Ainda assim, quando o último sinal soou, ela sentiu um ímpeto de simplesmente fugir.

E se Mia não perdoasse sua mentira? Lexi poderia perder o que tinha de mais importante.

Se ao menos ela tivesse feito a coisa certa desde o início e dito a verdade... Mais que qualquer outra pessoa, ela sabia que deveria ter sido assim. Crescera cercada de mentiras e conhecia bem o sabor amargo que deixavam na boca.

Depois da aula, ela se uniu à multidão de jovens no corredor. Dos dois lados, os armários metálicos se abriam e fechavam; os estudantes riam, falavam, se empurravam. Mia a encontrou e foram até o mastro da bandeira.

Zach chegou, parou ao lado de Lexi e passou um braço sobre seu ombro como se não significasse nada, mas o toque fez com que todo o corpo dela despertasse. Ela sentia cada movimento dele; as respirações, o cabelo que caía sobre seus olhos, o dedo encostado na parte superior do braço dela.

Ela se afastou. Era para ser um movimento casual, mas ela exagerou e esbarrou em Mia.

— Ei! — disse Mia, rindo. — Não sabe mais andar?

Lexi olhou para a melhor amiga.

— Preciso falar com você. — Não ousou se virar para Zach, mas sentia o olhar dele, queimando-a. — Em particular.

— Eu também — disse Zach.

Mia encolheu os ombros. Não demonstrava o menor sinal de preocupação. E por que se preocuparia? Ela confiava nos dois mais que em qualquer outra pessoa no mundo. Mia os conduziu até um gramado perto do edifício da secretaria, não longe da árvore sob a qual ela e Lexi tinham se conhecido naquele primeiro dia de aula.

— Certo — disse Mia. — O que é?

Lexi não conseguiu falar. De repente se sentiu exposta, uma mentirosa. Era agora que perderia a melhor amiga. E talvez o garoto que amava.

Zach estendeu a mão e segurou a mão de Lexi.

— Queremos lhe contar que nós estamos juntos.

— Dã. Estou vendo. — Mia olhou na direção dos ônibus. — Alguém viu o Ty?

— Estamos *juntos* — repetiu Zach.

Mia se voltou lentamente e olhou para eles, agora franzindo o cenho.

— Juntos? Quer dizer, namorando? Vocês dois?

Lexi assentiu. Mia ficou pálida.

— Desde quando?

— Ela quase me beijou depois da festa na casa dos Eisner — disse Zach.

— Mas isso foi há semanas — disse Mia. — A Lexi teria me contado. Não é, Lex? Você sempre me conta tudo.

— Tudo menos isso — admitiu Lexi. — Eu nunca imaginei que isso fosse acontecer. Conheci o Zach no primeiro dia de aula, até mesmo antes de conhecer você, e pensei... Não, não era isso que eu queria dizer. Acontece que eu sempre gostei dele, mas nunca pensei que ele também fosse gostar de mim. Até porque ele é o Zach e eu sou... eu. Eu só não contei porque não queria que você pensasse que eu era... uma dessas garotas que usam você para chegar até ele. Como a Haley. Não é assim.

— Não é? — perguntou Mia, com a boca tremendo. — E por que não é?

— Eu amo a Lexi, Mimi — disse Zach. — E nós amamos você.

— A-amam? Quer dizer que, este tempo todo, vocês estiveram juntos pelas minhas costas? Eu fiquei perguntando para o Zach qual era o problema dele e ele dizia que não era nada. Nenhum de vocês me disse nada. Estavam o tempo todo rindo da minha cara? — questionou Mia, chocada.

— Não — respondeu Zach. — Poxa, você conhece a gente. Não faríamos isso.

— Conheço, é? São dois mentirosos!

Os olhos de Mia se encheram de lágrimas. Ela deu meia-volta e correu até a fileira de ônibus escolares, subindo segundos antes de a porta se fechar.

Lexi viu Mia no ônibus, olhando para eles pela janela turva, as lágrimas correndo pelo rosto pálido, a mão apoiada sobre o vidro.

Zach passou o braço ao redor dela.

— Tudo bem, Lex. Ela vai aceitar. Eu prometo.

— E se não aceitar? — murmurou Lexi. — E se ela nunca me perdoar?

Lexi passou as horas seguintes sentada sozinha no quarto, imaginando um futuro sem a amizade de Mia.

Sim, ela amava Zach. De corpo e alma. Mas não amava menos a Mia. Era uma emoção diferente, mais arredondada, leve e confortável, e talvez também fosse mais sólida e confiável. Tudo o que sabia era que ela não podia trocar um pelo outro. Seria como ter de escolher entre ar para respirar e água para beber. Ela precisava dos dois para viver.

Ela não devia ter guardado o segredo. Tinha de ter feito a coisa certa desde o começo — se tivesse, nada disto estaria acontecendo. Era uma verdade que ela devia ter aprendido quando criança:

sempre fazer a coisa certa, e logo. Mas não, ela tinha feito a coisa errada e magoado a melhor amiga.

Ela sabia o que precisava fazer. Saiu do quarto pequeno e organizado, cruzou o corredor estreito e foi até a sala. Eva estava sentada no sofá, assistindo à TV.

— Posso ir até a casa da Mia? — perguntou Lexi.

— A esta hora? No meio da semana?

— É importante — disse Lexi. Ela não saberia o que fazer se a tia dissesse que não.

Eva olhou para ela.

— Tem alguma relação com aquele menino?

Lexi assentiu.

— Você vai consertar a situação?

Lexi assentiu novamente, percebendo, envergonhada, que Eva sempre soube o que estivera acontecendo.

— Preciso contar a verdade a Mia.

— A verdade é sempre boa. — Eva largou o controle remoto. O sorriso ressaltou as rugas em seu rosto cansado. — Você é uma boa menina, Lexi.

Lexi se sentiu péssima ao ouvir isso. Ultimamente, não vinha sendo uma boa menina. Engoliu em seco, deu um sorriso breve, quase desesperado, e saiu da casa.

Pouco tempo depois, o ônibus intermunicipal a deixava na Estrada da Noite. Ela caminhou algumas dezenas de metros até a casa dos Farraday, que estava toda iluminada na escura noite de outono. Atravessou o impecável jardim da frente e foi até a porta. Hesitou um momento e então tocou a campainha.

Passaram-se longos minutos até que Zach finalmente abrisse a porta.

— Lex — disse ele, parecendo preocupado. — Ela não quer falar comigo.

— Seus pais estão aqui?

Ele sacudiu a cabeça.

— Ela está lá em cima.

Lexi assentiu e passou por ele, subindo a escada. Ao chegar ao quarto de Mia, não bateu. Apenas abriu a porta e entrou. Mia estava ao lado do grande espelho oval. Mesmo à meia-luz, Lexi percebeu quanto tinha magoado a amiga.

— Mia — disse Lexi, indo na direção da amiga. Sentiu Zach entrar no quarto também.

— Eu confiei em você — disse Mia, com o queixo trêmulo.

Lexi teria preferido raiva, gritos... Qualquer coisa seria melhor que a dor silenciosa de Mia.

— Mia, você é a melhor amiga que eu já tive. Eu amo você como a uma irmã, e sinto muito por ter magoado você.

— Você me magoou. Vocês dois.

— Eu sei. Mas quero que saiba quanto você é importante para mim. Ninguém nunca foi tão importante como você é. Acredite em mim. Se você quiser que eu termine com ele, eu...

— Não diga isso — disse Zach, se aproximando.

Lexi o ignorou e manteve o olhar fixo em Mia.

— Eu termino com ele, juro. Mas não posso deixar de amá-lo. É impossível. Eu devia ter lhe contado isso há muito tempo.

Mia enxugou os olhos.

— Vocês sempre se olharam de um jeito um pouco estranho. Eu pensei que estivesse sendo paranoica... por causa da Haley. — Mia deu um suspiro profundo. — Eu sei o que sinto pelo Tyler. Se for assim também...

— É — disse Lexi, solenemente.

— Promete que não vai me trocar por ele? — disse Mia.

Essa promessa seria fácil de manter. Lexi soltou a mão de Zach e caminhou até Mia.

— Prometo. E nunca mais vou esconder nada de você. Juro.

— E, se ele terminar com você — disse Mia, séria —, vai continuar sendo minha melhor amiga? Porque aí você vai precisar de mim.

— Eu sempre vou precisar de você — disse Lexi. — Eu morreria se não pudesse vir aqui. De verdade. Não importa o que aconteça entre mim e o Zach, nós duas sempre vamos ser melhores amigas. — Ela se aproximou mais. — Diga que, para você, está tudo bem, Mia. Por favor.

Mia soluçou. Lexi queria que a amiga sorrisse, mas talvez fosse pedir demais.

— Estou com medo — disse Mia.

— Eu sei — retrucou Lexi. — E eu sei que parece loucura, mas confie em mim.

— Em nós — complementou Zach.

— Eu quero que vocês sejam felizes — disse Mia, finalmente.
— Senão, que espécie de pessoa eu seria? Eu amo vocês dois.

— E nós amamos você — disse Lexi.

E era verdade; ela amava Mia profundamente. E a amiga era uma leoa, como toda essa situação comprovava. Mia estava magoada — as duas pessoas em quem mais confiava tinham mentido para ela — mas, ainda assim, ela estava ali, tentando sorrir e desejando a felicidade dos dois.

— Vamos ser nós três na formatura — disse Zach, obviamente aliviado. — Não vai ser o máximo?

— Eu não comemoraria ainda — disse Mia, olhando para o irmão. — Amanhã vamos ter de contar à mamãe.

— Ela não vai se importar, vai? — perguntou Lexi, preocupada. — Digo, ela gosta de mim.

Por fim, Mia riu:

— Está brincando? A nossa mãe se importa com tudo!

Na noite seguinte, a reunião da Comissão do Último Ano Escolar começou às seis horas. A maioria dos pais da ilha estava presente.

— Todos nós sabemos que Pine Island é especial — disse o policial Roy Avery de seu lugar à mesa da diretoria. — Conheço muitos dos formandos deste ano. Meu filho mais novo se formou há dois anos e eu acompanhei esta turma dos treinos infantojuvenis até os campeonatos entre colégios. Sei como vocês os protegem com cintos de segurança, capacetes e airbags. Alguns de vocês devem pensar que o maior risco que eles enfrentam agora é o de não serem aceitos em alguma faculdade, mas há um novo perigo, que alguns de vocês já conhecem muito bem, mas outros não. São as festas. Vocês podem pensar que seus filhos estão a salvo na ilha, longe dos perigos das cidades grandes. Mas o perigo está aqui também. Está em toda casa vazia e em cada praia deserta. Está nas garrafas de cerveja e rum. Todo ano, nesta mesma época, a turma do último ano começa a se sentir ousada e onipotente. Então, fiquem de olho nos seus filhos. Não se deixem enganar. Expliquem muito bem a eles quanto as festas podem ser -perigosas.

Enquanto as pessoas faziam perguntas, Jude passou os olhos pelos rostos conhecidos. Ela fizera rodízio com muitas dessas mulheres. Juntas, ao longo dos anos, haviam congelado enquanto

assistiam a jogos de futebol, decorado ginásios para festas, acompanhado as turmas. E agora havia um novo inimigo: o álcool. Ela não tinha dúvida de que a patrulha materna uniria forças novamente e ficaria alerta contra problemas em potencial.

Quando o policial Avery se sentou, Jude ficou de pé.

— Obrigada, policial Avery, pelos alertas importantes. E agradeço à Ann Morford as informações sobre o processo de inscrição nas faculdades. Com certeza, todas nós vamos bater à sua porta com mais perguntas um pouco antes do término dos prazos. Como quase todos sabem, Pine Island se esforça para evitar que os formandos dirijam depois de beber. Com essa finalidade, planejamos uma noite cheia de diversão para esta turma. Logo após a cerimônia de formatura, eles vão para um ônibus e voltam para casa às seis da manhã do dia seguinte. As comemorações este ano estão ótimas...

Nos minutos seguintes, Jude explicou os planos elaborados por ela e por seu comitê. Como em Pine Island todos têm opinião, ela passou mais dez minutos respondendo às perguntas feitas e então passou uma folha para que as pessoas se candidatassem a ser acompanhantes. Depois, encontrou a melhor amiga, Molly, e saíram juntas do ginásio em meio ao numeroso grupo de pais. Como sempre, Molly estava elegante sem fazer esforço algum — jeans de cintura baixa, uma camisa branca justa, de corte masculino, e um colar de cobre martelado e turquesa. O cabelo, este ano bastante curto e louro claro, contrastava com os olhos escuros e o sorriso sempre aberto. Ela e Jude eram amigas havia uma década. O filho de Molly, Bryson, tinha a mesma idade dos gêmeos, então Molly e Jude se encontravam constantemente — apresentações da turma, excursões, festas de aniversário. Eram amigas desde que se

conheceram e Jude pensava que não teria sobrevivido aos anos difíceis do ensino médio sem Molly e suas margaritas de quinta-feira.

Elas caminharam na noite fria. Jude estava a ponto de dizer algo para Molly quando ouviu:

— A festa vai ser ótima.

Jude se virou e viu Julie Williams atrás dela.

— Oi, Julie.

— Espero que o Zach esteja melhor — disse Julie, abotoando o casaco.

Jude vasculhou a bolsa bagunçada, em busca da chave do carro.

— Como assim?

— O Marsh disse que ele torceu o tornozelo. Não foi ao treino quase a semana toda.

Jude parou e a olhou.

— O Zach não foi ao treino de futebol? Por causa do tornozelo?

— Xi... — resmungou Molly em voz baixa.

— A semana toda — repetiu Julie.

— Acho que ele já está melhor — disse Jude, em voz pausada.
— Aliás, tenho certeza disso. Diga ao técnico que ele vai treinar amanhã.

— O Marsh vai ficar feliz em saber — falou Julie. — E eu me candidatei a acompanhante na festa de formatura. Avise se precisar de mim para mais alguma coisa.

Jude assentiu, distraída. Na verdade, nem estava ouvindo. Segurando a chave com força, caminhou a passos firmes por entre o grupo de pessoas, quase sem fazer contato visual com elas. Quando chegou ao carro, Molly parou ao seu lado.

— Imagino que ele não tenha torcido o tornozelo.

— Mentiroso duma figa! — irritou-se Jude. — Todos os dias ele tem chegado depois do treino, bem na hora. Com o cabelo molhado e tudo.

— E o que ele anda fazendo? — perguntou Molly.

— É o que eu quero saber — Jude deu um sorriso forçado. — Almoço amanhã?

— Claro. Quero saber da fofoca.

Jude assentiu e entrou no carro. Foi falando sozinha durante todo o trajeto até a casa, ensaiando a conversa que teria com Zach.

Assim que chegou, ligou para o número de celular de Zach. Ninguém atendeu, então ela deixou um recado. E começou a andar de um lado para o outro. Ela deveria ter mandado que os filhos viessem jantar em casa.

Àquela hora da noite, quase não se via nada lá fora. O céu escuro havia descido sobre a massa de água negra. Apenas algumas luzes reluziam aqui e ali, na margem oposta. No resplendor alaranjado da luz da varanda, Jude viu uma versão fantasmagórica de si própria no vidro.

Estava ali, batendo o pé no chão e observando seu reflexo, quando os gêmeos entraram pela porta da frente como se fossem assaltantes: eles se empurravam e falavam um mais alto que o outro.

— Zachary, preciso falar com você — disse Jude.

Os dois frearam bruscamente e a olharam ao mesmo tempo.

— Hã? — disse Zach, demonstrando toda a sua eloquência expressiva.

Jude apontou para o sofá da sala.

— Agora.

Zach caminhou lentamente e deixou o corpo escorregar como mel sobre o sofá apinhado de almofadas.

— O que foi?

Seu olhar foi se estreitando e ele cruzou os braços. Uma mecha de cabelos louros escondeu um olho verde.

Mia se jogou ao lado dele.

— Você pode ir, Mia — disse Jude, com uma voz que não admitia contradições.

— Mãe, por favor...

— Saia — repetiu Jude.

Com um suspiro melodramático, Mia se levantou e saiu batendo os pés. Jude sabia que ela não iria longe, que provavelmente ficaria escutando do hall.

Jude se sentou em uma cadeira, de frente para Zach.

— O que você tem a me dizer, Zachary?

— Como assim? — perguntou ele, sem olhar a mãe nos olhos. — Fomos jantar no Pizza Factory. Você tinha reunião e disse que podíamos comer fora. Nem está tarde.

— Não estou falando do jantar de hoje. Você tem algo para me contar e nós dois sabemos o que é — disse Jude, ríspida.

— Você está falando do futebol — falou Zach, em um tom ao mesmo tempo inseguro e defensivo. — O técnico ligou para você.

— Em uma ilha deste tamanho? Você acha que eu preciso disso para saber das coisas? Acha mesmo, Zach? E se o técnico tivesse me ligado, o que ele teria dito?

— Que eu não vou ao treino faz cinco dias.

— Ouvi dizer que você se machucou. Que engraçado, não vi você mancar!

Os ombros caídos de Zach foram a resposta.

— Você mentiu.

— Tecnicamente, eu não falei...

— Não comece, Zach. Não vai fazer diferença. Por que você não foi ao treino?

Mia voltou para a sala e se sentou ao lado do irmão. Segurou a mão dele.

— Conte — disse ela baixinho. — Nós íamos contar assim que voltássemos para casa, mãe. De verdade.

Jude cruzou os braços e apoiou as costas na cadeira, aguardando. Pedir que a filha saísse não iria adiantar; Jude nem deveria ter tentado.

— Pois não, Zach. Me esclareça.

— Eu tenho me encontrado com a Lexi.

— O que quer dizer? — perguntou Jude.

— Eu estou apaixonado por ela — respondeu ele.

Apixonado. Lexi.

De todas as desculpas que ela imaginara, essa nem entrara na lista. Zach estava apaixonado pela melhor amiga da irmã.

Jude olhou para Mia, que não estava rindo, mas também não parecia brava.

— Mia?

— Está tudo bem, *madre* — disse ela.

Jude não sabia ao certo o que dizer, e ali estavam seus dois filhos idênticos, tão semelhantes que pareciam respirar ao mesmo tempo, apoiados um no outro, com um olhar ao mesmo tempo preocupado e desafiador, esperando para ver a reação da mãe. Eles haviam ocultado isso dela, o que doía um pouco.

— Há quanto tempo?

— Duas ou três semanas — disse Zach.

Mia se retraiu ligeiramente e Jude percebeu que ela ficara magoada, ao menos um pouco.

Jude expirou. Isso poderia acabar em desastre. O que aconteceria se — ou melhor, quando — Zach terminasse com Lexi? E se Lexi deixasse de andar com eles? Mia ficaria arrasada.

Escolheu as palavras com cuidado.

— Zach, é óbvio que eu não vou lhe dizer quem você deve ou não namorar. Mas a Lexi é importante para todos nós. Não se esqueça de que ela era a melhor amiga da Mia antes de vocês começarem a namorar e que continuará sendo amiga dela depois que terminarem. E nós não temos segredos nesta família. Você sabe disso. Combinado?

— Combinado — disse ele, sorrindo. Como sempre, ele esperava se sair bem.

— E quanto aos treinos, a partir de agora você vai estar lá pontualmente. E vai ficar sem carro na próxima semana. Não gosto de mentiras.

O sorriso de Zach se desfez.

— Isso é jogo sujo.

— Mentir também é — retrucou Jude.

As luzes de um carro atravessaram a janela da sala, iluminando momentaneamente Zach e Mia.

A porta da frente se abriu e Miles entrou, com um casaco sobre o ombro e um livro debaixo do braço. Ele passou pela lareira e deparou com eles, ali parados, em silêncio. Notou que havia algum problema e franziu a testa.

— O que houve?

— Nada — disse Zach. Olhou para Mia e fez um aceno com a cabeça. Os dois subiram a escada correndo e desapareceram.

— Que foi isso? — perguntou Miles, jogando o casaco esportivo sobre o sofá.

Foi até o elegante bar espelhado no canto da sala e, momentos depois, ofereceu a Jude uma taça de vinho branco.

— O Zach está namorando — disse Jude, grata pelo vinho.

— De novo? — disse Miles. — Que rapidez!

— É a Lexi.

Miles pensou por um momento.

— Bom... Tudo bem.

— Não. Tudo bem, nada. Ele esteve matando os treinos.

Miles se sentou ao lado da esposa.

— Com certeza você já deu um sermão daqueles e amanhã ele vai entrar na linha de novo.

— Mas por que saiu da linha? O Zach namora uma garota diferente todo mês desde o primeiro ano. Pelo que sei, ele nunca deixou de fazer nada para estar com uma namorada. A Lexi deve ser especial. Aliás, ele usou a palavra *apaixonado*.

— Hum...

Ela mordeu o lábio, preocupada.

— Estou pressentindo problemas, Miles. A Lexi é praticamente da família. E o ciúme pode ser brutal. Lembra como eles brigavam pelo boneco do Capitão Gancho?

— O boneco do Capitão Gancho. Você só pode estar brincando.

Ela o encarou.

— É uma situação delicada. Muita coisa pode dar errado.

Ele sorriu de um jeito um tanto indulgente.

— É isso que eu amo em você, Jude.

— O quê?

— Você consegue ver o lado negativo de *tudo* — provocou ele.

— Mas...

— Eles mal começaram a namorar. Que tal esperar um pouco antes de acender as luzes de emergência e ligar a sirene?

Jude acabou sorrindo. Sabia que ele tinha razão, que ela estava exagerando. Mas esse relacionamento envolvia muitos riscos. Poderia acabar em corações partidos. Ainda assim, não havia nada que ela pudesse fazer agora. Foi até o marido, o abraçou e olhou para ele.

— Você não ajuda em nada.

Sete



Na manhã seguinte, quando Jude acordou, o dia estava frio, mas sur-preendentemente ensolarado. Enquanto Miles tomava banho e se vestia para ir trabalhar, ela ficou de pé ao lado da janela, tomando café, tentando imaginar como melhorar as cercas vivas do jardim. As linhas não estavam tão precisas e ela não se sentia muito satisfeita com a iluminação. Pena que não pensara nisso antes. Agora era outono, período de chuvas, e para fazer jardinagem seria preciso usar máscara e *snorkel*.

Miles se aproximou por trás, pegou a xícara e tomou um gole do café, devolvendo-a em seguida.

— Deixe-me adivinhar: você não gostou das rosas que plantou na semana passada, azaleias ficariam melhor.

Ela se apoiou nele.

— Você está caçoando de mim.

— De modo algum. O que vai fazer hoje?

— Almoçar com a minha mãe.

Ele se inclinou e a beijou no rosto.

— Não deixe que ela abuse de você.

— Pois é. Preciso ter paciência.

Ela sorriu para ele e foi até o banheiro para uma chuveirada. Depois deu um beijo de despedida em Miles e começou seu dia.

Apressou os filhos para tomarem café, limpou a cozinha quando terminaram e os despachou para a escola com abraços e beijos.

Saiu uma hora depois deles. Deixou roupas do marido na lavanderia, pegou uns documentos com o consultor que contratara para ajudar com as faculdades, foi à manicure, devolveu filmes que haviam alugado e passou pelo mercado para encomendar um peru caipira, orgânico e fresco, para o Dia de Ação de Graças.

Após todo esse itinerário, chegou ao terminal de balsas apenas segundos antes da partida, entrando logo com o carro no barco. Cruzar o canal levou menos de quarenta minutos. No centro de Seattle, encontrou uma vaga a poucos quarteirões da galeria, estacionando às 12h06. Apenas poucos minutos de atraso.

Na calçada em frente ao edifício, endireitou o corpo, enrijeceu a coluna e elevou o queixo, como um pugilista prestes a enfrentar um adversário maior. Vestindo calça de lã castanha e uma blusa creme de caxemira e gola alta, sabia que estava elegante... mas seria satisfatório aos olhos críticos da mãe?

Jude suspirou. Era ridículo se preocupar tanto por causa da mãe. Era óbvio que Caroline não se importava com a opinião dela. Acomodou a bolsa no ombro e foi em direção à galeria. Na parede externa, um cartaz discreto lhe dava as boas-vindas à JACE.

Entrou. Era um espaço amplo, com paredes de tijolos e grandes janelas separadas por mainéis. Lindos quadros dispostos um ao lado do outro estavam iluminados com precisão. Como sempre, as obras transmitiam uma tristeza que angustiava Jude. Tudo era em tons de verde, marrom e cinza.

— Judith — disse a mãe enquanto se aproximava. Usava uma calça preta fina e uma blusa de seda rosada. Um lindo colar de

pedras contrastava com os olhos verdes. — Estou esperando por você há alguns minutos.

— É o trânsito.

— É claro. — O sorriso da mãe era seco e rígido. — Pensei em almoçarmos ao ar livre. O tempo está especialmente adorável.

Sem aguardar uma resposta, conduziu Jude pela galeria e subiu até a cobertura, que tinha vista para o viaduto costeiro Alaskan Way. De lá, a vista da baía de Elliott e de Pine Island resplandecia à luz pálida do outono. Havia grandes pinheiros esculpidos em enormes vasos de terracota. Uma mesa estava posta com pratarias e cristais. Tudo perfeito, como de costume. *Adorável*, como a mãe diria.

Jude se sentou, aproximando-se bem da mesa. A mãe serviu duas taças de vinho e se sentou de frente para Jude.

— E então — disse, levantando uma cobertura de prata e servindo salada *niçoise*. — O que tem feito ultimamente?

— As crianças estão no último ano. Isso me mantém muito ocupada.

— É claro. E o que vai fazer quando elas forem para a faculdade?

A pergunta a desconcertou.

— Descobri um curso de paisagismo que parece interessante — respondeu, detectando, com raiva, o tom apático de sua voz. Nos últimos dias, ela começara a se perguntar exatamente isso: o que ela faria quando as crianças saíssem de casa?

Caroline olhou para ela.

— Você consideraria a possibilidade de administrar a JACE?

— O quê?

— A galeria. Estou ficando velha. A maioria dos meus amigos se aposentou há muito tempo. Você leva jeito para identificar talentos.

— Mas... a galeria é a sua vida.

— É? — A mãe tomou um gole de vinho. — Pode ser. E por que não poderia ser a sua também?

Jude ponderou. Ela vira a mãe dedicar anos a essa galeria, abdicando de tudo mais na vida. Até deixara de pintar. Nada importava mais para ela que os artistas que escolhia e suas obras. Era uma existência vazia. E havia um problema mais real: a mãe nunca iria se aposentar de verdade e a ideia de trabalharem juntas era pavorosa. Havia mais de trinta anos que não tinham uma conversa sincera.

— Acho que não.

A mãe pousou a taça na mesa.

— Posso saber por que não?

— Acredito que não nos daríamos bem trabalhando juntas. E, sem dúvida, não acredito que você vá se aposentar, mãe. O que iria fazer?

A mãe desviou o olhar, observando a baía, onde havia um veleiro atracado na marina.

— Não sei.

Pela primeira vez em anos, Jude sentiu uma espécie de empatia pela mãe. Ambas estavam enfrentando mudanças na vida, consequências naturais da idade. A diferença entre elas era que Jude estava rodeada de pessoas que a amavam. De certa forma, a mãe servia de alerta.

— Você nunca vai parar — disse Jude.

— Claro, você tem razão. Agora vamos comer. Eu só tenho mais quarenta minutos. Judith, você devia tentar ser mais pontual nos nossos almoços...

Passaram os quarenta e quatro minutos seguintes levando uma conversa superficial e agonizante, sem se escutarem de verdade. Longos silêncios pontuavam cada comentário e, intimamente, Jude se lembrava o tempo todo da infância solitária. Passara anos à espera de uma palavra agradável vinda desta mulher. Quando o almoço finalmente terminou, Jude se despediu e saiu da -galeria.

Do lado de fora, ficou parada na rua, subitamente incomodada. A mãe havia posto o dedo na ferida com aquele *o que você vai fazer?* e Jude ficou irritada por se incomodar com isso. Caminhou ao longo da rua movimentada até o carro. Estava quase chegando quando passou os olhos por uma vitrine e parou.

Em um mostruário de vidro havia um lindo anel de ouro.

Ela entrou para olhar de perto. Era fantástico, uma combinação perfeita de inovação e sofisticação, o moderno e o atemporal. O formato era ligeiramente assimétrico, com uma aba triangular na parte de cima. O artista teria enrolado o metal aquecido em torno de uma forma e, de algum jeito, retorcido ligeiramente a faixa larga para fazer uma terminação graciosa. O suporte para a joia, vazio, também ficava um pouco assimétrico.

Jude levantou o olhar. Nisso, uma senhora elegante, com um lenço na cabeça, atravessou a loja sem fazer quase nenhum ruído e se posicionou elegantemente atrás do balcão.

— Encontrou algo que lhe interessa?

Jude apontou para o anel.

— Ah, um primor. — A vendedora abriu o mostruário e retirou o anel. — É um Basra. Peça única.

Ofereceu-o a Jude, que o pôs no dedo indicador.

— Seria um lindo presente de formatura para a minha filha. Que pedra você sugeriria?

A mulher franziu o cenho, concentrada.

— Sabe, eu não tenho filhos, mas, se comprasse um anel como este para a minha filha, gostaria de prolongar a experiência. Talvez pudessem escolher a pedra juntas.

Jude adorou a ideia.

— Quanto custa?

— Seiscentos e cinquenta dólares — respondeu a vendedora.

— Ui.

— Talvez queira ver algo mais em conta...

— Não. É este. E poderia me mostrar alguns relógios? Para o meu filho...

Jude passou mais meia hora na loja, escolheu as inscrições, depois pagou as compras e saiu.

Dirigiu até o porto, onde pegou a balsa das três da tarde. Logo antes das quatro estava em Pine Island, entrando na Estrada da Noite.

Em casa, encontrou Mia sentada à mesa de jantar, com o laptop aberto, assistindo a algo na tela.

— Eu exagerei na atuação em *Nossa cidade* — disse Mia, desolada. — Por que ninguém me avisou? A USC vai detestar isto aqui.

Jude foi até a filha e se pôs ao seu lado.

— Vá para a cena do *Bonde*, quando você está na sacada. Vão ficar de queixo caído com essa.

Mia tirou um CD e pôs outro.

— Como foi a escola hoje?

Mia deu de ombros.

— A professora Rondle deu uma prova-surpresa. Um saco. E anunciaram a peça de inverno. *Romeu e Julieta*, ambientada durante a Guerra do Vietnã. Talvez eu consiga o papel principal, e isso vai ser legal. O Zach vai levar a Lexi para casa depois do treino, mas estará aqui na hora do jantar.

Jude passou a mão nas costas de Mia.

— O que você pensa sobre o Zach e a Lexi namorarem?

— Aposto que você pirou tentando não me perguntar isso.

Jude riu.

— Um pouquinho.

Mia olhou para ela.

— Dá medo... mas também acho que é legal.

Jude pensou em Mia antes de conhecer Lexi, quando parecia uma tartaruga frágil e temerosa, com a cabeça sempre escondida dentro da carapaça. Seus únicos amigos eram fictícios. Lexi mudara tudo isso.

— O que quer que aconteça entre eles, você e a Lexi precisam continuar sendo sinceras. Precisam continuar sendo amigas.

— Quando o Zach terminar com ela. É isso que você quer dizer.

— Só estou dizendo que...

— Eu também já pensei nisso, pode crer. Mas... eu acho que ele gosta mesmo dela. Ele fala nela o tempo todo.

Jude ficou ali mais um minuto, tentando descobrir a melhor maneira de abordar o outro assunto que tinha em mente. Finalmente, decidiu falar logo.

— Mais uma coisa...

— O quê? Vai perguntar de novo se eu e o Tyler já transamos?
A resposta é não. — Mia riu.

— Eu me lembro da primeira vez em que me apaixonei. Keith Corcoran. No último ano da escola. Como você. Até o Keith me beijar, eu não sabia que se apaixonar era como se jogar em uma cachoeira de água quente. — Deu de ombros. — Ninguém tinha falado comigo sobre isso. A vovó é muito fechada. Tudo o que ela me disse sobre o amor é que ele tira a mulher dos eixos. Então eu aprendi por conta própria e, como todo mundo, cometi alguns erros. E o mundo de hoje é mais perigoso. Eu não quero que você durma com o Tyler. Você ainda é muito jovem. Mas... — Foi até a segunda gaveta ao lado do fogão e a abriu. Tirou uma pequena sacola de papel e a entregou a Mia. — Isto é para você. Por via das dúvidas.

Mia espiou dentro da sacola e viu a palavra *preservativo* em uma caixa colorida. Abriu a boca e fechou a sacola com força.

— Mãe! Poxa. A gente não fez nada.

— Não estou dizendo que precise usar. Aliás, espero que não precise, mas você me conhece. E eu sei que você pensa que *está* apaixonada por ele.

— Eu não preciso disso — murmurou Mia. — Mas, valeu.

Jude olhou para a filha. Pondo a mão em seu queixo, obrigou Mia a olhar para ela.

— O sexo muda tudo, Mia. Pode ser ótimo para um relacionamento se você estiver pronta, mais velha, mas pode ser uma bomba se não estiver preparada. E, querida, você não está preparada. Quero que saiba disso.

Em meados de novembro, todos os alunos do último ano estavam no ápice da tensão. Os corredores da escola agora estavam repletos de jovens que só falavam sobre faculdades. As famílias passavam fins de semana viajando, visitando universidades e conversando com consultores para tentar chegar à solução ideal.

As preocupações — e tensões — de Lexi eram menos complexas. Ela não tinha uma conta bancária infinita da qual tirar dinheiro, então suas opções se limitavam às faculdades do estado. E, infelizmente, desde que começara a namorar, as notas tinham piorado. Não era muito, coisa de um décimo, mas, na competição desenfreada pelas vagas nas faculdades, fazia diferença. Ultimamente, quando estava na casa dos Farraday ou saía com Zach, Mia e Tyler, ela se sentia uma visitante de outro país, incapaz de entender realmente as conversas. Todos eles falavam da USC, da Loyola e da NYU como se fossem sapatos que pudessem escolher e comprar.

Lexi mal conseguia compreender toda essa confiança.

Ela observou os formulários à sua frente. As colunas de cálculos a assombravam. Por mais que se esforçasse, o dinheiro não daria. Não para estudar quatro anos. Se não recebesse uma bolsa integral do governo, estaria fora da corrida.

Uma porta se abriu no final do corredor. Lexi levantou o olhar e viu Eva caminhar em sua direção.

— Você está nisso há muito tempo.

— Fazer faculdade sai caro — disse Lexi, suspirando.

— Se eu pudesse...

— O quê?

— Como é que eu cheguei a esta idade sem dinheiro? Acho horrível não poder ajudá-la mais.

Lexi sentiu uma onda de afeto por essa mulher que mudara sua vida, que lhe dera um lugar no qual ela se sentia bem.

— Não diga isso, Eva. Você me dá tudo de mais importante.

Eva olhou para ela. Parecia preocupada; as rugas ao redor da boca contraída se aprofundaram.

— Falei com a Barbara hoje.

— Como vai a sua irmã? Continua tricotando cobertores que dariam para agasalhar um país inteiro do terceiro mundo?

Eva se sentou de frente para Lexi.

— Ela quer que eu me mude para a Flórida com ela. Depois que você se formar, é claro. Eu nem pensaria nessa possibilidade, mas... este clima acaba com os meus joelhos. Estávamos pensando que talvez você quisesse ir junto. Há uma escola de beleza bem perto. É um bom negócio. Todo mundo precisa cortar o cabelo.

Lexi tentou sorrir. Queria sorrir, mas não teve forças. A ideia de ficar sem Eva era assustadora, mas a Flórida ficava muito longe. Como ela veria Mia e Zach se morasse na Flórida? Ela teria mesmo de escolher entre as pessoas que amava? Era isso que significava crescer?

— Imagino que você esteja pensando no seu namorado. Então, vocês vão para a mesma faculdade?

— Não, mas vamos nos ver nas férias. Eu vou ficar em Seattle e ele virá visitar os pais.

— Então já está tudo combinado.

— Tudo combinado.

— Tome cuidado, Lexi — disse a tia Eva, falando baixo. — Você sabe o que acontece quando os garotos se preparam para ir para a faculdade. É aí que as meninas fazem escolhas erradas. Não seja uma delas.

— Não vou ser.

Eva se levantou lentamente. Lexi notou que a tia se movimentava mais devagar agora que fazia mais frio. A tia deu um tapinha no ombro de Lexi e foi até o gancho ao lado da porta de entrada, onde o avental azul da Walmart estava pendurado, esperando. Ela o vestiu e depois pôs o casaco.

— Vamos ao trabalho — disse. — Temos muitos produtos de Ação de Graças para organizar. — Voltou-se para Lexi. — Vou comprar um peru para nós. Podemos fazer um jantar como manda o figurino. Você gostaria?

— Adoraria.

Eva abriu a porta e saiu para a escuridão úmida.

Instantes depois, alguém bateu à porta. A tia devia ter esquecido alguma coisa e ficado trancada do lado de fora. Lexi foi até a porta e a abriu.

Zach estava parado no último degrau e trazia rosas vermelhas nas mãos.

— Pensei que ela nunca fosse sair.

— Zach! O que está fazendo aqui?

Ele a abraçou com força e a beijou até que ela estivesse agarrada nele como alguém que se afogasse.

— Eu precisava ver você — disse ele finalmente, tão sem fôlego quanto ela.

Então, ele a pegou no colo e a carregou pelo corredor. A casa toda tremia e, no trajeto, ela deixou cair as flores. Ele a colocou na estreita cama de solteiro e cobriu o corpo dela com o seu, beijando-a. Quando se apertou contra ela, ela pôde sentir que ele estava excitado.

A língua dele brincou com a dela e essa sensação a fez entrar em um estado de desejo, de necessidade — algo novo, assustador e poderoso. Sem pensar demais, ela o puxou para cima de si, para sentir quanto ele a desejava.

Ele praguejou e se libertou, saindo de cima dela. Ao ver o rosto confuso de Lexi, tentou sorrir, mas tinha o olhar sombrio. Ela viu o próprio desejo refletido ali. A diferença é que ele não mostrava medo.

— É melhor não fazermos isso — disse ele, trêmulo.

— Eu sei — respondeu ela, puxando o casaco para baixo.

Os olhos de Lexi ardiam e ela não sabia exatamente o motivo, mas sentiu vergonha. Rolou de lado na cama, dando as costas para ele. Ele se deitou ao lado dela, encaixando seus corpos.

— Por que você tem tanto medo de mim, Lexi? Não estou falando de sexo. Estou falando de *mim*. Por que você tem tanta certeza de que eu vou magoar você?

— Porque eu amo você, Zach.

— Mas eu também amo você.

Ela suspirou. A visão que Zach tinha do amor fora pintada pela família dele. A que ela tinha era mais sombria. Ela conhecia a sensação de ser abandonada por alguém que dizia amá-la.

— Vamos só ficar abraçados, Zach — disse ela enquanto se acomodava entre os braços do namorado.

Enquanto estavam ali, deitados, ela olhou para o chão. Uma rosa estava caída no carpete cinza, pisada, com as pétalas de um vermelho brilhante rasgadas e amassadas.

Com as férias de inverno, chegou a primeira rodada de prazos para a faculdade. Quando as aulas terminaram, no dia 23 de dezembro, Lexi já tinha enviado a maioria dos formulários e agora

entrava em compasso de espera. Muitas vezes acordava no meio da noite, com o coração acelerado e um pesadelo de rejeição pairando no fundo da mente. Zach e Mia também estavam ansiosos, mas para eles não era tão ruim. É claro que queriam ir para a USC, mas não receberiam respostas ruins. Para eles, a questão não era se poderiam ir para a faculdade, mas apenas qual escolheriam. A única que parecia estar arrasada com todo esse processo era Jude, que não conseguia manter uma conversa sem incluir alguma referência àquele assunto.

Esta noite, Lexi estava na sorveteria, trabalhando até mais tarde. As férias escolares deram uma injeção de movimento no comércio. As famílias iam ao centro da cidade para comprar presentes de Natal, passando de loja em loja sob as árvores decoradas com reluzentes luzes brancas.

Ela estava terminando de servir um litro de sorvete de queijo de cabra com figos quando o telefone tocou. Agradecendo à mulher bem-vestida que estava no caixa, ela atendeu.

— Sorveteria Amoré, boa noite. Aqui é a Alexa. Posso ajudar?

— Lex, é a Mia.

— Você não pode ligar para cá.

— Os Ottoman viajaram neste fim de semana.

— E?

— A Kim vai dar uma festa. Passamos para pegar você às nove, está bem?

— Lexi — disse a Sra. Solter com firmeza. — Esse telefone é de trabalho.

— Certo — respondeu Lexi.

— Até mais — despediu-se Mia, desligando.

Lexi voltou ao trabalho. A partir de então, os minutos pareceram se arrastar, mas finalmente a loja fechou e Lexi ficou esperando do lado de fora, no frio. À sua volta, as luzes de Natal pendiam dos beirais e se enroscavam nas árvores plantadas em vasos na frente do comércio. Havia cartazes brilhantes pendurados nos postes de luz, balançando ao vento da noite, e uma estrela iluminada gigante pairava sobre a Avenida Central.

Um utilitário vermelho parou na frente dela. Mia abriu a porta do passageiro e pôs a cabeça para fora.

— Ei!

Lexi deu a volta correndo e entrou no banco de trás, onde Zach a esperava.

— Oi, Lexi — cumprimentou Tyler, no assento do motorista.

— Oi — disse Lexi, se apertando contra Zach.

— Eu estava com saudade — falou ele.

— Eu também.

Eles tinham se visto na noite anterior, enquanto estudavam com Mia no grande salão de jogos da casa dos Farraday (e se beijavam sempre que Mia os deixava a sós), mas parecia que muito mais tempo tinha passado.

— Eu liguei para a sua tia — contou Mia. — Ela disse que você pode dormir lá em casa hoje.

Lexi se apoiou contra Zach e pôs a mão na coxa dele. Precisava tocá-lo.

Já havia uns quinze carros na casa dos Ottoman quando eles estacionaram. Os quatro andaram juntos pela trilha de cascalho. O ruído da festa parecia abafado e distante, até que entraram na casa.

O volume da música estava no limite da dor. A cozinha estava tomada de jovens de um extremo a outro. Mais alguns estavam

espalhados pela sala, namorando, e, através das portas corrediças de vidro, viam-se mais uns dez lá fora, em torno de uma fogueira.

Tyler puxou Mia e a fez rodar até que seus pés saíssem do chão. Mia ria e se agarrava a ele, e começaram a se beijar loucamente.

Zach pegou Lexi pela mão e a levou até a fogueira, onde um grupo de jogadores de futebol americano brincava de “virar” cervejas.

— Zach! Zach! Zach!

O grupo começou a entoar o nome dele ao vê-los se aproximar.

Bryson deu um passo à frente, segurando uma cerveja light.

— Vai uma gelada aí?

— O Tyler é o motorista — disse Zach. — Então manda!

Pegou a lata de cerveja, furou a lateral com uma caneta, levantou o anel e bebeu todo o conteúdo de um gole só. Enxugando a boca, ele sorriu para a turma à sua volta.

— Quer uma, Lexi? — perguntou Bryson.

— Não, obrigada.

— Vai, Lexi — disse Zach, passando a mão no braço dela.

Ela não conseguia lhe negar nada.

— Está bem, eu tomo uma cerveja. Mas sem virar. Sou eu que lavo a minha roupa.

Zach riu e pediu outra cerveja.

Nas duas horas seguintes, a festa prosseguiu, agitada; o grupo ficava cada vez mais barulhento, torpe e bêbado. De vez em quando o cheiro de maconha ganhava o ar. Alguém estava sempre dando uma gargalhada. De repente, a música mudou.

Começou a trilha sonora de *A pequena sereia*. Por toda a casa, os garotos — inclusive Zach — grunhiram. Lexi sorriu.

— Adoro quando é uma *menina* que dá a festa.

Mia apareceu do nada. Vestia uma calça cara, de moletom felpudo cor-de-rosa, e casaco branco com gorro. Estava desgrenhada e “alta”, dando passos incertos.

— É a minha música — disse, pegando Lexi pela mão e puxando-a até a varanda, onde alguns jovens dançavam.

Ela abraçou Lexi, tentando se mover ao ritmo da música, mas, de perto, Lexi percebeu como Mia estava bêbada e triste.

— Mia? O que houve?

— O Tyler está dando em cima da Alaina Smith.

— Talvez você esteja entendendo errado. Você bebeu *mesmo*.

— Só virei umas cervejas. E não estou exagerando. — Ela se inclinou para a frente, sussurrando: — É porque ela é fácil. Todos os garotos sabem.

— Se ele ama você...

— Sei, sei — disse Mia. — A questão é que *eu* amo o Tyler. Então, o que é que eu estou esperando?

Antes que Lexi pudesse responder, Tyler apareceu e levou Mia para longe da pista de dança improvisada. Lexi percebeu que Mia ficara pateticamente feliz ao vê-lo voltar. Isso a entristeceu, pois sabia como era perigoso amar alguém tanto assim e sabia também que era exatamente daquele jeito que ela olhava para Zach.

— Minha irmã deixou você plantada, é? — disse Zach, chegando por trás dela e abraçando-a. — Eu nunca faria isso com você.

Ela se virou para ele e o beijou. Ele tinha gosto de cerveja e mais alguma coisa, algo metálico e pungente. Seu olhar estava um pouco vago, como se ele não conseguisse focalizar a vista.

Ele a beijou de novo, mais profundamente, e depois, pegando-a pela mão, a conduziu para longe da festa, até a praia. Começou a

beijá-la antes mesmo de se sentarem. Deslizou uma mão por dentro da blusa dela e abriu o sutiã. Ela sabia que deveria fazê-lo parar, mas a sensação era boa demais e, quando ele tocou seus seios, sentiu que flutuava, voava... Emitiu um som que nunca tinha ouvido antes. Atrás deles, tocando à distância, a música mudou, ou prosseguiu, ou talvez tivesse parado. Ela não ouvia nada, exceto a própria respiração pesada e os sussurros de Zach, que dizia seu nome e repetia que a amava.

Precisou de um esforço hercúleo para afastá-lo.

— Não, Zach...

Ele rolou de lado e ficou ali jogado. Ela sentiu a perda do contato do corpo dele como uma dor física e instantaneamente se arrependeu do que fizera.

— Desculpe-me, Zach. É que eu...

— Aí estão vocês — disse Mia, tropeçando na direção deles. À luz do luar, Lexi viu que os olhos de Mia brilhavam, quase como se ela estivesse chorando. E tinha dificuldade em se equilibrar. Estava com a blusa abotoada incorretamente, caindo sobre seu corpo delgado de um jeito que a fazia parecer um pouco torta. Deixou-se cair ao lado de Lexi.

Lexi tentou abotoar o sutiã sem que ninguém percebesse. Zach se sentou, unindo os joelhos, e olhou para o estuário escuro. Após um longo silêncio, ele disse em voz baixa:

— Mia, eu não quero me separar da Lexi.

— Não precisamos ir — disse Mia, se reclinando contra Lexi. Olhou para o relógio. — Ainda não é uma hora.

— Em agosto — falou Zach. Olhou para Lexi pedindo ajuda, mas ela não tinha como ajudar. Ela estava em suspenso, em uma

posição perigosa entre as duas pessoas que amava. — Não podemos ir todos juntos à UW?

— Talvez eu nem possa entrar na universidade — disse Lexi a ele. — É cara demais. Pode ser que eu fique na Faculdade Comunitária de Seattle.

— Então nós podíamos ir para lá também — sugeriu Zach. — A mamãe e o papai economizariam um dinheirão.

Mia olhou para o irmão.

— Você não quer mais ir para a USC comigo?

— Eu não quero ficar longe da Lex — disse ele em voz baixa.

Mia desviou o olhar, observando a água.

— Ah! — Mia não disse mais nada, porém, nessa meia palavra, Lexi ouviu um oceano de decepção.

Os três sabiam que Mia precisava ter Zach ao seu lado na faculdade.

Tyler chegou cambaleando e se atirou na areia.

— Ei, Mia — disse, com a voz embotada e se esticando para tocá-la. — Fiquei com saudade.

— Merda! — exclamou Zach. — Ele está bêbado.

Tyler riu.

— Pode crer. De uma coisa eu sei: não posso dirigir.

Lexi ficou de pé e olhou para a festa. Havia jovens espalhados por toda parte. Os poucos que se mantinham de pé andavam trôpegos.

— O que vamos fazer? — perguntou, começando a entrar em pânico. — Sua mãe não pode saber que a gente bebeu...

— Merda — repetiu Zach, passando a mão pelos cabelos.

— A *madre* falou que podíamos ligar a qualquer hora — disse Mia, tentando ajudar Tyler a se levantar. — Ela jurou que não faria perguntas e não haveria consequências.

Zach olhou para Lexi.

— Não temos escolha — disse ela. *A coisa vai ser feia.*

Ele xingou de novo e telefonou.

— Oi, mãe — disse, endireitando-se e tentando parecer sóbrio, sem sucesso. — É. Eu sei. Desculpe-me. É que... precisamos que você venha nos buscar... é... o Tyler... eu sei... obrigado. — Fechou o celular e olhou para os outros. — Ela parece furiosa.

— É uma da manhã — falou Lexi. Se ao menos ela não tivesse tomado aquela cerveja... *Ela* poderia dirigir para casa e poupar todos do que estava por vir.

Foram para os fundos da casa, onde ainda havia jovens jogados em volta da fogueira. Por todo o gramado, mais garotos e garotas se beijavam ou dormiam.

Na entrada de carros, ficaram ao lado do utilitário de Tyler. Pareceu demorar um século, mas finalmente surgiu um par de faróis, subindo na direção deles, cada vez mais brilhante.

O grande Escalade preto estacionou. Jude saiu do carro e foi até onde estavam. Usava um robe pesado de cachemira, que ia até o chão, por cima do pijama. Sem maquiagem, parecia pálida e cansada. E furiosa. Estreitou o olhar ao encará-los. Lexi não teve dúvida de que ela reparara em tudo: os olhos vítreos de Mia e a blusa abotoada errado, a vista turva de Zach, os olhos caídos de Tyler.

Lexi estava tão constrangida que não conseguia olhá-la nos olhos.

— Entrem — disse Jude, com um suspiro. — Ponham o cinto de segurança.

A volta para casa foi em silêncio total. Quando estavam todos no hall de entrada, Jude disse:

— Ponham o Tyler no salão de jogos. Ele pode dormir no sofá. Eu vou para a cama. — Virou as costas e saiu andando pelo corredor. Na entrada do quarto, fez uma pausa e se voltou para eles. — Que bom que me telefonaram — disse, com voz cansada, e então entrou e fechou a porta.

Mia soltou uma risadinha. Zach a fez se calar. Subiram até o segundo andar. Tyler caiu duas vezes, xingando. Quando conseguiram colocá-lo no sofá, ele já estava dormindo.

Na porta do quarto de Mia, Zach beijou Lexi até que ela não conseguisse mais pensar direito e depois foi para seu quarto.

Ela e Mia subiram na grande cama king size. A luz do luar atravessava a janela e as iluminava.

— Sua mãe parece furiosa — disse Lexi.

— Não se preocupe. Fizemos a coisa certa. Ela não iria querer que a gente dirigisse.

Lexi se reclinou sobre a pilha de almofadas macias, olhando para o teto inclinado e escuro.

— Aquilo que o Zach disse... sobre a faculdade... — ela não soube como continuar. Era um sonho vívido demais.

— O que acontece é que... — Mia suspirou. — Eu *quero* ir para a USC. Eu sonho com isso, entende? Mas tenho medo de ir sem o Zach. Eu queria ser mais forte... mas não sou. Preciso dele comigo.

— Eu sei.

Mia se deitou de lado e olhou para Lexi.

— Eu tenho um segredo. É sobre o Tyler e eu. — Fez uma pausa. — A gente transou.

Lexi se virou para Mia.

— Rolou? Vocês transaram?

O rosto de Mia estava tão próximo que Lexi sentia o hálito de cerveja e o cheiro floral do shampoo. Seus olhos verdes brilhavam.

— Ele disse que me ama. Agora eu sei que é verdade.

— Quero detalhes! — disse Lexi, tentando manter a voz baixa.

Enquanto ouvia Mia contar a história, Lexi não conseguia deixar de pensar em Zach e em quanto ele a amava e agora desejava não tê-lo afastado.

— Acho que agora você é oficialmente a última virgem da nossa turma — disse Mia, por fim.

Lexi fechou os olhos, se sentindo à deriva, como se tivesse perdido um trem que tinha levado todos os demais. E se Zach só tivesse *dito* que entendia a relutância dela? E se um dia ele... encontrasse outra pessoa para amar?

Ao seu lado, Mia já roncava.

Lexi pensou em se esgueirar para fora da cama e entrar no quarto de Zach. Antes, jamais faria isso — prometera a Jude e a Mia que não faria — e quase sempre era fácil cumprir a promessa. Mas, nesta noite, ela realmente estava sentindo a ausência dele. Tinham pouco tempo para passar juntos. E já estavam no final de dezembro. Apesar do que diziam, do que sonhavam acordados, não iriam juntos à mesma faculdade. A partir de setembro, só se veriam nas férias. Na melhor das hipóteses.

Fechou os olhos e sonhou com Zach, relembrando os momentos na praia...

— Lexi. LEXI.

Ela acordou com um sobressalto.

Zach estava olhando para ela, os cabelos louros caídos para a frente.

— Venha comigo.

Ela segurou a mão dele. Era simples assim. Ele pôs um dedo sobre os lábios, fazendo *sshhh*, enquanto andavam na ponta dos pés pelo corredor, até o quarto dele.

Ela poderia tê-lo feito parar e recuado, como fizera tantas vezes antes, mas, de repente, todas as suas razões para se conter pareciam tolas. O que ele queria era o mesmo que ela queria. Não suportava pensar em perdê-lo. Ela queria ser tudo para ele enquanto pudesse, para que ele continuasse a amá-la.

Ela o seguiu até a cama grande, com lençóis absurdamente macios e travesseiros altos de pena de ganso. O luar atravessava a janela aberta, refletindo-se no algodão branco.

— Aqui — disse ele, entregando a ela uma pequena caixa embrulhada em papel cor-de-rosa.

— O Natal é daqui a dois dias. Eu não trouxe o seu presente.

— Talvez a gente não tenha outra oportunidade de estar a sós.

As mãos dela tremeram ligeiramente enquanto ela abria a caixa. Dentro, no veludo azul, havia um fino anel de prata com uma safira minúscula.

— É um anel de promessa — declarou ele, solenemente. — A moça da loja disse que é para dar para a garota amada. Significa que eu quero me casar com você um dia.

Lexi observou o anel, sentindo as lágrimas começarem a escorrer de seus olhos. Ele realmente a amava. Tanto quanto ela o amava. Quando levantou a vista, todo o amor que ela mantivera

acumulado desde a infância transpareceu em seus olhos. Ela se entregou a ele de corpo e alma.

— Você tem camisinhas?

— Tem certeza de que é o que você quer? — perguntou ele. — Porque, se não tiver...

— Tenho certeza — sussurrou ela, tirando a camisa. — Que você me ame, Zach. É isso que eu quero.

Qito



Jude tinha poucas lembranças de infância referentes ao Natal. Eis o que ela lembrava: manhãs pacatas na grande casa no bairro de Magnolia Bluff, uma árvore falsa decorada por profissionais, uma só meia — de boutique — pendurada sobre a lareira. O café da manhã encomendado. Havia o ritual de abrir os presentes, é claro. Uma ocasião breve e silenciosa, com Caroline sentada rigidamente em uma cadeira com detalhes dourados, batendo o pé nervoso no piso de madeira, enquanto Jude se sentava no chão, de pernas cruzadas. Alguns agradecimentos solenes e então a obrigação estava encerrada. Quando o último presente era revelado, a mãe já tinha praticamente saído correndo.

Uma vez, quando seu pai ainda era vivo, ela se lembrava de escrever uma carta para o Papai Noel... mas esse tipo de bobagem morrera com o pai.

Na casa de Jude, as coisas eram um pouquinho diferentes. Desde que a maternidade a surpreendera com sua força arrebatadora, ela ficara vidrada nas festas de fim de ano. Decorava todos os cantos, até que a casa inteira parecesse um catálogo de loja. Mas o que mais ela aguardava era a manhã de Natal, quando a família se reunia para abrir os presentes, com o rosto ainda amassado da cama. Naquelas primeiras horas do dia, com as crianças sonolentas e sorridentes ao seu lado, ela comprovava os

resultados de seus esforços. Os gêmeos lembrariam com ternura esses momentos.

Agora, as caixas, os papéis e os laços tinham ficado de lado e eles estavam à mesa, comendo a tradicional refeição natalina: ovos à florentina com frutas frescas e pãezinhos de canela caseiros.

Na noite anterior, para coroar a alegria da ocasião, nevara na região Noroeste, e a vista lá fora era um belíssimo quadro de brancos e azuis.

Jude sempre gostara de dias de neve e, quando nevava nas festas de fim de ano, era um prêmio duplo. Hoje, após o café da manhã tardio, toda a família iria patinar no laguinho da Rua Miller. Seria um bom momento, pensava ela, para ter uma conversa séria com os filhos sobre o que acontecera na outra noite, na festa. Ela precisara fazer um esforço sobre-humano para não cair em cima deles, mas tinha conseguido. Ainda assim, era preciso conversar e restabelecer algumas das regras do último ano de escola.

Ela estava tão empenhada em imaginar como conduziria essa conversa, o que diria a eles, que mal ouvira o que Zach acabara de falar. Voltou-se para o filho, que estava ocupado em passar manteiga em um pãozinho de canela recém-saído do forno.

— O que você disse?

Zach abriu um sorriso. Do lado oposto da grande mesa de jantar reluzente, com os cabelos louros ainda emaranhados, seu filho aparentava uns 13 anos de idade.

— Um anel de promessa.

Fez-se o silêncio. Até Miles franziu o cenho. Sua mão ficou em suspenso no ar.

— Como disse?

De frente para Zach, Jude endireitou o corpo.

— Desculpe-me, você disse anel?

— É muito bonito — falou Mia, tirando parte da cobertura doce do pão de canela e pondo-o na boca. — Mãe? Você está tendo um derrame?

Jude precisou se forçar a manter a calma. Seu filho — seu filho com menos de 18 anos — dera à namorada um *anel* no Natal.

— E o que você está prometendo à Lexi, exatamente?

Jude sentiu Miles se inclinar em sua direção e segurar o pulso dela com os dedos.

— Eu prometo me casar com ela um dia.

— Puxa, acabaram as frutas — disse Miles pausadamente. — Venha, Jude. Eu a ajudo a pegar mais.

Antes que Jude, ainda paralisada, pudesse protestar, ele a conduziu até a cozinha espaçosa.

— Mas que...

— Shhh — sibilou ele, puxando-a para trás da geladeira. — Eles vão ouvir.

— Jura? — disse ela. — Eu *quero* que ele me ouça.

— Não podemos cair em cima dele por causa disso.

— Você acha bom que nosso filho dê um anel de promessa à garota que está namorando faz três meses?

— É claro que não. Mas já está feito, Jude. É um fato consumado.

Ela empurrou o braço dele.

— Ótima estratégia, Miles. Não fazer nada. E se descobríssemos que ele estava usando heroína?

— Não é heroína, Jude — retrucou ele, cansado.

— Não. É amor. Ao menos é o que ele pensa que é.

— É amor, Jude. Dá para perceber só de olhar para ele.

— Ora, faça-me o favor!

— Eu não vou debater isso com você. Se quiser comprar briga, vá em frente, mas não espere que eu a suture quando você começar a sangrar.

— Mas...

— Não faça tempestade em copo d'água. Ele entrou em uma joalheria em busca de um presente para a namorada e foi arrebatado pelo romantismo. É só isso. Pode acontecer com os homens também, ainda que sejamos pouco evoluídos. — Ele a puxou mais para perto. — Infelizmente, nosso filho é um idiota. Ele deveria ter nos avisado disso quando nasceu, para que baixássemos a expectativa.

— Não ouse me fazer rir. Estou furiosa com ele.

— É Natal — disse ele. — O último que vamos ter com eles morando aqui.

— Isso é golpe baixo.

Ela deixou que ele a abraçasse.

— Não vamos estragar o dia, está bem?

— O paspalhão tinha que prometer se casar com uma menina...

— Um dia...

— E sou *eu* que estou estragando o Natal.

— O Zach e a Lexi não vão para a faculdade juntos, Jude. Pare de se preocupar. Isso não vai dar em nada. Prometo.

— Está bem — disse ela, finalmente. — Vou guardar minhas opiniões.

— É — falou ele, com um sorriso indulgente. — Logo você, que é craque nisso.

Jude suspirou.

— Vou tentar. Mas preste atenção, Miles: *acho bom* eles irem mesmo para faculdades diferentes.

Caminhando com uma rigidez incomum, Jude voltou para o salão e se sentou no seu lugar, à cabeceira da mesa. Miles segurou a cadeira para ela e apertou seu ombro quando ela se sentou.

O clima mudara. Todos notaram o silêncio súbito. Mia e Zach olhavam para ela com o ar ressabiado dos culpados.

Ela conseguiu abrir um sorriso forçado e disse:

— Vocês não adoram quando neva no Natal?

Alguém respondeu — ela mal tomou conhecimento de quem foi, para ser honesta. Talvez Caroline, comentando algo sobre o tempo.

As mãos de Jude tremiam ligeiramente. Se ela fosse de se preocupar com a pressão sanguínea, estaria preocupada agora. De repente entendeu por que tantas amigas a haviam alertado sobre as tensões do último ano. Ainda era dezembro e a vida deles já estava saindo dos eixos, como se o nível das águas cálidas que sempre os fizeram flutuar tivesse começado a baixar abruptamente. As águas rasas eram perigosas, escondiam recifes — como o amor, as festas e os filhos que mentem para os pais.

— Preciso trocar aquele casaco rosa — disse Mia. — É grande demais. Quero comprar alguma coisa para usar na festa do Timmy, no sábado. Você quer vir ao shopping comigo, mãe?

Jude ergueu o olhar.

— Festa do Timmy?

— É, no sábado, lembra?

— Vocês dois não vão a nenhuma festa no sábado — disse Jude, atônita com o fato de eles até mesmo pretenderem ir.

Zach a encarou.

— Você disse que poderíamos ir.

— Isso foi antes de você me telefonar, bêbado, à uma e vinte da manhã, pedindo que eu os buscasse.

— Você disse que poderíamos telefonar — falou Zach. — Eu *sabia* que a gente ia se lascar por causa disso.

— Você deixou que eles fossem a uma festa? — perguntou a mãe de Jude, elevando as sobrancelhas meticulosamente arqueadas. — Com álcool?

Jude inspirou profundamente e expirou, tentando se tranquilizar. Era só o que lhe faltava agora: conselhos de uma mulher que lidara com a filha como se ela fosse lixo radioativo.

— Vocês agiram certo ao telefonarem. Fico contente que tenham ligado. Mas vocês também ficaram bêbados, o que está errado. Já falamos sobre isso.

— Já aprendemos a lição — disse Zach. — Não vamos beber de novo. Mas...

— Não tem “mas”. Esta é a última semana das férias de inverno e quero passá-la em família. Amanhã vamos à casa da Molly e do Tim e na galeria de sua avó vai haver uma exposição especial na segunda à noite. O Ty e a Lexi estão convidados, se vocês quiserem levá-los. Mas nada de festa no sábado.

Zach começou a se levantar da cadeira. Miles pôs a mão no ombro do filho e o fez se sentar de novo.

— Eu *sabia* — murmurou Zach, afundando na cadeira e fechando a cara.

Jude tentou mais uma vez encontrar um sorriso, mas não conseguiu. Talvez Deus tivesse criado o último ano de escola para que mães como ela deixassem os filhos sair de casa. Se continuasse assim, seria mais fácil do que ela tinha imaginado.

Em janeiro, no último dia das férias de inverno, a precipitação começou como um chuvisco ligeiramente congelado e logo se transformou em flocos de neve ondulantes que cobriam cercas e fios de telefone. Em pouco tempo, uma camada grossa de neve fresca cobria as ruas, e cones de segurança surgiram nas bases das colinas mais íngremes. As crianças, bastante agasalhadas, iam escorregar de trenó nas encostas fechadas ao trânsito, enquanto as mães se reuniam para conversar e tirar fotos.

Lexi e Zach estavam no trailer, deitados bem juntinhos na cama de solteiro. Na mesa de cabeceira brilhava uma vela perfumada, que neutralizava o cheiro de umidade que sempre havia ali quando as janelas estavam fechadas.

— Minha tia vai chegar logo.

— Defina esse “logo”.

Ela sorriu para ele e deu um tapa em seu braço. Então, rolou de lado e saiu da cama.

— Você prometeu à sua mãe que terminaria de preencher os formulários da faculdade hoje e ela anda tão brava ultimamente que não quero que ela fique furiosa de novo. Então se levante daí.

Ela se vestiu e caminhou para a porta. Pretendia sair do quarto e ir direto para a mesa da cozinha, sobre a qual os documentos da faculdade estavam organizados em pilhas.

No último instante, ela cedeu e se virou.

Ele estava na cama, nu, com o edredom surrado sobre a cintura e os pés descalços saindo pela outra ponta. O sorriso dele surtiu efeito e ela foi em sua direção. Quando se aproximou, ele estendeu o braço e pousou a mão na nuca de Lexi, puxando-a para

lhe dar um beijo. Um pouco antes de seus lábios se tocarem, ela o ouviu dizer:

— Eu amo tanto você...

Precisou de toda a força de vontade para não voltar de novo para a cama com ele.

— Você é um maniaco sexual.

— Olha só quem fala.

Alguma coisa a pegou de jeito — algo no sorriso dele, ou o verde de seus olhos e o amor que ela viu neles. Como conseguiria deixá-lo ir para a faculdade? Para longe dela?

— Vamos. Quero que a sua mãe continue gostando de mim e eu disse a ela que faria com que você acabasse de preencher tudo para a USC hoje. Você sabe que ela vai querer saber sobre isso.

— E se eu perdesse o prazo? — perguntou ele.

— Não vai perder. Agora, levante. Você precisa terminar de organizar tudo.

— Nosso último dia de férias e temos de fazer essa merda — resmungou Zach, retirando as cobertas.

Ele notou a reação dela ao seu corpo nu e abriu um sorriso assanhado, mas, antes que pudesse dizer algo, Lexi saiu do quarto e se sentou à mesa da cozinha.

Zach se sentou ao lado dela, apoiando o cotovelo na mesa.

— Lex?

Ela olhou para ele.

— O quê?

— Eu quero ir para onde você for. Sério.

Ele se inclinou e a beijou, e ela imaginou qual seria a sensação de vê-lo partir, de dizer adeus. Era muito bacana ele dizer que queria ficar com ela, mas também era muito diferente de *ir* de fato com ela.

Para que ficassem juntos, ele precisaria enfrentar os pais e decepcionar Mia, que era mais que somente uma irmã. E isso nunca aconteceria, então não adiantava nem sonhar.

— Ande — disse ela, por fim. — Não quero deixar a sua mãe brava novamente. Vamos acabar com isso e sair daqui. A Mia disse que todos estão andando de trenó na Turner Hill.

Em fevereiro, Zach e Mia fizeram 18 anos. O número mágico os convenceu de que eram adultos e de repente ambos questionavam todas as regras e restrições. Os toques de recolher agora pareciam irrelevantes, desnecessários. Testavam constantemente os limites e queriam ter mais liberdade.

Com o clima mais quente, as festas eclodiam como cogumelos na beira da estrada, instantâneas. Bastavam um telefonema e uma identidade falsa na mão de alguém. “Meus pais estão fora” se tornara o lema da turma, o equivalente ao grito de guerra de um clã. Os jovens chegavam às casas vazias, à praia ou ao bosque com garrafas de destilados, caixas de cerveja e saquinhos de maconha. Alguns pais preferiam ser os anfitriões das festas e recolhiam as chaves dos carros, mas, se não houvesse nenhum pai que fosse gente boa por perto, bem, a festa tinha de prosseguir mesmo assim.

Toda essa situação deixara Jude exausta, completamente desgastada. Ela se sentia mais uma guardiã que uma mãe, e a batalha constante com os gêmeos em torno de segurança, moderação e escolhas a enfraquecera. Ela não acreditava mais quando eles diziam que não iriam beber. De início, ela fora inflexível e dissera não, mas isso só fizera com que eles escapulissem, o que resultara em mais restrições — e mais rebeldia. Era como escalar

uma montanha todos os dias, e cada noite que eles passavam em casa era uma vitória.

Além de tudo isso, havia a pressão da faculdade. Parecia um caldeirão em que todos, pais e filhos, estavam mergulhados, presos, com a água em rápida ebulição. A mesma pergunta era feita repetidamente: “Alguma notícia?” Ela passava de mãe em mãe no supermercado, na fila do correio ou na balsa.

Realmente, Jude estava tão nervosa com isso quanto os filhos.

Até mesmo agora, nesta maravilhosa tarde de março, quando deveria cuidar do jardim, ela estava de pé em frente à janela, olhando para a entrada de carros. Eram quase três e meia. As crianças tinham acabado de chegar da escola. Passaram dilacerando a cozinha como se fossem gafanhotos e seguiram para o andar de cima.

— Você está fazendo um buraco no chão — disse Miles da sala de estar, onde lia o jornal. Uma cirurgia tinha sido cancelada e ele voltara cedo do hospital.

Ela viu um clarão.

O correio tinha chegado.

Jude pegou o casaco, calçou as sandálias de jardinagem que estavam junto à porta e subiu pela trilha de cascalho. Então abriu a caixa de correio e viu o que tanto aguardara.

Um envelope grosso com o emblema da USC no canto superior esquerdo.

A espessura do envelope não era prova absoluta, é claro, mas todos sabiam que eram necessárias muitas páginas para dar as boas-vindas a um estudante e apenas uma para rejeitá-lo.

Foi então que percebeu: *um* envelope.

Ela suspirou e pôs a mão para tirar as outras cartas.

Ali estava. Embaixo da pilha. Um segundo envelope com o mesmo emblema.

Jude voltou apressada pela trilha. Dentro de casa, gritou para chamar os -filhos.

— Chegou alguma coisa? — perguntou Miles, tirando os óculos de leitura.

Jude pôs a pilha de cartas na mesa de entrada e lhe mostrou os dois envelopes especiais.

— Chegou o correio! — disse ela, subitamente nervosa. Precisou repetir duas vezes, gritando alto, e então os filhos desceram correndo a escada.

Jude deu a Zach o envelope com o nome dele.

Mia pegou o outro envelope, afastou-se e o abriu com um rasgo. A não mais de três metros, ela se virou.

— Eles me aceitaram! — E abriu um grande sorriso, que se desfez quando olhou para o irmão. — Zach? — perguntou, ansiosa.

Por favor, rezou Jude. Que sejam os dois.

Zach abriu o envelope e leu a carta.

— Fui aceito.

Jude deu um grito que quase rachou os vidros e se lançou sobre Zach e Mia, apertando-os em um grande abraço.

— Estou tão orgulhosa de vocês!

Esperou que Zach a abraçasse, mas ele estava em choque. Finalmente, ela deu um passo para trás, rindo para os filhos.

— Os dois na USC. É um sonho realizado.

— Precisamos ligar para a Lexi e o Ty — disse Mia, pegando a mão de Zach e puxando-o para cima.

— E a multidão vai ao delírio! Venha, Mamãe Urso — falou Miles, indo até ela. — Vou servir champanhe para nós.

Jude olhou para a escada vazia.

— Por que só nós dois estamos comemorando?

— Não é verdade. Eles estão lá em cima ligando para os amigos para contar a notícia.

— Que saco — disse ela, passando os braços pela cintura dele e olhando-o.

— É. Ser pai é isso a maior parte do tempo. Mas ainda podemos comemorar. — Ele a beijou de leve nos lábios. — Talvez agora você relaxe.

Após a última aula, Lexi foi para a sala da orientadora. Era um ambiente estreito, com todas as paredes cobertas de prateleiras. Nelas havia literalmente milhares de manuais de faculdades.

Ela se sentou em uma cadeira de plástico azul, à espera.

Logo após as 15h30, a recepcionista levantou o olhar da mesa.

— Lexi, a Sra. Morford irá recebê-la agora.

Lexi assentiu e passou a alça da mochila pesada pelo ombro. Atravessou o corredor estreito, coberto de cartazes de faculdades, e entrou na sala que ficava no final. Pela janela, viam-se o ginásio e algumas crianças muito magras — provavelmente calouras —, que brincavam com uma bola, fazendo embaixadinhas e jogando altinha.

Lexi se sentou de frente para a grande mesa marrom que dominava a sala. A orientadora, Sra. Morford, estava sentada atrás dela.

— Oi, Lexi.

— Oi, Sra. Morford.

Lexi pôs a mão dentro da mochila e tirou dois envelopes grossos. Dentro havia cartas de aceite das universidades de

Washington e de Western Washington. Ela as entregou à orientadora, que as leu e as colocou na mesa.

— Parabéns, Lexi. Agora, em que posso ajudar?

— As duas faculdades me ofereceram bolsas. Dois mil dólares. Mas... veja só os custos. A anuidade da UW é de cinco mil e trezentos dólares, o alojamento custará seis mil e duzentos dólares, e os livros, mais mil dólares. Isso soma mais de treze mil dólares. Como posso conseguir mais ajuda?

— Nós falamos sobre isso quando suas notas caíram no último semestre, Lexi. Essas duas universidades são extremamente disputadas. Mas você pode se candidatar a várias bolsas aqui na ilha e há ainda a alternativa de um empréstimo. Existem pacotes educacionais muito bons.

— Eu teria de pegar um empréstimo de dez mil dólares por ano e mesmo assim precisaria trabalhar durante todo o curso. Eu teria muitas dívidas quando me formasse.

— Muita gente pede empréstimo para fazer faculdade, Lexi. É uma forma de apostar no futuro.

Lexi suspirou.

— Acho que a faculdade comunitária não é uma opção tão ruim assim... Posso ir para a Universidade de Washington daqui a dois anos.

A Sra. Morford concordou.

— É um ótimo jeito de economizar dinheiro. Dois anos passam rapidamente. Quando menos esperar, já estará de novo com seus amigos.

Não os dois amigos que eram importantes para ela.

Lexi agradeceu à orientadora e foi caminhando até o ponto de ônibus. Durante todo o trajeto para casa, calculou e recalculou os

números, tentando encaixar tudo magicamente em um plano que ela pudesse fazer funcionar.

Mas não havia chance de resolver. A não ser que pedisse muito dinheiro emprestado, ela não conseguiria fazer um curso universitário de quatro anos.

Quando chegou ao trailer, Lexi se sentia profundamente deprimida. Nunca se sentira tão deslocada em Pine Island como agora. Daria quase qualquer coisa pelas escolhas que a maior parte das crianças da ilha tinha possibilidade de fazer naturalmente, sem que nem mesmo se dessem conta disso.

Em casa, foi direto para o quarto e se atirou na cama.

O telefone tocou. Ela atendeu.

— Alô?

— Lexi! O Zach e eu fomos aceitos na USC. Nós dois. E o Tyler entrou na UCLA. Não é o *máximo*? Você pode sair para jantar com a gente hoje? Vamos comemorar!

— Isso é ótimo. — Lexi bateu a cabeça na cabeceira da cama. Queria morrer. As lágrimas faziam seus olhos arder. Ela não costumava sentir pena de si mesma, mas por que a vida não podia dar certo para ela SÓ DESTA VEZ? — É claro que vou comemorar com vocês — disse por fim.

Mia começou a falar sobre a universidade e Lexi não suportou. Murmurou alguma desculpa para a amiga e desligou o telefone.

Alguns minutos depois, uma batida à porta do quarto a surpreendeu.

— E-entre — disse, sentando-se na cama.

Eva entrou no quarto pequeno e estreito. As paredes estavam cobertas de fotografias: havia fotos de Zach jogando futebol

americano, de Mia fazendo esqui aquático, dos três no baile dos veteranos.

— Essas paredes são finíssimas. Eu ouvi que você estava chorando.

Lexi enxugou os olhos.

— Desculpe-me.

Eva se sentou na cama ao lado de Lexi.

— Quer me contar o que houve?

Lexi sabia que estava com uma aparência péssima, com os olhos inchados e vermelhos por causa do choro.

— O Zach e a Mia entraram na USC.

— Você não queria que eles entrassem?

— Não — sentiu-se infeliz e pequena só de dizer isso. — Eu tenho medo de que, quando ele for embora...

— Sabe, conheci o Oscar quando eu tinha 16 anos e ele, 28. Minha nossa... foi uma confusão, você nem imagina. Não se espera que uma menina de 16 anos saiba o que quer, nem que um homem de 28 queira essa menina. — Eva suspirou, sorrindo. — Meu pai o mataria se ele aparecesse na nossa casa, então nós esperamos. O Oscar estava no exército e passou alguns anos fora. Nós trocávamos cartas. Então, no dia em que fiz 18 anos, eu me casei com ele. Durante a Guerra do Vietnã, ficamos separados de novo.

— Como enfrentaram tudo isso?

— A questão não é estar na mesma escola, nem na mesma cidade ou no mesmo quarto, Lexi. A questão é estar *juntos*. O amor é uma escolha. Eu sei que você é jovem, mas isso não significa nada. Você acredita no que sente? É isso que importa.

— Eu quero acreditar.

— Mas é a mesma coisa? Pense nisso. — Eva deu uns tapinhas na mão de Lexi e se levantou. — Bom, se eu não sair já, vou me atrasar para o turno da noite. Você tem planos para hoje?

— Os Farraday querem comemorar e me convidaram para jantar com eles.

— Isso não é lá muito delicado... Você vai se sentir bem com isso?

— Eu preciso — disse Lexi. Quando a tia chegou à porta, ela acrescentou: — Obrigada, Eva.

Eva fez um gesto com a mão enrugada, como quem faz pouco-caso do que fizera, e saiu do quarto.

Sozinha novamente, Lexi olhou para as fotos e os recortes na parede. Depois, com um último suspiro cansado, se levantou, ajeitou a cama e saiu para o corredor.

Quarenta e cinco minutos depois, pontualmente, ela estava sentada na sala, aguardando. Usava seu melhor vestido e havia dedicado bastante tempo ao cabelo e à maquiagem. Ao terminar, não restava nenhum vestígio de seu colapso emocional.

Um carro parou do lado de fora. As luzes iluminaram a sala e então se apagaram.

Ela fez menção de se levantar, mas parecia que não conseguiria se mover.

As batidas na porta sacudiram todo o trailer.

Finalmente ela se obrigou a ficar de pé, caminhar e atender a porta. Zach e Mia estavam do outro lado.

— Dá para *acreditar*? — disse Mia, avançando para abraçar Lexi, que fez o melhor que pôde para abraçá-la também.

Lexi criou coragem para olhar para Zach por sobre o ombro de Mia. Ele parecia tão arrasado quanto ela.

— Parabéns — disse secamente.

Ele assentiu com a cabeça.

Lexi sentiu a mão de Mia pegar a sua e deixou que a amiga a fizesse descer os degraus de madeira e atravessar a grama molhada até o carro. Os três se sentaram no banco de trás, com Lexi no meio, como sempre.

— Oi, Lexi — falou Miles, olhando-a pelo retrovisor. — Que bom que você irá nos acompanhar.

— Eu nunca perderia uma ocasião como esta — respondeu ela, forçando um sorriso.

— Nós *todos* estamos comemorando — disse Mia. — A Lexi conseguiu bolsas para a UW e a WWU. É a realização de um sonho, não é, Lexi?

— A realização de um sonho — concordou Lexi, desanimada.

Quando pegaram Tyler, a conversa engatou a quinta marcha. Durante todo o trajeto até o restaurante, Mia e Jude falaram sobre a USC, Los Angeles e as praias do Sul da Califórnia. Toda frase começava com uma variação de *Vai ser o máximo...*

Zach segurava a mão de Lexi, apertando-a mais que de costume.

Finalmente, quando estacionaram no restaurante, Lexi juntou coragem para olhar para ele.

Eu não quero ir, ele disse, apenas movendo os lábios, sem produzir som. Mas iria. E ambos sabiam disso.

Maio chegou à região noroeste dos Estados Unidos como um parente querido trazendo o sol. O eterno céu cinzento e a garoa incessante ficaram para trás. Da noite para o dia, a cor retornou à paisagem enevoadada. Por toda a ilha, as cortinas durante tanto tempo

ignoradas foram abertas, as churrasqueiras saíram das garagens e os móveis de jardim foram descobertos e lavados. O quinto mês do ano era sempre glorioso, um período brilhante e bem-vindo antes de um junho pálido, e este ano ele tinha sido particularmente ousado. A combinação do sol amarelo-gema com o calor surpreendente levou uma enxurrada de jovens às praias e ciclovias.

No sábado, dia 15, Lexi acordou cedo. Tivera uma noite agitada, cheia de pesadelos com aviões que pousavam em aeroportos ou levantavam voo rumo a um céu sempre nublado. Ela saiu do quarto e cruzou o corredor.

Eva a aguardava na cozinha, usando seu velho roupão de banho de chenile branca e um chapéu metálico pontudo. Na mesa a seu lado, dois donuts com cobertura tinham sido colocados em pratos amarelos de papel. Em um deles havia uma vela azul encurvada.

— Feliz aniversário! — disse Eva, assoprando uma cornetinha.

Lexi quase começou a chorar. Por conta do drama da faculdade, esquecera seu aniversário de 18 anos. Mas Eva lembrara.

— Tenho dois presentes para você neste ano — declarou Eva, inclinando a cabeça para indicar os embrulhos na mesa.

Lexi não pôde deixar de recordar os aniversários que passara antes de Eva — dias longos e infelizes, em que ela ficava sozinha, à espera da mãe, que nunca aparecia. Ela beijou o rosto aveludado e enrugado da tia e então se sentou à mesa.

— Abra — disse Eva, sentando-se na frente de Lexi.

Entusiasmada, Lexi começou a abrir o embrulho. Dentro da caixa havia um casaco de algodão cor de safira, com delicados botões prateados. Ela o segurou e admirou:

— É lindo!

— Se não servir, podemos trocar na loja.

Lexi nunca o trocaria, nem que fosse dois números menor que o seu. O deixaria sempre na primeira gaveta, ao lado do moletom rosa com a borboleta colorida que já não lhe servia mais.

— É perfeito, Eva. Obrigada.

Eva assentiu.

— Abra o outro.

O outro presente era fino, do tamanho de um bloco de papel. Lexi o abriu com cuidado, levantando o papel.

Por cima havia uma brochura colorida que mostrava um conjunto de prédios na praia de Pompano, na Flórida. “Diversão ao sol”, era o que o papel prometia, em letras garrafais. Embaixo havia um catálogo de cursos da faculdade comunitária de Broward.

— É aí que a Barbara mora — disse Eva, inclinando-se para a frente. — Fiquei matutando sobre seu futuro e pensei que você poderia ir para a Flórida comigo, não poderia? Ora essa, por que não, não é mesmo? A Barbara tem dois quartos, e nós duas já dividimos um cômodo antes. Você poderia ter seu próprio quarto e estudar durante o dia. Não gastaria nada com aluguel.

Lexi olhou por sobre a mesa para essa mulher que fizera tanto por ela e sentiu um nó na garganta.

— Parece ótimo.

— Eu deveria imaginar que você não iria querer a escola de beleza. Bem que a Barbara me avisou. Você será a primeira de nós a fazer faculdade. Faculdade. — Eva pronunciou a palavra com reverência. — Temos muito orgulho de você. E você precisa conhecer sua outra tia. Os filhos e netos da Barbara estão morrendo de vontade de conhecê-la, Lexi. — Ela deu uns tapinhas na mão da sobrinha-neta. — Eu sei que você tem que pensar no seu namorado,

mas ele vai morar em outro lugar com a irmã. Eu só queria que você soubesse que também pode pensar em mim. Você não está mais sozinha, Alexa. A menos que queira. Bom, agora vamos comer estes *donuts*. Daqui a pouco tenho de ir trabalhar. Pense num desejo e assopre a vela.

Um desejo.

Lexi observou a pequena chama que dançava sobre a vela em espiral.

Ela tinha um único desejo, e que não se realizaria, mas o pediu mesmo assim.

— Boa sorte, Lexi. Espero que seu desejo de aniversário se realize.

Depois comeram os *donuts*, novamente fizeram um brinde ao aniversário com copos de leite e cada uma seguiu seu caminho — Eva para um turno de sábado na Walmart e Lexi para a sorveteria.

Durante o restante do dia, Lexi não parou quieta. Em um fim de semana ensolarado como aquele, o movimento da loja estava uma loucura. Ela só desacelerou à noite, quando Zach e Mia passaram para buscá-la.

Lexi fez o possível para se manter alegre perto deles. Riu, conversou e brincou durante o jantar. Mas quando Jude apareceu com um bolo coberto de velas, o verniz frágil de Lexi começou a se rachar, e ela precisou de muita força de vontade para não chorar ou sair correndo dali.

No ano seguinte, ela comemoraria seu aniversário sozinha. Mia e Zach estariam no calor do Sul da Califórnia, vivendo o sonho da universidade. Ela queria ficar feliz por eles, de verdade. Mas só vislumbrava o futuro como uma nuvem negra no horizonte. Ah, eles falavam em manter contato e fazer com que a vida dos três

continuasse entrelaçada, e suas intenções eram tão genuínas quanto os sentimentos, mas isso não bastaria. Quando ela lhes contou sobre a oferta de Eva para irem para a Flórida, os dois reclamaram e imploraram para que ela não se mudasse para tão longe. Queriam poder vê-la quando não tivessem aulas.

Para eles era fácil pedir. Mas ela também queria pedir.

— Como vai ser? — perguntou Mia naquela noite, quando os três estavam deitados sobre cobertores na praia. Era a primeira vez que um deles ousava perguntar isso em voz alta.

Estavam de mãos dadas, olhando as estrelas.

— Faz tanto tempo que eu sonho com isso — disse Mia. — Mas, agora que está chegando perto, estou com medo.

Lexi ouviu Zach suspirar ao seu lado. Como ela o amava, entendia o significado daquele som: ele estava preso ali no meio, paralisado entre as duas. Amava Lexi — ela sabia e acreditava nisso com toda a sua alma —, mas tinha um vínculo muito forte com Mia. Eram gêmeos, com tudo o que a palavra implicava. Liam os pensamentos um do outro. E, de fato, uma das qualidades que Lexi mais admirava em Zach era quanto ele se importava com as pessoas que amava. Ele não suportava magoar ninguém, principalmente Mia.

Era por isso que ele iria para a USC. Por mais que amasse Lexi, o amor por Mia e seus pais era maior. Era incapaz de desapontá-los. Tinha medo de que Mia fosse retraída demais para suportar a universidade sozinha.

— Vamos ser amigos para sempre — disse Lexi. Ela queria que fosse verdade. Precisava que fosse.

Ao seu lado, ouviu Mia inspirar e começar a chorar em silêncio.

— Não chore — pediu Zach.

A tristeza tomou conta de Lexi e, de repente, ela estava chorando também.

— Como... como a gente é palerma — disse ela, enxugando os olhos. E, embora fosse verdade e dizer isso a fizesse sorrir, não conseguia parar de chorar. Ela amava os dois, mas logo eles iriam para longe.

— Vou morrer de saudade, Lexi — falou Mia. Ela rolou de lado e abraçou a amiga, e então voltou a se deitar de barriga para cima.

O céu escuro se estendia sobre eles, insondável como o futuro. Aqui embaixo, Lexi percebia como eram pequenos.

Zach soltou a mão de Lexi e disse:

— Já volto.

Levantou-se e saiu andando depressa na direção da casa.

— Você vai me ligar sempre, né? — perguntou Lexi.

Mia apertou sua mão.

— Vamos ser como a Jennifer Aniston e a Courteney Cox. Melhores amigas para sempre.

— Sam e Frodo. Harry e Hermione.

— Lexi e Mia — disse Mia. — Pense só: um dia estaremos velhas e vamos rir quando nos lembrarmos do medo que sentíamos de ir para a faculdade.

— Porque ainda seremos amigas — completou Lexi.

— Exato.

Lexi ficou em silêncio. Aprendera muito tempo atrás que havia coisas que, embora desejasse, ela nunca teria, e sabia que doía menos se ela tentasse não querer o impossível. Será que esta amizade era assim? Apenas uma variação do primeiro amor, que diminuiria até, com o tempo e a distância, se tornar uma boa lembrança?

Zach voltou correndo, um pouco ofegante. Parou ao lado das duas: era uma silhueta contra as ondas iluminadas pelo luar.

— Levantem-se.

— Para quê? — indagou Mia.

Lexi não perguntou o motivo. Ela se levantou e deu a mão a ele. Adorava o jeito como os dedos fortes e tépidos de Zach se enrolavam nos dela.

Ele mostrou uma garrafa térmica das Tartarugas Ninja.

— Eu tive uma ideia. Ande logo, Mia, e pare de fazer perguntas.

— Tem alguém que pensa que manda em mim — disse Mia, levantando-se e espalmando a areia da calça.

Zach as levou até o grande cedro que guardava a praia particular.

Ao luar, Zach parecia pálido, quase fantasmagórico, mas tinha nos olhos verdes um brilho de lágrimas.

Ele abriu a garrafa térmica.

— Vamos pôr algo aqui e enterrar. — Olhou para Lexi. — Vai ser... o nosso pacto.

— Enquanto esta cápsula do tempo ficar enterrada aqui, vamos ser os melhores amigos, nós três — declarou Mia, séria. — Ir para a faculdade não vai mudar isso. Nada vai mudar isso.

— Não vamos ser como os outros — completou Lexi, esperando que seu comentário não soasse como uma pergunta, mas, mesmo naquele momento solene, tinha dificuldade de acreditar. Para os dois, sua amiga e seu namorado, tudo sempre tinha sido fácil demais. — Nunca diremos adeus *de verdade*.

— Não enquanto isto estiver enterrado — concordou Mia.

Zach segurou a garrafa térmica aberta. O luar fez reluzir o interior prateado.

— Coloquem algo aqui como prova.

Em outro momento, em outro lugar, teria sido engraçado ou melodramático, ou apenas bobo, mas não ali, não naquela hora, na escuridão que parecia carregar o futuro que pesava sobre eles como um caminhão.

— Eu amo, você, Lex — disse Zach. — A faculdade não vai mudar isso. Vamos continuar apaixonados. Sempre.

Lexi o olhou nos olhos. Eles se sentiam conectados, como se inspirassem e expirassem o mesmo ar.

Mia pôs seu par de brincos de ouro na garrafa térmica.

Zach tirou a medalhinha de São Cristóvão que sempre usava e a colocou na garrafa.

Tudo o que Lexi tinha era uma pulseira de barbante que Mia lhe dera no primeiro ano do ensino médio. Mia perdera havia muito tempo a pulseira que Lexi fizera para ela, mas Lexi nunca tirara a sua — até aquele momento. Ela a desamarrou lentamente e a deixou cair na garrafa. Sua contribuição no pacto não fez nenhum barulho e isso a incomodou, como se ela fosse a única dos três a não deixar uma marca.

Zach pôs a tampa de rosca.

— Eu acho que não devemos desenterrá-la nunca — disse Mia. Atrás dela, uma rajada de vento trazida pelas ondas levantou seus cabelos. — Desenterrar a garrafa seria... como dizer adeus, e não queremos isso. Enquanto ela estiver aqui, iremos nos amar.

Lexi queria dizer a frase ideal. O momento parecia mágico, inspirado, e ela sempre o recordaria.

— Nada de adeus — falou, com sinceridade.

Os olhares trocados entre os três pareciam carregados de emoções: transmitiam a triste verdade de que logo se separariam e de que se amavam, assim como a doce verdade, ou esperança, de que no futuro algumas coisas perdurariam, de que três adolescentes podiam se reunir à luz da lua e prometer ser amigos para sempre e manter essa promessa.

Eles se ajoelharam na areia, bem acima da linha da maré alta, e, ao pé da velha árvore, cavaram fundo, bem fundo na areia cinzenta e fria, e enterraram a cápsula do tempo.

Lexi queria prosseguir, queria continuar prometendo a busca de um futuro que parecia incerto, mas, enterrada a cápsula, a areia voltou a ter a aparência de antes, e o momento se esvaiu.

Nave



No início de junho, o jardim estava esplêndido. Era a época do ano em que Jude finalmente podia parar um pouco e admirar o resultado de seu trabalho. Em cada canto que olhava, via as recompensas de seu planejamento cuidadoso e de suas podas criteriosas. Os canteiros eram uma profusão de tonalidades radiantes, formados por grandes rosas, do tamanho de um pires e da cor do algodão-doce rosa, além de peônias amarelas de pétalas crespas e de esporinhas roxas salientes. De um verde intenso, o buxinho inglês ao qual ela dedicara tanto tempo já começava a consolidar a estrutura do jardim. E, acima de tudo, uma árvore-de-lótus estava inteiramente dourada — parecia uma pintura de Monet, ligeiramente fora de foco contra o céu azul vibrante.

Ela constatou que o jardim estava se desenvolvendo e formando um lindo conjunto. Em breve, talvez até no ano seguinte, ela estaria pronta para revelar seu orgulho particular para os participantes da Rota dos Jardins.

Tirou as luvas sujas e ficou em pé. O aroma intenso das rosas a capturou e a forçou a ficar ali alguns instantes além do que pretendia. O lugar a enchia de paz. Cada planta, cada flor, cada arbusto fazia parte do seu planejamento. Se não gostasse da maneira como algo crescia ou florescia, ela o arrancava e substituía.

Era a Rainha de Copas destas terras: como tinha total controle sobre tudo ali, nunca se sentia decepcionada.

Mas essa corrente de bem-estar não se devia só a isso. Até os gêmeos serem aceitos na USC, ela não percebera quanto ficara tensa e desgastada durante todo o último ano. Vivia constantemente preocupada pelos filhos e com os filhos. Temia que um deles perdesse um prazo ou cometesse algum erro irreparável ou que não pudessem ir juntos à mesma faculdade. Agora ela conseguia dormir de novo e, surpreendentemente, estava empolgada com o fato de que eles saíam de casa. Sim, ainda se sentia ansiosa por eles e preocupada com o vazio do ninho, mas a primavera tinha iluminado não só o céu cinzento, mas também lhe mostrava agora um caminho claro. Vislumbrava um futuro para ela, uma época em que seria a capitã da sua viagem. Se quisesse voltar à faculdade para estudar paisagismo, poderia; se quisesse abrir uma loja de acessórios de jardinagem, também poderia. E, se quisesse apenas passar o verão inteiro estendida em uma espreguiçadeira no gramado, lendo os clássicos que não tivera tempo de ler, também poderia fazer isso. Imagine: poderia até passar o verão lendo quadrinhos, se lhe desse na telha.

Esse pensamento era libertador e a assustava um pouco.

Ela olhou para o relógio. Eram quase três da tarde, o que significava que os filhos chegariam da escola a qualquer momento. Se mantivessem o padrão do último mês, entrariam em casa com uma horda de colegas, todos aparentando ter usado uma versão leve de crack. Era isso que a pseudomaturidade e a formatura próxima tinham feito com os jovens. Havia se tornado versões amplificadas e superemotivas de si próprios. Os meninos às vezes gargalhavam excessivamente, enquanto as meninas faziam melindres por

qualquer motivo e se esvaíam em lágrimas se o cabelo não ficasse como queriam.

Não era de espantar que as emoções estivessem nas alturas naqueles primeiros dias dourados de verão. Nas palavras do grande Sam Cooke, as mudanças estavam chegando e todos sabiam disso — sentiam sua aproximação. A maioria das crianças da ilha convivera desde o ensino fundamental, e os laços eram profundos. Agora estavam divididas, querendo tanto ficar aqui, onde a vida era familiar e segura, quanto voar para bem longe, para testar as asas que tinham acabado de se formar. Cada dia, cada hora que passava, os aproximava do fim do ensino médio. Sentiam necessidade de construir memórias duradouras. Era isto o que mais queriam: estar juntos. E era isso também o que apavorava os pais, porque era uma festa após a outra.

Para combater a obsessão com as festas, Jude seguiu o exemplo da aranha de jardim: criara uma teia atraente. Pedira a Miles que preparasse os jet skis e a lancha para uso. Fazia travessas infindáveis de comida para os garotos insaciáveis e levava tigelas de cerejas cobertas de chocolate para as meninas. Tornava fácil que os amigos dos filhos passassem dia e noite lá, sob seu olhar vigilante. E, na maior parte do tempo, dava certo. Além disso, aprendera a confiar nos filhos. É claro que eles bebiam algumas cervejas nas festas, mas mantinham a palavra: quem era o responsável por dirigir sempre ficava sóbrio e nunca desrespeitavam o toque de recolher.

Jude guardou as ferramentas de jardinagem — tudo em seu lugar — e parou na estufa. Lá estava a petúnia que Lexi lhe dera no dia do baile, comprida e abandonada. Tomou nota mentalmente de que deveria plantá-la, e então foi para dentro de casa. Tomou uma chuveirada e vestiu uma calça preta de cintura baixa e uma

camiseta branca justa. Pôs na bancada da cozinha os filmes que havia alugado: *Quero ficar com Polly*, *Tropas estelares 2* e *O retorno do rei*.

Estava a ponto de ir até a garagem para buscar uma Coca-Cola quando a porta da frente se abriu.

Passos reverberaram pelo piso de madeira do salão, correndo escada acima.

Mas o que é isso?

Jude largou o pano de prato e saiu da cozinha.

A porta da casa estava escancarada.

Jude a fechou e subiu a escada. A porta do quarto de Zach estava aberta; a de Mia, fechada.

Ela parou do lado de fora do quarto da filha e ouviu o som inconfundível de choro. Soluços.

— Mia?

No silêncio que se seguiu, abriu a porta.

A filha estava jogada na cama, virada para baixo, chorando com o rosto apoiado na cachorrinha de pelúcia cor-de-rosa, seu brinquedo preferido na infância.

Jude foi até a cama.

— Oi, bonequinha — disse baixinho, usando o apelido que se perdera pelo caminho e ficara escondido ao lado dos dentes de leite e sapatinhos de couro envernizado.

Mia deu um gemido agudo e chorou com mais força.

Jude acariciou os cabelos louros e sedosos da filha.

— Já passou, querida — repetiu diversas vezes.

Finalmente, após o que pareceu uma eternidade, Mia se virou e olhou para Jude através dos olhos inchados e vermelhos. Ela

estava com o rosto molhado de lágrimas e a boca trêmula e torta ao dizer, entre soluços:

— E-ele... te-terminou... co-migo.

Jude se reclinou na grande cama ao lado de Mia, que se apertou contra o corpo da mãe como um dos grilos de jardim que elas costumavam capturar.

A filha linda, inteligente e quase adulta parecia novamente uma menininha, encolhida, chorando, segurando a cachorrinha Daisy como se o bichinho de pelúcia fosse um talismã — e talvez fosse. As recordações do nosso passado são mágicas.

Mia levantou o olhar, as lágrimas escorriam por seu rosto.

— Na *aula* — acrescentou, como se isso agravasse o crime.

Jude se lembrou dessa dor. Toda mulher já sentiu alguma versão dela: o fim do primeiro amor. É quando se aprende, de uma vez por todas, que o amor pode não ser permanente.

— Eu sei como dói — disse Jude. — O Keith terminou comigo na semana anterior ao baile de formatura. Na semana anterior. Ele foi com a Karen Abner e eu fiquei em casa, assistindo a *Saturday night live* sozinha. Chorei tanto que não sei como a casa não saiu boiando. — Ela se lembrava nitidamente daquela noite. Sua mãe chegara tarde em casa, olhara uma só vez para Jude, dissera “Faça-me o favor, Judith Anne, deixe de ser infantil” e continuara andando. Jude olhou para o rosto choroso da filha. — Dói ter o coração partido. — Fez uma pausa. — Mas ele sara.

Mia inspirou sonoramente.

— Ninguém mais vai querer ficar comigo. Eu sou uma idiota.

— Ah, Mia. Você ainda nem começou a descobrir quem você é de verdade e, acredite, outros garotos irão se apaixonar por você. Quem não perceber como você é especial não a merece.

— É que dói tanto!

— Mas não para sempre. Não é para sempre que você vai sentir vontade de vomitar quando o vir com outra garota. Aí, um dia, você vai ver outro rapaz que irá fazer seu coração bater mais depressa e... a dor vai sumir. Seu coração vai se remendar sozinho, deixando só uma pequena cicatriz. E um dia você vai contar para a sua filha sobre a dor que Tyler Marshall causou.

— Nunca mais quero olhar para a cara dele. Como é que eu vou à festa de formatura se ele estiver lá?

— Se esconder da vida não resolve nada, Mia. Era assim que você lidava com os problemas antes. Hoje você é mais forte.

Ela suspirou fundo.

— Eu sei. A Lexi diz que eu não tenho que me importar com o que ninguém pensa.

— Ela tem razão.

— É — disse Mia, mas não parecia convencida.

Jude abraçou a filha, lembrando toda a sua vida em um piscar de olhos.

— Eu amo você, bonequinha.

— Eu também amo você, *madre*. Podemos ir buscar a Lexi? Eu preciso dela hoje.

— É claro. É para isso que servem as melhores amigas.

Eles se formariam em menos de dez dias.

Lexi estava de pé, rodeada de formandos, olhando para o mar de cadeiras dobráveis que haviam sido arrumadas no ginásio.

O diretor Yates estava embaixo da cesta de basquete, com os braços estendidos enquanto explicava como seria a cerimônia, mas

só alguns dos jovens prestavam atenção. Os demais riam, conversavam e brincavam.

— Vocês vão fazer uma fila em ordem alfabética, sair do ginásio, passar pela arquibancada e seguir até o campo de futebol. Se tiver sol. Senão, ficaremos aqui — dizia o diretor. — Agora vamos ensaiar, está bem? Jason Adnar, você puxa a fila...

Lexi ia atrás, fazendo o que precisava fazer até chegar à sua cadeira. O ensaio durou todo o sexto tempo de aula e, quando terminou, os alunos foram dispensados. A turma inteira saiu correndo do ginásio, como a cena de um musical que mostrasse jovens liberados para o início das férias de verão.

Ela e Zach se encontraram quase sem querer — parecia ecolocalização. Um sempre sabia onde o outro estava, e eles não suportavam ficar separados. Ultimamente tudo parecia tão grande, tão significativo. Formatura. Férias de verão. Faculdade. Às vezes Lexi só se sentia segura no *agora*, em seu amor por Zach e na amizade com Mia. Tudo o mais parecia estar em transformação.

Zach pegou sua mão e os dois caminharam pela escola. No estacionamento dos estudantes, ele abriu a porta do Mustang para ela.

— Cadê a Mia? — perguntou Lexi.

— A mamãe veio buscá-la. Elas foram passear.

— Vai ser bom para a Mia.

Lexi entrou no carro. Zach se sentou no assento do motorista e olhou para ela.

— Preciso dizer uma coisa.

— O quê?

— Não aqui.

Lexi ficou tensa. Estendeu a mão e segurou a dele como se fosse um salva-vidas, o que, aliás, sempre fora. Em todo o trajeto até o parque LaRiviere, ela não falou nada.

No parque, ele parou no lugar habitual e desligou o motor. Ela esperou que ele abrisse a porta, mas ele se virou para ela. Os olhos verdes estavam cintilantes de lágrimas.

— O que foi? — sussurrou ela.

— Eu amo você, Lexi.

Ele ia terminar com ela. Ela deveria ter esperado isto, se preparado. Queria dizer *Eu sei que você me ama*, mas não conseguiu. As palavras pareciam cacos de vidro em sua boca.

— Quero ir para a Seattle Central com você. Podemos arranjar um apartamento.

— Espere. O quê? Você quer ir para a faculdade comunitária comigo?

— Não quero ficar longe de você, Lex.

Ela tremeu de alívio, fazendo um ruído leve.

Ele beijou o rosto úmido de Lexi e enxugou os olhos, parecendo constrangido com suas lágrimas, que para ela valiam mais que diamantes.

De mãos dadas, saíram do carro e caminharam até seu canto preferido entre os troncos, onde se sentaram. As ondas quebravam na areia, emitindo um som que, para Lexi, era o do primeiro amor. Quando ela olhou para ele, quase começou a chorar de novo.

Ele se pôs a dar forma ao sonho. Falou sobre a vida que teriam, o apartamento que escolheriam e os empregos que conseguiriam. Ele era sincero em relação a tudo, e isso fazia com que ela o amasse ainda mais. Porém querer, apenas, não seria suficiente.

— Mia.

Era tudo o que ela tinha a dizer. Detestava lembrá-lo da realidade, mas se não o fizesse, que espécie de amiga ela seria? Lexi amava Mia tanto quanto amava Zach.

Zach suspirou.

— O que eu faço? — Ele olhou para além dela, para o estuário, e depois repetiu mais baixo: — O que eu faço?

— Nem sei se a gente deveria falar sobre isto, Zach. De que adianta?

— Mas bem que pode dar certo. Por que não daria? Poderíamos arranjar um apartamento em Seattle. Nós três. Iríamos para a faculdade comunitária Seattle Central durante um ano ou dois e depois pediríamos transferência para a universidade. Eu ainda entraria em uma boa faculdade de medicina. A USC não é a *única* boa faculdade do mundo.

Ela se sentia como uma criança que segurava um balão e levantava voo sem esforço. O que ele imaginava era tão maravilhoso que, durante alguns instantes preciosos, ela se permitiu acreditar naquilo tudo. Então ele disse:

— Vou falar para eles o que eu quero fazer.

Então Lexi deixou escapar o barbante e se viu cair na terra novamente.

— Ainda não — ela disse, apertando-se contra ele com toda a força possível.

Em vez de falar mais, ela se esticou e o beijou até que as lágrimas secassem. Deixou que suas mãos e boca comunicassem quanto o amava.

Depois se deitaram abraçados, ouvindo a maré crescente e olhando o céu azul profundo, que começava a escurecer lentamente. Por fim, quando o dia começou a se transformar em uma noite

lavanda, precisaram sair daquele mundinho de globo de neve, em que a vista era sempre igual e ninguém mais podia entrar.

Lexi segurou na mão dele durante todo o caminho até a casa dos Farraday, com medo de soltá-la. Ao entrarem na Estrada da Noite, ela se sentiu mais tensa, até a ansiedade virar um gancho que, encravado em sua cabeça, causava uma dor permanente.

Ela amava Zach, mas ele não sabia nada sobre decepção. Tudo sempre fora muito fácil para ele. Ele nunca esperava que algo desse errado.

Lexi viu no rosto dele uma determinação inabalável, que não encaixava bem nos traços bonitos, como um menino que veste os sapatos enormes do pai e finge que servem.

— Está pronta? — perguntou ele, contornando o carro até ela.

— Não.

Ele abriu um sorriso confiante.

— Vai dar tudo certo. Você vai ver. Vamos.

Ela deixou que ele a levasse pela mão até a casa.

Miles e Jude estavam encostados um no outro no sofá, cada um lendo um livro. Mia estava deitada na outra parte do sofá, vendo TV. Vestindo um casaco de moletom rosa, calça larga de moletom cinza e chinelos com strass, ela parecia uma menininha fantasiada de adulta. Era só ao ver seus olhos vermelhos que se percebia como ela estava sofrendo e como era frágil.

Mia ficou de pé.

— E aí? — disse, abrindo um sorriso um pouco exagerado.

Lexi sentiu pena da melhor amiga, vendo o esforço de Mia para parecer forte. Foi até ela e a abraçou com força.

— Como você está?

— Estou bem — falou Mia. — Ou vou estar. Parem de se preocupar comigo.

— Mãe? Pai? — disse Zach, avançando. — Preciso falar com vocês.

Jude levantou o olhar, sobressaltada. Lexi se lembrou daqueles programas sobre a natureza, quando uma presa pisa um galho seco e o predador lança um olhar em sua direção. Era assim que Jude estava agora — em alerta.

— Você quer falar com a gente? Qual é o problema?

Ela se levantou depressa e caminhou na direção do filho. Zach respirou fundo.

— Eu não vou para a USC. Quero que nós três estudemos na Seattle Central. Mia? Podemos arranjar um apartamento.

Jude ficou congelada.

— O quê? — Miles se levantou. — Já pagamos o sinal da anuidade. Não tem reembolso. Droga, Zach...

— Eu nunca pedi que você pagasse! — respondeu Zach, gritando.

— E nunca pediu que *não* pagássemos — disse Miles, bravo. Estava de pé ao lado de Jude, que empalidecera. — Bem, escute só: eu não vou pagar apartamento nenhum. Se você quiser desperdiçar essa oportunidade, pode fazer isso por sua conta. Veja como a faculdade é divertida quando é preciso trabalhar o dia todo para pagar todos os custos.

— Não é justo — argumentou Zach. — Você não pode...

— Chega! — gritou Jude, levantando uma mão. Ela parecia atordoada, um pouco confusa. — Eu não entendo. Explique-se, Zach.

— Zach — disse Mia, franzindo o rosto. — Você não quer ir para a faculdade comigo?

— Eu não posso me separar dela — respondeu ele, com um olhar infeliz.

— E pode se separar de mim? De *mim*? — indagou Mia, começando a chorar.

— Não. Você pode vir com a gente. Eu já falei — respondeu Zach. — Pense só, Mia...

— E que escolha eu tenho? — disse Mia chorando, e então olhando para Lexi: — E isso é você sendo minha amiga, né?

Mia correu e subiu a escada. Zach saiu da sala e foi atrás da irmã.

Lexi sentiu que o olhar de Jude estava sobre ela, julgando-a, culpando-a, e sentiu uma onda de vergonha. Esta família fizera tanto por ela, lhe dera tanto, e agora isto era por causa dela. Juntou toda a coragem que tinha para encarar o rosto desapontado de Jude.

— Não fique brava comigo — murmurou, esfregando as mãos. — Por favor.

— Você não entende o que fez — disse Jude, com a voz trêmula e o rosto pálido.

— Eu não fiz nada. A culpa não é minha.

— Não é?

— Eu não falei para ele fazer isto... ou querer isto.

— Pense na Mia, em vez de no Zach. Em vez de em você. Você sabe como ela é talentosa e como é tímida. Pense em como seria se vocês três morassem juntos. De verdade. Quanto tempo levaria para que o Zach começasse a ignorá-la?

— Isso nunca aconteceria.

— É mesmo? Parece que acaba de acontecer. — Jude fez uma pausa e sua expressão pareceu se suavizar. — Desculpe-me. Eu lamento por envolver você em tudo isto. Mas, se eles não forem para a USC, vão se arrepender, e mais cedo ou mais tarde irão culpar você.

Lexi detestou a verdade que ouviu nessas palavras.

— Converse com eles — pediu Jude, apertando a mão de Miles com tanta força que os dedos dela ficaram brancos.

Lexi queria dizer que não, ou ao menos ficar indecisa quanto ao que fazer, mas não era assim. Algumas medidas eram óbvias. Ela já tinha escolhido o caminho errado antes, pondo em risco a amizade com Mia e seu lugar nesta família. Naquele momento, como agora, o amor e o desejo a haviam cegado. Era um erro que ela se recusava a repetir.

Finalmente deu as costas para Miles e Jude, atravessou o salão — que de repente ficara maior, como um oceano infinito — e subiu a escada. Os gêmeos estavam no quarto de Mia, de pé feito um par de estátuas, um encarando o outro.

— Oi — disse Lexi.

Eles se viraram para ela ao mesmo tempo, com expressões idênticas.

— Eu queria ser mais forte — declarou Mia.

— Você é mais forte do que pensa — disse Lexi, entrando no quarto. Zach lhe estendeu a mão, mas Lexi passou direto por ele. — Mas não é isso o que interessa agora.

Mia começou a chorar.

— Eu sonhei tanto em ir para a USC!

— Você pode ir sozinha — disse Zach, e Lexi o amou mais por isso, mas percebeu a hesitação na sua voz e o arrependimento que já preenchia seu olhar.

— Eu faria qualquer coisa para ir para a USC — disse Lexi, baixinho. — Eu daria *tudo*. — Engoliu, olhou para um rosto e para outro, impressionada com a semelhança, como se estivessem em um espelho. — Vocês não podem abrir mão de tudo só porque eu não posso ir. Eu não vou deixar vocês fazerem isso.

Ela notou quanto suas palavras feriram Zach e quanto o aliviaram. Inspirou, trêmula. Sim, ele a amava. Mas também amava a irmã e queria deixar os pais orgulhosos e garantir seu futuro. Ele poderia realizar tudo isso na USC. Lexi forçou um sorriso.

— Chega disto. Vocês dois vão para a USC. Eu vou arrasar na SCC. Vamos nos ver todas as férias.

— Temos um mês inteiro no Natal — disse Mia.

Em outra ocasião, ela teria sorrido, mas agora estava tão sentida quanto Lexi. Isto era ser adulto? Podar os sonhos em nome da praticidade?

— Vamos sentir saudade — disse Mia.

Zach ficou ali parado, parecendo furioso, aliviado e um pouco desesperado. Encurralado.

— Não vai mudar nada — disse Lexi, e todos sabiam que era mentira.

A decisão estava tomada. Não havia mais o que dizer.

Dez



Jude passou os dias seguintes se sentindo um pouco insegura, desorientada. Eles tinham escapado por pouco, isso era certo: a bala passara de raspão. Lexi conseguira convencer Zach a se ater aos planos traçados. Esse deveria ser um desfecho mais que satisfatório. E era. Mas, como em qualquer solução conciliadora, todos tinham perdido um pouco. Havia agora uma rachadura na casa, um ressentimento que era novidade. Jude não se lembrava de já ter visto Zach tão bravo com ela. Ele, seu menino amável e dócil, se tornara um adolescente zangado, ríspido, que se afundava na cadeira e falava resmungando. Estava furioso com a irmã e com a mãe — talvez até com Lexi — e queria deixar isso claro para todos.

Jude tentou deixá-lo em paz. Nos dias seguintes à discussão, era cuidadosa perto dele e o tratava com atenção exagerada, mas se sentia pagando um preço alto demais. Ela não suportava estar fora de sintonia com os filhos. Na noite anterior, quase não conseguira dormir, de tão preocupada com isso. Ficara deitada, olhando para o teto, imaginando uma conversa após a outra. Nessas fantasias, ela e Zach sempre terminavam rindo dos diferentes pontos de vista... e ele voltava a se comprometer com a USC e com a irmã. Às vezes, ele terminava a conversa dizendo *Eu sei que somos jovens, mãe, não se preocupe tanto, está tudo certo, valeu...*

Agora ela estava de pé em frente à janela do quarto, olhando para o quintal enquanto a noite caía do outro lado do estuário.

Era a noite da última grande festa escolar do ano, o churrasco de formatura. Verdade seja dita: ela não queria deixá-los ir. Tinham muitas questões malresolvidas, muito que discutir, mas ela sabia que não resolveria nada naquele dia. E, se não os deixasse ir a essa festa, eles nunca mais falariam com ela. Mas no dia seguinte iriam dissecar todo esse drama e entrar nos trilhos de novo. Era o último ano que passavam juntos e ela não aceitaria que terminassem se estranhando.

— Mãe? — disse Mia, batendo à porta do quarto e abrindo-a completamente. — Posso falar com você?

Essa pergunta estava ficando perigosa. Jude se virou e se obrigou a sorrir.

— É claro, querida.

Mia estava linda contra a luminosidade do fim de tarde. Estava pronta para sair, vestindo uma calça jeans surrada, com cortes em lugares estratégicos, camiseta branca justa e um colete masculino com arabescos que ressaltava os ombros magros. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo frouxo, e fivelinhas infantis metálicas vermelhas impediam que os fios mais curtos caíssem sobre os olhos.

— Você parece triste.

— Estou bem.

Mia foi até Jude, passou um braço ao redor da cintura da mãe e se apoiou nela. Lado a lado, uma sustentando a outra, ficaram olhando pela janela.

— Ele ama a Lexi, mãe.

— E o que isso tem a ver...

Mia ergueu o rosto.

— Ele a *ama*.

Jude ficou em silêncio. Pela primeira vez, essas palavras repercutiram dentro dela. Amor. Durante todo este tempo, ela fizera pouco-caso disso, considerando a idade dos dois. Quisera se convencer de que eram jovens demais para entender a vida que tinham. Mas esse amor era real. Talvez não durasse, mas era real.

— Estou fazendo com que eles se separem, pedindo que o Zach vá estudar comigo, e sabe qual é a pior parte? Eles ficaram do meu lado.

Jude tocou o rosto de Mia, vendo a dor em seus olhos. Essa sua filha era tão sensível!

— É claro que ficaram. Eles sempre vão apoiar você.

— Eu tenho que ficar do lado deles também. É aí que está.

— Você já fica.

— Eu não vou para a USC, mãe. Nós três podemos estudar na faculdade comunitária e dividir um apartamento.

— Mia...

— Se você e o papai não pagarem, a gente trabalha. Esse é o caminho certo, *madre*. Você sempre diz que nada importa mais que o amor e a família. Estava falando de verdade?

— Mia, já pagamos sinais, assumimos compromissos. Não é tão simples. Não dá para...

O som de passos no corredor as interrompeu. Zach entrou no quarto.

— Estava procurando você, Mia. Precisamos ir.

— A mamãe e eu estamos conversando — disse Mia.

Zach revirou os olhos.

— É só você dizer que vai fazer o que ela mandar. É a resposta que vale a nota dez na escola Farraday.

— Isso não é justo, Zach — falou Jude.

Ela se sentia insegura, como se tudo à sua volta estivesse se desencaixando, despencando, rolando, e ela não achava nada em que se segurar.

— Justo? — disse Zach. — É isso que interessa agora? Você dizia que queria ver a gente feliz, mas isso só vale quando a gente faz o que você quer. — Olhou para Mia. — Vamos. Temos de pegar a Lexi e não quero me atrasar para a festa.

Zach se virou e saiu depressa do quarto.

— Preciso ir, *madre* — disse Mia, dando um último sorriso tristonho para a mãe e seguindo o irmão.

— Espere — chamou Jude, saindo atrás da filha e seguindo-a até a porta de entrada. — Vamos conversar amanhã — disse para Mia. — Essa decisão sobre a USC não está tomada.

— Está, sim. — Mia abriu um sorriso brilhante. — Desculpe, tá?

— Não. Não desculpo — disse Jude. — E palavras bonitas não vão adiantar desta vez. Esse assunto não acabou. Vocês precisam pensar no futuro.

— Desculpe, mãe, mas acho que já acabou, sim. Eu amo você. — Mia deu um último beijo no rosto de Jude e correu para o carro.

— Quero vocês em casa até a uma da manhã — disse Jude, seguindo a filha. Ela não queria dizer algo tão trivial naquele momento, mas foi só o que saiu. No dia seguinte teriam uma conversa séria, os três. — À uma e dois estarei ligando para a polícia ou indo até a festa.

Já no carro, Mia abraçou a mãe com força.

— Vamos voltar na hora — prometeu.

— E nada de beber — disse Jude. Ela se inclinou para olhar para o filho através da janela. — Zach, você é o motorista. Não pode falhar. Foi o que combinamos.

— Eu sei — respondeu ele secamente.

Ela precisou acrescentar:

— Se acontecer qualquer coisa...

— Tá, tá — interrompeu Zach. — Ligamos para você e pedimos carona. Vamos, Mia, a Lexi está esperando.

— Estejam aqui à uma hora da manhã — repetiu Jude, dando um passo atrás e vendo-os partir. — Estou falando sério! — acrescentou, mas não havia ninguém ao seu lado para ouvir.

Dirigindo rápido demais, com a música retumbando por todo o carro, Zach virou na Estrada da Noite. Lexi ficava espremida contra a porta a cada virada brusca.

— Vá mais devagar! — gritou Mia do banco de trás, porém só o que Zach fez foi aumentar o som. “Yeah”, de Usher, estava alta a ponto de doer. *...estava tão envolvido que esqueci...*

Quando chegaram à festa, já havia mais de uma dúzia de carros estacionados na clareira.

Zach tirou a chave da ignição e a deixou cair no espaço entre os bancos.

— Preciso beber alguma coisa — disse, saindo do carro.

Lexi foi até ele.

— Mas você é o motorista...

— Eu sei. E conheço os meus limites. Você não é a minha mãe.

Ele se desvencilhou dela e andou a passos largos até a festa.

Lexi ficou sem saber o que fazer. Mia parou ao lado dela.

— Ele está bravo.

— Comigo?

Mia deu de ombros.

— Com você, comigo, com meus pais, com ele mesmo. Com todo mundo. Ele não sabe o que quer e então fica nervoso. Sempre foi assim. Quando as coisas que ele quer acontecem, ele está ótimo. Mas, quando fica confuso ou magoado, perde o controle. Às vezes grita e às vezes fica calado. Desta vez, ele está gritando. Ele está bravo especialmente com a mamãe e comigo.

— Seria uma insanidade vocês trocarem a USC por um apartamento barato e aulas em uma faculdade comunitária. Ele vai perceber isso — disse Lexi.

Mia a pegou pela mão e as duas desceram a trilha. Chegaram a uma pequena cabana de madeira oculta pelo bosque, que fora construída pelos primeiros colonos da ilha. Uma grande fogueira bruxuleava em frente à praia. Ao lado dela, um par de barris de chope prateados. À esquerda, alguém assava salsichas.

Mia e Lexi ficaram no perímetro da festa, conversando. Ao redor delas, outros jovens riam, dançavam e bebiam. Na água, um par de jet skis corria e serpenteava. A música retumbava em uma caixa de som colocada na varanda. O ar carregava aromas de pinheiro, fumaça de madeira e maconha.

Enquanto estavam ali paradas, Tyler passou por elas. Alaina Smith se pendurava nele, toda agarrada. Ele estava com a mão na bunda da garota.

Mia respirou fundo. Enxugando os olhos, caminhou até os barris e pegou uma cerveja, que bebeu o mais depressa que conseguiu.

— Você está bem? — perguntou Lexi.

— Fique comigo — pediu Mia, trêmula. — Não me deixe ficar sozinha... Eu posso fazer alguma bobagem.

— Eu nunca deixaria você sozinha — prometeu Lexi.

Lexi pegou uma cerveja e, embora detestasse o gosto, se sentiu mais relaxada, assim como Mia. Logo em seguida estavam rindo e fazendo piadas de novo.

Quando terminou a segunda cerveja, Mia disse:

— Cadê o Zach? Tenho uma surpresa para vocês. Tenho que contar uma coisa. Me encontrem na praia.

Mia passou por entre as pessoas antes que Lexi conseguisse impedi-la, mas não havia problema, porque Lexi não queria impedi-la. Por mais que adorasse estar com a melhor amiga, ela também queria estar com Zach. Era a festa de formatura, a última antes do grande dia, e os três deviam ficar juntos.

Lexi caminhou até a praia e se sentou, esperando.

— Aí está você — disse Zach uns minutos depois, sentando-se ao lado dela. — Procurei você por todo canto.

— Cadê a Mia? Ela foi atrás de você.

Zach deu de ombros e ofereceu a ela uma garrafa de rum.

— Tome.

— Ei, você não devia estar bebendo! — disse Lexi.

— É a última, prometo. Tome.

Ela detestava a bebida assim, sem estar misturada com outras coisas, mas não queria irritá-lo, então deu um gole.

— Ela não liga a mínima para o que eu quero — disse ele, levando a garrafa à boca de novo.

Lexi não sabia se ele estava se referindo à mãe ou à irmã, mas não fazia diferença.

— Liga, sim.

Ele deu outro grande gole e passou a garrafa para ela.

— Talvez eu é que não ligue a mínima para o que ela quer.

Lexi suspirou.

— Liga, sim.

Ele se virou para ela com um olhar selvagem.

— Eu amo tanto você...

Ela sabia exatamente o que ele estava sentindo: era o universo das suas emoções, também. Ela tinha medo de vê-lo ir embora; ele tinha medo de deixá-la para trás.

— Eu sei — foi tudo o que Lexi conseguiu dizer.

Agora ela acreditava nele, acreditava em seu amor, e isso era tudo. Eles precisavam dar forças um ao outro, e ela deveria começar.

— Eu nunca vou deixar de amar você, Zach.

Com uma voz tensa, ele disse:

— Venha aqui.

Pegou-a pela mão e a levou para dentro do bosque, para longe.

Ali, eles se beijaram, tiraram as roupas e fizeram amor de um jeito novo — triste, talvez, e intenso, com os corpos comunicando todas as palavras difíceis que eles não sabiam expressar. Depois, quando estavam ali deitados, exaustos, olhando para o céu estrelado, Lexi pegou a garrafa de rum e bebeu até que o futuro não parecesse tão nítido, até que uma névoa reconfortante borrasse seus contornos.

Finalmente, um pouco bambos, saíram do bosque e voltaram para a festa, que agora estava totalmente fora de controle. Mais de cem jovens falavam, riam e dançavam. Uns garotos arremessavam entre si uma bola de futebol americano. Um grupo de pessoas estava em volta dos barris. Mais gente conversava ao redor da enorme

fogueira. Na cabana, um cartaz dizia: *Turma de 2004 — Adeus e boa sorte.*

Mia deu um grito ao vê-los e se aproximou, tropeçando.

— Onde vocês se meteram? — disse, dando a Lexi uma garrafa de rum pela metade. — Esta noite é *nossa*. Dos três. Está bem?

Ficaram ali, ligeiramente bêbados, olhando um para o outro. Uma ilha em um mar de formandos. Mia pegou a mão de Zach e depois a de Lexi e, com esse toque, a conexão se reacendeu. Eram *eles* novamente.

— Vamos comemorar — disse Zach, rindo para a irmã.

Lexi *via* o amor entre os dois e, embora doesse saber que eles iriam embora, estava feliz com o fim da briga. Precisavam passar aquele verão juntos.

Os três se juntaram à festa, rindo, bebendo, dançando, até que a lua se elevou no céu escuro e o ar ficou frio. Às duas da manhã, a festa foi serenando. Havia jovens espalhados pelo chão, na grama, na varanda.

Mia começou a dizer algo e parou.

— O que eu tava dizendo?

Zach riu, trôpego.

— Você falou que tinha uma surpresa para a gente. Disse isso a noite toda. O que é?

— Ah, é messsimo — lembrou Mia, caindo de lado em seguida. Sua cabeça bateu em uma pedra e ela gemeu. — Ai, merda. Doeu...

Lexi ajudou a amiga a se sentar.

— Ela está sangrando, Zach.

Os três caíram na gargalhada.

Lexi tentou limpar o sangue da testa de Mia com a manga da blusa, mas não tinha muito equilíbrio e ficava enfiando a mão no olho de Mia, que ria cada vez mais alto.

De repente, Mia ficou de pé, se balançando.

— Essa não...

Pôs a mão sobre a boca durante um segundo, então caiu de joelhos sobre a areia e vomitou. O som e o cheiro deixaram Lexi enjoada também, mas ela foi até Mia e segurou os cabelos da amiga.

— Estou detonada — disse Mia, enxugando a boca com a manga e se sentando de joelhos.

Zach foi até elas. Estava tão zozinho que tropeçou em uma pedra e caiu.

— Ele está bem?

— Tá na hora de ir — disse Mia. — Se a gente se atrasar, mamãe nos mata. Que horas são?

— Duas e dez — disse Lexi, apertando os olhos para ver a hora. Os números estavam borrados e saíam do lugar, mas parecia que era aquilo.

— MERDA! — Zach deu um salto. — Precisamos ir.

Foram caminhando, trôpegos, atravessando a praia e o gramado, passando por cima dos corpos dos colegas desacordados. Mia pisou o braço de alguém e riu, exclamando:

— Opa! Foi mal!

A caminho do carro, Lexi caiu em si: Zach estava bêbado. Ela se virou para ele, que estava se balançando como uma palmeira ao vento, com os olhos fechados. Então olhou para Mia, que estava vomitando mais uma vez. Gotas de sangue escorriam pela lateral de seu rosto.

— Você não pode dirigir — disse Lexi para Zach.

Mia se aproximou do carro e se dobrou como uma boneca de pano, apoiando o rosto contra o capô.

— Liga pra mamãe — disse.

Mia pôs a mão no bolso, tirou o celular e o deixou cair no chão. Lexi o pegou.

— Nem pensar — falou Zach. — Da outra vez ela deixou a gente de castigo.

— Ele está certo — disse Mia. — Vam'bora.

Lexi tentou se concentrar, mas não conseguiu. Tudo em que conseguia pensar era que deveriam ligar para Jude, mas o que ela pensaria de Lexi agora? E se Eva ficasse sabendo? Lexi prometera se comportar, e estava ali, em mais uma festa.

Mia sentiu um calafrio violento.

— Eu tô congelando, Zach Attack. Cadê meu casaco? Tô com dor de cabeça. Por que tô com dor de cabeça?

— A gente deveria dormir aqui — sugeriu Lexi.

— A mamãe mata a gente — disse Zach, avançando e se chocando contra o carro. Ele abriu a porta do motorista e caiu sentado no banco. As chaves estavam entre os assentos. Ele as procurou, xingando, e então riu. — Achei.

— Saia daí, Zach — disse Lexi. — Você está bêbado demais, não pode dirigir. — Ela foi até o lado dele, tentando não tropeçar. — Mia, me ajude — pediu. — Diga pro Zach que ele não tem condições de dirigir.

— É só um quilômetro e meio... — disse Mia. — E a mamãe teve um surto quando a gente ligou da outra vez.

— Tá tranquilo — garantiu Zach, dando um sorriso torto.

— Vamos — resmungou Mia, limpando mais sangue que escorria pela testa. Ela abriu a porta do carro e se deixou cair no

banco de trás. — Ai! — gritou, rindo, e então se encolheu em posição fetal.

Zach pôs a chave na ignição e ligou o motor, que rugiu no silêncio da escuridão.

— Anda, Lex. Tá tranquilo. Vamos.

— Não sei, não — disse Lexi, balançando a cabeça. O movimento a fez perder o equilíbrio e cair para a frente, batendo contra a lateral do carro. — Espere. Eu preciso *pensar*. Isso não é uma boa ideia...

Onze



Bip.

Bip.

Bip.

Jude se sentou, com a vista turva.

Estava no sofá da sala de estar. O celular, na almofada ao seu lado, apitava. A tela da TV exibia uma propaganda, sem som.

Ela se esforçou para focar a vista no pequeno mostrador do relógio de pulso. 3h37. Abriu, então o celular. Era uma mensagem de texto de Mia.

Desculpa atraso. A caminho. T amo.

A mensagem chegara às 2h21.

Ah, eles iriam ver só! Tinham chegado tarde, não avisaram quando entraram e ainda esqueceram as luzes externas ligadas. Seria a última festa em um bom tempo.

Jude se levantou, desligou a TV e as luzes externas e fechou a casa. Enquanto subia a escada, tentava decidir entre acordá-los agora ou dar a bronca amanhã.

Abriu a porta do quarto de Mia e acendeu a luz. A cama estava vazia.

Sentiu uma pontada de medo, como uma gota de ácido sobre a pele, e foi até o quarto de Zach.

Também estava vazio.

Respire fundo, Jude. Eles perderam a hora, foi só isso. Planejavam sair da festa, mas algo os reteve mais um pouco.

Ligou para o celular de Mia. Ele tocou e tocou e caiu na caixa de mensagens.

O mesmo com o telefone de Zach.

Desceu a escada correndo e entrou no seu quarto. Miles estava dormindo na cama, com um livro aberto sobre o peito e a televisão ligada.

— Está tarde, Miles. E eles não voltaram.

— Ligue para eles — resmungou Miles.

— Já liguei. Ninguém atende.

Miles se sentou, franzindo a testa, e olhou para o relógio.

— São quase quatro horas.

— Eles nunca se atrasam tanto — disse ela.

Miles passou a mão pelos cabelos.

— Não vamos entrar em pânico. Eles provavelmente perderam a noção da hora.

— Podemos ir até lá — sugeriu Jude.

Miles concordou.

— Acho que...

A campainha soou.

— Graças a *Deus!* — Jude sentiu uma onda de alívio e, em seguida, um acesso de raiva. — Eles me pagam — murmurou, saindo do quarto.

Ela saiu para o corredor longo e escuro. Estava preto... e então vermelho... e azul. As luzes cruzavam a escuridão, piscando, refletindo.

Luzes de polícia.

Ela tropeçou, quase caiu. Miles apareceu ao lado dela e a segurou.

Ela se sentiu avançar, mas não parecia estar andando. Era um objeto à deriva que acompanhava o movimento do marido.

Do outro lado da porta havia dois policiais. Estava chovendo forte — por que ela reparou nisso? Ela conhecia esses homens — eles, suas mulheres e seus filhos. Mas os dois não deviam estar aqui agora, na casa dela, no meio da noite, com os rostos refletindo luzes vermelhas e amarelas.

O policial Avery deu um passo à frente, segurando o quepe.

Ela viu tudo em fragmentos, fora de foco, como se estivesse usando binóculos ajustados aos olhos de outra pessoa. Cores estáticas, uma noite macabra, gotas de chuva que pareciam cinzas caindo do céu.

Sinto muito. Aconteceu um acidente.

Palavras. Sons. Lábios que se moviam e som de respiração pesada. Chuva.

Mia... Zach... Alexa Baill...

Ela não conseguia processar tudo, não conseguia entender. *Minhas crianças... você está falando dos meus filhos.*

— Foram levados de helicóptero para o Harborview, os três.

— Eles estão bem? — ela ouviu o marido dizer, e ficou tão chocada que quase se afastou dele. Como ele conseguia encontrar voz? Fazer perguntas?

O policial respondeu? O que ele disse? Jude não ouvia nada além da chuva — ou talvez as batidas do seu coração. Ela estava chorando? Era por isso que não enxergava?

Miles olhou para ela e, nos olhos do marido, Jude viu como eles dois eram frágeis, fáceis de quebrar. Acontecera em um

instante, essa nova fragilidade. No tempo que levaram para caminhar do quarto até a porta, eles foram definhando, os ossos foram enfraquecendo. Ela agora achava que o toque dele a machucaria, deixaria uma marca.

— Vamos nos vestir — disse ele, tomando-a pelo braço. — Temos que ir.

O trajeto até o hospital pareceu durar uma eternidade. Àquela hora não havia balsas, então precisaram cruzar a ponte para o condado de Kitsap e então seguir até Seattle.

No carro, nenhum dos dois falou. O silêncio parecia controlável, as palavras, não. Até mesmo inspirar e expirar sem chorar exigia concentração.

Jude desejou ser uma pessoa religiosa. Toda a espiritualidade que cultivara não a estava ajudando. Ela precisava de fê, um antídoto para o medo crescente. Quando estacionaram, ela olhou para o marido. Ele estava abatido e desolado, com os olhos fundos.

Ela queria confortá-lo, como tantas vezes fizera quando ele chegara do trabalho ainda abalado com a perda de uma vida. Queria lhe dizer que não pensasse no pior, mas ela estava frágil demais mesmo para ampará-lo.

Dentro do hospital branco e iluminado, Jude endireitou os ombros e deu passos decididos, na tentativa de, ao ter controle sobre as coisas ao redor de si, dominar o medo. Mas suas perguntas ficavam sem resposta, seus pedidos de ajuda não eram atendidos.

— Pare — disse Miles finalmente, levando-a para um canto do corredor lotado. — Deixe que eles trabalhem. Tudo o que podemos fazer é esperar.

Ela não queria ficar sem fazer nada, mas não tinha escolha. Então ficou ali, assombrada com a própria impotência, tentando não chorar. Aguardando.

Finalmente, logo após as seis da manhã, receberam uma resposta. Parecia que décadas se haviam passado, mas, na verdade, fora menos de uma hora.

— Mia está em cirurgia — falou o homem diante dela. Era grande, negro, tinha um bíceps tatuado e os olhos cor de caramelo mais amáveis que ela já vira. O macacão laranja parecia mais um uniforme de prisão que uma roupa de hospital. — Ela sofreu ferimentos internos muito graves. Isso é tudo o que sei — acrescentou, quando Miles começou a fazer perguntas.

— Mas ela vai ficar bem — disse Jude.

Tudo parecia estar misturado e confuso em sua cabeça, os sons soavam amortecidos, abafados. Por que ela conseguia ouvir as batidas do seu coração com todo esse barulho?

— O cirurgião sairá para conversar com vocês quando terminar, mas é provável que demore. Eles acabaram de começar — informou o enfermeiro.

— E o Zach? — perguntou Miles.

— Vou levá-los até ele — respondeu o homem. — Ele sofreu queimaduras químicas no rosto e nos olhos, então está enfaixado. Antes que pergunte, Dr. Farraday, isso é tudo o que sei. Ele também fraturou uma ou duas costelas. A moça, Alexa, está sendo atendida agora mesmo, mas acho que os ferimentos dela são menos graves. Um braço quebrado, uma laceração na testa.

— Queimaduras? — perguntou Jude. — Qual é a gravidade? Ele já foi visto por um especialista? Há um médico da UW... qual é o nome dele, Miles?

Miles pegou a mão da esposa.

— Depois, Jude — disse com firmeza, e ela sentiu a impotência voltar a crescer.

Seguiram o enfermeiro até um quarto privativo, no qual seu filho, o menino que na semana anterior ela notara que já era um homem feito, estava sozinho, deitado em uma cama de estrutura metálica, rodeado de máquinas. O lado direito do rosto estava ferido e inchado, um pouco desfigurado. A cabeça estava enfaixada, com uma camada de bandagens mais larga logo acima das orelhas. Um curativo retangular de gaze cobria a parte inferior da face direita e o queixo.

Miles apertou a mão de Jude, e desta vez ela se aferrou a ele.

— Estamos aqui — disse Miles.

— Estou segurando a sua mão, Zach — falou Jude, tentando não chorar ao olhar para o rosto ferido e queimado do filho, cujos olhos estavam vendados. A outra mão estava enfaixada até acima do pulso. — Como quando você era pequeno, lembra? Eu segurava a sua mão até a entrada da sala de aula no jardim de infância. Você ficou todo grande no nono ano, e então eu só podia fazer isso no carro, durante alguns minutinhos. Eu esticava a mão até o banco de trás, lembra? E você segurava a minha mão alguns minutos, só até...

— Mãe?

Por um instante, ela pensou que havia imaginado sua voz.

— Graças a Deus — sussurrou ela, apertando a mão dele.

Zach tentou se sentar.

— Onde eu estou?

— Fique deitado, filho. Você está em um hospital — disse Miles.

— Eu... não estou vendo nada... O que aconteceu?

— Vocês sofreram um acidente de carro — disse Miles.

— Eu estou cego?

É claro que não, Jude quis dizer. Isso não podia ser verdade, não com seu filho, que tinha medo do escuro.

— Seus olhos estão enfaixados. É só isso.

— Ainda não sabemos a gravidade dos ferimentos — disse Miles em um tom de voz ameno. — Descanse, Zach. O mais importante é que você está vivo.

— Como está a Mia? — perguntou Zach baixinho, ainda parcialmente sentado. Ele tentou olhar ao redor, cego por causa de toda aquela gaze. — E a Lex?

— A Mia está sendo operada agora. Estamos aguardando notícias — respondeu Jude. — Tenho certeza de que vai ficar bem. Este hospital é excelente.

— E a Lexi? — quis saber Zach.

— O enfermeiro acha que ela vai ficar bem. Vamos ter mais notícias em breve — respondeu Miles.

— Descanse, querido — pediu Jude, procurando acalmá-lo com a voz, como fizera tantas vezes quando ele era pequeno. — Nós vamos ficar aqui.

Ela se sentou ao lado da cama do filho, como costumava fazer. Momentos depois, Miles saiu para tentar saber sobre Mia. A espera por notícias era terrível, mas Jude precisava aguentar. Que escolha tinha? E, no fundo da alma, ela acreditava que Mia ficaria bem. Precisava acreditar nisso.

Atrás dela, a porta voltou a se abrir.

— Ainda não temos notícias — disse Miles.

Jude olhou de novo para Zach, tentando imaginar o que dizer. As palavras pareciam pesadas e atabalhoadas e o medo não deixava

que ela *pensasse* direito. Então ela mergulhou fundo no passado, até os dias em que tinha dois bebês que se enroscavam como filhotinhos em seu colo, e contou a história preferida de seu filho. Ela não recordava as palavras exatas, mas sabia o suficiente para começar:

— “Na noite em que Max vestiu a roupa de lobo para fazer travessura, sua mãe o chamou de monstro e o mandou para o quarto sem jantar...”

Ao lembrar as palavras — algo sobre dentes terríveis —, tentou se distanciar das recordações que evocavam. Mas como? A história lhe trazia à mente um menino que chorava quando ela apagava a luz do quarto, que tinha pavor de monstros no armário e embaixo da cama. Só a presença da irmã o acalmava. Jude ignorara todos os manuais sobre o assunto e deixara os gêmeos dormirem na cama com ela e Miles.

E agora os olhos de Zach estavam enfaixados. Ele estava em total escuridão.

— Mãe?

Ela enxugou os olhos.

— O que é, querido?

— Você já viu a Lexi?

— Ainda não.

— Vá vê-la. Fale para ela... fale para ela que eu estou bem, tá?

Ela apertou sua mão e a soltou.

— Claro. — Ficou de pé, com as pernas trêmulas, e se voltou para Miles. — Você fica segurando a mão dele?

— É claro.

Jude fingiu não notar que ela e o marido não conseguiam mais se olhar nos olhos.

— Está bem.

Ela ficou mais um segundo, sentindo-se incapaz de se separar do filho, e então saiu do quarto e entrou no corredor iluminado. Depois de parar para se recompor, foi até o movimentado balcão dos enfermeiros.

— Posso saber informações sobre Alexa Baill? — perguntou.

— A senhora é parente?

— Não.

— Ela está no quarto 613 da ala oeste. É tudo o que posso informar.

O quarto tinha duas camas. Uma, ao lado da janela, estava desocupada. Na outra estava Lexi. Embora a cama estivesse com a cabeceira elevada, ela estava dormindo. O lindo rosto em forma de coração estava ferido. Acima do olho esquerdo havia um curativo, provavelmente devido à laceração, e o braço esquerdo estava engessado. Ao lado dela, Eva Lange estava sentada em uma cadeira de plástico. A mulher parecia mais velha que na lembrança de Jude, e menor. Estava com as mãos unidas, apertadas sobre o colo.

Jude ouvira tantas histórias sobre essa mulher ao longo dos anos, ela que acolhera Lexi sem nunca tê-la visto e lhe oferecera um lar. Eva quase não tinha dinheiro, apenas um trailer alugado e um carro de segunda mão em seu nome, mas aceitara cuidar de Lexi.

— Oi, Eva — disse Jude. — Posso entrar?

Eva levantou a vista. Os olhos escuros estavam cheios de lágrimas e o rosto exibia rugas profundas.

— Claro.

— Como ela está? — perguntou Jude.

— Não tenho como saber. Conseguir falar com um médico é como encontrar um bilhete de loteria premiado.

— Vou pedir ao Miles que traga informações. Mas é difícil. Nós também estamos esperando notícias sobre... a Mia.

Jude olhou para Eva e, ainda que não tivessem quase nada em comum, havia aquele momento, a preocupação maternal que as vinculava.

— Eu não entendo — falou Eva suavemente, com os olhos úmidos. — Ela me disse que iria passar a noite na sua casa. Com a Mia.

— Sim, esse era o plano.

— Mas às três e meia não estavam em casa?

Subitamente, Jude percebeu, de forma nítida e violenta, que seus filhos eram os responsáveis por aquilo, pois o carro era deles... e ela tinha deixado que saíssem.

— Eles ignoraram o toque de recolher.

— Ah.

Jude se aproximou da cama e observou a menina que seu filho amava. Tudo parecia tão sem importância agora... A briga que tiveram por causa desse amor, a dúvida com as faculdades. Jude agiria de modo diferente dali em diante. *Eu prometo, Deus. Serei uma pessoa melhor. Mas proteja Mia, Zach e Lexi.*

— Ela é como se fosse da família.

— Eu sei quanto ela ama todos vocês.

— Nós também a amamos. Bem, é melhor eu voltar — disse por fim, recuando. — Talvez tenhamos notícias sobre a Mia.

— Estou orando pelos três — disse Eva.

Jude assentiu e pensou que gostaria de saber rezar.

Doze



-Jude, querida, eles têm notícias para nós.

Jude acordou sobressaltada. Estava afundada em uma cadeira, ao lado da cama de Zach. Sem saber como, conseguira pegar no sono. Piscou e esfregou os olhos. A luz do sol que atravessava a janela não parecia fazer sentido. Ela soube que o filho estava dormindo porque ele respirava pausadamente.

Miles a ajudou a ficar de pé e a conduziu até o corredor, onde um homem de uniforme azul os aguardava.

Ela se segurou na mão de Miles.

— Eu sou o Dr. Adams — disse o cirurgião, tirando o gorro colorido da cabeça. Tinha uma cabeleira grisalha e um rosto flácido e franzido, como o de um cãozinho *basset hound*. — Sinto muito...

Os joelhos de Jude fraquejaram. Ela se agarrou ao braço forte de Miles, mas de repente ele também começou a tremer.

Ferimentos graves demais... sem cinto de segurança... atirada para fora do carro... O cirurgião continuava falando, mas Jude não conseguia ouvi-lo.

Um capelão do hospital entrou no seu campo de visão, vestido de preto, um corvo chegando para bicar os ossos.

Ela ouviu alguém gritar e o som se sobrepôs a tudo o mais. Jude empurrou o capelão.

Era *ela*. Era ela quem estava gritando *não* e chorando.

Quando tentaram segurá-la — talvez Miles, talvez o capelão, ela não sabia quem a agarrava —, ela se desvencilhou e foi tropeçando para um canto, chamando aos berros pelo nome da filha.

Ouviu Miles atrás de si, bombardeando o cirurgião com perguntas e ouvindo respostas, algo sobre a circulação sanguínea no cérebro e pentobarbital. Quando o ouviu dizer *morte cerebral*, vomitou e caiu de joelhos sobre o próprio vômito.

Depois Miles estava ao seu lado, manipulando-a com a delicadeza que geralmente reservava a seus pacientes idosos. Ele passou um braço em torno dela, a ajudou a se levantar e a amparou, enquanto suas pernas cediam.

Havia pessoas ao redor deles, observando-a. *Parem com isso*, ela pensou, olhando para eles.

Por favor, Deus.

Por favor.

Ela estava fazendo um escândalo, estava se humilhando.

Miles a levou até um quarto vazio, onde ela caiu em uma cadeira de plástico, inclinando-se para a frente. *Isto não é verdade. Não pode ser.*

— Eu estive com ela ainda há pouco — falou ela para Miles, olhando-o através de lágrimas escaldantes.

Ele se ajoelhou na frente dela e não disse nada. Ela se sentiu drenar completamente por dentro, esvaziando-se. Então alguém bateu à porta.

Quanto tempo haviam ficado ali? Um minuto? Uma hora?

O capelão entrou no quarto. Ao lado dele, uma mulher vestindo um *tailleur* azul barato segurava uma prancheta.

— Gostariam de ver a Mia? — perguntou o capelão.

Jude fitou os olhos azuis do homem e viu lágrimas. Aquele estranho estava chorando por ela, e então a verdade implacável e fria se solidificou em seu âmago.

— Queremos — respondeu Miles.

Foi a primeira vez em que ela pensou nele, na dor que ele estava sentindo. Ao olhar para o marido, viu que ele também estava chorando.

Eram tão frágeis... Quem imaginaria isso? Certamente não ela. Até o instante em que buscara a mão de Miles, ela tinha acreditado que era uma mulher forte. Poderosa, até. Uma mulher de sorte.

Levantaram-se juntos e atravessaram um corredor após outro, até chegarem à última porta à direita. Bem longe dos outros pacientes. É claro.

Miles teve forças para abrir a porta. Como ele conseguiu, Jude nunca saberia.

A sala estava muito iluminada, o que surpreendeu Jude; quase tudo era de aço inoxidável. E havia ruídos, batidas e movimentos de máquinas. Uma tela de computador mostrava batimentos cardíacos que subiam e desciam sobre um fundo preto.

— Graças a Deus — sussurrou Jude. Ela se enganara. No terror de ouvir *Eu sinto muito*, ela entendera tudo errado. Mia não havia falecido. Estava bem ali, bonita como sempre, com o peito subindo e descendo. — Ela está bem.

A mulher com a prancheta deu um passo à frente.

— Na verdade, não está, não. Eu sinto muito. O nome disso é morte cerebral, e posso...

— Pare! — disse Miles, tão bruscamente que a mulher empalideceu. — Eu sei por que você está aqui e quanto tempo temos.

Já conversei com o Dr. Adams. Vamos consentir. Agora, deixe-nos a sós.

A mulher assentiu.

— Consentir com o quê? — Jude olhou para Miles. — Ela parece estar perfeita. Com alguns ferimentos, mas... veja como está respirando. E está com uma cor boa.

Os olhos de Miles se encheram de lágrimas.

— São as máquinas — disse com ternura. — Elas mantêm o corpo dela vivo, mas a mente... a nossa Mia... não está mais aí.

— Ela parece...

— Acredite em mim, Jude. Você sabe como eu lutaria por ela se... a nossa menina ainda pudesse ser salva.

Ela não sabia como acreditar. Tudo dentro dela gritava que não era justo, não era certo, deveria ser um engano. Começou a se afastar balançando a cabeça, mas Miles não a soltou. A puxou contra seu peito e a segurou com tanta força que ela não conseguiu se mover.

— Ela se foi — sussurrou ele ao ouvido de Jude.

Ela gritou alto, lutando para se desvencilhar, dizendo *não, não, não*, mas ele a segurou contra o peito. Ela chorou até que todo o seu corpo pareceu se esvaziar, e finalmente ele a soltou.

Fraca, ela caminhou até a cama da filha.

Mia estava rodeada de máquinas e fios e agulhas e tubos. A aparência era saudável, como se ela fosse abrir os olhos a qualquer segundo e dizer *Hola, madre*.

— Oi, bonequinha — disse Jude, detestando sentir sua voz fragilizada engasgar ao pronunciar o apelido. — Ela precisa da cachorrinha Daisy. Por que não a trouxemos?

Miles pôs-se a seu lado.

— Oi, minha menininha — disse, caindo em prantos.

Jude queria consolá-lo, mas não conseguia.

— A última coisa que eu falei para ela foi que eu não iria desculpar se ela desistisse da USC. Meu Deus, Miles...

— Pare — pediu ele apenas.

Se Miles não estivesse ao seu lado, segurando-a, ela teria caído ao lado da filha, que parecia dormir placidamente. Jude se lembrou da sensação de levá-la no ventre, de imaginá-la e amá-la antes mesmo de vê-la, de falar com eles, os gêmeos ainda não nascidos, que nadavam em sua barriga inchada como dois peixinhos enredados, sempre juntos...

Zach ficaria sozinho agora. Filho único.

Como diriam isso a ele?

O mundo parecia distante e envolto em plástico-bolha. Jude não se concentrou em nada além da filha. Na hora seguinte, foram contatados amigos e parentes. Só Miles falou. Jude ouvia palavras, palavras que antes não tinham significado. *Órgãos. Coração. Córneas. Pele. Salvar vidas.* Ela assentia, assinava e não olhava para ninguém nem dizia nada. As pessoas a empurravam e afastavam enquanto examinavam Mia. Mais de uma vez, Jude deu um salto e gritou para alguém ter cuidado com sua filha. Era tudo o que ela sabia fazer. Ela dizia que Mia sentia cócegas, que cantava desafinado e que cantarolava murmurando o tempo todo, que detestava sentir frio.

Ninguém parecia ouvir. Todos pareciam incrivelmente tristes e baixavam a voz, falando aos sussurros. Em algum momento, o capelão parou ao seu lado, a afastou da cama e tentou consolá-la

com palavras prontas. Ela lhe deu uma cotovelada e correu de volta para Mia.

— Estou aqui, bonequinha — disse. — Você não está sozinha.

Ficou ali durante todo o tempo que lhe permitiram, imóvel, murmurando palavras de amor, contando histórias e tentando se lembrar de cada detalhe, por mais ínfimo que fosse, a respeito de Mia.

Por fim — e ela não fazia ideia de quando foi que aconteceu nem de quanto tempo havia passado ali — Miles foi até ela.

— Jude? — disse, e ela teve a noção de que ele a chamara mais de uma vez, talvez até gritara.

Ela descolou o olhar de Mia e se voltou para o marido.

Atrás de Mia havia uma equipe de pessoas vestindo uniformes cirúrgicos. Ela avistou alguém segurando uma caixa térmica branca e vermelha.

— Eles precisam levá-la agora, Jude — disse ele, levantando os dedos de Jude, que estavam agarrados à grade da cama.

Ela olhou para ele, sentindo as lágrimas quentes.

— Eu não estou preparada.

Ele não disse nada. O que havia a dizer? Quem estaria preparado para algo assim?

— Você vai ficar com ela? — perguntou Jude, apertando a mão contra o coração dele e sentindo-o bater.

— Ficarei na área de observação. — Sua voz falhou. — Ela não vai estar -sozinha.

— Eu quero ficar do lado de fora da sala de operação — disse ela, ainda que o que ela quisesse mesmo fosse sair correndo.

— Está bem.

Ela se virou novamente, inclinou-se e beijou os lábios da filha, que eram rosados e cheios.

— Eu amo você, bonequinha.

Ela puxou o cobertor até o pescoço de Mia. Era um gesto instintivo, um carinho de mãe. Finalmente se afastou, trêmula, e deixou que Miles a levasse para longe da cama. Em instantes, Mia partiria de verdade...

Já estavam tirando Mia do quarto quando Jude se lembrou de alguém que haviam esquecido. Como podiam ter esquecido?

— Esperem! — gritou.

Miles olhou para ela.

— O quê?

— Zach — foi só o que conseguiu dizer.

Lexi ouve Mia falar, rir... dizer algo sobre fazer parte do seu mundo...

— Hã? — murmurou ela para a melhor amiga, estendendo-lhe os braços, mas não havia ninguém ao seu lado.

Lexi acordou lentamente, piscando. Havia algo errado. Onde ela estava?

Tentou se sentar e sentiu uma dor aguda no peito. Foi tão forte que ela deu um grito.

— Alexa? — Eva se levantou. Estava em uma cadeira ao lado da janela, lendo.

— Onde eu estou? — perguntou Lexi, franzindo a testa.

Eva se aproximou.

— No hospital.

Essas duas palavras fizeram o tempo parar. Lexi se lembrou de tudo em uma rápida sucessão de imagens: o capô branco do carro

avançando depressa, a árvore subitamente iluminada de branco, o grito de Mia, fumaça, o som de vidros se estilhaçando...

— Nós batemos — murmurou, voltando-se para a tia.

Ao ver os olhos tristes de Eva, soube que fora grave. Afastou as cobertas e se movimentou para sair da cama.

Eva segurou com firmeza seu pulso bom.

— Não, Lexi. Você está com uma costela quebrada e um braço fraturado. Fique quieta.

— Eu preciso ver o Zach e a Mia...

— Ela não está mais aqui, Lexi.

Lexi relaxou, aliviada.

— Graças a Deus. Quando ela foi para casa? E como o Zach está?

— A Mia morreu, Lexi. Eu lamento muito.

Morreu.

Não está mais aqui.

Lexi não compreendia totalmente essas palavras. Como era possível? Ela sentia Mia ao seu lado, inclinada junto dela, murmurando *Não me deixe ficar sozinha, eu posso fazer alguma bobagem*. Havia sido momentos atrás, há um segundo. *Posso me sentar aqui com vocês?*

— Não — murmurou. — Não diga isso...

Eva balançou a cabeça e lá estava, envolta em silêncio, como uma serpente adormecida em que alguém esbarrara: a verdade cruel, revelada.

O carro. O acidente. Morte.

Não. Não.

— Não pode ser verdade — murmurou Lexi. Mia fazia parte dela. Como era possível que só uma sobrevivesse? — Eu *sentiria*, não é? Não pode ser verdade.

— Sinto muito.

Lexi se deixou cair na cama. Olhou para a porta esperando ver Mia ali, com seu visual um pouco estranho, os braços cruzados, o cabelo trançado de um jeito desigual, dando aquele sorriso típico e dizendo: “*Hola*, amiga, o que vamos fazer hoje?”

Sentou-se novamente:

— Zach?

— Não sei — disse Eva. — Ele sofreu queimaduras. É tudo o que sei.

Queimaduras.

— Meu Deus — sussurrou. — Não me lembro de ver fogo.

Queimaduras.

— Me conte o que aconteceu — pediu Eva gentilmente, segurando a mão de Lexi.

Lexi relaxou o corpo, sentindo como se uma faca enferrujada tivesse arrancado sua alma. Se pudesse optar por deixar de existir, escolheria isso. *Por favor, Deus, cuide dele.* De outro jeito, como ela poderia seguir vivendo?

Como ela conseguiria viver sem Mia?

Jude estava de pé ao lado da maca, segurando a mão de Mia. Estava ciente da comoção em torno de si: pessoas indo e vindo, integrantes da equipe falando na “colheita” como se Jude fosse surda. Havia um garoto que precisava desesperadamente do coração forte e amável de Mia, apenas um ano mais novo do que ela, e outro menino que sonhava em poder jogar beisebol... uma mãe de quatro

filhos que estava morrendo de insuficiência renal e desejava apenas ter forças para acompanhar os filhos até a escola. Eram histórias comoventes, que deveriam reconfortar Jude. Ela sempre ficara tocada com esse tipo de coisa. Mas não agora.

Miles podia se sentir em paz com essas doações. Ela não. Nem ficava perturbada ou ofendida, tampouco. Simplesmente não ligava.

Dentro dela havia somente dor, que ela mantinha presa atrás dos lábios apertados. Se começasse a gritar, só Deus sabe o que seria.

Ouviu uma porta se abrir atrás dela e soube quem era. Miles fora buscar Zach para se despedir da irmã gêmea. A porta se fechou suavemente atrás deles.

Agora estavam apenas os quatro, só a família. Todos os médicos e especialistas esperavam do lado de fora.

— Aconteceu alguma coisa com a Mia — disse Zach. — Eu não consigo senti-la.

Miles ficou pálido.

— É. A Mia... não resistiu, Zach — explicou Miles, finalmente.

Jude sabia que deveria ir para junto do filho e ampará-lo, mas não conseguia se desprender da mão de Mia, não podia se mover. Se a soltasse, Mia iria embora, e a ideia da perda era insuportável, então ela continuava segurando.

— Ela... ela morreu? — perguntou Zach.

— Fizeram tudo o que foi possível. Os ferimentos eram muito graves.

Zach começou a arrancar as bandagens dos olhos.

— Eu preciso olhar para ela...

Miles abraçou o filho.

— Não faça isso — disse, e, ao fim da frase, os dois estavam chorando. — Ela está bem aqui. Nós sabíamos que você iria querer se despedir.

Ele conduziu o filho queimado e enfaixado até a maca, onde a irmã estava amarrada, com o corpo coberto de branco e mantido vivo por máquinas sobre rodas.

Zach encontrou a mão da irmã e a segurou. Como sempre, eles se encaixaram feito peças de um quebra-cabeça. Ele se inclinou para a frente e repousou a cabeça enfaixada sobre o peito da irmã. Sussurrou o apelido que ela tinha desde bebê, *Mimi*, e disse algo que Jude não entendeu. Provavelmente era uma palavra de muito tempo atrás, esquecida até agora, na língua secreta compartilhada pelos gêmeos. Antes era sempre Zach quem conversava, falando no lugar da irmã... e agora era assim de novo.

Atrás deles, alguém bateu à porta.

Miles segurou o filho pelos ombros e o afastou delicadamente da maca.

— Eles precisam levá-la, filho.

— Não a deixem no escuro — disse Zach, com voz rouca. — Não era eu que tinha medo. Era ela. — Sua voz falhou. — Ela não queria que ninguém soubesse.

Com aquela lembrança de quem eles eram, de quem haviam sido — os gêmeos —, Jude sentiu o último fio de coragem se romper.

Não a deixem no escuro.

Jude apertou a mão de Mia com força, prendendo-se à filha o maior tempo possível.

Miles e Zach deram a volta e foram até ela. Os três ficaram de pé juntos, abraçados. A família que restava.

Outra batida à porta.

— Jude — disse Miles, e seu rosto estava molhado de lágrimas. — Está na hora. Ela já se foi.

Jude sabia o que precisava fazer, o que todos estavam esperando que ela fizesse. Preferiria arrancar o próprio coração. Mas não tinha escolha.

Soltou a mão da filha e deu um passo para trás.

Freze



Jude se agachara no corredor, perto da porta do centro cirúrgico. Em algum momento, perdera o equilíbrio e caíra no piso de linóleo frio. Ficara lá, com o rosto contra a parede. Ela ouvia o ir e vir de pessoas à sua volta, correndo de um trauma a outro. Às vezes alguém parava e falava com ela. Ela olhava os rostos — franzidos, compassivos e um pouco distraídos — e tentava entender o que diziam, mas não conseguia. Não dava. Seu corpo todo tremia de frio, a vista estava enevoada e ela não ouvia nada além das batidas relutantes de seu coração.

Não. Não desculpo.

Vamos conversar amanhã.

Essas palavras martelavam em sua cabeça incessantemente.

— Judith?

Ela virou um pouco o rosto e viu a mãe de pé, ereta e alta, com o cabelo branco perfeitamente penteado e as roupas rigorosamente bem-passadas. Ela sabia que a mãe estava ali havia horas e tentara diversas vezes falar com Jude, mas de que serviriam agora palavras trocadas entre estranhas?

— Deixe-me ajudar, Judith — disse a mãe. — Não pode ficar aí sentada no corredor. Deixe que eu busque um café para você. Comer vai ajudar.

— Comer não vai ajudar.

— Não há por que gritar, Judith. — A mãe olhou para os dois extremos do corredor, para conferir se alguém ouvira o vexame. — Venha comigo — pediu, abaixando-se.

Jude se retorceu de lado, encolhendo-se mais contra o canto.

— Estou bem, mãe. Só me deixe em paz, ok? Vá procurar o Miles. Ou ver o Zach. Eu estou bem.

— Você definitivamente não está bem. Acho que deveria comer alguma coisa. Está aqui há sete horas.

Jude já estava farta das pessoas lhe dizerem isso. Como se ter comida no estômago curasse o vazio em seu coração.

— Saia daqui, mãe. Agradeço por vir, está bem? Mas preciso ficar sozinha. Você não entende.

— Não, é? — A mãe emitiu um som baixo e então disse: — Muito bem. — E então se ajoelhou ao lado de Jude.

— O que está fazendo?

Poucos centímetros acima do piso frio, a mãe se deixou cair no chão.

— Estou me sentando com a minha filha.

Jude sentiu uma ligeira culpa. Sem dúvida era um dos gestos interesseiros de sua mãe, um jeito de obrigar Jude a ceder à sua vontade. Em outro momento teria funcionado, Jude teria suspirado, derrotada, e ficado de pé, fazendo o que a mãe mandava. Agora, ela não se importava. Não sairia dali até que Miles fosse buscá-la.

— Não devia se sentar aqui, mãe. Está frio.

A mãe olhou para ela e, durante um instante, deixou transparecer uma tristeza insuportável no olhar.

— Eu já senti frio outras vezes, Judith Anne. Vou ficar aqui.

Jude deu de ombros. Tudo era demais para ela. Não conseguia pensar em nada neste momento, muito menos na mãe.

— Tanto faz — disse, cansada.

No instante em que as palavras saíram de sua boca, ela se arrependeu. Como era possível que duas palavrinhas evocassem uma era, uma criança, um detalhe tão peculiar? Viu Mia com 13 anos e aparelho nos dentes, cheia de acne e insegurança, dizendo “tanto faz” como resposta a qualquer pergunta.

Fechou os olhos e deixou que as lembranças viessem...

— Jude?

Ela levantou a vista, confusa com o som do próprio nome. Quanto tempo ficara ali? Olhou para o lado e viu a mãe dormindo.

Miles tinha saído do centro cirúrgico.

— Terminou — disse ele, estendendo a mão para ela.

Jude começou a se levantar e caiu de novo. No mesmo instante ele estava ao lado dela, amparando-a. Quando Jude ficou de pé, ele ajudou Caroline a se levantar.

— Obrigada — disse Caroline secamente, alisando os cabelos, embora nenhum fio estivesse fora de lugar. — Vou para a sala de espera.

Olhou para Jude por um momento e quase disse algo, mas deu meia-volta e se afastou.

Jude se agarrou ao braço do marido e deixou que ele a levasse até a sala de cirurgia. Mia estava deitada em uma mesa, coberta de branco, com o cabelo louro-prateado envolto por uma touca azul-clara. Jude a retirou, deixando os cabelos da filha caírem soltos. Acariciou-os, como fizera tantas vezes antes.

Mia continuava linda, mas tinha o rosto pálido como cal e os lábios descoloridos.

Jude segurou a mão de Mia e Miles segurou a de Jude. Os três ficaram conectados, sem dizer nada, apenas chorando, até que um enfermeiro entrou.

— Dr. Farraday? Sra. Farraday? Sinto muito por incomodar, mas precisamos levar a filha de vocês.

Jude apertou a mão fria de Mia.

— Eu não estou preparada.

Miles se virou para ela e prendeu seu cabelo atrás da orelha.

— Agora precisamos ficar com o Zach.

— Quando voltarmos, ela vai ter ido embora.

— Ela já foi embora, Jude.

Jude começou a sentir dor, mas a afastou, de modo que o torpor pudesse voltar. Não podia se permitir sentir nada. Inclinou-se e beijou o rosto de Mia, constatando que ele também estava frio, e murmurou:

— Eu amo você, bonequinha.

Então se afastou e viu Miles fazer o mesmo. Não entendeu o que ele disse, só ouvia o próprio sangue entrar e sair do coração. Sentiu-se um pouco tonta, mas, enquanto seguia pelo corredor agitado, entrava no elevador e alcançava o sexto andar, perdeu até mesmo essa sensação sutil.

— Sra. Farraday?

— Jude?

Por entre a névoa, ouviu Miles chamar seu nome. O tom impaciente lhe indicou que não tinha sido a primeira vez.

— Este é o Dr. Lyman — apresentou Miles.

Estavam em outro corredor, do lado de fora do quarto de Zach. Jude nem se lembrava de ter chegado ali.

— Sinto muito sua perda — disse o Dr. Lyman.

Ela assentiu e não disse nada.

O Dr. Lyman os conduziu para dentro do quarto do filho. Zach estava reclinado na cama, de braços cruzados.

— Quem está aí? — perguntou.

— Somos nós, Zach — disse Jude, tentando passar uma voz firme.

O Dr. Lyman pigarreou e foi até a cama de Zach.

— Como você está se sentindo?

Zach deu de ombros, como se não tivesse importância.

— Meu rosto está doendo pra caramba.

— É uma queimadura — disse o Dr. Lyman.

— Eu me *queimei*? — perguntou Zach, falando baixinho. — No rosto? Como?

— É raro — disse o Dr. Lyman. — A maioria das pessoas nem sabe que isso é possível, mas os *air bags* dos carros têm uma espécie de combustível, um propulsor. Normalmente eles se abrem sem problema, mas às vezes, e foi isso que aconteceu com você, Zachary, o sistema pode falhar e provocar queimaduras químicas. Foi o que feriu seus olhos também.

— Como está meu rosto?

— As queimaduras não são graves — disse o médico. — Há uma área ao longo do seu queixo que precisamos acompanhar, mas as cicatrizes devem ficar pequenas ou desaparecer. Acredito que não precisaremos fazer transplante de pele. Posso retirar os curativos?

Zach concordou.

O Dr. Lyman foi até a pia para lavar as mãos e em seguida retirou cuidadosamente as bandagens do rosto de Zach. Seu cabelo

havia sido raspado apenas de um lado, o que lhe dava uma aparência um pouco torta, fora de eixo.

Quando os curativos foram retirados, Jude viu o ferimento cheio de bolhas e líquido que se estendia por todo o limite do couro cabeludo, passando pelo rosto e descendo até o queixo.

Lentamente, o Dr. Lyman retirou as faixas dos olhos de Zach e os semicírculos de metal trançado postos sobre cada olho. Ele inclinou a cabeça de Zach e pingou algumas gotas de colírio em seus olhos.

— Muito bem — disse, finalmente. — Abra os olhos.

Os cílios de Zach estavam secos e espetados. Ele molhou os lábios e mordeu o lábio inferior.

— Você consegue, Zach — disse Miles, inclinando-se sobre ele.

As pálpebras de Zach hesitaram, como um passarinho que abre as asas pela primeira vez, e então, devagar, muito devagar, ele abriu os olhos.

— O que está vendo? — perguntou o Dr. Lyman.

Zach esperou um tempo, movendo a cabeça.

— Está borrado, mas eu consigo ver. Mãe. Pai. Cara de cabelo branco.

Miles se inclinou para a frente.

— Graças a Deus.

O Dr. Lyman disse:

— A vista borrada é temporária. Em pouco tempo sua visão deve melhorar. Você é um rapaz de sorte.

— É. Sorte.

Ouvindo Zach chorar, Jude se sentiu invadida por uma nova dor, tanto pelo que estava acontecendo quanto por não saber como

fazê-lo se sentir melhor. Não havia nada que ela pudesse fazer para ajudar seu filho, a si própria, ou a Mia.

— Fique calmo, Zach — pediu Miles, depois que o médico saiu.

— É minha culpa, pai — disse Zach. — Como vou viver com isso?

— A Mia não culparia você — disse Miles, e, embora as palavras fossem sensatas, sua voz traía a intensidade de sua dor.

Jude percebia que o marido tentava lidar com a perda de uma filha enquanto consolava o outro filho. Sua luta interna era igual à dele.

— Eu *preferiria* ter ficado cego — disse Zach e, pela primeira vez, ele falou como um adulto. Seguro. — Não quero ir para casa e ver o quarto da Mia. Nem a foto dela.

Neste momento, o policial Avery chegou. Segurava uma sacola de papel amassada nas mãos, apertando a borda enrolada com os dedos grossos.

— Dr. Farraday? Jude? — disse, pigarreando. — Sinto muito por incomodá-los neste momento tão difícil. — Pigarreou mais uma vez. — Mas preciso fazer algumas perguntas ao Zach.

— É claro — concordou Miles, enquanto se aproximava da cama. — Zach? Pode responder a umas perguntas?

— Tanto faz — disse Zach.

O policial pigarreou e caminhou um tanto sem jeito até Jude, oferecendo-lhe a sacola de papel.

— Tome — disse. — Lamento muito.

Ela sentiu como se estivesse embaixo d'água, tentando alcançar algo que parecia próximo, mas na realidade estava distante. Ficou um pouco surpresa quando sentiu a sacola de papel áspero.

Ao abri-la, viu um borrão cor-de-rosa — a bolsa de Mia — e fechou a sacola rapidamente, apertando-a com as mãos trêmulas.

O policial se afastou respeitosamente e abriu um pequeno bloco de notas.

— Seu nome é Zachary Farraday?

— Você sabe quem eu sou. Você era o Policial Camarada no quarto ano.

O policial Avery deu um breve sorriso.

— E o Mustang branco que bateu na Estrada da Noite ontem era seu?

— Era o meu carro.

— E você esteve em uma festa na casa dos Kastner no sábado à noite, com sua irmã e Alexa Baill?

— E mais umas cem pessoas.

— E você ingeriu álcool — disse o policial, consultando uma folha de papel. — Tenho laudos aqui que informam que o nível de álcool no seu sangue era de 0,28 — falou o policial. — São quase quatro vezes o limite permitido por lei.

— É — respondeu Zach num sussurro.

Eu não vou dirigir depois de beber, madre... Você sabe que pode confiar em mim. Quantas vezes Jude o ouvira fazer essa promessa?

Ela fechou os olhos, como se a escuridão oferecesse algum refúgio.

O policial virou a página.

— Você se lembra de sair da festa?

— Lembro. Era por volta das duas horas da manhã. A Mia estava tendo uma síncope porque estávamos atrasados.

— E então vocês decidiram entrar no carro e dirigir — disse o policial.

As palavras golpeavam como um aríete. Jude sentia cada uma acertá-la na espinha e reverberar até a cabeça.

— A Lexi queria telefonar para casa — disse Zach, em voz baixa. — Eu falei para ela deixar de ser idiota. Tínhamos feito isso antes e mamãe surtou. Eu não queria perder a próxima festa.

— Ah, Zach — disse Miles, balançando a cabeça.

Jude começou a se sentir nauseada de novo.

Ela já tinha se esquecido da outra vez, quando eles haviam acreditado nela e ligaram para que fosse buscá-los. E o que ela havia feito? Os fizera pagar por isso, proibindo que fossem a vários eventos naquele fim de semana.

Meu Deus.

— Você estava bem até entrar na Estrada da Noite — prosseguiu o policial Avery.

— Não tinha ninguém na estrada. A Mia estava... A Mia estava no banco de trás, cantando junto com o rádio. Aquela música da Kelly Clarkson. Eu mandei que ela calasse a boca e aí ela me bateu na cabeça, e aí... — Zach respirou fundo. — Nem estávamos indo tão depressa, mas estava escuro e a curva apareceu, sabe? Aquela curva fechada logo depois da caixa de correio dos Smithson. Tipo, apareceu do nada. Eu ouvi a Mia gritar e falei para a Lexi frear e tentei segurar a direção... mas aí...

Jude ergueu a cabeça de repente.

— Você disse para a *Lexi* frear?

— Ela estava dirigindo — disse Zach. — Ela não queria. *Eu* é que deveria dirigir. Eu era o motorista. A culpa é minha.

— O nível de álcool no sangue da Srta. Baill estava em 0,09. O limite legal é de 0,08. Mas é claro que ela tem menos de 21 anos, então não poderia beber nada — explicou o policial.

Lexi estava dirigindo, não Zach.

Zach não tinha matado a irmã.

Fora *Lexi*.

— Preciso ver o Zach.

— Ah, Lexi — disse a tia, e o pesar deixava seu rosto mais frouxo. — Com -certeza...

— Eu *preciso* vê-lo, tia Eva.

A tia começou a dizer que não, mas Lexi não ouviu. Chorando, afastou a tia e saiu mancando pelo corredor.

Ela o viu pela porta aberta do quarto, no final do corredor. Ele estava sozinho.

— Zach — chamou da porta, andando na direção dele.

— Ela morreu — disse ele, quase sem mexer os lábios.

Lexi sentiu o golpe dessas palavras. Tropeçou.

— Eu sei...

— Eu *sentia* a Mia, sabe? Ela estava sempre murmurando na minha cabeça. Agora... agora... — Ele levantou o olhar. Ao vê-la, seus olhos se encheram de lágrimas. — É só silêncio.

Ela foi mancando até a cama e o abraçou do melhor jeito que pôde, com um braço e uma costela quebrada. Cada respiração doía, mas ela merecia.

— Eu lamento tanto, Zach.

Ele virou o rosto para o outro lado, como se não suportasse mais olhar para ela.

— Saia, Lexi.

— Eu lamento, Zach — repetiu, percebendo como essas palavras eram pequenas. Ela as oferecia como uma flor frágil,

pensando que de alguma forma cresceria quando ele a recebesse. Como fora ingênua.

Jude entrou no quarto, carregando a bolsa de Mia e uma lata de Coca-Cola.

— Lamento muito — gaguejou Lexi, enquanto tentava controlar as lágrimas idiotas e inúteis. Impossível.

Eva apareceu ao seu lado e a segurou pela mão.

— Vamos, Alexa. Este não é o momento.

— Lamenta? — repetiu Jude, com rispidez, como se só então processasse o pedido de desculpas de Lexi. — Você matou minha filha — disse, e sua voz falhou repentinamente. — Que diferença faz para mim seu lamento?

Lexi sentiu que a tia enrijecia o corpo e se empertigava ao seu lado.

— Isso dito pela mulher que sabe que os filhos vão beber e lhes dá a chave do carro... Desculpe-me, mas a Lexi não é a única responsável aqui.

Jude recuou como se tivesse recebido um tapa.

— Desculpe-me — disse Lexi, deixando que a tia a levasse embora.

Quando finalmente juntou coragem para olhar para trás, Jude ainda estava ali, de pé ao lado da cama de Zach, apertando a bolsa da filha.

— Essa não... — falou Eva, parando.

Lexi chorava tanto que mal percebia o que estava acontecendo à sua volta. Sentiu a mão de Eva apertar seu pulso.

— O que foi? — murmurou, sem se importar muito.

Olhou para o fundo do corredor. A porta dele estava fechada.

— Olhe — disse Eva.

Lexi se virou, enxugando os olhos.

Havia um policial de pé do lado de fora do seu quarto.

Eva segurou a mão de Lexi enquanto cruzavam o corredor. Ao se aproximarem, o policial endireitou o corpo. Tirou um pequeno bloco de notas do bolso da camisa.

— Seu nome é Alexa Baill?

— É — respondeu Lexi.

— Tenho algumas perguntas a fazer. Sobre o acidente — disse, destampando a caneta.

Eva olhou para ele.

— Eu posso trabalhar em uma loja de departamentos, senhor, mas vejo o seriado *Law & Order* toda semana. Alexa precisa de um advogado, e é ele quem vai dizer a que perguntas ela pode responder.

Jude fechou a porta. Tremia tanto que precisou se esforçar de verdade para segurar a maçaneta e empurrar.

— Mãe?

Ela ouviu a voz do filho, ouviu a dor que havia nela, e caminhou automaticamente até a cama.

Era ali que ela devia estar, ali era o seu lugar. Então ficou lá, segurando a bolsa de Mia e fingindo estar inteira. Mas, a cada vez que olhava para o couro rosa bordado que tinha nas mãos, pensava na cachorrinha de pelúcia que Mia adorava, no pijama com pezinho que usava quando era pequena e na cor que a filha tinha no rosto ontem...

— A culpa é minha, não da Lexi — disse Zach, infeliz.

— Não, é...

A voz de Jude se quebrou como um galho seco e mergulhou no silêncio. Sem forças, ela se perguntou se seria capaz de olhar

novamente para Zach sem sentir vontade de chorar. Tudo estava muito entrelaçado: as lembranças de Mia indissociavelmente vinculadas às imagens de Zach. Seus bebês. Seus gêmeos. Mas agora havia apenas um e, quando ela olhava para ele, tudo o que via era o espaço vazio ao seu lado, onde a irmã deveria estar.

Ela queria dizer o que ele precisava ouvir, mas já não sabia o que era e estava exausta. Não conseguia passar as palavras por um moedor para obter versões menores e mais agradáveis. Usava seus últimos vestígios de força para estar ali de pé ao lado dele, fingindo que ele não fizera algo terrível e que tudo acabaria bem.

— Como? — perguntou ele, olhando para ela através dos olhos verdes que nadavam em lágrimas.

Os olhos da Mia.

— Como o quê?

— Eu era o motorista, mas bebi. A culpa é *minha*. Como eu lido com isso?

Jude não tinha resposta.

— Diga, mãe — pediu ele, chorando. — Você sempre me diz o que fazer.

— Mas você nem sempre escuta, não é mesmo?

As palavras saíram antes que ela pudesse impedir. Ela deveria corrigi-las, ou ao menos desejar dizer outra coisa, mas a dor agora era grande demais.

— É verdade — admitiu Zach, e todo ele era sofrimento.

Ele pegou a mão de Jude e a apertou. Ela sentiu o toque como um reflexo na estrada: distante, breve.

— Ela lhe perdoaria, Zach — disse Jude.

Era verdade, e foi tudo o que lhe ocorreu dizer.

Jude olhou pela janela, apática. *Não desculpo.* As últimas palavras que ela dissera a Mia.

— Por que eu simplesmente não falei para ela que queria ir para a USC?

Jude pensou em contar ao filho sobre a última decisão de Mia, de ir para a universidade comunitária com Lexi e Zach. Mas de que adiantaria? Saber quanto Mia o amava só lhe causaria mais dor.

— Mãe, talvez eu vá. Por nós dois.

Jude percebeu que Zach precisava desesperadamente de sua aprovação, o que partiu seu coração. Como se a escolha da faculdade pudesse reverter toda esta tragédia e lhes devolver a família. Era por culpa dela que ele se sentia assim. Ela dera uma importância absurda à questão da faculdade e ele desejava o amor de Jude tanto quanto precisava da Mia. Ela sabia que precisava conversar com ele sobre isso, dizer que não era uma boa ideia, mas ficara sem voz. Só conseguia pensar na mulher que tinha sido. A mãe para quem a USC fora a coisa mais importante.

Não desculpo.

Encolheu-se ao lembrar essas palavras terríveis.

— Nada disso importa agora, Zach. Descanse.

Ela sabia que deveria dizer algo mais, ajudá-lo a lidar com o sofrimento, mas de que serviriam palavras? Desviou a vista dos olhos infinitamente tristes do filho e olhou pela janela. Era um dia esplêndido.

Quatorze



Parecia que já estavam no hospital havia dias, mas tinham passado menos de treze horas. Enquanto Jude fazia companhia a Zach, a notícia do acidente se espalhara. No fim da tarde, começaram os telefonemas. Ela atendeu às primeiras ligações, afoita por ter algo que fazer e outra coisa em que pensar que não fosse na sua perda. Em questão de segundos, porém, percebeu que tinha cometido um grave erro. Enquanto escutava os murmúrios de apoio, percebia o alívio na voz das pessoas, a imensa gratidão pelo fato de não terem sido elas a perder um filho. Ouviu dizerem tantos “Eu sinto muito” que começou a odiar essas palavras como nunca odiara nada na vida. E descobriu em sua alma uma raiva que era nova. Tóxica.

Finalmente, desligou o celular e o enterrou fundo na bolsa, deixando que Miles lidasse com as condolências. Tomou tanto café que se sentiu agitada e trêmula, como um cavalo de corrida que, a postos para a largada, fosse impedido de disputar. Uma mãe de gêmeos que só tinha um filho.

Andou pelas salas, subiu e desceu pelos corredores iluminados, mas não tomou conhecimento de nada. Não aguentava mais ficar sentada ao lado do Zach, não conseguia falar com o Miles, não podia ir ver a Mia. Sua existência se definia pelo que ela não podia fazer nem ter. Então Jude se mantinha em movimento,

soluçando de tempos em tempos e apertando na mão lenços descartáveis que se transformavam em bolos úmidos e cinzentos.

— Jude?

Ouviu seu nome como se a chamassem de muito longe e então levantou os olhos, desorientada. Onde estava?

Parada diante dela, Molly segurava uma pequena bolsa de viagem de encontro à barriga. Não se maquiara, vestira uma calça de moletom rosa e um cardigã branco e estava com o cabelo encanecido completamente despenteado. Sua aparência era tão ruim quanto a sensação que Jude carregava por dentro. Devastadas, ambas.

De um modo desajeitado, Molly caminhou até a amiga e soltou a bolsa no chão entre as duas, para em seguida afastá-la com o pé e tomar Jude nos braços. Quando começou a chorar, Jude se sentiu flutuar para longe, como se estivesse desaparecendo, e só o abraço de Molly a manteve de fato ali, naquele corredor.

— Eu sinto...

— Não diga isso. Por favor — pediu Jude, soltando-se dos braços de Molly.

Ela sentia os olhos terrivelmente secos, abrasivos como lixa, e a visão continuava turva. Mas agora percebia onde estava, perto da porta da sala de espera.

Molly tentou com todas as forças sorrir, mas não conseguiu.

— Trouxe algumas roupas para você. Escova de dentes. Tudo em que consegui pensar.

Jude assentiu. Não queria ficar parada ali, fingindo que não estava se sentindo despedaçada por dentro. Mas também não conseguia sair do lugar.

Então avistou, no final do corredor, um grupo grande de mulheres que, sentadas lado a lado na sala de espera, observavam-

na a uma distância cuidadosa. Eram mulheres da ilha, pessoas com quem ela coordenara reuniões, jogara tênis e saíra para almoçar. Com quem partilhara momentos dedicados à maternidade e também à amizade. Vizinhas, amigas, conhecidas, que souberam do acidente e tinham vindo ajudar como fosse possível — o equivalente moderno dos grupos de mulheres que se reuniam, na segunda metade do século XIX, para costurar colchas de retalhos, com fins filantrópicos e sociais. Em momentos difíceis, elas também se irmanavam e ofereciam ajuda. Jude sabia de tudo isso porque era uma delas. Se fosse o filho de outra pessoa que tivesse morrido, Jude também teria deixado tudo de lado para ir oferecer apoio.

Essas mulheres *precisavam* apoiá-la. Jude percebia isso, mas não conseguia se importar com nada.

Como fazê-las entender que a mulher que elas conheciam não estava mais ali? Ela já não era aquela amiga de antes. Também não era a mulher forte que sempre imaginara ser. Nem corajosa. Se fosse um soldado em meio a uma guerra, não lideraria uma investida. Não jogaria seu corpo sobre uma granada.

Não mesmo. Ela congelaria.

Não havia palavra melhor. Toda a força que tinha, Jude a estava usando para controlar as próprias emoções. E era algo incerto, escorregadio, essa sua força — tão pequena e difícil de segurar quanto um peixinho frágil de aquário. Ela não sabia como conseguiria aceitar condolências ou fazer com que outras pessoas se sentissem incluídas, participantes. Tudo o que ela ainda tinha dentro de si estava empenhado em simular que “lidava” bem com a situação.

— Elas estão aqui por você, Jude — disse Molly. — Todas nós. O que podemos fazer para ajudar?

Ajudar. Era o que as mulheres faziam umas pelas outras, mesmo quando não havia solução.

Jude respirou fundo e tentou endireitar os ombros, esforço que se revelou um fracasso desanimador: ela terminou novamente curvada, sentindo-se enrolar por dentro. Mesmo assim, agarrou a mão de Molly e avançou, dando um passo de cada vez.

As mulheres da sala de espera se levantaram todas juntas, como uma plateia que ficasse de pé.

Ela foi até o centro da sala e se deixou rodear e abraçar. Torceu para que não chorassem, mas elas choraram, e isso impediu que Jude vertesse as próprias lágrimas.

Ficou ali todo o tempo que conseguiu suportar, imersa naquela aglomeração de mulheres que durante anos também a tinha definido e espelhado, mas sentindo-se desesperadamente só. Assim que pôde, ela se levantou, e estava trêmula agora, mais vulnerável que antes. Então voltou às pressas para o sossego do quarto de Zach.

Durante as vinte horas seguintes, raríssimas vezes ousou sair para o corredor. Sabia que lá fora havia gente se amontoando e perambulando e sussurrando: Molly e o marido, Tim, e também vários vizinhos da ilha, além de sua mãe. Mas Jude não queria saber de nada disso.

Ela e Zach permaneceram sentados juntos, apáticos, enquanto olhavam para a TV pendurada no teto e trocavam poucas palavras. A ausência de Mia era o que preenchia aquele espaço que cheirava a antisséptico e ambos só queriam conversar sobre sua perda, mas nenhum dos dois tinha forças para articular palavras tão dolorosas, então apenas se deixaram ficar ali, sentados em silêncio. A única vez em que mudaram o canal da televisão foi quando começou o

noti-ciário. A imprensa soubera do acidente e nem Jude nem Zach suportariam assistir à cobertura que os jornalistas estavam fazendo. Por sorte Miles cuidava da onda de telefonemas com um calmo “Não temos nenhum comentário a fazer”.

Finalmente, na quinta-feira de manhã, Zach recebeu alta.

A caminho de casa, no carro, Miles procurou manter uma conversa natural. Ele estava tentando “seguir em frente” e pegar a estrada desta nova existência que eles teriam dali em diante, mas Jude e Zach não conseguiam acompanhá-lo. Todas as suas tentativas encontravam um obstáculo intransponível naquele espaço vazio do banco de trás do carro. Por fim, ele desistiu e ligou o rádio.

— ...adolescente de Pine Island morta...

Então, rápida e bruscamente, Jude o desligou, trazendo de volta o silêncio. Ela se afundou no assento de couro, com o aquecedor do veículo ligado a uma temperatura que fosse capaz de aquecer sua alma gelada, e ficou olhando com indiferença pela janela, à medida que a balsa se aproximava do porto. Estava tão imersa na própria dor que mal se deu conta da paisagem familiar da ilha, até que, de repente, reconheceu onde estavam.

Miles tinha entrado na Estrada da Noite. Quando percebeu isso, ela exclamou, ofegante:

— Miles!

— Droga! É o hábito — explicou-se ele, sobressaltado.

As árvores que ladeavam o carro eram seres gigantes que bloqueavam todo o sol de meados de junho, sempre empenhado em aparecer. Sombras profundas acompanhavam a estrada. Empoleirada em um galho, solitária e orgulhosa, uma águia espreitava alguma coisa muito abaixo de si.

Viraram em uma curva fechada e ali estava: o cenário do acidente. Marcas paralelas de pneus feriam o asfalto cinzento. Uma árvore estava quebrada, metade dela tombara de lado. Em sua base, um memorial surgira espontaneamente.

— Nossa! — exclamou Zach, do banco de trás.

Jude queria desviar o olhar, mas não conseguia. O barranco que havia entre a estrada e a árvore quebrada estava coberto de flores, bichos de pelúcia, bandeiras da escola e fotos da Mia. Na beira da estrada, havia uma van com uma antena de TV no topo, de um programa local. Jude já sabia o que passaria no noticiário da noite: imagens de adolescentes, crianças que ela conhecia desde que estavam trocando os dentes, agora mais velhos e com aparência preocupada, retraída, chorando ao falarem da morte de Mia, deixando no chão lembranças de sua breve vida e segurando velas em pequenos recipientes de vidro.

E o que seria feito de todos esses bichos de pelúcia que tinham sido deixados ali? Chegaria o outono e a chuva desbotaria a cor de tudo, e então este lugar se tornaria outro destoante lembrete de sua perda.

Um quilômetro e meio, Jude pensou, enquanto Miles virava na trilha de cascalho.

Mia morrera a um quilômetro e meio de casa. Eles poderiam ter vindo a pé...

Na porta da casa, outro santuário. Amigos e vizinhos tinham coberto a entrada de flores. Quando Jude desceu do carro, sentiu o cheiro doce e intenso que exalavam, mas algumas já estavam murchando, suas pétalas começavam a se dobrar e a escurecer.

— Jogue isso fora — disse ela a Miles.

Ele olhou para ela.

— Elas são lindas, Jude. Significam...

— Eu *sei* o que elas significam — atalhou Jude, tensa. — Todo mundo adorava a nossa filha, uma menina que nunca mais voltará para casa. — Sua voz falhou e ela detestou sentir todo esse tormento ao olhar para as flores. Ela teria feito uma homenagem como essa ao filho de um vizinho e também teria chorado ao comprar as flores e ao depositá-las ali. Teria experimentado uma sensação de perda profunda, mas também um alívio cortante e mordaz, embora doce e gentil, de saber que os *próprios* filhos estavam bem. — Elas vão morrer — disse, finalmente.

Miles a puxou para perto de si e a abraçou.

Zach caminhou para perto dos dois e se recostou em Jude. Ela queria passar um braço pelas costas do filho, mas se sentia paralisada. Em meio ao cheiro penetrante e enjoativo de todas essas flores, precisava se concentrar até mesmo para respirar.

— Ela gostava de rosas brancas — disse Zach.

A dor e a tristeza mais uma vez tomaram conta de Jude. Como era possível que ela não soubesse isso sobre a Mia? Tantas e tantas horas que passara no jardim, e jamais plantara uma única rosa branca. Olhou para as flores depositadas junto à porta da frente de sua casa. Havia dalias, zínias e rosas de todas as cores, exceto brancas.

Em um acesso de raiva, segurou todas as flores, carregou-as até a mata que havia atrás da garagem e as atirou aos pés das árvores.

Estava quase se virando para retornar à casa, quando alguma coisa branca chamou sua atenção.

Um botão de rosa, ainda completamente fechado, estava no topo da pilha de flores, e suas pétalas eram da cor do creme de leite fresco.

Com dificuldade, Jude se embrenhou na mata, e as urtigas a arranharam no rosto e nas mãos e queimaram sua pele, mas ela não se importou. Pegou aquele único botão de rosa e o apertou com a mão trêmula, sentindo seus espinhos contra a pele.

— Jude?

Era a voz de Miles, que ia ao encontro dela. Segurando com firmeza o caule da flor, Jude olhou para o marido.

Sob o sol forte, ele parecia subitamente debilitado, frágil. Ela notou seu rosto muito magro, as entradas nas bochechas e os dedos ossudos que ele lhe estendeu ao segurar sua mão e ajudá-la a se levantar. Agora, ao olhar no fundo daqueles olhos cinzentos que eram seu único lar de verdade, tudo o que via era o vazio.

Entraram na casa, que estava toda iluminada e muito quente.

A primeira coisa que Jude viu foi um suéter verde-bandeira pendurado no velho cabideiro que ficava próximo à porta. Quantas vezes pedira a Mia que o levasse para o quarto?

Vou guardar, madre. Sério. Amanhã...

Jude se soltou do braço do marido. Estava quase alcançando o suéter quando ouviu a voz de sua mãe.

— Judith?

Caroline estava no hall de entrada e vestia uma blusa cinza-chumbo justa e elegante e calça preta. Estendeu os braços e envolveu a filha neles. Jude gostaria de encontrar conforto naquele abraço, mas ele era frio e ensaiado como tudo o mais entre as duas.

Ela se afastou o mais depressa que pôde e cruzou os braços. De repente se sentiu congelar de frio, embora a casa estivesse quente.

— Eu guardei a comida — disse sua mãe. — Seus amigos têm sido muito solícitos. Nunca na vida tinha visto tantas refeições embrulhadas em papel alumínio. Pus toda a comida no freezer, identificada e datada. Também já organizei tudo para o funeral.

Jude a olhou com o semblante rígido.

— Como você se *atreveu*?

A mãe olhou para ela com uma expressão preocupada.

— Estava tentando ajudar.

— Não haverá funeral — disse Jude.

— Não faremos um funeral? — perguntou Miles.

— Você se lembra dos funerais dos seus pais? Eu me lembro de sepultar o meu. De forma alguma quero encarar tudo aquilo por causa da Mia. Não somos religiosos. Eu não vou...

— Você não precisa ser religiosa para fazer um funeral, Judith — disse a mãe. — Deus estará em...

— Não *ouse* mencionar Deus na minha frente. Ele permitiu que ela morresse.

Jude viu a mãe empalidecer e recuar, e foi desse jeito também que a raiva em que estava se firmando se esvaiu. Sem essa ira, Jude se sentiu tão exausta que mal se aguentou de pé.

— Preciso dormir — disse.

Apertando a bolsa de Mia e a rosa branca, virou-se de costas para a família e caminhou, vacilante, até o quarto, deixando-se cair na cama.

A bolsa da filha se abriu e o conteúdo se espalhou sobre os lençóis caros.

Jude se deitou de lado, abraçada ao travesseiro, e ficou olhando as coisas que a filha levava na bolsa.

A carteira rosa que fora seu presente de Natal no ano passado, um brilho labial, um absorvente interno amassado e já começando a se desfazer, uma nota de vinte dólares amassada, uma embalagem de chicletes pela metade e um bilhete de cinema. Dentro da carteira havia uma foto de Zach, Mia e Lexi, tirada durante o baile dos veteranos.

Desculpe-me, tá?

Se ao menos ela tivesse abraçado Mia naquele momento, dito que a amava... Ou se não tivesse permitido que eles fossem à festa. Ou se tivesse ensinado aos filhos que o álcool é perigoso, mesmo que as festas sejam divertidas. Ou se tivesse insistido em levá-los. Ou se não tivesse comprado o carro para eles, ou se...

A lista de arrependimentos ficou pesada demais e ela se sentiu esgotada. Fechou os olhos.

Atrás dela, ouviu a porta do quarto se abrir e se fechar.

Miles veio até a cama. Ela sabia que era ele, mas não conseguia se virar nem abrir os olhos. Ele se deitou na cama e a puxou para perto de si. Ela sentiu a mão dele acariciando seus cabelos e esse toque lhe provocou um calafrio, que a congelou.

— Sua mãe foi embora. Ela falou algo sobre saber quando não é bem-vinda, mas claro que isso não é verdade.

— E o Zach?

— É a primeira vez que você pergunta sobre ele.

— Não me diga como lidar com o luto, Miles. Estou fazendo o melhor que posso.

— Sei disso.

— Nunca plantei uma rosa branca no nosso jardim — disse ela, em voz baixa. — Por que não perguntei à Mia de que flor ela gostava? Por que eu não sabia?

Ele acariciou os cabelos da esposa.

— Não podemos fazer isso — falou. — Passar um pente-fino na nossa vida, revirar tudo à procura de erros. Isso acabaria com a gente.

Ela concordou, sentindo as lágrimas chegarem mais uma vez.

Por Deus, ela já estava cansada de chorar e ainda mal tinha começado! Passara menos de três dias sem a filha. O resto da vida se estendia à sua frente como o deserto de Gobi.

— Precisamos fazer um funeral — disse Miles, com ternura.

— Só porque é o que se deve fazer?

— Porque eu e o Zach precisamos disso.

Jude afundou o rosto no travesseiro, que absorveu suas lágrimas.

— Está bem — disse, novamente esgotada com tudo. — Agora eu vou dormir — falou, fechando os olhos.

Miles saiu do quarto e fechou a porta.

SEATTLE TIMES

Adolescente morre em acidente de carro causado por amiga que dirigia alcoolizada

Uma jovem de 18 anos, de Pine Island, morreu na manhã de ontem na Estrada da Noite, em um acidente que envolveu apenas um veículo.

Mia Farraday, aluna do último ano do ensino médio da escola de Pine Island, foi atirada para fora de um Ford Mustang quando o carro bateu em uma árvore, segundo informaram as autoridades.

A motorista, Alexa Baill, também de 18 anos e moradora de Port George, estaria alcoolizada no momento do acidente. Outro passageiro, Zachary Farraday, também ficou ferido.

O oficial de polícia de Pine Island, Roy Avery, disse estar “cansado de dar más notícias aos pais de adolescentes da região”. Ele destacou que, antes desse último acidente fatal, outra ocorrência, que se deu em parte diferente do município, já tinha matado uma jovem de Woodside, de 16 anos.

“Ambos os acidentes ocorreram em estradas escuras e sinuosas de mão dupla e nos dois casos os motoristas tinham bebido”, disse Avery. “Precisamos acabar com essas festas. É a única solução. As consequências são trágicas. Todo ano ocorre algum acidente em uma festa de formatura. Este ano, uma pessoa morreu”, completou o oficial.

O comitê local da associação Mães contra a Embriaguez ao Volante, uma organização não governamental mundialmente reconhecida, demonstrou interesse neste caso. Sua presidenta, Norma Alice Davidson, exigiu publicamente que a jovem motorista seja autuada. “Somente a aplicação de penas mais rigorosas irá fazer com que os adolescentes tomem consciência do perigo”, declarou ela.

O procurador Uslan não quis comentar a possibilidade de a Srta. Baill ser acusada de homicídio culposo na direção de veículo automotor, por dirigir sob a influência de álcool.

Uma cerimônia fúnebre dedicada à Mia Farraday será realizada nesta quarta-feira na Igreja da Graça, em Pine Island, às 16 horas.

Por toda a ilha havia lembretes da morte de Mia. No quadro de avisos diante da escola: *SENTIREMOS SAUDADE, MIA*. No letreiro do cinema: *EM MEMÓRIA DE MIA*. Havia ainda placas nas vitrines e cartazes colados nos vidros dos -carros.

Mas esses lembretes não eram o pior. Agora, enquanto andava pela Avenida Central, Lexi era bombardeada por recordações. Ela e Mia tinham pintado juntas pratos de cerâmica no ateliê de artes Pincel Dançante... tinham comprado jujubas de todos os tipos na loja de doces e livros nas livrarias.

Livros.

O que a princípio as unira, duas meninas solitárias que, antes de terem uma à outra, vivenciavam o mundo de longe, por meio das palavras.

Posso me sentar aqui com você?

Suicídio social.

Eva entregou a Lexi um pedaço de papel higiênico.

— Você está chorando.

— Estou?

Ela enxugou os olhos, surpresa por constatar que estava chorando copiosamente.

Eva tocou suavemente em seu braço.

— Chegamos.

O escritório do advogado ficava próximo à Avenida Central, no final de um quarteirão cercado de árvores, onde havia um armarinho, uma loja de antiguidades e uma galeria de arte.

A casa de tijolos era pequena e tinha o pé-direito baixo, janelas grandes e uma porta pintada de um azul-claro muito brilhante, na qual se lia: *Scot Jacobs, advogado*.

Lexi seguiu Eva, que entrava no escritório. Na sala principal havia uma grande mesa de carvalho, três cadeiras de plástico e uma fotografia emoldurada em preto e branco, de uma praia com troncos de árvore. Uma mulher mais velha, de aparência cansada e óculos de armação preta, estava sentada atrás da mesa.

— Você deve ser a Alexa — disse a recepcionista. — Eu sou a Bea.

— Oi, Bea. Esta é a minha tia, Eva.

— Vocês já podem entrar.

— Está preparada? — perguntou Eva a Lexi, em um sussurro.

Lexi sacudiu a cabeça, negando.

— Nem eu.

Cruzaram um corredor estreito, passando por uma sala de reuniões.

Na sala dos fundos, um homem relativamente jovem estava sentado atrás de uma grande mesa de vidro. Ao vê-las se aproximarem, ficou de pé. Vestindo um terno azul amarfanhado e uma camisa rosa que dava a impressão de ter sido lavada muitas vezes, parecia ser o tipo de advogado a quem elas poderiam pagar — mas é claro que, de fato, não tinham como arcar com os honorários. O cabelo estava um tanto longo, sem corte, e também um pouco despenteado. Além disso, ele precisava se barbear. Seus olhos castanhos, porém, eram gentis e piedosos.

— Oi — disse Lexi, avançando para apertar a mão rechonchuda e ligeiramente úmida do advogado.

Lexi se sentou em uma das duas cadeiras estofadas que havia em frente à mesa. Eva pôs a bolsa no chão e se sentou na outra cadeira.

— Obrigada por aceitar nos receber — agradeceu a tia.

O Sr. Jacobs uniu as pontas dos dedos pálidos e estudou Lexi por uns instantes antes de dizer:

— A senhorita está em uma situação difícil. Seu acidente provocou uma onda de protestos por aqui. A seção regional da associação Mães contra a Embriaguez ao Volante está em polvorosa. Querem fazer com que o que aconteceu com a senhorita sirva de exemplo.

— O que isso significa? — perguntou Lexi.

— Pensam que, se for presa, isso fará com que outros jovens entendam o recado. E muita gente quer garantir que a mensagem transmitida seja clara.

— Presa? *Presa?* — repetiu Lexi, sentindo o chão ruir sob seus pés.

— Mas ela é uma criança — admirou-se Eva.

— Na verdade, ela tem 18 anos, portanto, é adulta. E, tecnicamente, estava embriagada no momento do acidente. Como sabem, na idade dela, não há nenhuma tolerância com relação ao álcool, o limite mínimo e o máximo de alcoolemia são iguais, isto é, zero, de acordo com a lei.

— Mas eles mandam garotas para a *prisão* por acidentes como esse? — quis saber Eva.

— Quando há álcool envolvido, é possível. Também pode ser aplicada a suspensão condicional da pena ou a prestação de serviços comunitários. Há muitos resultados em potencial e muitas escolhas a ser feitas ao longo do caminho. É para isso que estou aqui: para orientar e defender a Lexi.

— O que eu devo fazer? — perguntou Lexi em voz baixa.

Ela estava profundamente abalada com toda a situação. Reputara como acidente o que tinha acontecido naquela noite. Mas

fora um crime, agora sabia. Percebia que teria de enfrentar algo muito maior e mais penoso e estava apa-vorada.

— Vamos lutar.

— Lutar? Mas realmente fiz isso de que me acusam: eu dirigi bêbada.

— O carro não era seu e você era quem menos tinha bebido — explicou Scot. — Não é preciso ser um gênio para perceber o que aconteceu: você pensou que fosse, dos três, quem tinha mais condições de assumir a direção do veículo. Os membros do júri também bebem e sabem que uma situação como essa pode acontecer a qualquer pessoa. Terei de contratar um investigador, mas sem dúvida você irá se declarar inocente. No ano passado defendi um homem que matou duas pessoas em uma situação parecida e consegui que ele fosse absolvido. Há muito chão pela frente.

Absolvido. Inocente. Como Lexi conseguiria encarar Zach no tribunal e se declarar inocente? Como olharia para qualquer pessoa da ilha e afirmaria isso?

— Mas ela está *morta*. Não posso fingir que não fiz nada de errado — disse Lexi.

— A prisão não é a resposta, Lexi. Acredite em mim. — Scot conferiu alguns papéis que estavam sobre a mesa e os empilhou. — Este é o plano: você irá falar para alunos do ensino médio, dando um testemunho de sua história. Vou organizar alguma coisa com esse objetivo. Se assumir a responsabilidade por seus atos, as pessoas terão uma boa impressão a seu respeito. Mostre à comunidade e à imprensa que você é capaz de mandar um recado aos adolescentes sem que para isso precise ser presa. — Ele deu a Lexi um sorriso triste. — Conheço a sua história. As pessoas irão reagir bem a ela.

— Como assim?

Ele abriu uma pasta e olhou os papéis que ela continha.

— Sua mãe, Lorena Baill, foi presa pela primeira vez em 1986, quando você tinha apenas três meses. Ao longo dos seus primeiros 14 anos de vida, você mo-rou com sete famílias adotivas temporárias. E sua mãe ia buscá-la toda vez que saía da reabilitação ou da cadeia. Os juízes sempre davam outra chance a ela. — Scot levantou o olhar. — Você teve uma vida difícil, Lexi. E estava com sua mãe quando ela teve a overdose.

Lexi engoliu em seco. Era uma lembrança que ela tentava a todo o custo -evitar.

— Foi.

— O júri sentirá compaixão, Lexi. Confie em mim. Vou cuidar de você, está bem?

— Quanto você custa? — perguntou Eva.

— Eu sou toda a minha empresa, Eva. Conto apenas comigo mesmo, então não posso me dar ao luxo de assumir este caso *pro bono* e não vou mentir: vai sair caro. Mas vou ajudá-la a economizar em tudo o que eu puder.

Lexi se sentiu tonta ao ouvir isso. A tia já trabalhava cinquenta horas por semana para pagar as despesas correntes. Como pagaria ao Sr. Jacobs?

— Tenho umas economias — disse Eva. — O seguro de vida do meu marido.

— Não — falou Lexi. — É a sua aposentadoria.

— Não discuta comigo, Alexa — ordenou Eva. — O dinheiro é meu, portanto eu gasto como quiser.

Scot pegou alguns cartões de visita e os passou por sobre a mesa enquanto dizia:

— Se a polícia, o procurador ou outro advogado qualquer procurar vocês, não digam nada. Só deem o meu número. A quem for. Mas não digam absolutamente *nada*. Isso é importantíssimo. Eu direi que a represento e averiguarei tudo o que for possível. Se tivermos sorte, podem decidir não abrir um processo. Se não... — Ele encolheu os ombros.

Eva se levantou.

— Obrigada, Sr. Jacobs.

— Pode me chamar de Scot, Sra. Eva, por favor. E não se preocupe, Lexi: manteremos você fora da cadeia.

— Tem certeza de que quer ir? — perguntou Eva.

Lexi estava de pé ao lado da janela, olhando para fora.

— Como posso deixar de ir ao funeral da minha melhor amiga?

— Não vai ser fácil.

— Eu a matei — disse Lexi, num sussurro. — Não espero que seja fácil, claro que não.

Ela pensava que nada, nunca mais, voltaria a ser fácil. Mas tinha de fazer isso. Precisava ficar lá, se sentir envergonhada e deixar que os amigos vissem o resultado da mistura de bebida alcoólica com direção. E também precisava ver Zach e os pais dele mais uma vez — e dizer a eles quanto estava triste e arrependida.

Foi até o banheiro e se sentou na borda da banheira de fibra de vidro bege. Fechou os olhos e sentiu Mia ao seu lado. *Você bem que poderia vir comigo à minha casa hoje, depois da aula. Então me encontre perto do mastro da bandeira... Sem mais nem menos, ela veio andando até onde eu estava, madre... Você e o Zach Attack são meus melhores amigos...*

Lexi chorou até que nada mais restasse dentro de si. Então inspirou profundamente, expirou devagar e ficou de pé.

Sentindo-se vazia e débil, trêmula, vestiu uma calça preta básica, sapatos pretos baixos e um suéter de mangas curtas de lã de angorá azul que Mia comprara para ela.

Quando chegou à sala, avistou Eva de pé ao lado da mesa da cozinha, toda vestida de preto, com ar preocupado. Estava bebendo toda a jarra de café, como fazia sempre que se sentia nervosa. Esta era uma das coisas que Lexi tinha aprendido sobre Eva: quando ela sentia falta do cigarro, fazia um café bem forte, que bebia sem parar, até que o desejo passasse.

— Não é uma boa ideia. E se houver repórteres lá?

— Mais cedo ou mais tarde, vou ter de encará-los mesmo.

Eva mais uma vez dirigiu a Lexi um olhar preocupado, e então começou a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Com os lábios apertados, causa e efeito das palavras não ditas, saiu do trailer e foi caminhando na frente até o seu velho Ford.

No carro, seguiram em silêncio até a ilha.

Ao passarem pela escola, Lexi reparou no quadro de avisos, que agora informava: *Missa em memória de Mia Farraday. Igreja da Graça. 16h hoje / FORMATURA SÁBADO 13h.*

O estacionamento em frente à igreja estava lotado.

Lexi soltou a respiração, que estava presa.

Eva estacionou.

Lexi saiu do carro. À medida que avançava, o braço quebrado começou a doer e o nervosismo fez a boca do estômago se agitar.

— Você consegue — disse Eva, segurando o braço bom de Lexi.

Dentro, a igreja estava repleta de adolescentes, pais e professores. Ao lado do altar havia um pôster da Mia caracterizada para a peça da escola: de corpete azul bordado e maquiagem que realçava os olhos verdes, estava linda e radiante, a verdadeira imagem de uma jovem com um futuro brilhante.

Lexi vacilou. Eva continuou andando, de braço dado com ela.

Enquanto avançava, Lexi ouvia os sussurros.

— ...Lexi Baill... que surpresa...

— ...se fosse amiga de verdade...

— ...coitada...

— ...como ela ousa...

— Ei, Lexi, quer se sentar aqui? *Lexi*.

Ela se voltou lentamente e viu a ex-namorada de Zach, Amanda Martin, sentada no banco à sua direita.

Amanda deslizou para o lado e fez com que a mãe e o pai se apertassem, para abrir mais espaço.

Lexi se sentou ao lado de Amanda. Quando olhou para os olhos tristes da jovem, as duas começaram a chorar. Elas não tinham sido amigas na escola, mas agora isso não importava — tudo aquilo havia desaparecido.

— Você não teve nenhuma culpa — disse Amanda. — O que as pessoas estão dizendo não importa.

Lexi ficou surpresa ao perceber quanto era importante para ela ouvir aquilo.

— Obrigada.

Antes que Amanda pudesse falar mais alguma coisa, a cerimônia começou.

Quando o padre disse o nome de Mia, todas as garotas presentes na igreja caíram em lágrimas, acompanhadas de vários

dos meninos. As palavras do sacerdote pintaram a imagem de uma jovem de 18 anos que era quase igual a Mia, mas não totalmente. Ele não mencionou que ela roncava quando dormia de barriga para cima, nem que mexia os lábios enquanto lia, nem que gostava de andar de mãos dadas com a melhor amiga quando passeava pelo shopping.

As palavras Lexi aguentou bem. O que a arrasou foi a sequência de imagens da vida de Mia, exibidas num telão: Mia com roupa de balé cor-de-rosa e os braços fazendo um círculo acima da cabeça... Mia sorrindo com um boneco do Capitão Gancho na mão... e de mãos dadas com Zach na água gelada do mar, fazendo careta. A última foto mostrava Mia sozinha, vestindo uma camiseta psicodélica e uma bermuda cortada, sorrindo para a câmera e com o polegar apontado para cima.

Lexi fechou os olhos, soluçando. Começou a tocar uma música, mas não era a música certa. Mia não teria gostado dos acordes pesados e solenes. Por algum motivo, isso foi o que mais doeu. Quem escolheu a música não pensou em Mia. Tinha de ser uma canção da Disney, algo que fizesse Mia se levantar e cantar segurando a escova de cabelo como se fosse um microfone...

Cante comigo, Lex. A gente podia ser uma banda... e Zach, rindo e dizendo Chega, Mia, os cachorros já estão uivando...

Lexi queria tapar os ouvidos, mas as palavras vinham de dentro, lembranças que cresciam e transbordavam.

— É hora de ir, Lexi — disse Amanda, gentilmente.

Lexi abriu os olhos.

— Obrigada por deixar que eu me sentasse aqui com você.

— Você vai à formatura?

Lexi deu de ombros. Fora há apenas seis dias que ela, Mia e Zach tinham estado juntos no ginásio, ensaiando para a formatura?

— Não sei...

A fila de pessoas atravessava o corredor e saía pelas portas duplas. Quando passavam por ela, Lexi sentia os olhares demorados e os rostos contraídos. Os pais pareciam condená-la. Os jovens a olhavam com tristeza e solidariedade.

Finalmente, ela avistou os familiares de Mia. Estavam no banco da frente, quietos, rígidos, vestidos de preto. As pessoas paravam para lhes oferecer condolências.

Lexi caminhou até eles, sem conseguir se conter. Ia contra o fluxo. Os conhecidos a encaravam, franziam o rosto e saíam da sua frente.

Na primeira fileira, os Farraday se levantaram juntos e se viraram.

Nem Jude nem Zach pareceram ter notado sua presença. Ficaram apenas olhando o nada, com olhos lânguidos e perdidos e o rosto molhado de lágrimas.

Lexi ensaiara centenas de vezes o que iria dizer a eles, mas agora, diante da magnitude da perda de todos e da culpa que sentia, não conseguia nem mesmo abrir a boca. Toda a família lhe deu as costas e se dirigiu à porta lateral da igreja.

Lexi sentiu Eva chegar ao seu lado e se deixou cair nos braços da tia, abandonando toda a força que usara para chegar até ali.

— Ninguém põe a culpa nele — disse Eva, com rancor. — Isso não é certo.

— Não era ele que estava dirigindo.

— Mas deveria ter sido — falou Eva. — Qual é o mérito de fazer uma promessa e depois ignorá-la? As pessoas também deveriam culpá-lo.

Lexi se lembrou do jeito como ele a olhou no hospital: os olhos verdes que ela tanto amava estavam obscurecidos por algo além da dor. Ela percebera a culpa ali, tão profunda quanto a que ela sentia.

— Ele mesmo se culpa.

— Não é suficiente — disse Eva com firmeza. — Vamos.

Tomou a sobrinha-neta pelo braço e a levou para fora da igreja. Lexi ouvia as pessoas murmurarem coisas sobre ela, culpando-a. Se não tivesse tanta responsabilidade no que aconteceu, talvez concordasse com Eva e ficasse zangada com Zach, mas qualquer outra culpa era menor que a dela. Isso era tudo, toda a verdade. Zach não cumprira uma promessa, mas fora ela quem tomara a decisão fatal. Todo o seu ser estava repleto de culpa e remorso, não restava espaço para a raiva. Zach tinha feito uma bobagem. Ela fizera algo muito, muito pior.

— Alguém deveria ter me dito que seria uma má ideia vir ao funeral — disse Lexi quando saíram do estacionamento.

— Se alguém tivesse dito — retrucou Eva —, tenho certeza de que você teria escutado, não é mesmo?

Lexi enxugou os olhos.

— É claro que sim.

Jude estava encolhida dentro da limusine. Começava a chover e os pingos caíam no teto lembrando o bater do coração de um bebê.

Ela estava tão imersa em seu luto que, quando a porta do carro se abriu, permitindo a entrada de uma luz cinzenta e

amarelada, seus olhos tomados de lágrimas arderam e ela olhou ao redor, desorientada.

— Chegamos — disse o motorista, de pé ao lado da porta aberta.

Ele era ainda mais escuro na chuva, uma sombra inclinada sob um guarda-chuva. Atrás dele se amontoavam Molly, Tim e os filhos.

— Venha comigo, Zachary — pediu Caroline, fazendo o neto sair da limusine.

Miles passou por Jude e saiu do carro. Em seguida, estendeu a mão para ela.

— Jude.

— Podem ir — disse ela, aliviada pelo fato de o marido não poder ver os olhos que ela escondera sob os óculos escuros.

— Já encontro vocês — falou Miles para Caroline.

Ela assentiu com firmeza e saiu andando a passos rápidos, certificando-se de que Zach se mantivesse firme e não chorasse. Era disso que Jude se lembrava do enterro do pai: de não poder chorar. Ninguém tinha chorado por ele. Sua mãe simplesmente não permitira. Para ela, a dor era como um tipo de doença ou ferimento: se algo estivesse doendo ou cortado, bastavam uns remendos e uns pontos, e você ficava novinho em folha.

— Você não pode deixar de ir — disse Miles, agachado ao lado do carro. E a chuva que caía em seu rosto amassava seus cabelos.

— Quer ver só?

— Jude... — Ele suspirou.

Esse era o som da família agora. Antes tinha sido o de risos, que foi substituído por esse ruído lastimoso.

— Você acha que eu não queria ter forças para isto? — perguntou ela. — Estou envergonhada, eu *quero* ir até lá. Mas... não consigo. Não aguentaria ver o caixão descer com minha filha nele. E não aguentaria, mais ainda, estar do seu lado quando você for soltar balões cor-de-rosa... — Sua voz falhou ao dizer isso. — Como se ela estivesse no céu, esperando por eles.

— Jude... — disse ele com voz cansada, e ela entendeu.

Ele queria que ela acreditasse que Mia estava em um lugar melhor, mas Jude não era capaz disso.

Sabia que isso estava lhe custando caro, essa incapacidade de ser forte, mas ela simplesmente não conseguia. Nada mais restava que fosse dela. Por mais que tentasse — e, sinceramente, estava exausta só de tentar —, ela não se sentia *presente*, nem mesmo como mãe.

Zach sabia que ela não era mais a mesma pessoa. Ele a tratava como se ela fosse feita de açúcar. Aproximava-se desconfiado, tomando cuidado para não fazer nenhuma menção à Mia. Porém, às vezes, quando ela lhe desejava boa noite, percebia a carência nos olhos do filho, uma dor crua, e isso a feria até os ossos. Nesses momentos, ela ficava ao lado dele, mas ele não se deixava iludir. Sabia que o toque não era *dela*, que de alguma forma ela não estava ali. E, quando ela se afastava, notava que ele parecia ainda mais infeliz que antes de ela tentar confortá-lo.

— Você está fazendo o Zach sofrer — disse Miles. — Eu sei que você sabe disso. Ele precisa de você, hoje.

Jude engoliu em seco.

— Eu sei. E não consigo. Não posso ficar em pé lá. Você viu como nos olhavam durante a missa? Eu só conseguia pensar que odeio todos, com seus filhos saudáveis. Olho para todas as pessoas

que não são nós e as odeio. E quando olho para o Zach, tudo o que vejo é o vazio ao lado dele. Ele é metade de uma pessoa, e todos sabemos disso... e às vezes eu não consigo deixar de pensar que ele é o culpado. Se ele não tivesse bebido... — Ela respirou fundo. — Ou se eu não tivesse deixado que eles fossem...

— Você não pode continuar assim.

— Passou menos de uma semana — retrucou ela, nervosa. — E se você me disser que o tempo irá curar tudo, juro por Deus que vou matá-lo qualquer noite dessas.

Miles a encarou longamente e então a envolveu num abraço.

— Eu amo você, Jude — murmurou ao ouvido da esposa.

E ela, por mais que tentasse evitar, começou a chorar. Jude também o amava. E amava Zach. O amor estava dentro dela, em algum canto. Ela só não conseguia alcançá-lo.

— Vou me despedir dela por você.

Ela ouviu a porta do carro se fechar com cuidado. Estava sozinha de novo. Felizmente. Durante muito tempo ficou ali, sentada no escuro, ouvindo a chuva bater no teto do carro e tentando não pensar em nada, mas a presença da filha estava em todo lugar, em cada respiração, cada suspiro, cada piscada. Então, discretamente, pôs a mão dentro da pequena bolsa preta e retirou o celular de Mia. Dando uma olhada ao redor, abriu o aparelho e ouviu a mensagem no correio de voz.

Oi! Aqui é a Mia. Estou superocupada e não posso falar agora, mas é só deixar um recado que eu com certeza ligo depois.

Jude ouviu a mensagem inúmeras vezes, ora conversando com a filha, ora chorando, ora apenas ouvindo. Estava tão empenhada neste *contato* com Mia que levou um susto quando a porta se abriu.

Fechou o telefone e o enfiou na bolsa, enquanto Zach entrava na limusine. Os olhos do filho estavam vermelhos e inchados.

Jude se aproximou dele e segurou sua mão. Detestou o jeito como ele a olhou, surpreso com seu toque. Quis oferecer palavras de consolo, mas não encontrou nenhuma dentro de si.

Ela, Zach e Miles se sentaram juntos durante o longo trajeto para casa, os três afundados na limosine, curvados. Caroline estava sentada de frente para eles, com as mãos unidas sobre as pernas e os lindos olhos brilhando com as lágrimas que nunca caíam. Jude se surpreendeu com essa demonstração de emoção, de perda. Fosse apenas uma semana atrás, e a visão dessas lágrimas improváveis da mãe teriam impressionado Jude e a levado a se aproximar. Agora, porém, ela não ligava. Sua dor não deixava espaço para o sofrimento dos outros. Era uma verdade patética e humilhante, mas ainda assim era verdade.

Em casa, Jude saiu do carro e andou até a porta de entrada sozinha. Tudo o que queria era dormir. Deve ter falado isso em voz alta, pois ouviu a mãe dizer:

— É uma boa ideia. Dormir vai ajudar.

Isso pareceu despertar Jude.

— Vai mesmo, mãe? De verdade?

Caroline deu um tapinha no pulso de Jude, um toque leve e passageiro.

— Deus não nos dá uma cruz maior que a que podemos carregar. Você é mais forte que isso, Judith.

Jude ficou cega de raiva. Era uma de suas novas emoções. Antes ela nunca sentira ódio de verdade, mas agora esse sentimento fazia parte dela tanto quanto o formato do rosto e a cor da pele. Era preciso um esforço imenso para não demonstrá-lo o tempo todo.

Ela se afastou depressa da mãe, antes que dissesse algo do qual pudesse vir a se arrepender e entrou na casa.

No hall, parou subitamente.

— Onde está o suéter da Mia?

— O quê? — perguntou Zach, parando ao lado dela.

— O suéter verde da Mia. Estava pendurado bem aqui.

A raiva de Jude se transformou em pânico.

— Está na lavanderia — disse a mãe. — Eu ia lavá-lo junto com...

Jude correu para a área de serviço e revirou a pilha de roupas sujas até encontrar o suéter de Mia. Levando-o ao rosto, apertou a lâ macia contra o nariz e sentiu o perfume da filha. Suas lágrimas umedeceram o tecido, mas ela não se importou. Ignorando os olhares da família, arrastou-se até o quarto, bateu a porta atrás de si e se jogou na cama.

Finalmente, após o que pareceram horas, ela ouviu a porta do quarto se abrir.

— Oi — disse Molly.

Ela estava ali, na soleira da porta, triste e indecisa, em um elegante vestido preto com cinto de fivela, esfregando as mãos. O cabelo branco estava bagunçado, embora preso para trás com uma tiara fina, e um vinco riscava sua testa.

— Posso entrar?

— Posso impedir?

— Não.

Jude se sentou e se apoiou na cabeceira de seda estofada de sua enorme cama.

Molly se sentou perto dela e a abraçou, segurando-a como se faz com uma criança. Jude não pretendia chorar mais uma vez, no entanto, não pôde evitar.

— Eu pensava que fosse forte — murmurou Jude.

— Você é forte — falou Molly, prendendo uma mecha de cabelos úmidos atrás da orelha da amiga.

— Não — disse ela, afastando-se um pouco. — E não faço mais ideia de quem eu seja.

Era verdade. Tudo aquilo revelara como era a sua alma: fraca, vulnerável. Nenhuma relação com a mulher que imaginava ser.

Ou talvez não fosse verdade o que tinha dito. Talvez, agora, sim — e não antes — ela soubesse de fato o tipo de pessoa que era. Quem sabe estivesse enfim enxergando o que anteriormente não percebia: ela não era gentil, nem carinhosa, nem compassiva, muito menos sensata. Era raivosa, fraca e até um pouco vingativa. E, acima de tudo, era uma péssima mãe.

Ultimamente, tudo a deixava furiosa. O sol. Crianças saudáveis. Pais que reclamavam dos filhos. Lexi.

De repente, Jude não queria ser tocada. Desvencilhou-se do abraço de Molly e se encolheu contra a cabeceira.

— Ela não estava usando o cinto de segurança.

Jude falou isso baixinho, insegura. Havia se passado poucos dias apenas, e ela já tinha aprendido que as pessoas não queriam ouvir falar da Mia. Como seria possível que ela parasse de falar da filha? Mas a simples menção ao seu nome fazia as pessoas fugirem.

— Conte para mim — disse Molly, segurando sua mão e se ajeitando ao seu lado.

— Obrigada — agradeceu Jude. — Ninguém quer ouvir falar dela.

— Ouvirei tudo o que você quiser dizer.

Jude olhou para Molly.

— Ela *sempre* usava o cinto de segurança.

Inspirou, trêmula, e abriu a gaveta da mesinha de cabeceira para pegar um lenço de papel.

Isso foi um grande erro, ela percebeu imediatamente.

Dentro da gaveta, viu uma pequena caixa de veludo azul ao lado de seus óculos de leitura. Mesmo sabendo que não deveria tocá-la, pegou a caixinha e a abriu.

— O que é isso? — perguntou Molly.

— O presente de formatura da Mia.

Molly ficou uns instantes em silêncio.

— É lindo.

— Eu ia sair com ela para escolher a pedra. Um programa de mulheres. Talvez fôssemos ao salão de beleza depois.

Nisso, a resistência de Jude cedeu e ela começou a chorar.

— Ah, Jude... — compadeceu-se Molly, abraçando-a novamente.

Jude deveria se sentir envolvida pelo carinho da amiga, mas não conseguia sentir nada. Não naquele momento, enquanto olhava para o lindo anel inacabado, com um espaço vazio onde deveria estar a pedra.

Quinze



O estacionamento da escola estava lotado de carros na tarde daquele sábado ensolarado.

Lexi estava no banco do carona do Ford Fairlane da tia, vendo pelo para-brisa sujo a multidão reunida em volta do mastro da bandeira.

— Você tem o direito de estar aqui, Alexa — afirmou a tia. — Você batalhou por este dia tanto quanto todos os demais.

— Estou com medo — explicou ela, baixinho.

— Eu sei — disse a tia. — É por isso que estou aqui.

Lexi respirou fundo e levou a mão à maçaneta da velha porta, que se abriu com um rangido, dando um estalo ao completar o arco.

Ela e Eva caminharam entre o barulhento grupo de familiares e amigos que estava lá para assistir à formatura da turma de 2004. Lexi manteve a cabeça baixa e não fez contato visual com os repórteres que estavam ao lado da bandeira. Ao passar por eles, ouviu um dizer:

— São 272 formandos, Phil. Deveria haver 273.

Na beira do campo de futebol, Lexi parou.

— É melhor se apressar — disse Eva. — Estamos atrasadas.

Lexi concordou, mas, ao olhar para as fileiras de cadeiras dobráveis dispostas no gramado, sentiu um embrulho no estômago.

— Estou orgulhosa de você, Alexa — declarou a tia. — Você é uma moça de bem. E não se atreva a pensar o contrário.

Então abriu um grande sorriso para a sobrinha-neta e desapareceu entre a multidão de pais orgulhosos que seguia em direção às arquibancadas.

Lexi avistou os Farraday. Jude e Miles estavam sentados na segunda fila, com Molly, Tim e Caroline, a mãe de Jude. Mesmo à distância, Lexi notou que Jude estava muito pálida e magra. Os óculos de sol pretos que usava acentuavam o descoramento da pele e os ossos da face. Ela não estava de batom e trazia na mão a bolsa cor-de-rosa de Mia.

Nesse instante, Lexi percebeu que não seria capaz. Não conseguiria passar entre aquela multidão e entrar no ginásio, onde todos os seus amigos estavam de beca e capelo, aguardando para caminhar triunfalmente até as cadeiras no campo. Não aguentaria ver Zach, não no dia em que a ausência de Mia seria sentida de forma tão profunda.

Ela tirou o capelo e abriu o zíper da beca, retirando-a também. Depois os guardou na grande bolsa de retalhos que trazia consigo. Já ia sair dali quando a turma de 2004 surgiu em fila rumo ao campo, um fluxo de azul-royal e amarelo-calêndula contra o céu límpido.

Entrou em um dos corredores vazios sob as arquibancadas. No campo, seus colegas tomavam assento nos lugares definidos.

Zach caminhava sozinho. De óculos escuros, provavelmente para proteger os olhos inchados do sol intenso, com a cabeça raspada e a queimadura no queixo, quase não parecia ser ele mesmo. Assim como o de Jude, seu semblante agora parecia oco, como se espelhasse um vazio que era novo, e ele não sorria.

Quando os últimos formandos ocuparam seus lugares, o público deu uma salva de palmas.

Em meio ao ruído, o diretor Yates subiu ao palco e se encaminhou para o microfone. Falou eloquentemente sobre Pine Island, o que significava crescer em um pedaço de terra rodeado de água e como isso fortalecia o senso de comunidade. Finalizando o discurso, disse:

— Esta é uma turma que foi atingida por uma tragédia súbita e terrível, e estes estudantes, que caminhavam rumo à vida adulta, cresceram muito nesta última semana, amadureceram. Esperamos que, ao serem defrontados com as escolhas que terão de fazer ao longo de sua caminhada, sejam pequenas, sejam grandes, eles possam sempre se lembrar do que aprenderam sobre consequências neste ano de 2004. — Ele dirigiu à turma um sorriso triste e compreensivo. — Agora, Amanda Martin vai cantar uma música em homenagem a uma menina muito especial, que deveria estar conosco aqui hoje.

Lexi tentou se conter, mas, quando os primeiros acordes da música começaram, sentiu uma dor lancinante no peito. Então, a voz de Amanda se fez ouvir, pura e doce:

— *Olhe, eu vou lhe mostrar... como é belo este mundo...*

A música trouxe Mia repentinamente de volta à vida, rodopiando na pista de dança e cantando fora de tom. Ela amava tanto os filmes da Disney! *Eu sou a Ariel*, dizia o tempo todo. *Você é a Bela. Nada de Branca de Neve nem de Cinderela, não para a gente. Somos a nova geração de garotas da Disney... vamos atrás do que queremos...*

Lexi não era a única que soluçava quando Amanda terminou a canção. Ao menos metade da turma de formandos estava aos prantos.

Em seguida, ouviu-se uma grande onda de aplausos. Quando ela terminou, teve início a entrega de diplomas. Um por um, os nomes dos amigos de Lexi foram chamados, e garotos e garotas de beca azul subiram ao palco para receber o canudo e acenar para o público.

— Alexa Baill.

O público fez silêncio. As pessoas olhavam ao redor.

No palco, o diretor pigarreou, limpando a garganta, e prosseguiu:

— Andrew Clark...

O coração de Lexi disparou. Ela teve certeza de que alguém iria apontar para ela e gritar: *Ali está ela, a garota que matou a Mia!*

— Zachary Farraday.

Zach caminhou pelo corredor, desajeitado e retraído, e então subiu ao palco. Recebeu o diploma da mão do diretor e olhou para as arquibancadas. Lentamente, levantou uma fotografia emoldurada de Mia e, aproximando-se do microfone, disse:

— Ela queria dar uma estrela no palco hoje...

Uma estrela, Lex... isso, sim, chamaria a atenção.

Lexi se apoiou na parede de concreto que o sol aquecia e fechou os olhos. A cerimônia prosseguiu, chamando nomes e entregando diplomas, mas ela mal tomou conhecimento do que se passava. Tudo o que ouvia eram memórias, coisas que a Mia lhe dissera ao longo dos anos...

— Lex?

Ela inspirou profundamente antes de abrir os olhos e ver Zach diante de si. Atrás dos dois, no gramado um pouco abaixo, havia som, cor e movimento, mas ali tudo era quietude e sossego. Estavam sozinhos no vão entre as -arquibancadas.

— C-como você me achou?

— Sabia que você estaria aqui.

Ela esperara por este momento, sonhara com ele, pensara em maneiras de fazer Zach entender quanto ela se arrependia, mas Lexi percebeu que ele já sabia, que compreendia.

— Eu amo você — disse ela suavemente. Era a única coisa que não tinha mudado.

— Eu também amo você, mas...

— Mas o quê?

Ele balançou a cabeça e encolheu os ombros. Ela entendeu o gesto perfeitamente: significava que nada mais importava, muito menos o amor que havia entre eles. O olhar de Zach era a coisa mais triste que ela já tinha visto.

— Você nunca vai me perdoar, vai? — perguntou ela.

— É a mim que eu não consigo perdoar — respondeu ele, e naquele momento sua voz falhou e ele se virou para o outro lado. — Preciso ir.

— Espere. — Ela pôs a mão dentro da bolsa, vasculhando e empurrando a beca de poliéster para um canto, até que puxou sua edição surrada de *Jane Eyre*. Era um presente bobo para dar a um garoto, mas também era tudo o que ela tinha de valor. — Quero que você fique com isto — disse.

— É o seu livro preferido. Não posso...

— Por favor. Ele tem um final feliz.

Zach estendeu a mão e, durante um segundo, os dois tocaram no livro ao mesmo tempo.

— Preciso ir.

— Eu sei. Tchau, Zach — murmurou ela, vendo-o se distanciar.

Ela se desencostou da parede e saiu por entre as arquibancadas. Nem se deu o trabalho de curvar os ombros, recolhendo-se em si, ou de desviar o olhar. Não se importava com que as pessoas olhassem para ela.

No estacionamento, entrou no carro de Eva e esperou.

— Não conseguiu, não é mesmo? — perguntou Eva, um pouco mais tarde, quando se sentou ao volante.

Lexi deu de ombros.

— Quem liga para isso? É só uma cerimônia boba.

— Você ligava.

— Isso era antes — disse Lexi. E, ao dizer isso, percebeu que a sua vida ficaria para sempre dividida em duas partes: antes de matar e depois de ter matado sua melhor amiga.

A formatura tinha sido mais do que Jude podia suportar: um dia repleto das garotas erradas, de fantasmas e rostos em falta...

Quando a cerimônia finalmente terminou, ela se sentiu prestes a desmoronar. Tentara convencer Zach a ir à festa de formatura com os amigos. *Você sempre se lembrará dessa noite*, argumentou com o filho, sentindo-se exausta. Mas ambos sabiam que era mentira. Ela tinha consciência de que deveria convencê-lo a ir, e fingir que a vida dele seguia nos mesmos velhos trilhos de antes, mas na realidade Jude não conseguia se *sentir* assim.

Então voltaram para casa em silêncio. Ela ficou encostada contra a janela do carro, gelada até os ossos, embora o aquecedor estivesse ligado no máximo. No banco de trás, Zach batucava os dedos no descanso de braço e, ao chegarem, ele saiu do carro e subiu a escada correndo. Sem dúvida, queria se perder em videogames.

— A Lexi estava lá — contou Miles momentos depois, quando ele e Jude estavam a sós na cozinha.

Jude sentiu uma onda de raiva. Lexi, inteira e saudável, com apenas um gesso branco no braço como sinal de sua presença no carro naquela noite.

— Que coragem! Espero que o Zach não a tenha visto.

— Ele viu, sim — disse Miles, olhando para ela. — Não faça isso, Jude. Você vai piorar as coisas.

— Piorar? Você está de *brincadeira*? Como é que isto poderia piorar?

— Não faça o Zach escolher entre você e a Lexi. Ele ama você, e você sabe disso. Nosso filho sempre faz tudo o que pode para que você se orgulhe dele. Não use isso contra ele agora. O Zach e a Lexi têm assuntos a resolver.

Jude deu um suspiro pesado e caminhou até o quarto, fechando a porta.

Nas quarenta e oito horas seguintes, não saiu da cama. Às vezes dormia, às vezes chorava. Ficou lá deitada durante muito tempo, de olhos fechados, pensando *Apareça para mim, Mia*, e conversando com a filha, mas nada aconteceu. Nem uma brisa soprada em seu rosto, como se alguém respirasse próximo a ela, nem um bruxuleio vislumbrado no abajur da mesa de cabeceira.

Nada. E ela nem sequer acreditava realmente que a filha pudesse ouvi-la.

Quando finalmente se arrastou para fora da cama, parecia uma mendiga de 90 anos que tivesse encontrado um vestido de boutique na rua e o estivesse usando durante semanas. Ela sabia que Miles não entendia. Na noite anterior, ele emitira aquele som, aquele suspiro de desolação ou de desespero, quando ela não teve forças nem para vestir uma camisola. Ele não compreendia que ela estava se sentindo muito frágil. Se levantasse os braços, era provável que eles se quebrassem.

Jude vestiu um moletom velho e, sem se dar o trabalho de tomar um banho e escovar os dentes, se arrastou para fora do quarto, atraída pelo cheiro do café da Starbucks.

Miles estava na cozinha, sentado na bancada de granito, bebericando o café. Ao vê-la entrar, ele se endireitou e deu um sorriso de alívio que deveria ter aquecido o coração partido de Jude.

A televisão estava ligada e antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ouviu o apresentador noticiar “...matou a melhor amiga em um acidente que envolveu direção e álcool, uma semana antes da formatura”.

Ela não deveria ter olhado para a tela, mas olhou. A imagem do Mustang completamente destroçado, todo retorcido e com o para-brisa quebrado provocou em Jude um enjoo violento. Ela ainda não tinha visto aquelas imagens... E então apareceu o rosto de Lexi, sorridente. “A presidenta do comitê local da associação...”

Miles, que praticamente socou o controle remoto, fez a tela ficar preta.

Jude sentiu novamente a raiva crescer dentro de si, abafando tudo o mais. Via que Miles estava falando com ela, mas não podia

ouvir nada, exceto um chiado incessante e confuso, dentro de sua cabeça, como um ruído branco, milhares de frequências de som combinadas, impossibilitando a distinção de uma única voz. Serviu-se de uma xícara do café e saiu da cozinha.

Como sobreviveria àquilo? Se visse Lexi um dia na rua, como faria para não desabar sobre os próprios joelhos?

Lexi, que poderia seguir tocando a vida...

Jude ficou de pé no salão, tremendo, tentando pensar no que fazer. Será que ela deveria voltar para a cama?

Fechou os olhos e tentou tirar da cabeça a imagem que acabara de ver, do carro de Zach...

Então a princípio pensou que estivesse ouvindo seu coração bater, mas achou aquele som estranho, e percebeu em seguida que na verdade se tratava das batidas de alguém à porta da frente de sua casa. Enxugou os olhos e foi atender ao chamado, esperando ver uma amiga com uma travessa nas mãos, dizendo que sentia muito. Mas quem estava ali era um estranho, um homem alto e elegante, de cabelo grisalho, vestindo um terno risca-de-giz azul.

— Bom dia, Sra. Farraday. Não sei se vai se lembrar de mim. Sou Dennis Uslan, o promotor designado para o seu caso. Minha sobrinha, Helen, se formou com o Zachary.

Jude voltou a respirar. Nem tinha percebido que prendera a respiração.

— Sim, Dennis. É claro que me lembro de você. Você ajudou na construção do novo campo esportivo no parque do Rotary.

— Isso mesmo. Peço desculpas por vir sem avisar, mas parece que seu telefone está fora do gancho.

— Repórteres. Eles ligam constantemente pedindo “um comentário sobre a tragédia” — disse ela, abrindo espaço para que ele pudesse passar. — Entre.

Ela o conduziu até o salão. A luz do sol atravessava suas enormes janelas e a vista do estuário estava espetacular. Era um dia cristalino.

Dennis tinha acabado de se sentar quando Miles entrou na sala, vestindo um short de corrida.

— Miles — falou Jude. — Este é Dennis Uslan. O promotor no nosso caso.

Miles olhou para Dennis.

— Eu não sabia que tínhamos um caso.

Dennis se levantou.

— É sobre isso que eu gostaria de conversar com vocês. A associação Mães contra a Embriaguez ao Volante e a comunidade têm me pressionado muito para que Alexa Baill seja acusada de homicídio. Um julgamento pode ser demorado e devastador e quero saber qual é a posição de vocês com relação à questão.

— O que aconteceria com a Lexi? — perguntou Miles.

— Se condenada, ela poderia passar mais de quinze anos na prisão, embora se saiba que esse seria um resultado extremo. Ela também poderia ser inocentada ou apelar e conseguir um acordo para redução da pena. De qualquer forma, é um processo difícil para a família da vítima.

Jude se retraiu ao ouvir a palavra *vítima*.

— Acho que mandar a Lexi para a prisão não vai ajudar ninguém — disse Miles. — Precisamos perdoar, não punir. Talvez outros jovens possam aprender com o erro que ela cometeu. Ela poderia...

— Perdoar? — Jude não podia acreditar no que o marido tinha acabado de dizer.

— O que quer fazer, Sra. Farraday? — perguntou Dennis.

Jude sabia a resposta certa, sabia qual teria sido sua opinião antes de tudo aquilo e no que teria acreditado: que Miles tinha razão. Só o perdão poderia aliviar a dor que ela sentia. Mas ela não era mais aquela mulher.

— Justiça — disse por fim, vendo a decepção no rosto de Miles. — Que mãe não iria querer isso?

Nove dias depois da formatura, Lexi já tinha se tornado uma alma penada. Na segunda-feira de manhã chegara cedo e bem-disposta à sorveteria, mas fora informada — gentilmente, o que não mudava nada — de que estava demitida. “Procure entender que esta cidade agora sente muito rancor de você. Não é bom para os negócios que você trabalhe aqui”, dissera a Sra. Solter.

Então Lexi ficara em casa, lendo um livro atrás do outro. Pela primeira vez em anos, voltara a procurar consolo em *Jane Eyre*. Estava lendo o livro quando alguém bateu à porta de seu quarto.

— Lexi?

— Sim?

— Seu advogado está aqui.

Lexi largou o livro e foi até a sala.

— Eles abriram um processo contra você — disse Scot antes mesmo de Lexi se sentar. — Homicídio na direção de veículo automotivo, sob a influência de álcool e lesão corporal. Você será citada na quarta-feira. Irá se declarar inocente e então teremos a data de comparecimento em juízo.

— Inocente? — perguntou Lexi, tentando entender tudo aquilo. Ela nem mesmo sabia o que estava sentindo.

— A questão não é você ter estado na direção do carro naquela noite. Nem é o fato de a Mia ter morrido. Trata-se da responsabilidade jurídica. Você sofreu um acidente. Não cometeu um crime. Então, nosso plano é...

Depois de “responsabilidade”, Lexi não ouviu mais nada. De repente, ela era como Lorena Baill, a mãe que pouco conhecera e que estava sempre tentando fugir de tudo o que tinha feito.

— Não — disse ela de forma incisiva.

Scot olhou para ela.

— Não o quê, Lexi?

— Vou me declarar culpada — respondeu Lexi.

— Mas não vai mesmo — protestou Eva.

Lexi ficou feliz de ouvir a tia dizer aquilo.

— Mas Eva, por que eu não teria de me responsabilizar por ter matado a minha melhor amiga? Foi minha culpa e nós não podemos pagar...

— Você vai se declarar inocente — repetiu Eva. — Eu tenho dinheiro no meu fundo de aposentadoria.

— Você está se deixando dominar pelas emoções, Lexi — disse Scot. — Posso ver que você é uma pessoa boa e sei que quer fazer o que é certo, mas o certo não é se declarar culpada. Uma acusação de homicídio na direção de veículo automotivo, e resultante do ato de dirigir sob o efeito de álcool é extremamente grave e, provados os crimes, o acusado pode ser punido com a prisão perpétua, até. Acredite em mim, você não quer ir para a prisão, Lexi. E com todo o ressentimento que há por aí... precisamos lutar por sua liberdade.

Ela seria capaz de ficar de pé no tribunal e dizer que não era culpada, quando todos sabiam que era?

— Todos nós sabemos o que é certo. Você não quer que eu faça a coisa certa, tia Eva?

— Você é jovem demais para saber o que é certo neste caso, Lexi. O que você fez é terrível. Eu reconheço isso. Mas será que a prisão é a resposta? Não. Você já esteve lá, já visitou a sua mãe, sabe disso. — Eva se aproximou e segurou o rosto de Lexi entre as mãos secas e rachadas. — Sei que você se preocupa comigo, mas não precisa. Nós podemos arcar com as despesas do que for necessário.

— Ainda que você se declarasse culpada e apelássemos para uma pena menor ou alternativa, o juiz não é obrigado a aceitar — disse Scot. Ele pode estipular a pena que quiser, de acordo com os limites fixados pela lei. E, com a imprensa observando, repercutindo tudo sobre o caso e aguardando do lado de fora do tribunal, ele vai querer transformá-la em exemplo. Você pode passar a vida atrás das grades, Lexi.

— Eu *sou* exemplo — afirmou Lexi baixinho. — Sou exemplo do que pode acontecer de pior e os jovens precisam saber disso. Como eu poderia dizer ao tribunal que sou inocente?

— Já não foram suficientemente ruins as consequências daquela noite? — perguntou Eva.

— Esta discussão está encerrada. Vocês me pagam pelos meus conselhos, então ouçam: você irá se declarar inocente, Lexi — disse Scot, e havia determinação em sua voz.

Lexi suspirou. Eles estavam discutindo a lei e o futuro dela. Não era isso que importava, mas os dois estavam fazendo o possível

para salvá-la, e ela não queria que também eles se sentissem decepcionados com ela. Principalmente Eva.

— Está bem.

No tribunal, Jude se sentou entre o marido e o filho. Zach estava ereto, com as costas perfeitamente alinhadas, como ela sempre lhe implorara que se portasse. O menino relaxado e brincalhão não existia mais. Agora ele usava as calças na cintura, com cinto, e arrumava o quarto sem que ninguém pedisse. Ela sabia a razão: ele fazia de tudo para deixá-la feliz. Vivia com medo de dizer ou de fazer algo errado perto dela, de fazê-la chorar. Ainda mais aqui, com todos os conhecidos presentes.

Os bancos do tribunal se encheram depressa. Assim que a notícia da citação e da intimação de Lexi se espalhara, aqueles lugares se tornaram altamente concorridos. Havia gente fazendo fila desde a madrugada, na esperança de conseguir um assento. Todos tinham uma opinião formada: alguns consideravam Lexi uma vítima, outros diziam que ela era um perigo para a sociedade. Uns culpavam Jude e Miles por educar e supervisionar mal os filhos — esses eram os pais que juravam que os filhos deles nunca bebiam. Alguns doidos culpavam até o limite de idade para consumo de bebida alcoólica: defendiam a ideia de que se o álcool fosse liberado mais cedo na vida dos jovens, acidentes assim não aconteceriam.

Jornalistas de canais de televisão locais e talvez um ou dois de redes nacionais se apinhavam no corredor do tribunal. Jude não olhava ao redor. Não queria ver as amigas que fizera ao longo dos anos na ilha: as mulheres com quem conversava nas festas escolares, no estacionamento da escola, na fila do supermercado. Muitas lhe telefonavam regularmente e ela atendia às ligações, que,

no entanto, não costumavam durar muito, porque Jude simplesmente não conseguia pensar no que mais poderia dizer. Também não se importava muito com as representantes da associação Mães contra a Embriaguez ao Volante, que naquela manhã tinham coordenado uma coletiva de imprensa, na qual exigiram a condenação de Lexi.

Lexi.

Só o nome, esse nome, já era suficiente para que Jude entrasse em uma espiral de raiva e desespero. Ela fazia o possível para nunca pensar na garota que causara tudo aquilo, que matara sua filha. A garota que seu filho tinha amado. A garota que *ela* tinha amado.

— Desculpem-me pelo atraso — disse Caroline, sentando-se ao lado de Zach.

O juiz bateu o martelo e pediu silêncio.

Fez-se silêncio na sala do tribunal.

— Srta. Baill, está ciente dos crimes de que é acusada? — perguntou o juiz.

Na mesa dos réus, Lexi e seu advogado se puseram de pé. Ela parecia incrivelmente frágil e pequena. Estava com o cabelo malcuidado e eriçado, um pouco desarrumado. Usava uma calça preta barata, que estava amarrotada e um tanto curta.

— Estou, Meritíssimo — respondeu Lexi.

— Com relação à acusação de homicídio, como a senhorita se declara?

Lexi hesitou por um instante.

— Culpada, Meritíssimo.

Após um momento de silêncio causado pela surpresa, o tribunal se transformou em um pandemônio: os dois advogados se

levantaram e, buscando se fazerem ouvir, gritavam um mais alto que o outro.

— Para a minha sala — disse o juiz, ríspido. — Agora. Inclusive a senhorita, Srta. Baill.

Lexi seguiu o advogado para fora do tribunal. Quando saíram, todos na sala começaram a cochichar fervorosamente.

Zach se virou para Jude.

— Eu não entendo. O que ela está fazendo?

Jude permaneceu imóvel, concentrada em respirar e se esforçando para não sentir nada. Aquilo era algum artifício, uma estratégia para conquistar apoio. Ela não conseguiria responder a Zach mesmo se soubesse o que dizer.

Finalmente, os advogados voltaram para o tribunal e a plateia fez silêncio.

O juiz se sentou e olhou para Lexi ao perguntar:

— E quanto à acusação de lesão corporal?

— Culpada, Meritíssimo — respondeu Lexi.

O juiz assentiu.

— Srta. Baill, é meu dever lembrar-lhe de que a senhorita tem o direito a um julgamento deste caso, para que suas ações sejam consideradas por um júri composto de seus pares. A senhorita compreende que, ao se declarar culpada, está abrindo mão desse direito?

— Compreendo, Meritíssimo.

— E compreende que a declaração de culpa implica que será condenada por esses crimes sem um julgamento e que estará sujeita a uma sentença imediata?

— Compreendo, Meritíssimo — repetiu ela, agora com mais firmeza.

— Embora seja algo incomum, dadas as terríveis consequências deste caso para a comunidade, esta corte está disposta a considerar a causa encerrada. Srta. Baill, gostaria de fazer algum pronunciamento?

Lexi fez um breve movimento de cabeça e se levantou.

— Gostaria, Meritíssimo.

— Pode se dirigir à tribuna — instruiu o juiz.

Lexi caminhou até o local indicado e passou os olhos pelos presentes. Seu olhar parou em Zach.

— Eu bebi e dirigi e matei a minha melhor amiga. Meu advogado diz que culpa ou inocência diz respeito à lei, mas ele está enganado. Não é questão de lei. Como eu posso me redimir? Esta é a verdadeira questão aqui. Eu não posso. Não posso. Posso apenas pagar pelo que fiz e dizer que estou profundamente, extremamente arrependida. Eu amo... o Zach e os Farraday e a Mia. Sempre vou amá-los e peço a Deus que algum dia eles me ouçam dizer essas palavras sem que elas os façam sofrer. Obrigada.

Ela voltou até seu lugar na mesa dos réus e se sentou.

O juiz olhou para alguns papéis abertos na mesa à sua frente ao dizer:

— Tenho aqui uma petição da associação Mães contra a Embriaguez ao Volante, por uma sentença que faça da Srta. Baill exemplo e permita que outros adolescentes saibam o que poderia acontecer a eles em circunstâncias semelhantes. E agora, passemos à família. — Ele levantou o olhar e sorriu gentilmente. — Sei que a situação é inusitada, mas algum membro da família gostaria de fazer uma declaração a esta corte?

Miles olhou para Jude. O promotor avisara que lhes seria oferecida a oportunidade de falar após o julgamento e que eles

deveriam pensar no que gostariam de dizer, mas isso só deveria ocorrer dali a várias semanas.

Jude encolheu os ombros, indecisa.

Miles ficou de pé e permaneceu parado por um instante. Somente a mandíbula ligeiramente tensa evidenciava a emoção profunda que sentia. Olhando para ele ali, ninguém no recinto imaginaria que aquele homem agora chorava dormindo.

Ele ajeitou o nó da gravata rosa-claro e caminhou até o centro da sala, olhando para os amigos e vizinhos.

— Como todos aqui com certeza sabem, este tem sido um período incrivelmente difícil para a minha família. Não há palavras para expressar a profundidade da nossa perda. Ainda assim, a declaração de Lexi me surpreendeu. Tenho certeza de que ela foi aconselhada a não fazer isso. Eu conheço a Lexi. Ela foi como parte da nossa família nos últimos anos. Sei que ela voltaria atrás, que faria tudo diferente, se pudesse. E não sou ingênuo a ponto de acreditar que a culpa é puramente dela e que meus filhos não erraram. Eu deveria ter proibido meus filhos de beber, em vez de me lembrar de meus próprios dias de ensino médio. Eu deveria ter sido mais rigoroso com eles e talvez ter ensinado lições mais eficazes sobre o álcool. Neste episódio, há tragédia de todos os lados e uma grande dose de culpa. Ela não recai só sobre a Lexi. — Ele olhou para ela. — Eu lhe perdoo, Lexi, quanto ao que me cabe fazer, e admiro a sua decisão de se declarar culpada. Não sei se conseguiria dizer a um dos meus filhos que fizesse o que você fez. — Então voltou-se para o juiz e disse, finalmente: — Obrigado, Meritíssimo, por esta oportunidade de falar. Peço somente que Vossa Excelência trate a Lexi como uma moça que cometeu um erro terrível e o confessou, assumindo a responsabilidade por ele, e não como uma

assassina cruel. A prisão não é a resposta. É apenas mais uma tragédia, e tivemos já o bastante disso.

Ele voltou para seu lugar no banco.

Jude não tomou a decisão de falar, não foi algo consciente. Ficou de pé como se fosse uma marionete presa aos barbantes controlados por outra pessoa. Sem jeito, confusa. Nem mesmo sabia o que diria até chegar à tribuna e olhar para seus conhecidos de anos. Ela vira os filhos dessas pessoas crescerem juntamente com Mia e Zach, fora às festas de aniversário deles. Outros filhos desses pais presentes ali eram mais novos e ainda não tinham chegado à fase das festas do ensino médio.

— Tudo o que eu pediria a Deus é que eu não tivesse deixado meus filhos irem à festa naquela noite — disse, falando baixo e sentindo algo dentro de si se partir. — Gostaria que não tivessem se embriagado. Gostaria que a Mia tivesse posto o cinto de segurança. Gostaria que eles tivessem me telefonado pedindo que eu fosse buscá-los. — Fez uma pausa. — Nunca mais vou abraçar a minha filha. Não vou arrumar seu cabelo no dia do casamento, nem segurar nos braços seu primeiro filho. — Pôs a mão no bolso e pegou o anel que comprara para a formatura. O ouro reluzia sob a luz fluorescente e os suportes sem utilidade existiam ali como se fossem dedos estendidos, à espera da pedra. — Este é o anel que eu queria dar à Mia como presente de formatura. Achei que uma pérola rosa ficaria bem aqui, mas iria deixar que ela decidisse. — Neste momento, sua voz fraquejou e suas forças se evaporaram. Olhou para Lexi, que estava sentada, chorando. Essas lágrimas deveriam significar algo para Jude, ela sabia disso, mas não significavam. O arrependimento não traria Mia de volta. — Eu não posso perdoar Lexi Baill. Gostaria de poder. Talvez a justiça me ajude, faça com que

eu me sinta melhor. Em última instância, talvez envie um recado a outro jovem que ache que não há problema em voltar dirigindo para casa depois de uma festa.

Ela voltou para o banco e se sentou, tentando não reparar na óbvia decepção de Miles.

— Sra. Lange? — chamou o juiz.

A tia de Lexi caminhou lentamente até a tribuna. Em vez de olhar para as pessoas presentes, voltou-se para o juiz.

— Não sou uma mulher de muita instrução, Meritíssimo. Mas sei que justiça e vingança são coisas diferentes. A Lexi é uma menina de bem que fez uma escolha errada. Eu me orgulho dela por vir aqui e reconhecer isso. Eu lhe imploro que sua sentença seja piedosa. Há muitas coisas boas que ela ainda pode fazer nesta vida e tenho medo do que a prisão poderá fazer com ela.

Eva se recompôs e retornou ao seu lugar.

O juiz levantou o olhar.

— Alguém mais?

Jude sentiu Zach se mover ao seu lado e então, lentamente, ele se levantou.

A plateia ficou imóvel. Jude sabia o que todos viam ao olhar para Zach: as queimaduras, a cabeça raspada, a pele descolorida em volta dos olhos, mas, acima de tudo, quem o conhecia via a sua tristeza. O menino que vivia sorrindo se fora. No lugar dele havia agora esta versão ferida e pálida de seu filho.

— Zachary? — convidou o juiz.

— Não foi tudo culpa dela — disse Zach, sem sair do lugar em que estava. — Eu era o motorista daquela noite. Fui eu que disse que não iria beber. Mas bebi mesmo assim. Eu bebi. Se ela não

tivesse dirigido, eu teria assumido a direção. Sou eu que deveria ser preso, e não ela.

Então ele se sentou.

— Srta. Baill, por favor, fique de pé — pediu o juiz. — Os adolescentes que dirigem depois de beber são uma epidemia neste país. Os laudos periciais da análise toxicológica confirmaram que a senhorita estava embriagada quando decidiu assumir a condução do automóvel. Ao fim daquela noite, uma moça estava morta e uma comunidade e uma família ficaram de luto. — Ele olhou para Zach. — Outros partilham a responsabilidade moral por essa tragédia, mas a responsabilidade legal pelo crime é somente sua. Obviamente, não há tempo de prisão que possa compensar a vida da Mia ou trazer conforto à família Farraday. Mas eu posso garantir que outros adolescentes tomem conhecimento deste caso e entendam o risco que assumem ao dirigirem sob o efeito de álcool. Eu a condeno a sessenta e cinco meses na penitenciária feminina de Purdy.

E bateu o martelo.

Lexi ouviu o grito da tia.

Os guardas se aproximaram dela. Um puxou seus braços para trás das costas e pôs algemas em seus pulsos. Ela sentiu os braços da tia a envolverem. Lexi não conseguia abraçá-la e, depois de tudo o que tinha acontecido nas últimas semanas, foi só naquele momento que ela caiu em si.

Pela primeira vez, verdadeiramente sentiu medo. Ela pensara apenas na sua alma e em redenção, mas e seu corpo? Como seria passar mais de cinco anos atrás das grades?

— Ah, Lexi! — exclamou Eva, com lágrimas nos olhos. — Por quê?

— Você me acolheu — disse Lexi. Mesmo naquela hora, com tudo o que estava acontecendo, essa frase, esse fato que ela expressava, significava tanto... Lexi teve dificuldade de continuar falando. — Eu não podia deixar que você desperdiçasse as suas economias comigo.

— Desperdiçar?

— Nunca vou esquecer o que você fez por mim.

Eva começou a chorar copiosamente.

— Seja forte — falou. — Vou visitar você sempre que puder. E vou escrever.

— Já chega — disse o guarda.

Lexi foi puxada, conduzida para fora da corte e levada por um longo corredor e dois lances de escada acima. Finalmente, foi posta em uma sala de uns três metros por três, com paredes de concreto, sem janela, com um vaso sanitário de metal e sem assento e um banco também metálico. O lugar cheirava a urina, suor e vômito seco.

Ela não quis se sentar, então ficou em pé, esperando.

Não demorou muito. Logo os guardas vieram buscá-la, conversando entre si sobre algo que tinha acontecido na hora do almoço, enquanto a levavam para os fundos do tribunal, onde uma viatura policial a aguardava.

— Você vai direto para Purdy — disse um dos guardas.

Purdy. A penitenciária feminina do estado de Washington.

Lexi assentiu e não disse nada.

Os guardas puseram aros em seus tornozelos e prenderam a algema em seus pulsos à corrente que Lexi trazia em volta da cintura.

— Vamos.

Ela os seguiu com dificuldade, a passos incertos e mantendo a cabeça abaixada. Na viatura, a puseram no banco de trás, com o cinto de segurança. A corrente em sua cintura ficava comprimida contra as costas, então ela precisou se sentar inclinada para a frente, quase com o nariz pressionado contra a grade que protegia os policiais no banco dianteiro. Ao chegarem à esquina, pararam no sinal vermelho.

Diante da viatura, os Farraday estavam atravessando a rua. Pareciam versões em papel deles mesmos, magros, curvados e frágeis. Zach ia atrás, sozinho, com os ombros curvados e o queixo caído. Daquele ângulo, a cabeça raspada e o queixo queimado o transformavam em alguém que ela mal reconhecia.

Então o sinal abriu e eles partiram com o carro.

A penitenciária de Purdy era um bloco monolítico de concreto cinza atrás de uma enorme cerca de arame farpado. Ao redor, apenas as árvores verdes e o céu azul. A beleza do cenário só tornava a prisão ainda mais escura e ameaçadora.

Ao seguir para esta vida que jamais imaginara, Lexi desejou subitamente, com fervor, ter se declarado inocente, como o advogado aconselhara.

Dentro da penitenciária, ela foi colocada em uma sala que mais parecia uma grande jaula. Se se curvasse como um animal, poderia avistar parte da penitenciária: barras de ferro, paredes de acrílico e grupos de mulheres vestidas de cáqui.

Lexi fechou os olhos e tentou fazer tudo desaparecer.

Finalmente, um guarda veio buscá-la, destrancou a jaula e a fez caminhar. Entorpecida que estava, ela simplesmente se deixou ficar ao lado dele enquanto ele pressionava seus dedos em uma

almofada com tinta e decalcava suas impressões digitais em um papel. Foi posicionada em frente a uma câmera e alguém tirou uma foto. Então gritaram “Próxima!” e ela estava andando novamente, arrastando-se até o coração ruidoso, pulsante e duro da prisão.

O guarda a levou até uma sala.

— Ela é toda de vocês.

Duas guardas se aproximaram.

— Tire a roupa — disse uma, apoiando a mão rechonchuda no walkie-talkie preso ao cinto.

— A-aqui?

— A gente pode tirar para você...

— Eu tiro.

As mãos de Lexi tremiam enquanto ela desabotoava o cinto e o tirava da calça.

A guarda lhe tomou o cinto, dobrando-o como se ele fosse uma arma.

Engolindo em seco, Lexi abriu o zíper da calça e a deixou cair. Em seguida, descalçou as sapatilhas pretas e desabotoou a camisa branca. Precisou reunir toda a coragem que tinha para levar as mãos às costas e abrir o fecho do sutiã.

Quando estava nua, a guarda mais forte se aproximou.

— Abra a boca.

Lexi obedeceu a todas aquelas instruções humilhantes, uma após a outra. Abriu a boca, esticou a língua, levantou os seios, tossiu, movimentou os dedos, virou de costas e se abaixou.

— Abra as nádegas.

Ela levou os braços para trás e segurou as nádegas abertas.

— Muito bem, detenta Baill — disse a guarda.

Lexi se endireitou lentamente e se virou. Não conseguia olhar a mulher nos olhos, então fixou o olhar no chão sujo.

A guarda lhe deu uma pilha de roupas: um par de tênis brancos surrados, calça e camisa cáqui, um sutiã usado e duas calcinhas descoloridas.

Lexi se vestiu o mais depressa que pôde. O sutiã não era do tamanho certo, a calcinha pinicava e ela precisava de meias, mas é claro que não disse nada.

— Veja bem com quem anda, Baill — disse a guarda com uma voz que não combinava com sua aparência rude.

Lexi não fazia ideia do que responder.

— Vamos — falou a guarda, indicando o corredor além da porta.

Lexi seguiu a mulher, saindo da área de recepção e entrando novamente na prisão, onde o ruído, os golpes e os gritos de vaia eram ensurdecedores. Manteve os olhos baixos e continuou andando, sentindo o chão literalmente tremer sob si, por causa das centenas de mulheres que batiam os pés no bloco de celas à sua frente.

Finalmente chegaram à sua cela, um espaço de dois metros e meio por três, formado por três paredes de concreto e, fechando o pequeno retângulo, uma sólida porta de metal com uma pequena janela, provavelmente para que as guardas pudessem olhar o interior. A cela tinha um beliche com colchões finos, um vaso sanitário, uma pia e uma mesa pequena. Na cama de baixo, uma moça branca e mirrada estava sentada. Tinha uma cruz tatuada na altura da garganta. Quando Lexi entrou, ela tirou os olhos da revista.

A porta se fechou com um rangido atrás de Lexi, mas ela ainda ouvia as batidas e os chamados ecoarem pelo pavilhão. Cruzou os braços sobre o peito e ficou ali, tremendo.

— Eu durmo na cama de baixo — disse a moça, que tinha dentes escuros e malcuidados.

— Está bem.

— Meu nome é Cassandra.

Lexi percebeu então como sua colega de cela era jovem. As linhas no rosto e as olheiras a envelheciam, mas Cassandra provavelmente não teria mais que 23 anos.

— Eu sou a Lexi.

— Aqui é a triagem. Não vamos ficar juntas por muito tempo. Você sabe disso, não sabe?

Lexi não sabia de nada. Ficou ali mais um minuto e então subiu no beliche instável, que cheirava a suor de outras mulheres. Deitada sobre o cobertor cinza e áspero, olhando para o teto cinza e sujo, não pôde deixar de pensar na mãe, naquela terrível visita que fizera a ela na cadeia.

Aqui estou, mãe. Depois de tudo, igual a você.

Dezesseis



Antes do acidente, Jude teria dito que seria capaz de superar qualquer coisa, mas a dor a vencera. Racionalmente, sabia que precisava lidar com ela de alguma maneira, mas não conseguia pensar em como fazer isso. Sentia-se como um mergulhador que, no fundo do mar, visse um tubarão branco se aproximar e sua mente gritasse *Nade!*, mas seu corpo simplesmente ficasse parado, imobilizado.

Para todos os outros, a tal sentença tinha sido o fim da história. *A justiça foi feita, agora volte à vida normal.* Ela sentia a pressão que vinha de todos os lados, pedindo sua pronta recuperação, a cura instantânea de seu sofrimento.

Em vez disso, porém, Jude ficara cinza. Era a única forma de descrever sua vida atual. Uma depressão diferente de tudo o que ela já tinha sentido e até mesmo imaginado se manifestou violentamente em todo o seu ser, e ela não conseguia pensar em nada que pudesse fazer nem em qualquer coisa que fosse capaz de lhe despertar o interesse.

Nas últimas seis semanas, uma por uma, as pessoas haviam desistido dela. Jude sabia que estava decepcionando os amigos e a família, mas não conseguia se *importar* com isso também. Seus sentimentos ou tinham desaparecido por completo ou estavam afundados em uma neblina tão espessa que era impossível encontrá-

los, alcançá-los. Sim, às vezes ela agia normalmente: ia ao mercado ou à agência de correio, mas sempre havia o risco de ela se surpreender de pé em algum lugar, na frente de uma bancada cheia de grandes berinjelas roxas ou segurando uma carta, sem conseguir se lembrar de como chegara até ali ou do que estava procurando. Saía de casa de pijama duas vezes e em certa ocasião estava calçando sapatos de pares diferentes. As tarefas mais simples pareciam uma escalada ao monte Everest. Fazer o jantar estava além das suas forças. Ela também chorava por qualquer coisa e gritava chamando o nome da filha enquanto dormia. Miles voltara ao trabalho, como se fosse a coisa mais normal do mundo viver com o coração gelado. Ela sabia como ele estava sofrendo e também sentia a dor dele, mas ele já estava ficando impaciente com ela. Zach mal saía do quarto. Passara o verão inteiro na nova cadeira de videogame, com os fones de ouvido, matando inimigos animados.

Eles estavam fazendo o melhor que podiam, Zach e Miles, e não entendiam por que Jude não podia fingir, por que não saía para almoçar com as amigas ou cuidava do jardim. Qualquer coisa. Ela via o jeito como Miles a olhava de noite, enquanto jantavam o que ele trazia em caixas de isopor. Ele dizia coisas como “Como você está hoje, querida?”, mas o que realmente queria dizer era: “Quando você vai superar tudo isto e voltar para mim?”

Ele achava que era a fase final do processo, o último estágio. Para ele, a lembrança da filha já estava se tornando uma valiosa relíquia de família que se guarda em uma estante alta, sob uma redoma, e se retira uma ou duas vezes ao ano, em aniversários ou no Natal. E não se pode manipulá-la sem cuidado ou com frequência, por medo de que venha a se quebrar.

Não funcionava desse jeito para Jude. Ela via espaços vazios por toda parte — em uma cadeira desocupada à mesa de jantar, nas revistas de adolescentes que chegavam endereçadas a Mia Farraday, nas roupas em uma cesta. Acima de tudo, via Mia em Zach, e isso era insuportável. Nos dias bons, ela ainda conseguia sorrir para o filho, mas esses momentos eram muito raros, e, nos dias de trevas, quando ela não se sentia capaz nem mesmo de sair da cama, ficava deitada pensando no lixo de mãe que tinha se tornado.

Em meados de agosto, ela já não fazia praticamente nada. Precisava se obrigar a tomar banho e a lavar o cabelo. O único momento em que saía da cama era para receber o marido ao fim do dia, e então via a tristeza nos olhos de Miles ao olhar para ela.

Ela sabia que estava deprimida. Miles vivia lhe pedindo que consultasse um médico. Ele não entendia como era profunda aquela escuridão que agora a permeava e como ela sentia medo de acabar com ela, de deixá-la ir. Jude não queria melhorar. Na verdade, só queria que a deixassem em paz. Nos raros dias em que chegava a pensar em *tentar*, dizia a si mesma que Zach precisava dela, assim como Miles, e que ela sempre se considerara uma mulher forte, mas essas palavras eram como fotografias da vida de um estranho, encontradas em uma gaveta. Era impossível se importar com o que quer que fosse.

Agora, ela e Miles estavam no quintal dos fundos, fingindo ser o casal que já tinham sido.

Miles estava na espreguiçadeira ao lado dela, com as pernas esticadas. Tinha no colo um jornal aberto, mas ela sabia que ele não estava lendo realmente. Todos eles andavam evitando as notícias, pois sempre havia uma matéria sobre alguém que dirigira alcoolizado

em algum lugar. Ela sentiu que ele a estava olhando, mas não olhou para ele.

Jude só estava contando os minutos até poder inventar alguma desculpa e voltar para a cama. Segurava em uma das mãos o anel inacabado e nunca usado de Mia. Ultimamente, ela fazia muito isso, apenas ficava com a joia nas mãos.

— Você deveria guardar isso — sugeriu Miles. Sua voz tinha um tom de irritação que se tornara habitual.

— E seguir em frente — complementou ela. — É. Eu sei.

— Isso não pode continuar — disse ele, erguendo a voz.

Ela se assustou com a altura e a intensidade da voz do marido.

— Reserve o seu tom de cirurgião para os que trabalham para você.

— Você está deixando isso tudo asfixiar você. Nós.

— Isso tudo — repetiu ela, finalmente olhando para ele. — A *morte* da nossa filha. Eu estou reagindo mal, não é isso? Que decepção para você!

Miles contraiu os maxilares.

— Chega. Não vou deixar que você me transforme no cara ruim que não amava a Mia o suficiente só porque ainda sou capaz de amar meu filho e minha esposa. Você precisa de ajuda. Precisa começar.

— Começar o quê? A esquecer a Mia?

— A se desapegar. Não é saudável continuar se agarrando a ela. O Zach precisa de você. *Eu* preciso de você.

— Então é isso. A verdade. Você sente falta da mulher, então é melhor eu entrar na linha.

— Caramba, Jude! Você sabe que não é isso que eu quero dizer. Tenho medo de que você nos perca.

Bem no fundo, ela sentiu a ferroadada dessas palavras, a veracidade e a honestidade que elas continham. Teve um raro desejo de explicar, de tentar fazê-lo entender.

— Fui ao supermercado ontem à noite. À meia-noite. Pensei que não fosse ter ninguém lá. E estava certa. Fiquei vagando pelos corredores, só olhando as coisas. Quando me dirigi à caixa registradora, estava carregando quatro tomates e dez caixas de cereais com marshmallow. A mulher da caixa comentou: “Nossa, você deve ter muitos filhos!” Olhei para ela e pensei: *Quantos filhos eu tenho?* O que digo às pessoas? Que tenho um filho? Dois? Que agora só tenho um? Saí correndo, sem pagar. Você tem razão. Preciso de ajuda. Que tal se o começo for você me deixando em paz?

— Não sei deixar você em paz. Estou apavorado achando que um dia você vai encher os bolsos com pedras e entrar na água, como naquele filme idiota que a gente viu.

— Quem me dera.

— Está vendo? Está vendo? — Ele ficou de pé. — Está bem, Jude. Quer a minha ajuda? Eu vou ajudar. Vou começar.

Ele caminhou em direção às portas corrediças e entrou na casa.

Ela soltou um suspiro de alívio e se deixou afundar na cadeira. Ultimamente, era desse jeito que todas as conversas entre os dois terminavam: Miles se irritava e saía de perto ou tentava curá-la com um abraço. Nenhuma das opções significava muito para ela.

Jude ficou observando o anel sem a pedra, notando como a luz do sol incidia sobre os ganchos de metal.

Então caiu em si.

Sabia o que Miles iria fazer para “ajudar”. Era algo que ele mencionava com frequência. “Você não pode continuar adiando”, ele dizia. Era como se o luto fosse um trem que não pudesse perder o horário.

Com um grito, ela pulou da cadeira e saiu correndo escada acima.

A porta do quarto da Mia estava aberta.

Ela parou subitamente, congelada. Não fora capaz de tocar nessa maçaneta desde aquela noite terrível. Deixara a porta fechada, como se não ver o quarto cor-de-rosa de alguma forma diminuísse sua dor.

Mas agora Miles estava ali, provavelmente começando a encaixotar as coisas.

“Para dar a outras crianças, Jude. Crianças carentes. Mia iria gostar disso.”

Ela berrou o nome do marido e correu para a porta, pronta para gritar com ele, agarrá-lo, unhá-lo.

Ele estava ajoelhado no carpete cor de trigo, com a cabeça baixa, abraçado à cachorrinha de pelúcia cor-de-rosa que um dia fora a segunda melhor amiga do mundo para a filha, depois de Zach.

— Daisy — disse ele, com a voz rouca.

Jude se lembrou com uma clareza surpreendente de quanto amava este homem e de como precisava dele. Tentou pensar no que lhe dizer agora, mas, antes de encontrar a própria voz, Zach chegou e parou ao seu lado.

— O que é toda essa...

Então viu o pai, abraçado à cachorrinha Daisy e chorando, e começou a retroceder.

— Zach — disse Miles, enxugando os olhos, mas Zach já tinha saído.

No fim do corredor, uma porta se fechou com força.

— Estamos perdendo o Zach — murmurou Miles.

Lentamente, como se não conseguisse mover bem o braço, ele soltou o bichinho de pelúcia.

Jude percebeu o tom de reprovação que, sorrateiro, voltara a se fazer sentir na voz do marido, a culpa que ele lhe atribuía e que pesava sobre seus ombros, fazendo com que ela se curvasse.

— Todos estamos perdidos, Miles — retrucou ela. — Você é o único que não percebe isso.

Antes que ele pudesse responder, ela desceu a escada e se enfiou na cama.

Agora Lexi entendia por que seu advogado queria que ela se declarasse inocente. A prisão era um lugar em que as mulheres surravam umas às outras em troca de um cigarro enrolado à mão. Era preciso ter cuidado o tempo todo. Um olhar errado para a mulher errada poderia ser mortal, literalmente.

Ela sentia medo o tempo todo e, quando não estava com medo, estava irritada. Cassandra, sua colega de cela no período de triagem, se tornara viciada em metanfetamina e fazia qualquer coisa por drogas, além de dormir gemendo a noite inteira. Lexi passara as primeiras quatro semanas evitando as mulheres grandes e más que vendiam as drogas. Não falava com ninguém.

Hoje, porém, ela estava animada.

Era dia de visita. Lexi sabia que era errado obrigar Eva a dirigir tantos quilômetros e gostaria de ter forças para lhe dizer que ela não precisava vir, mas não conseguia. A vida ali era

absurdamente solitária. As visitas da tia eram a única coisa boa que lhe restava na vida, a única hora em toda a semana pela qual aguardava ansiosamente.

Passara a manhã toda contando os minutos, ouvindo Cassandra vomitar no vaso sanitário metálico e sem tampa. Quando a guarda apareceu para levá-la até a sala de visitas, Lexi quase deu um salto. Seguindo precisamente as instruções, atravessou as inúmeras portas, passou pelas inspeções e entrou enfim na grande sala com janelas destinada ao encontro das detentas com os parentes e amigos que iam visitá-las.

Ela se sentou diante de uma mesa vazia, batendo nervosamente os pés no chão. Fora a presença das guardas, que se postavam em torno da sala, observando tudo, o ambiente era quase igual ao de uma lanchonete de escola.

Finalmente, Eva surgiu na porta. Parecia menor e mais velha, com o cabelo grisalho encrespado em volta do rosto enrugado. Como sempre, demonstrava estar desconfortável e deslocada ali.

— Aqui, tia Eva! — chamou Lexi, levantando a mão como se tivesse voltado a ser uma aluna na escola.

Eva foi andando lentamente. Ao chegar à mesa, parou de repente e se deixou cair na cadeira.

— Pai do Céu, ajude-me! — exclamou, levando a mão ao peito.
— Parece até que *eu* sou a criminosa.

— Como assim?

— Ah, não foi isso que eu quis dizer. É que foi um tormento entrar aqui hoje. Deve ter havido alguma coisa. Como você está? — Ela estendeu as mãos sobre a mesa e deu tapinhas na mão da sobrinha, abrindo um sorriso. — Como foi a sua semana?

Lexi não tinha a intenção de agarrar as mãos da tia, mas não se conteve. Era muito bom poder tocar alguém. A intensidade da carência que sentia a surpreendeu. Ela estava tão ávida por conversar, por fazer contato, que deu início a uma análise do livro que tinha lido durante a semana e contou tudo sobre seu trabalho na lavanderia. Por sua vez, Eva falou sobre as promoções de verão na loja em que trabalhava e sobre o clima em Port George.

Foi só depois de Lexi esgotar todas as notícias que ela olhou de verdade para a tia, e então notou as mudanças. Desde a prisão de Lexi, só haviam se passado dois meses, mas as visitas já tinham deixado marcas no rosto de Eva: as rugas estavam mais profundas e os lábios, mais finos. Ela precisava pigarrear constantemente, como se falar provocasse dor.

Quando Lexi percebeu isso, não pôde mais deixar de reparar. Subitamente, entendeu como fora egoísta com esta mulher que era pura amabilidade.

— Você já começou alguma matéria da faculdade? — perguntou Eva, tirando os cabelos crespos dos olhos.

— Não.

— Você pode conseguir um diploma aqui. Como estava nos seus planos.

— Acho que é difícil uma ex-presidiária fazer carreira em direito.

Lexi afundou na cadeira, sentindo-se derrotada, solitária. Ela já tinha passado por isso antes, em todas as vezes em que ficara aos cuidados de estranhos. Esperava e esperava para ver a mãe, só para se decepcionar ainda mais, e sempre. Às vezes, a única forma de sobreviver era deixar de ter esperança. Deixar de aguardar.

Eva estivera ao lado de Lexi como nunca ninguém tinha feito. “Nós somos uma família”, Eva lhe dissera naquele dia, há tanto tempo, quando se encontraram pela primeira vez. Isso se tornara realidade.

Agora era a vez de Lexi. Se não se desvinculasse de Eva agora, se não a libertasse, a tia continuaria ali, presa àquele lugar terrível por uma sucessão de visitas incômodas.

— Você deveria ir para a Flórida — falou baixinho.

Eva parou. Ela estava dizendo alguma coisa?

— Como assim? Não posso deixar você.

Lexi se inclinou para a frente e segurou as mãos de Eva sobre a mesa.

— Vou ficar aqui mais de cinco anos. E eu sei como você quer ir morar com a Barbara. O clima chuvoso daqui é ruim para os seus joelhos. Você merece ser feliz, Eva. De verdade.

— Não diga isso, Lexi.

Lexi engoliu em seco. Ela sabia o que tinha de fazer. Precisava obrigar a tia a partir.

— Não vou mais receber você, Eva. Ficar vindo aqui não faz bem a você.

— Ah, Alexa...

O jeito suave como ela pronunciou seu nome transmitia tudo — o arrependimento, a decepção, a perda — e doía. Doía ainda mais saber que ela estava afastando a única pessoa no mundo que a amava. Mas era pelo próprio bem da tia.

E não era assim que o amor deveria ser?

— Quando sair daqui, eu vou para a Flórida — disse Lexi.

— Não vou deixar que você faça isso — rebateu Eva, e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Não. Eu é que não vou deixar você fazer isso — retrucou Lexi. — Faça o que estou dizendo, Eva. Por favor. Deixe-me fazer isso por você. É tudo o que posso fazer.

Eva ficou um longo tempo sentada, quieta. Finalmente, enxugou os olhos e disse:

— Vou escrever toda semana.

Lexi apenas assentiu.

— E vou mandar fotos.

Continuaram conversando, ambas tentando dizer tudo o que fosse necessário, montando um estoque de palavras que as mantivesse aquecidas no inverno. Mas, finalmente, o tempo chegou ao fim e Eva ficou de pé. Agora parecia ainda mais velha, mais cansada. E Lexi sabia que tinha feito a coisa certa.

— Tchau, Alexa — disse Eva.

Lexi ficou ali, assentindo com a cabeça.

— Obrigada por... — Sua voz falhou.

Eva lhe deu um abraço e a manteve apertada contra si.

— Eu amo você, Alexa — disse.

Lexi estava tremendo quando se separaram.

— Eu também amo você, Eva.

Eva olhou para ela com os olhos brilhantes.

— E não se esqueça: eu conheci a sua mãe. Você não tem *nada* que seja parecido com ela, está entendendo? E não deixe que este lugar mude isso.

Então, ela partiu.

Lexi ficou ali até não conseguir mais avistar a tia. Finalmente, saiu da sala de visitas e voltou para a cela. Não passara mais de quarenta minutos ali quando uma guarda abriu a porta.

— Baill. Traga suas coisas.

Lexi recolheu seus poucos pertences — artigos de higiene, cartas, fotografias — e os pôs em uma caixa de sapato amassada. Então, seguiu a mulher até o prédio principal da penitenciária.

À sua volta, as detentas batiam os pés no chão e gritavam seu nome. No edifício de aço e concreto, o barulho era imenso. Lexi não levantou o olhar, manteve os olhos fixos no chão e sua caixa apertada contra o peito.

A guarda parou bruscamente.

A porta da cela diante delas emitiu um ruído alto, em seguida um clique, e então se abriu.

A guarda deu um passo para dentro da cela.

— Entre, Baill. Esta é a sua cela permanente.

Lexi contornou o corpo largo da mulher e olhou para a cela que provavelmente seria sua casa nos próximos sessenta e três meses.

Fotografias, desenhos e anúncios de revistas cobriam as paredes de cimento. Uma mulher atarracada estava sentada na cama de baixo do beliche: seus ombros largos pendiam para a frente e seus braços grossos e cobertos de tatuagens se apoiavam nos joelhos dobrados. Era morena e tinha um cabelo longo e oleoso. Seu rosto era coberto de pintas e tatuagens serpenteavam também por seu pescoço.

A porta se fechou com um estrondo.

— Eu sou a Lexi — disse. E precisou pigarrear para juntar coragem e acrescentar: — Baill.

— Tamica — falou a mulher, e Lexi se surpreendeu com a beleza de sua voz. — Hernandez.

— Ah.

— Minha filha tem mais ou menos a sua idade — disse Tamica, erguendo da cama estreita o corpo de tamanho considerável. Tudo era concreto e ferro, nenhuma mola vibrou com o movimento. Ela deu uns passos e apontou para uma fotografia já muito manuseada que estava presa com fita adesiva na parede de concreto. — Rosie. Eu estava grávida dela quando vim para cá. Mas eu não sabia. — Tamica se sentou no vaso sanitário e enrolou um cigarro. Ao fumar, soltava a fumaça na direção do duto de ventilação que havia na parede. — Você tem alguma foto?

Lexi pôs sua caixa de pertences no chão e se sentou ao lado de Tamica no piso frio. Pegou algumas fotografias de uma pilha.

— Esta é a minha tia, Eva. E este é o Zach. — Ficou olhando para a fotografia escolar de Zach, que ela sempre tocava. Já sentia que estava começando a esquecê-lo, e isso a aterrorizava. — E esta é a Mia. A garota que eu... matei.

Tamica pegou a foto de Mia e a estudou.

— Bonitinha. Rica?

Lexi franziu a testa.

— Como você sabe?

— Você está aqui, não está?

Lexi não sabia ao certo como responder. O comentário deduzia fatos que não eram totalmente verdadeiros ou que, na verdade, tinham passado despercebidos dela.

— Eu matei o meu marido — disse Tamica, apontando para uma foto na parede.

— Legítima defesa — falou Lexi. Era algo que se ouvia muito por ali. Parecia que ela era a única pessoa culpada na penitenciária.

— Que nada! Matei o filho da mãe dormindo.

— Ah.

— Tem tanto tempo que estou aqui que mal me lembro da merda que eu fiz. — Tamica apagou o cigarro e escondeu a metade não fumada dentro do colchão. — Bem, acho que a gente podia conversar. Se conhecer. — Olhou para a companheira de cela. Em seus olhos escuros, havia uma tristeza que deixou Lexi desconfortável. — A gente tem muito tempo. Seria bom eu ter uma amiga.

— Quando você sai daqui?

— Eu? — Tamica apenas esboçou um sorriso ao responder: — Nunca.

Em uma quarta-feira do final de agosto, Zach surgiu, vindo do quarto, com uma aparência desgrenhada e dando a impressão de estar um pouco desorientado. O cabelo curto estava sujo e espetado e a camiseta tinha uma grande mancha na frente.

Jude e Miles estavam no salão, olhando para a TV, embora nenhum dos dois estivesse de fato assistindo a nada. Não falavam nem uma única palavra havia mais de uma hora. Quando Zach entrou na sala, o coração de Jude se apertou ao vê-lo. Se não estivesse tão exausta, iria até ele e talvez perguntasse como ele estava se sentindo. Mas ela não dormia havia semanas e até mesmo os movimentos mais simples pareciam impossíveis. Tinha perdido quase sete quilos naquele verão, estava esquelética e prostrada.

— Eu vou para a USC — disse ele, sem preâmbulos.

Miles se levantou lentamente.

— Já conversamos sobre isso, Zach. Não acho que seja uma boa ideia. É cedo demais.

— É o que ela gostaria que eu fizesse — falou Zach, e, como se essa frase tivesse sugado todo o oxigênio da sala, os três ficaram sem fôlego.

Miles se deixou cair no sofá.

— Tem certeza?

— Certeza? — repetiu Zach, com voz apática. — É isso que eu vou fazer, está bem?

Jude observou o filho, notando a faixa rosada de pele nova ao longo do queixo. As veias azuis em sua face pareciam rachaduras em porcelana antiga. Era um garoto grande, de ombros largos, que a dor partira em pedaços. Como ela poderia pedir a ele que ficasse ali, naquele espaço sem ar, morto?

— Está bem — disse por fim.

Nos dias seguintes, Jude fez um esforço hercúleo para agir como antes de toda a dor. Ela não era mais aquela outra mulher, é verdade, mas queria, naquele momento, pensar no filho em vez de na filha. Antigamente — há apenas alguns meses, que pareciam uma vida — ela teria preparado para os filhos uma enorme festa de “boa sorte na faculdade e despedida de casa”. Agora, precisou juntar todas as energias para convidar alguns amigos para se despedirem de Zach. Francamente, ela não queria fazer nem isso, mas Miles insistira.

No grande dia, tomou uma ducha, lavou e secou o cabelo. Quando se olhou no espelho, ficou surpresa com o rosto magro e frágil que a olhava de volta. As muitas noites insones haviam deixado círculos escuros em volta dos olhos e, mesmo na última semana de agosto, após um verão longo e quente, estava branca como cal.

Pegou o estojo de maquiagem e começou a trabalhar. Às três da tarde, quando a campainha soou, ela quase parecia a sua versão antiga.

— Chegaram — disse Miles, parando atrás dela. Ele passou os braços pela cintura da esposa e lhe deu um beijo na lateral do pescoço. — Você está pronta?

— Claro — respondeu ela, forçando um sorriso.

Na verdade, sentia uma pontada de pânico. A ideia de se ver rodeada de pessoas e de ter de fingir que ela *estava bem, superando, seguindo em frente* a deixava ansiosa.

Miles a pegou pela mão e a conduziu através do saguão até a porta de entrada.

Molly e Tim estavam na entrada da casa e ambos sorriam de um modo ligeiramente exagerado. Traziam comida e os filhos estavam atrás deles, em um grupo. O freezer já estava lotado de travessas embrulhadas em alumínio que as pessoas tinham trazido logo depois do acidente. Jude não suportava olhar para aquilo tudo, não conseguia comer nada. Só de ver papel laminado, ficava enjoada.

— Oi, pessoal — disse Miles, abrindo espaço para deixá-los passar. — É bom ver vocês.

Em vez de recebê-los, Jude cruzou os braços e ficou olhando para o jardim. Ervas daninhas feias e espetadas cresciam por toda parte. Suas plantas tão amadas pareciam estar subindo umas sobre as outras, afoitas por fugir do confinamento.

— Jude?

Jude piscou e viu Molly de pé ao seu lado. Ela tinha dito algo?

— Desculpe-me — falou. — Momento terceira idade. O que você disse?

Molly e Miles trocaram olhares preocupados.

— Venha, querida — disse Molly, passando um braço pelas costas da amiga.

Como se Molly fosse uma corrente de água morna e generosa, Jude deixou que ela a carregasse e a levasse até o salão, onde uma faixa na qual se lia “Boa sorte, Zach!” estava pendurada sobre a lareira. Miles ligou o som, mas na primeira música — Sheryl Crow cantando “The First Cut Is the Deepest” — Jude o desligou e ligou a TV. Estava passando um jogo de futebol americano.

Um a um, os amigos de Zach foram enchendo a casa. Eles ocupavam espaço, esses meninos e meninas que Jude conhecia havia muito tempo. Acompanhara a vida da maioria deles desde o jardim de infância: ela os tinha alimentado e levado a diversos lugares, depois os trazendo de volta às suas casas e famílias. Ocasionalmente, também lhes dera conselhos. Agora, como Zach, todos se preparavam para deixar a segurança da ilha e partir para a faculdade.

Menos uma.

Miles parou ao lado de Jude e tocou em seu braço.

— Ele vai descer?

Ela olhou para ele e, nos olhos do marido, viu o mesmo pensamento que a assombrara: o Zach de antes nunca se atrasaria para a própria festa.

— Ele disse que sim. Vou buscá-lo — respondeu.

Ela saiu, percebendo, tarde demais, que tinha deixado Molly sozinha. Deveria ter pedido licença.

Era de fato difícil se lembrar desse tipo de coisa ultimamente.

Diante da porta fechada do quarto de Zach, pôs a mão no bolso, agora sempre cheio de aspirinas, e mastigou um comprimido. O sabor horrível na verdade ajudava.

Em seguida, bateu, chamando pelo filho.

Não houve resposta, então bateu novamente, com mais força, e disse:

— Estou entrando.

Zach estava afundado na cadeira de jogos, com fones de ouvido, segurando um controle como se fosse um piloto de caça. Na tela da TV à sua frente, um tanque incrivelmente realista descia por uma encosta desolada, atirando.

Ela tocou a cabeça do filho e a coçou de leve.

Ele se apoiou na mão da mãe, e ela se perguntou há quanto tempo não o tocava. Esse pensamento trouxe novamente a perda, a dor e a culpa.

— O que você está fazendo?

— Tentando passar esta fase.

— Os seus amigos vieram... para se despedir — disse ela.

— É — respondeu ele, suspirando.

— Venha.

Desceram a escada juntos, sem falar nada.

Na sala, houve um momento de silêncio quando os dois entraram, sem jeito e incomodados, pouco à vontade. Como poderiam celebrar? Então, os amigos de Zach o rodearam, rindo de um jeito indeciso, falando baixo.

Jude se afastou. Esforçava-se ao máximo para estar *presente*, para permanecer neste momento que era importante para o filho, mas estava sendo muito dolorido. Ela devia ter imaginado, devia saber que não conseguiria celebrar a ida de Zach para a universidade — para a USC — sem também lamentar o fato de que ele iria sozinho.

Ela ficou ali o máximo que pôde, sorriu mais do que pensou que seria possível e até mesmo cortou o bolo e pediu que Miles fizesse um brinde, mas, bem antes do cair da tarde, Jude se esgueirou pelo corredor e se escondeu no escritório escuro.

Como faria para ir até a USC se despedir do filho sem se deixar dominar pelo luto? A USC era a faculdade de Mia, todos sabiam disso. O quarto da filha estava repleto daquela parafernália vermelha e dourada da USC. E, o pior de tudo, o que Jude jamais admitiria para ninguém, era que ela *queria* que o filho partisse. Toda vez que olhava para Zach, ela se quebrava mais uma vez. Sem ele, ela poderia simplesmente não fazer nada. Não ser nada.

Abalada, foi até o sofá e se sentou. De repente, não conseguiu mais respirar.

— Se correr, o bicho pega — disse alguém, e as luzes se acenderam.

Molly estava na porta, segurando uma travessa com tortinhas de limão. Deu uma olhada em Jude e correu até o sofá, sentando-se ao seu lado.

— Respire, querida. Inspira, expira. Inspira, expira.

— Obrigada — disse Jude, quando o pânico diminuiu.

— Não quero que se assuste de novo, mas sua mãe está procurando você.

— Motivo suficiente para eu me esconder.

— Não sei mais o que dizer, Jude. Mas estou aqui. Você sabe disso, não é?

— Sei.

O olhar de Molly era firme, preocupado.

— Pode me chamar a qualquer momento... Sei que vai ser difícil depois que o Zach partir.

— Partir — repetiu Jude.

A palavra era como uma lâmina que vibrasse em sua alma. Zach estava se mudando. Mia tinha *partido*.

Deu um sorriso forçado. O único jeito de interromper uma conversa dessas era fingir que estava bem.

— Está certo. Bem, é melhor eu ir ver a minha mãe antes que ela redecore a casa.

Pegou uma tortinha de limão. Não tinha a menor intenção de comê-la, mas era o que devia ser feito, por educação. O que seria normal que fizesse.

No dia seguinte, Jude, Miles e Zach foram para o aeroporto.

Deveria ser uma ocasião feliz. Todos se esforçaram no faz de conta. Miles foi puxando conversa e fazendo piadas bobas durante todo o trajeto até o aeroporto.

No avião, fingiram não notar o assento vazio ao lado de Miles, do outro lado do corredor. Antes, sempre se sentavam aos pares, uma dupla em frente da outra. Agora ocupavam uma fila inteira. Eles três.

Na universidade, deram voltas sob o sol quente da Califórnia, comentando sobre a beleza e a harmonia do campus.

Durante todo o fim de semana, a dor, sempre elástica, se estendia e se recolhia, surpreendendo-os com seu impacto nos momentos mais improváveis: ao passarem por uma moça loura usando colete preto... ao verem uma menina de suéter cor-de-rosa dando uma estrela na grama... ao ouvirem o colega de quarto de Zach perguntando sobre irmãos ou irmãs...

Mas conseguiram. No domingo à noite, tiveram um último jantar juntos em Beverly Hills e depois levaram Zach de volta para

seu alojamento. Ali, Jude viu a decoração que o colega de Zach fizera de seu lado do quarto: pôsteres e fotos da família e uma colcha de retalhos feita pela mãe do garoto. Só então se deu conta, tarde demais, de que deveria ter comprado coisas para Zach e enchido o seu lado do quarto com tudo o que ele precisaria para viver bem na faculdade. A Jude de antes teria chegado lá com caixas e mais caixas...

— Vamos sentir saudades — disse Jude, tentando não chorar.

— Ligue para a sua mãe — falou Miles, como uma ordem. — Mantenha contato.

Zach concordou e abraçou o pai. Quando se afastou e olhou para Jude, ela notou a indecisão e o embaraço no olhar do filho.

— Vou me virar bem, mãe. Não precisa se preocupar comigo.

Jude o tomou nos braços e o apertou com toda a força. A vergonha e a culpa que ela sentia eram quase insuportáveis. Ela queria dizer ao filho quanto o amava, mas as palavras que antes vinham com tanta facilidade eram agora impossíveis de articular.

Ela o segurou por muito tempo e então se afastaram lentamente.

— Tchau — despediu-se Zach, baixinho.

Tudo se resumia àquela palavra. Tchau. Um adeus. Quando dita em voz alta, se tornava real.

— Tchau, Zach — disse Jude suavemente.

Ela e Miles saíram do quarto para o corredor movimentado. Atrás deles, a porta se fechou silenciosamente.

Dezessete



Naquele outono, o tempo parecia alternar entre voar e se arrastar. Sem Zach, a casa ficara silenciosa como um túmulo. Miles trabalhava até bem mais tarde que de costume. Jude sabia que ele tinha medo de voltar para casa. Ele detestava ver quanto ela tinha se afundado no cinza.

Mas agora era novembro, feriado de Ação de Graças, e Zach estava em casa. Ela prometera a Miles, e a si própria, que faria um esforço especial pelo filho. Ela *queria* conseguir. Ao menos sua mente queria, e ela estava determinada a se comportar como mãe, ao menos daquela vez.

E fora assim que ela chegara até ali, o sótão em cima da garagem. Estava de pé na frente das caixas vermelhas e verdes que guardavam os arranjos de Natal.

Como é que ela se deixara enganar?

Como seria capaz de pendurar três meias em cima da lareira? Ou de segurar o enfeite de lã branca e balas de menta que Mia fizera no jardim de infância? Como?

Ela deu as costas a tudo aquilo e se encaminhou para a porta. Ao entrar de novo em casa, sentia frio e suas mãos tremiam.

Nunca devia ter dito a Miles que decoraria a casa, mas a tristeza nos olhos de Zach a enchera de culpa. Ela pensara que preparar a casa para o Natal melhoraria seu ânimo. Ele passara a

semana toda deprimido. Dizia que estava indo bem na faculdade, que tinha ótimas notas e inclusive jurava que o que ele queria para o futuro ainda era a faculdade de medicina, mas andava tão quieto que às vezes Jude até se esquecia de que o filho estava em casa. Ele nunca atendia ao telefone, que, após um tempo, deixou de tocar.

Ela foi para a sala de estar. A luz do sol atravessava as janelas altas, banhando de dourado o piso de madeira. Zach e Miles estavam sentados lado a lado no grande sofá cheio de almofadas, segurando controles de videogame, enquanto dois ninjas combatiam com chutes na grande TV de tela plana.

— Achou os enfeites? — perguntou Miles sem levantar o olhar.

— Não.

Miles suspirou. Ultimamente ele vivia suspirando. E ela também, aliás.

Todo o relacionamento parecia consistir em ar, preenchido com nada. Ela queria fazê-lo feliz, mas não conseguia encontrar uma maneira de dizer o que ele precisava ouvir.

A campanha soou e Jude se sentiu aliviada. Detestava receber visitas, mas qualquer coisa era melhor que a conversa repetitiva a respeito de como ela era antes.

— Estamos esperando alguém?

— Acho difícil. Ninguém mais passa por aqui — respondeu Miles.

— Talvez seja o Drew ou o Greg — disse Jude, se preparando para ver um dos amigos de Zach.

Ela foi até a porta da frente e a abriu.

Um estranho estava do outro lado, segurando um envelope de papel pardo.

Não. Não era um estranho, mas ela não conseguia identificar o rosto.

— Pois não?

— Eu sou Scot Jacobs. O advogado de defesa de Alexa, Lexi, Baill.

— Entre, Sr. Jacobs — disse Miles, aparecendo ao lado de Jude.

Ela foi empurrada para o lado. Escutou a porta se fechar. Sentindo-se ligeiramente zonza, seguiu os homens até a sala de estar.

— Eu vim falar com Zachary — declarou o advogado. Ao ouvir seu nome, Zach largou o controle e ficou de pé. — Trouxe estes documentos da parte de Lexi. Ela me pediu que os entregasse ao senhor pessoalmente. Ela imaginou que estaria em casa neste fim de semana. — O advogado não olhou para Jude, somente para Zach, e lhe ofereceu o envelope. — Ela está grávida — falou, calmamente.

Há quanto tempo ela estava ali, em pé e de olhos arregalados? Sentia o sangue correr nas veias e pulsar no coração. Um grito agudo preencheu sua cabeça.

Não. Ela estava *emitindo* aquele som. Seria mesmo ela? O ódio que ela passara meses suprimindo retornara, aos brados. Zach estava falando, dizendo alguma coisa, mas Jude não ouvia as palavras. Nem se importava.

— Saia já desta casa! — falou ela, de repente. Gritou, na verdade.

— Desculpe-me, eu... — disse Scot.

— Desculpe-me? *Desculpe-me?* A sua cliente mata a minha filha, mas não fica satisfeita com isso, não é? Ela ainda não acabou.

Agora ela tem que arruinar a vida do meu filho também. Como sabe que o Zach é o pai? De quantos meses ela está?

— Mãe! — protestou Zach.

Miles estava pálido e parecia abalado, mas seus olhos não demonstravam nem um vestígio da raiva que Jude sentia, o que a deixou ainda mais furiosa. Ultimamente ela estava sempre sozinha nos sentimentos, sempre errada.

— Ela está grávida de cinco meses e meio — respondeu Scot.

— Muito conveniente. O que há nesse envelope? O que ela quer do Zach?

— São documentos de adoção, Sra. Farraday, e posso lhe assegurar de que Lexi não chegou facilmente a esta decisão. Se... o Zach não quiser a criança, ela está disposta a cuidar sozinha do processo de adoção. Ela vai encontrar uma boa família. Não quer que o filho fique em lares temporários.

— Se o Zach não quiser a criança? — repetiu Jude, incrédula.
— Pelo amor de Deus, ele tem 18 anos! Ele nem sabe lavar a própria roupa.

— Ela detestou os lares temporários — disse Zach, em voz baixa.

Scot concordou:

— Ela não quer o mesmo para o filho.

Jude não conseguia atinar com tudo aquilo; ela se sentia puxada por uma corrente profunda que a fazia dar voltas, mas não via as ondas.

— Quem tem uma caneta? — perguntou Jude secamente.

— Judith — disse Miles, usando seu tom de voz sensato, o que significava que ela estava sendo mal-educada, uma megera, o que fosse. Ela não estava nem aí. Não aguentava mais a sensatez. A dor

que sentia no peito era avassaladora, insuportável. Ela precisava reunir todo o autocontrole que tinha para não uivar de agonia. — Estamos falando do nosso neto. Não podemos ficar indiferentes.

— Você acha que eu estou indiferente? — Jude encarou o marido, sentindo raiva dele como nunca sentira de ninguém. — Acha que não estou sofrendo até a alma? Acha que eu não sonho com o primeiro neto? Mas não deste jeito, Miles. Um filho da garota que matou a nossa Mia? Não, não posso...

— Pare! — exclamou Zach.

Jude tinha esquecido que ele estava ali.

— Sinto muito, Zach. Eu sei que isto é uma tragédia, é terrível, mas você precisa me escutar.

— E por acaso alguma vez eu não escutei? — retrucou ele.

Ela percebeu o rancor na voz do filho e deu um passo atrás.

— O-o que você está dizendo, Zach?

— É meu filho — disse Zach, com firmeza. — Meu e da Lexi. Eu não posso dar as costas para ele. Como você pode querer que eu faça isso?

Jude sentiu o chão se abrir sob seus pés e de repente estava despencando. Viu, em um relance, todo o triste futuro do filho: sem diploma, sem emprego digno, sem se apaixonar pela moça certa e recomeçar a vida. Então, desapareceu o último fio desesperado de fé que ela tinha de que ele um dia saísse do fundo do poço e voltasse a ser feliz.

— Eu vou ser pai — disse Zach. — Vou largar a faculdade e voltar para casa.

Jude não conseguia respirar. Aquilo não podia estar acontecendo.

— Zach — implorou —, pense no seu futuro...

— Está decidido, mãe — disse ele. — Vocês me ajudam?

— É claro que ajudamos — respondeu Miles. — Você pode continuar estudando. Nós vamos dar um jeito.

Scot pigarreou e os três olharam para ele.

— Lexi imaginou que Zach pudesse pensar assim... ou talvez fosse só uma esperança. De qualquer forma, ela também me pediu que redigisse os termos da guarda. Ela está disposta a dar a Zach a guarda plena. Ela só tem dois pedidos. Não quer que o filho saiba que ela está presa. Nunca. Inclusive, sugere que digam à criança que ela... morreu. — Ele fez uma pausa e olhou para Zach. — E ela quer lhe dar o bebê pessoalmente, Zach. Somente para o senhor. Então, terá de estar no hospital no dia do nascimento.

Jude deu meia-volta e se retirou da sala. Ao subir a escada, tomou três — não, quatro — remédios para dormir e se enfiou na cama. Enquanto estava ali deitada, tremendo e rezando para que os remédios fizessem efeito, tentou pensar em um bebê, nesse bebê, seu neto. Tentou imaginar uma versão minúscula da Mia, com o cabelo como palha de milho e olhos que pareciam bolas de gude verdes.

Como ela seria capaz de olhar para um bebê assim e sentir qualquer coisa além da sua própria perda?

Lexi estava no refeitório da penitenciária quando sentiu a primeira contração. Agarrou o pulso de Tamica, apertando-o com força.

— Ai, meu Deus! — exclamou Lexi, quando a contração passou. — É assim que vai ser?

— Pior. — Tamica a conduziu pelo refeitório lotado, até uma das guardas de pé ao lado da porta. — A garota vai entrar em trabalho de parto.

A guarda assentiu, passou o recado por rádio e então ordenou que voltassem para a cela.

— Alguém virá buscar você, Baill.

Lexi se deixou levar até a cela. Ali, deitou-se de lado na cama de Tamica, resistindo à dor crescente. Tamica passava a mão em seus cabelos e contava histórias bobas sobre sua vida. Lexi tentava prestar atenção e ser educada, mas as pontadas de dor eram mais intensas e estavam mais frequentes.

— Eu... não... vou... aguentar... Como as mulheres aguentam?

— Baill?

Ela ouviu seu nome por entre uma névoa de dor. Quando a cólica passou, levantou a vista com esforço.

Miriam Yungoh, a médica da prisão, estava ali.

— Eu soube que tem uma criança que quer sair para brincar.

— Remédio — disse Lexi. — Me dê um remédio.

A Dra. Yungoh sorriu.

— Que tal se eu examinar você primeiro?

— Tá — concordou Lexi. — Como quiser.

Lexi mal prestou atenção ao que se sucedeu depois. E provavelmente foi melhor assim. Houve o exame pélvico que qualquer prisioneira que passasse pela porta veria, a revista completa na entrada (para garantir que ela não estivesse tentando sair com algo escondido na vagina — ha!) e a colocação de algemas nos pulsos e tornozelos.

Ela só relaxou quando se viu deitada em uma maca dentro de uma ambulância, algemada à grade de metal.

— A Tamica pode vir comigo? Por favor. Quero que ela esteja no hospital — pediu Lexi, entre contrações.

Ninguém respondeu e, quando a dor recomeçou, ela se esqueceu de todo o resto. Até chegarem ao hospital, as contrações eram tão frequentes que parecia que ela estava num ringue, enfrentando um pugilista.

Foi posta em um quarto de hospital privativo, com guardas posicionadas do lado de dentro e de fora. Ela queria se virar de lado, caminhar ou ao menos se sentar, mas não conseguia se mover. Estava presa à grade da cama do lado esquerdo, por um tornozelo e um pulso. E haviam se recusado a lhe dar analgésicos porque já era tarde demais. Como se isso fizesse algum -sentido.

Outra dor. A pior até agora. Ela deu um grito. Sua barriga se contraiu tanto que ela achou que fosse morrer.

Quando a dor diminuiu, ela tentou se sentar e falar com a guarda.

— Chame um enfermeiro ou médico, por favor. Há algo errado. Estou sentindo. Dói demais. Por favor. — Estava ofegante e fazia força para não chorar.

— A minha função não é...

— Por favor — implorou Lexi. — Por favor.

A guarda olhou para Lexi e apertou a vista. Lexi se perguntou o que a mulher veria: uma assassina acorrentada a uma cama ou uma garota de 18 anos que estava dando à luz uma criança que provavelmente jamais conheceria.

— Vou verificar — disse a guarda, saindo do quarto.

Lexi se reclinou sobre os travesseiros. Tentava ser forte, mas nunca tinha se sentido tão só. Precisava da tia Eva ali, ou da Tamica, ou do Zach, ou da Mia.

Outra contração atravessou seu corpo. Lexi puxou as correntes e sentiu o metal frio se cravar no tornozelo e no pulso. Então, passou.

Deixando-se cair nos travesseiros, expirou. Seu corpo parecia estar sendo espremido.

Pôs a mão na barriga. Sentiu o bebê se mover lá dentro, provavelmente tentando encontrar uma saída que acabasse com essa dor.

— Tudo bem, menininha. Vamos ficar bem.

Fechou os olhos com força e tentou imaginar o bebê dentro de si. Havia meses, deitada na cama solitária da prisão, sonhava com esse bebê, e em seus sonhos era sempre uma menina.

Quando a dor recomeçou, ela gritou, desta vez certa de que seu abdômen se rasgaria, como naquela cena de *Alien*. Ainda estava gritando quando o médico entrou no quarto, seguido por uma enfermeira.

— Acorrentada à cama? Onde estamos, na França medieval? Tire as algemas. Agora.

— Desculpe-me, doutor, mas não posso fazer isso — declarou a guarda. Em seu favor, ela *realmente* parecia estar com pena.

— Oi, Lexi. Eu sou o Dr. Farst — disse o médico, ficando ao seu lado.

— O-oi. Acho que vou morrer. Os bebês sempre rasgam a gente?

Ele sorriu.

— A sensação é essa mesmo. Agora, vou examinar você.

— Está bem.

Ele afastou a camisola e se posicionou entre as pernas de Lexi.

— Já dá para ver? Ah! — Lexi se arqueou de dor.

— Bom, Alexa, parece que alguém está pronto para nascer. Quando eu disser, empurre com toda a força que puder.

Lexi estava tão cansada que mal conseguia se mexer.

— Como assim, empurre?

— Como se você estivesse com prisão de ventre, no banheiro.

— Ah.

— Muito bem, Alexa. Empurre.

Lexi se contraiu, empurrou e gritou. Perdeu a conta de quantas vezes o médico a mandou parar, recomeçar e parar de novo. A dor era tanta que ela mal conseguia suportar. Desejou ter alguém do seu lado lhe dizendo que estava tudo bem, que ela estava fazendo tudo certo. Era assim nos filmes.

Então, um bebê chorou.

— É menina — afirmou o médico, sorrindo.

Lexi não fazia ideia de que um coração pudesse voar, mas, subitamente, foi assim que se sentiu. A dor desaparecera — já estava esquecida — e ela alçara voo com os anjos. Viu o médico passar o bebê — sua filha — para a enfermeira, e não resistiu a tentar alcançá-la. Um braço se levantou, o outro ficou preso na algema.

— Solte o pulso dela — disse o médico para a guarda, tirando a touca cirúrgica azul. — Agora.

— Mas...

O Dr. Farst encarou a guarda.

— Aqui dentro, eu sou Deus. Retire a algema. Se precisar, deixe a do tornozelo. Deve ser o suficiente para manter a sociedade a salvo desta adolescente. — Ele caminhou até a cama. — Você é tão jovem... — falou.

Isso significava que ele pensava que ela tinha muito tempo pela frente, que algum dia estaria em um quarto como este, dando à

luz uma criança que ela levaria para casa e amaria. Que um dia ela amamentaria sua filha.

Ela poderia lhe dizer que ele estava enganado, que ela não era mais jovem e que os sonhos eram coisas efêmeras, como balões que, uma vez soltos, desaparecem no céu. Mas ele era tão bondoso e ela estava exausta demais, e não tinha vontade de encarar a realidade justamente agora.

A enfermeira foi até ela e lhe deu um embrulhinho cor-de-rosa. Sua filha.

— Vou deixá-las a sós um minuto. Eu sei que... tem gente esperando.

Houve um momento incômodo no qual a verdade forçou sua entrada no quarto, e então a enfermeira e o médico saíram.

Lexi ficou maravilhada olhando para a bebezinha, hipnotizada pelo rosto rosado e os lábios em forma de coração, pelos olhos azuis turvos que pareciam saber segredos que Lexi ainda desconhecia. Lexi pegou na mão aquele punho do tamanho de uma uva.

— Eu tenho tanto para dizer a você, menininha, mas você não vai lembrar. Você não vai se lembrar de mim. Mas eu vou me lembrar de você.

Lexi apertou a filha contra si e lhe transmitiu todo o amor que carregava, na esperança de deixar uma marca duradoura.

— Como os gansos — sussurrou ela na orelha rosada e minúscula. — Os bebês reconhecem a mãe quando a veem pela primeira vez e nunca mais esquecem.

Alguém bateu à porta. A guarda atendeu e falou com alguém no corredor. Em seguida, Scot entrou. Estava descuidado como sempre, com um terno barato de lã e uma gravata fora de moda, mas

seu olhar era tão gentil e piedoso que ela sentiu um princípio de pânico. Instintivamente, segurou o bebê com mais força.

— Oi, Lexi — disse ele. Ao ver a marca vermelha no pulso dela, franziu o cenho. — Eles algemaram você? Filhos da...

— Tudo bem — falou ela. — Veja.

Scot se inclinou para vê-la.

— É linda, Lexi. — Nisso, seu rosto pareceu murchar. — Está na hora — avisou ele gentilmente.

— Ele está aqui? — perguntou ela, e, mesmo com toda a dor que estava por vir, seu coração deu um salto.

— Está aí fora.

— Pode me ajudar a me sentar, Scot?

Ele a ajudou a se posicionar e então se afastou.

— Você tem certeza de que quer isso?

— Que escolha eu tenho?

— Com certeza você não precisa abrir mão da guarda. Quando você sair...

— Olhe para ela — disse Lexi, olhando para aquela menina linda. — Ela vai ser amada por eles. Ela vai se *sentir* amada. Vai se sentir protegida. Vai ter tudo o que eu não posso dar a ela. Acredite, Scot, ela não precisa de uma mãe como eu.

— Eu não concordo, mas a escolha é sua. Vou pedir que ele entre.

Lexi se endireitou e então *ele* estava ali, na porta.

A dor foi maior do que ela esperava, maior do que o parto que acabara de enfrentar. Ele estava mais alto do que ela se lembrava, com os ombros mais largos. Os cabelos louros como o trigo estavam caídos sobre os olhos, e ela lembrou que ele detestava aquilo, e que

ela ria ao afastar aqueles cabelos para olhar nos seus olhos quando ele se inclinava para beijá-la.

Ela o amava muito. Não estava só em seu sangue, esse amor que sentia por ele, mas *era* seu sangue. Ela não sabia se todos tinham razão e seu amor por ele um dia começaria a se esvair como uma fotografia velha — como ela iria saber? Sabia apenas que seu amor por ele era o que ela tinha de melhor e que, sem ele, seu coração ficaria vazio.

Ele se aproximou, um pouco inseguro.

Ela se sentiu feliz de ter a filha nos braços, pois senão o teria tocado. Não teria conseguido se conter.

De perto, ela viu a cicatriz ao longo do queixo de Zach. A pele enrugada tinha o mesmo tom de rosa do rosto da filha. Em pouco tempo, talvez, terá desaparecido por completo ou ficará bem fina, mas agora estava ali, um lembrete visível do crime de Lexi.

— Oi, Zach — disse ela, ouvindo sua voz tremer.

Ele inspirou e pronunciou o nome dela baixinho. Então, finalmente, veio a dor. A voz de Zach a fez lembrar os encontros na praia, os beijos que duravam a noite inteira. Sonhos e futuros.

— Ela é igualzinha à Mia — falou ele e, assim, o passado agora estava ali com eles, encolhido ao lado desse pedacinho de futuro embrulhado em um cobertor.

Lexi queria pedir desculpas, mas se conteve. Não havia mais razão. Aqueles dias ficaram para trás. Agora o assunto era outro. A pessoa era outra.

— Eu a chamaria de Grace — disse Lexi, enxugando os olhos.
— Se a escolha fosse minha.

— Você é a mãe dela — afirmou Zach.

A mãe dela. Lexi não sabia como reagir àquela frase, então não disse nada.

— Eu pensei que você quisesse... pensei que você gostasse de Katya.

Ela prendeu a respiração ao ouvir aquilo. Então ele se lembrou. Parecia uma vida atrás, aquela conversa entre duas crianças cheias de esperança, que pensavam que o amor fosse fácil. Fora na praia deles, brincando com sonhos diáfanos do futuro.

— A minha amiga... Tamica é católica. Ela diz que, quando Deus nos perdoa, ele concede a sua graça. — Ela olhou para a filha. — Gracie? É você?

O bebê soltou um gemido e Lexi começou a chorar.

— Não chore, nenezinha — disse ela, beijando os lábios rosados minúsculos.

Então, olhou para Zach.

— Diga a ela que eu a amo tanto que quis o que seria o melhor para ela.

— Nós podemos visitar...

— Não. — Ela deu um último beijo na filha e então, devagar, bem devagar, a entregou a Zach. — Eu não quero que ela cresça como eu. Mantenha-a longe de mim.

Ele segurou o pequenino embrulho.

— Grace — disse. — Grace Mia Farraday.

Ao ouvir aquilo, Lexi sentiu uma pontada de dor.

— Eu amo você, Gracie — murmurou, desejando ter dado mais um beijo na filha antes de entregá-la. — E Zach, eu...

Houve batidas na porta, tão altas que ela se assustou.

— Deve ser a minha mãe — falou Zach. — O que você ia dizer?

Lexi balançou a cabeça.

— Não tem importância.

Ele ficou parado e seu olhar foi do bebê para Lexi.

— Eu estraguei tudo — disse ele em voz baixa.

Ela não conseguiu encontrar palavras, nem mesmo para dizer adeus à filha e ao garoto que amava.

Jude tentara se preparar para este dia. Dissera a si mesma que, agora sim, este seria o começo de uma nova Jude. Então, quando Zach saiu do quarto de Lexi no hospital segurando a recém-nascida embrulhada em um cobertor rosa, com os olhos brilhando de emoção, Jude sentiu a esperança crescer dentro de si, fortalecendo-a.

— Grace Mia Farraday — disse Zach.

— Ela é linda — falou Miles, indo até o lado do filho e segurando a cabecinha do bebê com sua mão longa de cirurgião.

Jude olhou para o rostinho da neta e o tempo pareceu parar.

Durante um segundo, ela voltara a ser uma mãe jovem, com um bebê em cada braço e Miles ao seu lado.

Grace era exatamente igual a Mia.

Os mesmos lábios em forma de coração e os olhos azuis turvos que ficariam verdes, o mesmo queixo pontudo e os cílios brancos. Instintivamente, Jude se afastou.

— Mãe? — perguntou Zach, olhando para ela. — Quer segurar?

Jude começou a tremer. O frio de seu coração se irradiou até os dedos e ela desejou ter trazido um casaco.

— Claro.

Ela se obrigou a sorrir e a esticar os braços, segurando Mia — não, Grace — no colo, contra seu corpo.

Ame-a, pensava desesperadamente, começando a entrar em pânico. Sinta alguma coisa.

Mas não havia nada. Ela observou a neta, este bebezinho tão parecido com Mia, que enganaria qualquer um, e não sentiu absolutamente nada.

Fisicamente, Lexi se recuperou depressa. Os seios diminuíram e voltaram ao tamanho normal, o leite secou. Em um mês, umas poucas linhas brilhantes na parte inferior da barriga eram a única evidência de que ela tivera um bebê.

Ela se sentia desfeita como aquelas linhas. A gravidez a tinha transformado. Uma menina chamada Alexa Baill entrara naquele hospital, acorrentada a uma maca, e dera à luz a menina mais linda do mundo. Vira pela última vez o rapaz que amava. E então tudo havia terminado e uma Lexi mais velha e sábia voltara para Purdy.

Antes ela havia sido uma pessoa frágil e até esperançosa. Lexi percebia isso agora, como se observa a falta de uma das estacas de uma cerca. A ausência se fazia notar. Ela ficara fragilizada e perturbada pela coisa terrível que tinha feito, mas acreditara na redenção, no poder da justiça. Pensara que ir para a cadeia seria uma expiação e que, com a expiação, ela seria perdoada.

Quanta bobagem!

O advogado tinha razão. Ela deveria ter lutado contra as acusações, dito que estava arrependida, que era jovem e tola.

Mas não, ela tentara fazer a coisa certa e terminara destruída. Perdera tudo o que era importante para ela, mas nada tinha doído mais que a perda de sua filha.

Nos dois meses que se seguiram ao nascimento de Grace, Lexi procurara continuar sendo aquela jovem, mas o que ela tinha de

melhor estava se esvaindo. Dia após dia, tentava escrever cartas à filha e cada fracasso arrancava um pedaço dela, até restar tão pouco que ela se sentia transparente. Principalmente naquele dia.

Ela estava no pátio, sentada em um banco sob o céu de um tom de azul pálido. À esquerda, algumas mulheres de cáqui jogavam basquete. As árvores ao redor da penitenciária estavam em sua plenitude, vibrantes e floridas. De vez em quando, uma flor rosada voava sobre a montanha de esqueletos de arame farpado e pousava no chão como um sonho impossível que se realizasse.

— Você está com cara de que precisa de uma força.

Lexi levantou o olhar. A mulher de pé ao seu lado tinha o cabelo cortado muito curto e pintado da cor de cenoura e um lenço azul amarrado em volta da cabeça. Uma tatuagem de cobra aparecia sob o colarinho. Era atarracada e tinha mãos fortes e pele que parecia ter sido esfregada com esponja de aço.

Lexi sabia quem ela era. Todos sabiam. O apelido, Chapa, dizia tudo.

Lexi ficou de pé devagar. Durante todo o tempo que passara ali, nunca falara com Chapa. Era só um o motivo de as mulheres se aproximarem dela, e quem começava não parava mais.

— Eu sei um jeito de acabar com a sua dor — disse Chapa.

Lexi sabia que era errado e perigoso dar ouvidos àquela promessa, mas não se conteve. Sua dor era insuportável, ainda mais naquele dia.

— Quanto?

Chapa lentamente abriu um sorriso, revelando dentes feios, pretos. Metanfetamina. Bocas assim eram comuns por ali.

— Pela primeira vez? Uma coisinha linda como você? Acho que...

— Sai já de perto dela, Chapa.

Lexi viu Tamica se aproximar como uma urso que protege a cria. Pôs a mão enorme no peito de Lexi e a empurrou com força. Lexi tropeçou, quase caiu. Mas logo recuperou o equilíbrio e avançou.

— Isto é assunto *meu*, Tamica. Você não manda em mim.

Tamica ficou frente a frente com Chapa.

— Fora daqui, senão eu quebro você como se faz com um móvel vagabundo.

Lexi se espremeu entre as duas mulheres.

— Eu *preciso* — disse para Tamica, quase implorando. — Não aguento mais. Não quero sentir mais nada.

— Abra a mão — murmurou Chapa.

— Não! — repreendeu Tamica. — Não vou deixar você fazer isso, *hermana*.

Lexi emitiu um gemido gutural da mais pura dor e deu um soco em Tamica, bem no nariz.

Um apito soou.

Chapa deixou cair dois comprimidos na mão de Lexi e saiu correndo tão depressa que parecia nunca ter estado ali.

— Você pirou? — disse Tamica, dando uns passos para trás. — Eu não sei por que cuido de você.

— Nem eu. Nunca pedi que cuidasse.

— *Hermana* — continuou Tamica, suspirando. — Eu sei como dói.

— Sabe? Hoje faz um ano que eu matei a minha melhor amiga. Duas guardas se puseram entre elas e afastaram Lexi de Tamica.

— Para trás, Baill.

— Eu caí — disse Tamica.

— Essa foi boa — falou uma das guardas. — Eu vi tudo. Vamos, Baill.

Lexi sabia para onde a levariam, mas não se importou. Na véspera ela teria dito que nada a apavorava mais do que ser mandada para O Buraco, mas agora, no aniversário da morte de Mia, em um mundo no qual Lexi tivera uma filha e a perdera, a perspectiva mal merecia um suspiro que fosse.

Ela foi conduzida por vários corredores, chegando finalmente a uma cela pequena e sem janela. Quando a porta se abriu, Lexi sentiu um forte cheiro de urina e dejetos e começou a entrar em pânico e a tentar voltar.

— Tarde demais — disse a guarda que estava mais perto dela, enquanto a empurrava para dentro.

Havia um cobertor cinza e áspero sobre uma cama metálica. O colchão e o travesseiro eram de uma borracha velha e deformada. A única abertura na porta era do tamanho de um controle remoto de TV. Provavelmente a comida era passada por ali três vezes ao dia.

Lexi ficou parada no escuro, sentindo calafrios, embora não fizesse frio. O fedor fazia seus olhos lacrimejarem.

— Já que está aqui, aprenda alguma coisa— disse uma das guardas.

A porta se fechou com um golpe e ela ficou na escuridão.

Lexi ficou imóvel, sentindo-se congelar. Então abriu a palma da mão. Estava escuro demais para ver os comprimidos, mas ela podia senti-los. Então os pôs na boca e os engoliu sem água. Levaram um tempo para fazer efeito, mas por fim começou a se sentir mais calma. Lexi fechou os olhos e se esqueceu completamente de Mia cantando desafinada, das promessas de amor

de Zach e de Grace emitindo seus primeiros sons. Ficou sentada no colchão de borracha olhando para o nada, sem pensar em nada, sem sentir nada, apenas esperando o interminável tempo passar.

Parte Dois



E embora nada possa devolver os momentos
De esplendor na relva e de glória nas flores,
Não sofreremos; antes, encontraremos
força no que ficou para trás.

— William Wordsworth,

ODE: INTIMAÇÕES DA IMORTALIDADE
A PARTIR DE REMINISCÊNCIAS DA INFÂNCIA

Dezoito



2010

À distância, a família Farraday parecia ter se recuperado. Miles, o renomado cirurgião, voltara a se dedicar ao que fazia de melhor e, se passava horas demais na sala de operação, devia ser porque queria salvar todas as vidas que pudesse. Zach surpreendera todos os que o conheciam ao arrasar no bacharelado da Universidade de Washington. Completara o ciclo básico em três anos e iniciara a especialização em medicina um ano antes dos demais. Estava agora no segundo ano e tinha notas magníficas. Tinha se mudado para uma casa alugada na ilha e se dedicava a duas coisas na vida: os estudos e a filha. Não parecia se incomodar por não ter tempo para atividades sociais. Os moradores da ilha falavam dele com orgulho, dizendo que a tragédia fizera dele um grande homem, capaz de encarar os desafios da paternidade.

E restava Jude.

Durante anos, ela havia tentado reconstruir a mulher que fora antes da morte da filha. Fizera o que lhe pediram, o que se esperava dela. Participara de grupos de apoio e terapias. Tomara Xanax, Zoloft e Prozac em diversos períodos. Dormira demais, depois muito pouco. Perdera peso. Acima de tudo, tinha aprendido que havia uma parcela de dor que não era possível curar, ignorar ou remediar.

O tempo não havia fechado as feridas. Que clichê de merda, este, isso sim! O tipo de coisa que as pessoas de sorte dizem aos menos afortunados. Essas mesmas pessoas de sorte acham que falar sobre a dor faz bem e nem pensam duas vezes antes de dizer “tente tocar a vida”.

Finalmente, ela deixara de esperar que se sentisse melhor e foi então que descobrira como viver. Não tinha controle sobre a dor, nem sobre a sua vida ou quase nada, na realidade — ela sabia disso agora —, mas conseguia controlar suas emoções.

Ela era cuidadosa. Deliberada.

Frágil.

Principalmente frágil. Era como um antigo vaso de porcelana que tivesse se quebrado e sido restaurado com todo o cuidado. De perto, as cicatrizes eram visíveis, e ela só podia ser manipulada com os toques mais delicados. Mas, de longe, do outro lado da sala, à luz ideal, parecia inteira.

Sua rotina era rigorosa. Ela aprendera que ter horários era a sua salvação. Sua vida se baseava em uma lista de afazeres. Acordar. Tomar banho. Fazer café. Pagar contas. Ir ao mercado... ao correio... à lavanderia. Abastecer o carro.

Era assim que ela superava cada hora do dia. Cortava e penteava o cabelo mesmo sem se importar com a aparência. Usava maquiagem e se vestia com elegância. De outra forma, as pessoas franziriam o cenho ao vê-la, e então se aproximariam e perguntariam: “Como você está, de verdade?”

O melhor era parecer bem e seguir em frente. Geralmente, dava certo: ela se levantava e sobrevivia à interminável luz do sol. Nos dias de semana, dava o café da manhã à neta e a levava à pré-escola. Algumas horas depois, buscava Grace na escolinha e a

deixava na creche, onde ficava durante a tarde para que Zach pudesse passar o dia na universidade.

Jude tinha descoberto que, concentrando-se nas minúcias, conseguia manter a tristeza afastada.

Ao menos na maior parte das vezes. Naquela dia, porém, por mais que tentasse fingir, nada a protegeria.

No dia seguinte seria o sexto aniversário da morte de Mia.

Jude estava na cozinha planejada, olhando para o fogão de seis bocas. A luz oblíqua de fim de tarde entrava pela janela e fazia reluzir as minúsculas partículas de bronze da bancada de granito.

Miles foi até ela e lhe deu um beijo no rosto. Ele passara o dia todo perto dela.

— O Zach e a Grace vêm jantar aqui hoje — lembrou.

Ela assentiu. Com um instante de atraso, percebeu que deveria ter se voltado para dar um beijo em Miles, mas, como com tantas outras coisas, ela estava fora de compasso. Então o viu se afastar e a distância entre eles se expandir. Era uma capacidade que tinha adquirido, a de efetivamente ver os espaços vazios.

Ela sabia que ele estava desiludido com ela, com o casamento, mas sabia que ele ainda a amava. Ou ao menos era o que ele queria e, para Miles, desejo e realidade eram a mesma coisa, porque ele decidira que seriam. Ele ainda acreditava no casamento dos dois. Todo dia, acordava e pensava *hoje* — e então aquele seria o dia em que ela se lembraria de como seria se viesse a amá-lo de novo.

Jude foi até a geladeira buscar carne moída bovina e suína e começou a reconfortante tarefa de fazer almôndegas. Durante a hora seguinte, a rotina a fez abstrair tudo: picar legumes, formar os bolos de carne, fritá-los. Quando o jantar ficou pronto, a casa tinha aroma de molho de tomate à base de vinho tinto e almôndegas com tomilho.

Uma umidade adocicada pairava no ar enquanto a água fervia sobre o fogão. Ela deixou o molho cozinhando em fogo baixo e preparou uma salada. Estava fechando a porta da geladeira quando ouviu um carro se aproximar.

Prendeu o cabelo atrás da orelha, sentindo os fios grossos de cabelos grisalhos por baixo dos louros — lembranças táteis de sua perda. Quando se aproximou da sala, Miles a viu e foi ao seu encontro, passando um braço por sua cintura.

Grace entrou andando pelo hall iluminado. De calça capri com estampas de borboletas e uma longa blusa cor-de-rosa, os cabelos louros sedosos escapando de um rabinho de cavalo torto, parecia uma fadinha. Mas bastava estudar o pequeno rosto em forma de coração, com o queixo espetado e o nariz reto, para perceber que não havia nada de etéreo nessa criança séria. Assim como todos eles, Grace raramente sorria e, quando ria, era sempre baixinho, cobrindo a boca com as mãos, como se o som fosse desagradável.

Miles soltou Jude e foi até a neta, agarrando-a nos braços e rodopiando com ela.

— Como vai a minha bonequinha hoje?

Jude tremeu ao ouvir o apelido. Ela tentara impedir que o marido o adotasse, mas ele disse que não conseguia, que olhava para Grace e via Mia, e então a palavra escapava.

Jude também via Mia em Grace. Esse era o problema. Toda vez que Jude olhava para a criança, a ferida voltava a se abrir.

— Tudo bem, vovô — respondeu ela. — Eu achei a ponta de uma flecha na praia durante o recreio.

— Não achou, não — disse Zach, fechando a porta atrás de si com o pé.

— Eu *podia* ter achado — falou Grace.

— Mas não achou. Quem achou foi o Jacob Moore, e você deu um soco no nariz dele, porque ele não quis dar a flecha para você.

— O Jacob Moore? — perguntou Miles, encarando a neta através dos óculos sem armação que usava agora. — Não é aquele menino que parece o Pé Grande?

Grace soltou uma risadinha e cobriu a boca, concordando.

— Ele tem 7 anos — murmurou ela solenemente. — E está no jardim.

— Não dê corda, pai — disse Zach, jogando as chaves na mesa ao lado da porta. — Ela já chegou a um ponto em que a única carreira possível vai ser a luta livre.

Ele pendurou a mochila, parando um segundo em frente ao suéter verde que ainda estava no cabide na entrada. Passou os dedos longos pelo tecido. Todos eles faziam isso, tocavam o suéter como se ele fosse um talismã ao entrarem em casa. Então, ele se voltou e foi para o salão.

Jude estava tão distanciada da própria vida que via seu filho de longe mesmo quando ele estava bem na frente dela. O cabelo loiro tinha crescido. Estava comprido demais, malcuidado e despenteado. Zach tinha tufo de barba no rosto, porque ela crescia em alguns lugares, mas não em outros, devido à queimadura. A camiseta estava do avesso e provavelmente passara o dia todo assim e, quando ele tirou os tênis, as meias eram de pares diferentes. O pior de tudo eram os olhos esgotados. Sem dúvida, passara a última noite estudando e ainda acordara cedo para fazer o café para Grace. Algum dia ele cairia de exaustão.

— Quer uma cerveja? — perguntou Miles ao filho enquanto beijava o rosto rosado de Grace.

— Não posso tomar cerveja — respondeu ela, animada.

— Muito engraçado, mocinha. Eu estava perguntando ao seu pai.

— Claro — disse Zach.

Jude pegou duas cervejas na geladeira e se serviu uma taça de vinho branco. Então seguiu os homens até o quintal.

Ela se sentou na espreguiçadeira ao lado da churrasqueira. Miles estava à sua esquerda e Zach se afundou em uma cadeira, com os pés apoiados em cima da mesa. Grace passou por eles e foi se sentar sozinha na beirada da grama. Lá, começou a conversar com o próprio pulso.

— Estou vendo que ela ainda tem a amiga invisível — comentou Miles.

— As crianças comuns têm amigas invisíveis — disse Zach. — A Grace tem uma amiga invisível *alienígena* que é uma princesa presa em um pote de vidro em outro planeta. E esse é o menor dos nossos problemas. — Tomou um gole da cerveja e pôs a garrafa na mesa. — A professora diz que ela tem dificuldade de fazer amizade. Ela mente o tempo todo e começou a... fazer perguntas sobre a mãe. Quer saber por que ela não mora com a gente e onde está.

Jude se endireitou na cadeira.

— Ela precisa mais de nós — disse Miles.

— Talvez seja bom eu trancar a faculdade por um tempo — sugeriu Zach, e, pelo tom de voz e pela expressão corporal, era óbvio que já vinha pensando nisso — Dizem que o terceiro ano é mortal e, para falar a verdade, estou detonado. Passo cada segundo da vida estudando ou correndo para estar com a Grace. Quando estou com ela, fico imprestável, de tão cansado. Sabe o que ela me disse ontem à noite? “Papai, eu posso me virar sozinha se você estiver cansado

demais para fazer o jantar.” — Ele passou a mão pelos cabelos. — Caramba, ela tem 5 anos. E está preocupada comigo.

— E você tem 24 — disse Miles. — Está se saindo fantasticamente bem, Zach. Estamos orgulhosos de você, não é, Jude? Não largue a faculdade agora. Já está quase no fim.

— Amanhã eu tenho grupo de estudos de noite. Se eu não for, não passo no exame final. Com certeza.

— Eu pego a Grace e dou o jantar a ela — assegurou Jude. Era o que se esperava dela, e ela sabia disso. — Estude o tempo que for necessário.

Zach olhou para a mãe.

Ele não confiava em Jude para tomar conta de Grace, é claro. Ainda se lembrava dos primeiros dias, quando Jude havia tentado ser avó, sem sucesso. Na época, sua tristeza era como um punhal: a golpeava nos momentos mais inusitados e acabava com ela. Por causa disso, ela perdia a hora e se esquecia de ir buscar Grace. Uma vez — a pior de todas — Miles chegou à noite e encontrou a neta deitada sozinha no quarto de Mia, com a fralda suja, enquanto Jude estava em seu quarto, deitada na cama em posição fetal, soluçando abraçada a uma foto da filha.

Todos sabiam que Jude era incapaz de olhar para Grace sem sentir uma dor avassaladora. Tudo na criança fazia Jude se lembrar do que perdera. Por isso, mantinha distância da neta. Ficava envergonhada e constrangida com essa fraqueza, mas não tinha solução. Ela havia tentado. Mas, nos últimos dois anos, conseguira melhorar. Pegava Grace regularmente no jardim de infância e na creche da tarde. Era só nos piores dias, naqueles em que Jude caía em seu mundo cinza, que ela se enfiava na cama e esquecia tudo o

que tinha de fazer e todas as pessoas à sua volta. Principalmente a neta.

— Eu estou melhor agora — disse ela para Zach. — Pode ficar tranquilo.

— Amanhã é...

— Eu sei o que é. — Jude o interrompeu antes que ele dissesse o que todos já sabiam: amanhã seria um dia ruim para todos eles. — Mas, desta vez, pode confiar em mim.

Deveria estar chovendo. A paisagem do lado de lá da janela deveria ser negra e aflitiva como tinta derramada, com céus carregados de carvão, folhas negras cheias de teias de aranha deslizando pelas calçadas sujas e corvos pousados em postes de telefone. Uma cena de *A dança da morte*. Em vez disso, o sexto aniversário da morte de sua filha amanhecera brilhante e ensolarado, com aquele céu turquesa que faz de Seattle uma das mais lindas cidades do mundo. O estuário de Puget reluzia e o monte Rainier parecia mais próximo, com o vívido cume branco resplandecente sobre os limites da cidade.

Jude se sentia congelar de frio. À sua volta, turistas circulavam pelo mercado de Pike Place, vestindo shorts e camiseta, com câmeras penduradas no pescoço, enquanto comiam petiscos em palitos ou sacolinhas brancas engorduradas. Havia músicos de cabelo comprido posicionados nas esquinas de mais destaque, arrasando nos acordeões ou violões ou tambores. Um deles tinha um piano.

Jude enrolou o grosso cachecol de cachemira no pescoço e acomodou a bolsa no ombro. Nos fundos do mercado, um gramado

triangular servia de local de descanso para os mendigos. Um totem gigante os protegia.

Ela atravessou a rua movimentada e subiu uma ladeira íngreme, até um prédio fino e comprido que parecia espetar o céu azul e límpido.

— Sra. Farraday — disse o porteiro, levantando o ridículo chapéu para ela.

Incapaz de sorrir, ela meneou a cabeça e continuou andando. Enquanto esperava o elevador, batia o pé no piso de lajotas e mordida o lábio. Tirou o cachecol e o colocou de novo. Quando entrou no austero consultório envidraçado da Dra. Bloom, sentia tanto frio que acharia normal se visse a própria respiração condensada.

— Pode entrar, Sra. Farraday — informou a recepcionista, ao vê-la chegar.

Jude não conseguiu responder. Atravessou a sala de espera e entrou no consultório elegantemente decorado da Dra. Bloom.

— Ligue o aquecimento — falou sem preâmbulos, deixando-se cair na cadeira aveludada ao seu lado.

— Aí do lado há uma manta — disse a médica.

Jude pegou o cobertor de lã *mohair* cor camelo e se cobriu com ele, tremendo.

— O que foi? — perguntou ao notar que a médica a observava.

A Dra. Harriet Bloom se sentou de frente para ela. Era uma mulher austera como o consultório — cabelo grisalho-prateado, rosto anguloso e olhos escuros que registravam tudo. Hoje ela vestia um tubinho com estampa *pied-de-poule* com calças pretas e sapatos pretos de salto agulha, na última moda.

Quando Jude cedera à pressão incessante de Miles para “procurar ajuda” e “consultar alguém”, ela visitara uma série de

psiquiatras, terapeutas e psicólogos. De início, seu único critério fora a facilidade com que receitavam remédios de tarja preta. Com o tempo, fora se livrando dos distribuidores de esperança repletos de sensibilidade e dos idiotas que lhe diziam descaradamente que um dia ela voltaria a sorrir. No instante em que alguém falava que o tempo fechava todas as feridas, ela se levantava e ia embora.

Em 2005, só Harriet Bloom persistira. Harriet, que raramente sorria e cuja atitude deixava insinuar que tinha uma compreensão pessoal da tragédia. E que receitava remédios.

— Que foi? — perguntou Jude novamente, entre calafrios.

— Nós duas sabemos que dia é hoje.

Jude queria retrucar com alguma tirada inteligente, mas não era capaz. Consequia somente concordar com a cabeça.

— Você dormiu esta noite?

Ela balançou a cabeça.

— O Miles me abraçou, mas eu o afastei.

— Você não queria consolo.

— De que adiantaria?

— Você vai fazer alguma coisa para marcar o aniversário?

A pergunta deixou Jude zangada e a raiva era algo bom, melhor que o desespero em queda livre.

— Como mandar balões para ela? Ou me sentar na pedra de granito na grama onde o corpo dela está? Ou talvez eu devesse convidar amigos para celebrar a vida de minha filha... que acabou.

— Às vezes, as pessoas encontram conforto nessas coisas.

— É. Bom. Eu não.

— Como eu já disse, você não quer consolo. — Harriet escreveu algo no bloco de anotações. — Por que você continua vindo

me ver? Você esconde tanto os seus sentimentos que quase não fizemos progresso.

— Eu venho por causa dos remédios. Você sabe disso.

— Mas, de verdade, como você está levando?

— Esta noite vai ser... feia. Vou começar a me lembrar dela e não vou mais conseguir parar. Vou pensar que o Miles estava enganado. Que ela poderia ter sido curada ou que, se eu a beijasse, ela acordaria como uma princesa da Disney. Vou imaginar que eu deveria ter tentado fazer respiração boca a boca ou batido no coração dela. Coisas sem pé nem cabeça. — Jude levantou o olhar. As lágrimas borravam o rosto da Dra. Bloom, suavizando-o. — Vou tomar uns remédios para dormir e depois vai ser amanhã e eu vou ficar bem até o dia de Ação de Graças e depois o Natal e depois... o aniversário dela.

— O aniversário do Zach.

Jude se encolheu.

— É. Mas também ninguém comemora mais a data.

— Quando foi a última vez que a sua família comemorou alguma coisa?

— Você sabe a resposta. Somos alienígenas, como nos filmes de vampiros. Apenas fingimos ser reais. Mas por que estamos reciclando tudo isto? Eu só quero que você me diga como encarar o dia de hoje.

— Você nunca me pergunta sobre o amanhã. Por quê?

— Como assim?

— A maioria dos pacientes quer aprender a *viver*. Querem que eu desenhe um mapa da felicidade para eles seguirem e alcançarem um futuro saudável. Você quer simplesmente sobreviver dia após dia.

— *Alô-o.* Eu não sou bipolar, nem esquizofrênica, nem muito menos psicótica. Eu só estou triste. A minha filha morreu e eu fiquei completamente arrasada. Não tem como melhorar.

— É nisso que você quer acreditar?

— É o que é. — Jude cruzou os braços. — Escute, você me ajudou, se é isso que quer saber. Talvez você pense que, a esta altura, eu devesse estar melhor. Talvez pense que seis anos são tempo demais. Mas não são, não quando a sua filha morreu. E eu estou melhor. Eu vou ao mercado. Faço o jantar. Saio com amigas. Faço amor com o meu marido. Voto.

— Você não mencionou nem seu filho nem sua neta.

— Eu não estava fazendo uma lista completa — disse Jude.

— Você continua seguindo a Grace?

Jude tirou o cachecol. Agora sentia calor; aliás, estava suando, e o cachecol a asfixiava.

— Eu não a sigo.

— Você fica entre as árvores e a observa na creche, mas não a pega no colo nem brinca com ela. Como você chamaria isso?

Jude começou a desabotoar o casaco.

— Nossa, como está quente!

— Quando foi a última vez que você segurou a Grace? Ou que a beijou?

— Sério. Está um forno aqui...

— Não está quente.

— Maldita menopausa.

— Jude — disse Harriet, com uma paciência irritante —, você se recusa a amar a sua neta.

— Não — falou Jude, finalmente erguendo os olhos. — Eu não *consigo* amá-la. É diferente. Eu tentei. Você acha mesmo que eu não tentei? Mas, quando eu olho para ela, eu não sinto... nada.

— Não é verdade, Jude.

— Escute. — Jude suspirou. — Eu sei aonde você quer chegar. Já passamos anos fazendo esta coreografia. Eu digo que não consigo sentir nada, você retruca que não quero sentir. Meu cérebro é quem manda. Tá. Entendo. A Jude de antes diria que você está coberta de razão.

— E a Jude de agora?

— A Jude de agora está viva. É o suficiente. Eu não caio mais em prantos quando vejo qualquer coisa cor-de-rosa, consigo dar partida no carro sem chorar, consigo olhar para o meu filho e não sentir raiva dele. Às vezes, consigo olhar nos olhos deles sem nem mesmo pensar na Mia. Consigo pegar a minha neta na escola, dar um banho nela e ler uma história, tudo isso sem chorar. Você sabe quanto eu progredi. Então será que, só hoje, podemos passar para a próxima etapa e você me dizer como suportar este dia?

— Podemos falar sobre a Mia.

— Não — disse Jude secamente. Ela aprendera há muito tempo que falar sobre a Mia só intensificava a dor.

— Você precisa falar sobre ela. Precisa se lembrar e lidar com a dor.

— Eu lido com a dor permanentemente.

— Não. A sua dor é uma artéria na qual você pôs um torniquete. Se não o retirar e deixar a dor fluir, você nunca vai se curar.

— Então eu não vou me curar — declarou Jude, com a voz cansada, enquanto apoiava as costas no sofá. — Grande novidade.

Que tal falarmos sobre o Miles? Fizemos amor na semana passada. É um bom sinal, não acha?

Harriet suspirou e fez uma anotação no bloco.

— É, Jude. É um bom sinal.

Todo dia, após a aula no jardim de infância, Grace ia para a creche Ursinho Atrapalhado até que o pai voltasse da escola de gente grande.

Nos dias bons, como aquele, todos iam brincar lá fora, mas a tia Skitter fazia com que eles caminhassem da creche até a praia segurando uma corda amarela e velha. Parecia até que eram bebezinhos.

Como sempre, Grace era a primeira da fila, logo atrás da professora. Ela ouvia as outras crianças rirem, conversarem e brincarem. Ela não participava daquilo. Apenas caminhava, olhando para o grande bumbum da professora.

Quando chegaram ao parque na praia, a tia Skitter reuniu as dez crianças em um círculo na frente dela.

— Vocês já sabem as regras. Nada de entrar na água. Nada de briga. Hoje vamos pular amarelinha na areia. Quem quer me ajudar a fazer os quadrados?

As crianças levantaram as mãos e começaram a gritar “Eu, eu, eu!” e a pular. Grace se lembrou dos filhotes de passarinho que vira na exposição de filhotes a que tinha ido com o pai. *Piu, piu.*

Ela foi até seu canto habitual. Todos sabiam que ela gostava de ficar lá. Sentou-se em um tronco na areia, longe do alcance das ondas. Às vezes, se tivesse sorte, via um caranguejo ou uma bolacha-da-praia. Passava a maior parte do tempo conversando com a melhor amiga.

Ela olhou para a pulseira rosa que tinha no pulso. No centro, onde antes havia um relógio da Minnie, o pai tinha colocado um espelhinho redondo, mais ou menos do tamanho da palma da sua mão. Era o melhor presente que ela já tinha ganhado. Com ele, ela podia sair do quarto. Antes do espelho de pulso, passava horas de pé na frente do espelho de seu quarto conversando com a amiga, Ariel, que era uma princesa de outro planeta.

Grace não era boba. Ela sabia que algumas crianças caçoavam dela por ter uma amiga invisível, mas ela não ligava para isso. Até porque todas as crianças da turma eram bobas.

Nenhuma delas sabia que às vezes este planeta ficava muito silencioso, então não tinham aprendido a ouvir como ela. Ela estava acostumada com o silêncio. Às vezes, a casa dos avós parecia uma biblioteca.

Havia algo de errado com ela. Grace soube disso a vida toda, mesmo sem entender qual era o problema. As pessoas não gostavam dela, nem mesmo a vovó. Grace tentava ser agradável, simpática e cuidadosa, tentava mesmo, mas não dava certo e as coisas sempre saíam errado, por mais que se esforçasse. Ela quebrava coisas, tropeçava e não conseguia aprender as letras.

E aí, Gracerina?, disse Ariel.

Grace olhou para o espelho circular. Ela não *via* Ariel de verdade. Não era assim. Mas sabia que a amiga estava ali agora e ouvia a voz dentro da cabeça.

Os adultos sempre lhe perguntavam como ela sabia quando Ariel estava por ali ou como Ariel era. Grace respondia que Ariel era exatamente igual à -Cinderela.

Era mais ou menos isso.

Ela não *via* Ariel de verdade, mas sabia quando a melhor amiga estava no espelho e quando não estava. E ela se parecia *mesmo* com a Cinderela. Isso Grace podia jurar.

Ela se lembrava da primeira vez que Ariel apareceu.

Grace era bebê, ainda usava fralda. Ela estava com a avó, que às vezes tomava conta dela quando o pai estava na escola. Tudo o que Grace se lembrava daquela época era do som da avó chorando. Tudo a deixava triste: a música no rádio, a cor rosa, aquele suéter verde sem graça pendurado na entrada, a porta fechada no andar de cima. E Grace.

Só de olhar para Grace, começava a chorar.

Um dia, Grace fez uma coisa muito feia. Ela não sabia o que era. Só sabia que, em um momento, estava ali de pé com um cachorrinho cor-de-rosa que tinha achado no quarto dos avós e, no instante seguinte, a avó estava arrancando o bichinho de suas mãos com tanta força que Grace se desequilibrou e caiu sentada.

A avó começou a chorar, e Grace também. Ela ficou esperando o pai, mas ninguém foi buscá-la, então acabou ficando lá sozinha, chupando o dedão.

Foi aí que ouviu alguém dizer seu nome.

Gracie, venha aqui... me siga...

Ela limpou o nariz, que estava escorrendo, e ficou de pé. Segurando seu cobertor amarelo, ela seguiu a voz e subiu a escada até a porta que sempre ficava fechada. Ninguém nunca brincava naquele quarto.

O interior parecia saído de um conto de fadas: tudo era rosa, amarelo e perfeito.

Em cima da penteadeira havia um grande espelho que tinha a forma de uma bola de futebol americano, com uma bandeira

vermelha e dourada presa à borda. Um monte de coisas douradas e brilhantes contornavam o espelho oval — pulseiras, flores metálicas e arco-íris cintilantes.

Gracerina?

Ela se lembrava de espiar dentro do espelho e ver uma mancha amarela e cor-de-rosa.

Você está bem?

Grace franziu a testa e olhou com mais força, vendo... alguma coisa. Uma menina, talvez, um pouquinho mais velha que ela. *Você está bem?*, perguntou a menina.

— Sou feia — disse Grace, sentindo as lágrimas recomeçarem.
— Grace feia.

Você não é feia.

— Quem é você?

Sou a Ariel. Vou ser a sua amiga sempre que você precisar. Venha, Gracerina, e se deite no carpete. Durma. Vou contar uma história para você.

Grace estava tão cansada... Ela se deitou encolhida no carpete macio e se cobriu com o cobertor. Chupando o dedo, pegou no sono ouvindo a voz bonita da nova amiga. Desde então, Ariel era a melhor amiga do mundo — e a única.

Por que você não vai brincar com as outras crianças?

Grace olhou para o pulso.

— Elas são bobas.

Pegou um graveto e o espetou na areia em torno de seus pés.

Alerta! Menino!

Grace se endireitou e olhou ao redor. Sim, Austin Klimes andava em sua direção. Ele tinha uma cara grande e gorda, parecia que tinha levado uma panelada.

— Hã... você quer vir brincar de amarelinha com a gente? — perguntou ele, fazendo força para respirar. Estava com as bochechas vermelhas.

A professora tinha mandado o menino. Grace via as outras crianças agrupadas do outro lado da praia, olhando para ela e rindo. Eles achavam engraçado ninguém gostar dela.

— A Ariel não pode pular amarelinha.

Austin franziu a testa.

— Todo mundo pode pular amarelinha.

— Uma princesa não pode.

— A sua amiga de mentira não é uma princesa.

— Até parece que você sabe tudo.

— Você é uma mentirosa.

— Não sou, não.

— É, sim. — Ele cruzou os braços grandes.

Fique calma, Gracerina. Ele é só um chato.

— A sua única amiga é invisível. — Austin riu.

Grace estava de pé antes que pudesse se conter.

— Peça desculpas, seu balofo.

— Quem vai me obrigar? Você? Ou a sua amiga invisível?

Grace acertou um soco bem no nariz de porquinho dele. Ele gritou como um bebê e correu até a professora.

Essa não...

Grace viu as crianças cercarem Austin. Elas se viraram, apontaram para ela e se agruparam de novo. A tia Skitter levou Austin até a caixa térmica em que guardava todas as coisas de professora. Austin ficou bom rapidinho, pois logo saiu correndo para brincar de amarelinha.

Aí vem ela.

Grace não precisava que Ariel lhe dissesse que estava em apuros. Ela se inclinou para a frente e apoiou os braços nas coxas.

— Grace?

Ela levantou a cabeça. Os cabelos louros caíram no rosto.

— O quê?

— Posso me sentar?

Grace deu de ombros.

— Tudo bem.

— Você sabe que é errado dar um soco no nariz do Austin.

— Eu sei. E você vai ter de contar para os pais dele.

— E para o seu pai.

Grace suspirou.

— É.

— Eu não devia ter mandado ele.

— Eles não querem brincar comigo. E eu não ligo.

— Todo mundo quer ter amigos.

— Eu tenho a Ariel.

— Ela é uma boa amiga.

— Ela *nunca* caçoa de mim.

A tia Skitter concordou.

— Eu moro nesta ilha há muito tempo, Grace, e muitas crianças já passaram por aqui. Eu conhecia o seu pai, já lhe contei isso? Eu trabalhava na lanchonete quando ele estava no ensino médio. A questão é que, mais cedo ou mais tarde, todos fazem amizade.

Grace balançou a cabeça.

— Eu não. Ninguém gosta de mim. E eu não ligo.

— As coisas mudam, Gracie. Você vai ver. — A tia Skitter suspirou e apoiou as mãos nas coxas. — Bom, eu estava indo

procurar algumas pedras. daquelas bem bonitas. Você quer me ajudar?

— Talvez eu não ache nenhuma.

— Talvez ache.

A tia Skitter ficou de pé e estendeu a mão.

Grace olhou para a mão branca da professora. Um anel simples em um dedo queria dizer que ela era casada.

— O meu pai não é casado — disse impulsivamente.

— Eu sei.

— É porque a minha mãe é uma espiã supersecreta.

A tia Skitter fez uma expressão séria.

— É mesmo? Que emocionante! Você deve sentir saudade dela.

— Eu sinto. Mas não deveria.

Durante as duas horas seguintes, ela seguiu a tia Skitter pela praia, abaixando-se para observar as pedras aos seus pés. Uma por uma, as outras crianças foram para casa, até que só restassem Grace e a professora na praia. A tia Skitter olhava para o relógio e fazia *tsc*. Grace sabia o que isso significava.

Já estava ficando escuro quando o avô apareceu.

— Oi, Gracie — disse o avô, sorrindo para ela.

— A vovó me esqueceu de novo — afirmou Grace, deixando cair um punhado de pedras.

— Ela não está se sentindo bem. Mas eu estou aqui, e pensei em levar a minha menininha preferida para tomar sorvete.

Ele se abaixou e pegou Grace nos braços. Ela se agarrou a ele e enroscou as pernas no seu corpo como se fosse uma macaquinha.

Ele a levou até a tia Skitter e as duas se despediram. Então, ele a pôs na cadeirinha de criança que ficava no banco de trás do grande carro preto da vovó.

— Você tem uma coisa para me contar — falou ele, ligando o motor.

— Eu tenho?

Ela levantou a vista e viu o avô olhando para ela pelo retrovisor.

— A briga com o Austin Klimes.

— Ah — disse Grace, suspirando. — A briga.

— Você sabe que não deve bater nas outras crianças, Gracie.

— Foi ele que começou.

— Ele começou? Como?

— Ele chutou areia na minha cara. E disse que eu era idiota.

— É mesmo?

— E ele falou uma palavra feia.

— Mesmo assim, Gracie, você não pode bater nos outros.

— Eu pensei que você tivesse dito que eu não podia bater nas meninas.

— Você pensou errado.

— Está bem — disse ela, afundando no banco. — Não vou mais bater no Austin Klimes, mesmo se ele for um bundão.

— Você falou a mesma coisa do Jacob Moore.

— Mas eu não bati no Jake.

Ela sabia que o avô estava fazendo força para não rir.

— Não vamos falar os nomes de todas as crianças da creche. Você não pode bater em *nenhuma* delas. E, antes que você procure uma brecha, também não pode bater nas crianças da escola. Está claro?

— O que é uma brecha? É tipo um broche?

— Gracie.

— Está bem. Você vai contar pro papai?

— Eu preciso contar.

Pela primeira vez, Grace se sentiu mal de verdade com o que tinha feito. Agora o pai faria aquela cara de decepção e ela ficaria com medo e se apertaria contra ele e ficaria torcendo para que ele não a abandonasse. Ela já não tinha mãe. O que faria sem pai?

Dezenove



- Medo? Como assim, você está com medo?

Lexi se apoiou na parede cinzenta da cela. Após setenta e um meses e meio presa, ela finalmente iria sair. Cumprira toda a sentença — e mais um pouco, graças às escolhas malfeitas — e não houve condicional para ela. Uma assistente social a ajudaria a “fazer a transição”, mas a verdade era que, dentro de alguns minutos, ela seria mais uma cidadã, livre para ir aonde quisesse. Tudo o que sabia é que iria para a Flórida e ficaria com Eva. Depois disso, sua vida se estendia como uma estrada no deserto, sem curvas nem um ponto de chegada à vista.

Curiosamente, agora que o dia chegara, ela estava com medo de sair. Aquela cela quadrada virara o seu mundo e tinha algo de seguro e familiar. Eram oito passos da cama ao vaso; dois da pia à parede; três da cama à porta. As paredes estavam cobertas com fotos da família de Tamica — fotos de gente que virara quase uma família para Lexi. As suas fotos, da tia Eva, de Zach e de Mia, tinham sido retiradas de lá havia anos. Era muito doloroso lembrar o passado, além de ser uma perda de tempo. Ela nunca esqueceria o sorriso da Mia, com ou sem um lembrete.

— Lexi? — Tamica largou a revista sensacionalista que estava lendo. — Como assim, você está com medo?

— Aqui dentro eu sei quem sou.

— Você não quer se concentrar em quem se tornou aqui dentro, *hermana*. Você, especialmente, não quer isso, pois ainda tem muita vida pela frente.

Lexi olhou para seus poucos pertences. No extremo da cama estavam seus valiosos bens, tudo o que havia juntado e guardado nos últimos anos: uma caixa de sapatos cheia de cartas — da tia Eva e para Grace —, as fotos de formandos de Mia e Zach e uma foto dos três juntos em um baile da escola. E uma edição em brochura, amarfanhada, de *O morro dos ventos uivantes*. Chega de *Jane Eyre*: para que ler sobre o final feliz de outra pessoa?

Uma guarda apareceu na porta.

— É hora de ir, Baill.

Tamica ficou de pé lentamente. Nos últimos anos, à medida que Lexi trabalhara o corpo até atingir um porte de atleta, Tamica ganhara vários quilos. Ela punha a culpa na menopausa, mas a comida da penitenciária não ajudava.

Lexi olhou para o rosto escuro e tristonho da mulher que a salvara ali dentro, que fora uma amiga quando ela precisara desesperadamente de amizade. Se Lexi ainda soubesse chorar, choraria.

— Eu vou sentir saudade — disse Lexi, abraçando o tronco largo e redondo de Tamica. — Vou escrever.

— Me mande uma foto sua com a Grace.

— Tamica... Eu abri mão desse direito — falou. — Você *sabe*.

Tamica a agarrou pelos ombros e a sacudiu.

— Você sabe o que eu daria para sair daqui com você? Não ouse amarelar. Você cometeu um erro e pagou por ele. Ponto final. — Puxou Lexi e lhe deu outro abraço. — Pelo menos veja a sua filha.

— Vamos, Baill — disse a guarda.

Lexi soltou Tamica, caminhou até a cama e recolheu seus pertences. Ela pretendia sair da maneira mais natural possível, mas não conseguiu. Na porta, parou e se virou.

Tamica estava chorando.

— Não volte mais — falou. — Senão essa sua bunda branca vai apanhar.

— Não vou voltar — prometeu Lexi.

Enquanto ela atravessava a penitenciária carregando sua caixa de sapatos patética, as mulheres gritavam. Lexi lembrou o medo que sentiu dessas mulheres no início. Agora ela era uma delas e sabia que, mesmo vivendo muito e por mais que mudasse, parte dela sempre estaria ali, atrás das grades. Talvez uma parte sempre tenha estado: uma criança sem mãe era um tipo diferente de prisioneira.

Na mesa da secretaria, outra guarda de uniforme lhe deu alguns documentos e uma sacola com as suas roupas, além de um pequeno envelope pardo.

— Pode se trocar ali — disse a guarda, apontando para uma porta no final do corredor.

Lexi entrou na sala e fechou a porta. Sozinha, tirou toda a roupa cáqui desgastada e desbotada e a roupa de baixo de segunda mão.

Dentro da sacola encontrou, amassadas, a calça preta e a blusa branca que usara no tribunal, tanto tempo atrás, além do seu sutiã bege e da calcinha preta, e uma bolsa de retalhos achatada. Meias três-quartos pretas e sapatilhas básicas, também pretas, completavam o antigo visual de Lexi. Da jovem Lexi.

Ela se vestiu meticulosamente, sentindo a textura macia do algodão contra a pele seca. A calça agora era larga demais para ela, cujos ossos pontudos do quadril sobressaíam por baixo. O sutiã também. No zelo de se manter ocupada e ser mais forte, ela passara longas horas na sala de musculação. Seu corpo agora era tão esguio que quase dava aflição. Os seios quase haviam desaparecido.

Lexi abotoou a calça preta e pôs a blusa para dentro da cintura frouxa antes de se olhar no espelho. Passara anos imaginando a alegria deste dia, vendo cada cena. Mas agora, ao olhar para seu reflexo, viu somente uma versão esquálida e cansada de quem tinha sido.

Ela parecia adulta. Mais que isso, parecia pelo menos dez anos mais velha do que era, com a pele pálida, as maçãs do rosto salientes e os lábios sem cor. O cabelo preto tinha sido cortado anos antes pela cabeleireira da prisão, que em sete minutos eliminara trinta de seus centímetros. Do corte estilo joãozinho nasceram cachos leves que contornavam seu rosto reto.

Lexi abriu o envelope amarelo e encontrou uma carteira de motorista vencida com o rosto de uma menina, uma cartela de chicletes aberta, um relógio barato de drogaria e o anel de promessa de Zach.

Uma batida à porta a sobressaltou.

— Baill. Está tudo certo?

Ela pôs todos os pertences, inclusive o anel, na bolsa, jogou a sacola e o envelope no lixo e saiu da sala.

Na secretaria da penitenciária, assinou um documento após outro e pegou os duzentos dólares que o Estado lhe dava ao sair da prisão. Ela não era capaz de imaginar como alguém poderia começar

uma nova vida com duzentos dólares e sem uma carteira de identidade válida.

Seguiu as instruções e fez o que lhe disseram, até que ouviu uma porta se fechar atrás de si e se viu de pé ao ar livre, sob um céu brilhante de fim de tarde.

Ar livre.

Lexi inclinou o rosto para olhar para o céu e sentiu o calor do sol sobre ele. Sabia que a van estava esperando para levá-la até a estação de ônibus mais próxima, mas não conseguia se mexer. Era maravilhoso estar parada ali, sem grades nem arames metálicos que definissem seu espaço, sem mulheres à sua frente. Sem...

— Lexi?

Scot Jacobs caminhava em sua direção, sorrindo. Ele tinha envelhecido — o cabelo agora estava mais curto, em estilo conservador, e ele usava óculos — mas, fora isso, parecia igual. Talvez até estivesse usando o mesmo terno.

— Eu queria que você tivesse alguém à sua espera.

Ela não sabia como processar a gratidão que sentiu. Depois de tantos anos abafando as emoções, não era fácil deixar que elas se manifestassem.

— Obrigada.

Ele olhou para ela por um momento e ela também o olhou.

— Vamos — disse ele, e começou a andar para o carro.

Ela seguiu seus passos automaticamente.

Ele parou e esperou que ela o alcançasse.

— Desculpe-me — murmurou ela. Não era mais uma detenta.

— Acho que é o hábito.

Desta vez ela caminhou ao seu lado até o utilitário azul que estava no estacionamento.

— Não repare na quantidade de tralha que há no carro — disse ele, abrindo a porta do passageiro. — É da minha mulher. Ela diz que nunca sabe do que vai precisar, então jamais tira nada.

Lexi se sentou no banco e olhou para o cinza imponente da penitenciária. Pôs o cinto de segurança.

— É muito legal da sua parte vir me pegar, Sr. Jacobs.

— Me chame de Scot, por favor — disse ele, pegando a estrada e se afastando da prisão.

Ela abriu o vidro e pôs a cabeça para fora, inalando o ar limpo e delicioso. A paisagem era exatamente como ela lembrava: árvores majestosas, céu azul de verão, montanhas distantes. Aqui fora, a vida prosseguira sem ela.

— Fiquei chateado quando aumentaram a sua pena por mau comportamento. Eu esperava vir buscar você há algum tempo.

— É. Bom... 2005 foi um ano ruim. Depois que eu perdi a Gracie... — Ela nem conseguiu terminar a frase. Tudo aquilo tinha ficado para trás, mesmo.

— Você está melhor?

— Para uma ex-presidiária, estou bem. Não uso drogas nem bebo, se é o que quer saber.

— Eu soube que você se formou. A sua tia ficou radiante de orgulho.

— Sociologia — disse Lexi, olhando para fora da janela.

— Ainda sonha em entrar na faculdade de direito?

— Não.

— Você ainda é jovem, Lexi.

— É o que dizem.

Ela se reclinou no assento confortável, vendo os quilômetros passarem. Logo estavam em Port George, cruzando as terras

indígenas, ultrapassando as bancas de fogos de artifício instaladas na beira da estrada no verão. E então estavam na ponte, sobre Shallow Pass.

Bem-vindo a Pine Island. 7.120 habitantes.

Ela sentiu um aperto no peito. Ali estava a entrada para o parque LaRiviere... a escola... a Estrada da Noite. Quando Scot estacionou na frente do seu escritório, o maxilar de Lexi doía.

— Você está bem? — perguntou Scot, abrindo a porta.

Saia do carro, Lexi. Sorria. Se tem uma coisa que você sabe fazer é forçar um sorriso.

Ela conseguiu.

— Obrigada, Scot.

Ele lhe deu cem dólares.

— Isto é da sua tia. E aqui está uma passagem para Pompano Beach. O ônibus sai amanhã, às três e meia da tarde.

— Amanhã?

Como ela faria para manter distância quando estava *ali*, na cena do crime e no único lugar em que já se sentira em casa?

— A Jenny convidou você para jantar e passar a noite conosco, se quiser — disse Scot.

— Não. — Ela respondeu rápido demais, e só então percebeu o erro. — Desculpe-me. Não quis ser rude. É que há muito tempo eu não convivo com pessoas. Dois mil, cento e quarenta e quatro dias e meio.

Deu um sorriso cansado e olhou ao redor, ansiosa para ficar sozinha.

— Você não vai me perguntar? — indagou Scot.

Lexi queria sacudir a cabeça, talvez até dizer *claro que não*, mas apenas ficou parada.

— Ela mora com o pai na velha casa Tamarindo, na Rua Cove. Volta e meia eu a vejo na cidade com o pai.

Lexi não reagiu. Na prisão, ela aprendera a esconder tudo, principalmente a dor.

— Ela parece feliz?

— Parece saudável.

Lexi assentiu.

— Isso é bom. Bem, Scot...

— Nós poderíamos lutar por ela, Lexi. Pela guarda parcial, ou ao menos pelo direito a visitas.

Lexi se lembrou das “visitas” com a sua mãe: elas duas em uma sala, com uma assistente social observando. O que ficara para Lexi daqueles dias ocasionais era o medo que sentia de quem lhe dera à luz.

— Eu sou uma ex-presidiária de 24 anos cujo último emprego de verdade foi em uma sorveteria, em meio expediente. Não tenho onde morar e duvido seriamente que consiga trabalho em algum lugar decente. Mas eu deveria aparecer para ver a minha filha, dar um jeito de me inserir de novo na família Farraday e trazer toda a dor de volta... só para me sentir feliz. É isso?

— Lexi...

— Eu não vou ser como a minha mãe. Não vou tomar qualquer decisão que não seja pelo bem da minha filha. É por isso que amanhã vou para a Flórida. A Grace merece algo melhor que eu e, se eu ficar por aqui, ela vai me amar de qualquer forma. É isso que as crianças fazem: amam os pais fracassados e acabam sofrendo.

— Você não é uma fracassada. E o que tem de errado em sua filha amar você?

— Chega.

Scot apertou os lábios. Levou a mão ao bolso, tirou um molho de chaves e separou uma delas.

— Esta é a chave do meu escritório. Na sala de reuniões há um sofá-cama e do lado da porta há uma bicicleta. O código da porta é 1321. Hoje fechamos mais cedo, então o lugar é todo seu.

Ela pegou a chave e a pôs no bolso.

— Obrigada, Scot.

— Não há de quê. Eu confio em você, Lexi.

Ela deveria ter se afastado naquele momento, sem dizer mais nada. Era o que pretendia fazer. Em vez disso, quando deu por si, estava olhando para ele e perguntando:

— O Zach se casou?

— Não. Ele ainda está na faculdade, eu acho. É solteiro. Morou alguns anos com os pais e depois se mudou para a casa da Rua Cove.

— Ah.

— Ele nunca escreveu?

— Algumas vezes. Eu devolvi todas as cartas sem abrir.

— Ah, Lexi... — disse Scot, suspirando. — Por quê?

Ela cruzou os braços, tentando não se lembrar da sensação daquelas cartas nos dedos, dos envelopes sobre a lã cinza áspera do cobertor. Mas elas a faziam sentir tanta raiva, tanta dor... Ela extravasara de mil formas terríveis. Até conseguir superar tudo aquilo e se sentir mais forte, era tarde demais. Ele nunca mais escreveu e ela nunca teve coragem de escrever para ele.

— Eu devia ter seguido seu conselho — disse Lexi finalmente, sem conseguir olhar para Scot.

— É.

— Bom, obrigada de novo. Acho que vou dar uma volta de bicicleta. Está um dia lindo.

Scot foi até a porta do escritório, pegou a bicicleta e a trouxe até ela.

Lexi queria lhe dizer como estava comovida com a presença dele naquele dia. Durante anos, tinha se preparado para estar completamente só quando saísse da prisão e agora percebia como teria sido doloroso.

— De nada — respondeu ele, em voz baixa.

Ela assentiu mais uma vez e então pegou a bicicleta e saiu pedalando.

Logo estava rindo sem nem perceber. Era bom demais ser *livre*, virar quando lhe desse vontade e ir para onde quisesse. Ela nunca deixaria de dar valor a isso.

Lexi passou pedalando depressa pelo cinema — viu que a construção estava maior, que fora ampliada —, pelo banco e pelo salão em que a tia Eva cortava o cabelo. Ali viu um telefone público. Fez um sinal rápido e entrou no estacionamento. Ligou a cobrar para Eva.

Ninguém atendeu.

Decepcionada, subiu na bicicleta e voltou a pedalar.

A sorveteria ainda estava ali. Ao seu lado havia uma nova lanchonete e uma loja de conserto de computadores.

Ao chegar à escola, reduziu a velocidade. Um ginásio novo, grande, dominava o terreno. Estava completamente diferente do que ela se lembrava, exceto pela bandeira, que continuava no mesmo lugar — era o bastante.

Então, me encontre perto do mastro da bandeira, em frente à secretaria...

Ela pedalou com mais força, descendo a rua de asfalto irregular e subindo a Ladeira das Framboesas. Ali havia umas poucas ruas de terra e caixas de correio esporádicas, mas a maior parte era inabitada. O sol estava se pondo e o céu estava de um tom escuro e profundo e, quando deu por si, estava na Estrada da Noite. Não tinha a intenção de virar ali.

Mas estava ali, na curva fechada. As marcas dos pneus tinham desaparecido havia muito tempo, mas a árvore quebrada continuava lá, a madeira rosada agora quase preta. Morrendo.

Ela freou e desmontou da bicicleta um pouco aos tropeços, ouvindo o pneu se agarrar ao asfalto. Dos dois lados, as árvores bloqueavam totalmente o sol.

As homenagens a Mia haviam ruído e só eram visíveis para quem soubesse o que procurar. A pequena cruz branca havia escurecido com o passar das estações e estava tropegamente inclinada para a esquerda. Aqui e ali, vasos vazios entre os arbustos. Um balão murcho pendia de um galho alto.

Ela expirou com um suspiro longo e trêmulo.

Na prisão, passara anos fazendo terapia de grupo, falando sobre a dor, o remorso. A terapeuta lhe dissera muitas vezes que o tempo e o trabalho duro a curariam. Que ela voltaria a ser uma pessoa completa quando se perdoasse.

Até parece.

Mesmo que pudesse perdoar a si mesma, o que era inconcebível, nada traria a Mia de volta. Era isso que todas aquelas pessoas que pregavam o pensamento positivo não compreendiam: há coisas que nunca podem ser recuperadas. Se Lexi virasse a Madre Teresa, Mia continuaria morta, e isso ainda seria culpa dela. Havia se passado seis anos e Lexi ainda rezava para Mia todas as noites. A

cada manhã, acordava com um breve instante de alegria e, então, a realidade arrasadora. Fora esse sentimento de perda que a levava ao Valium durante alguns anos, mas por fim ela descobriu que, mesmo fugindo da dor, nunca se estava a salvo dela. Era algo que ela já deveria saber, uma lição que deveria ter aprendido com a mãe. Quando constatou a triste verdade — que estava se transformando na própria mãe —, largou o Valium. Levava aquilo tão a sério que agora quase nem aspirina tomava. A única resposta legítima era ter coragem para ver as coisas com clareza e tentar fazer melhor. Ser melhor.

Ela ficou ajoelhada muito tempo no acostamento frio e duro, sabendo que era perigoso ficar parada naquela curva, mas sem se importar. Se alguém a visse ali...

Finalmente, voltou para a bicicleta e começou a pedalar. Quase passou direto pela casa dos Farraday, mas no último segundo parou. Mesmo na escuridão quase total, via-se como tudo estava diferente. O jardim estava descuidado e os canteiros, vazios.

Ela olhou para a caixa de correio: o nome da família ainda estava lá.

Quando viu o reflexo de faróis, subiu depressa na bicicleta e se afastou. De uma distância segura, viu um Porsche prateado virar na entrada da casa atrás dela.

Miles.

Com um suspiro, voltou para a cidade e comprou algo para comer em uma lanchonete. No escritório de Scot, trancou a bicicleta e entrou pela porta dos fundos. Na sala de reuniões, encontrou um sofá-cama vermelho floral, com uma pilha organizada de lençóis brancos no assento. Atrás dos lençóis havia um envelope pardo.

Ela pegou o envelope. Atrás dele, grudado no encosto, havia um Post-it amarelo.

Lexi, ela está no jardim de infância. Turma da manhã.

S

Abriu o envelope e encontrou uma fotografia. Ali, sorrindo para ela, estava uma menina esbelta, de cabelos louros e blusa cor-de-rosa.

Sua filha.

O homem faz planos. Deus ri.

Pela primeira vez Lexi entendeu aquela frase.

Ela planejara nos mínimos detalhes a saída da prisão. Conversara sobre seus planos no grupo de apoio e contara tudo à Tamica. Pretendia ir para a Flórida, morar com Eva e Barbara e começar a procurar um emprego. Até sonhara com uma pós-graduação. Daria uma boa assistente social. Talvez pudesse ajudar meninas em situação difícil. Mas não lhe passou pela cabeça que, após deixar para trás o arame farpado, retornaria para um mundo em que coisas inesperadas aconteciam.

Quem imaginaria que ela viria parar aqui, em Pine Island? O único lugar do mundo em que ela não queria estar.

Ela arrumou o sofá-cama e se deitou nos lençóis mais macios que já sentira. A luz pálida de um poste de rua atravessava a janela, iluminando a sala escura. Lexi fechou os olhos e tentou se convencer a dormir, mas estava silencioso demais, e ela juraria que a foto de Grace respirava..

Durante anos, ela suprimira violentamente todos os pensamentos sobre a filha. Afastava-se quando Tamica mencionava Grace e olhava para outro lado quando a TV mostrava imagens de menininhas correndo para os braços da mãe. Convencera-se de que Grace merecia o tipo de vida que ela jamais poderia oferecer.

Mas agora, no escuro, com a fotografia ao seu lado, sentiu sua determinação fraquejar.

Teve um sono agitado e interrompido, com sonhos que seria melhor esquecer. Finalmente, às seis, deixou as cobertas. Descalça, foi até o banheiro e se surpreendeu ao ver um chuveiro. Tomou o primeiro banho privado em anos e se enxugou com uma toalha branca macia.

Depois seu reflexo mostrou um rosto pontudo e magro, como o de um rato molhado, entre finos cachos pretos. Secou o cabelo com a toalha e vestiu as roupas do julgamento, que eram tudo o que tinha. Em seguida, saiu à procura de um café da manhã, que encontrou em uma lanchonete próxima.

Mas a fotografia continuava respirando dentro da bolsa. Às vezes ela ouvia uma risada e, irracionalmente, pensava que vinha da bolsa.

Depois do café, caminhou pela Avenida Central e encontrou um brechó que estava abrindo. Gastou sete dólares e saiu com uma bermuda de segunda mão, uma camiseta azul com a estampa de uma libélula na frente e um agasalho azul--claro de algodão. Trocou as sapatilhas pretas por um par de chinelos e jogou fora as meias.

Ao sair da loja, sorriu, sentindo-se realmente livre pela primeira vez. Tinha no bolso uma passagem para a Flórida. Logo mais, dali a apenas sete horas e meia, iria embora dali...

Passou um borrão amarelo, que deixou uma fumaça preta: um ônibus escolar. Rostinhos espiavam para fora da janela.

Lexi não decidiu seguir o ônibus conscientemente, apenas continuou andando. Na Rua Turnagin, entrou à esquerda e subiu a ladeira. Quando chegou ao cruzamento, havia crianças por toda parte, rindo, conversando e arrastando mochilas ridiculamente grandes pela calçada. Também havia mães em todo lugar, monitorando a rua, as conversas e o movimento.

Vários ônibus estavam estacionados na frente da escola primária. Uma fila de carros ia largando as crianças — os próprios filhos e os amigos dos filhos, que levavam à escola em esquema de rodízio.

Um utilitário preto passou por ela e parou.

Lexi prendeu a respiração. De onde estava, ao lado de uma árvore, viu Jude sair do carro, ir até a porta do passageiro e abri-la.

Ali, sentada em uma cadeirinha grande para crianças, estava uma miniatura da Mia, de cabelos sedosos da cor da palha do milho e rosto em formato de coração.

Lexi andou alguns centímetros para o lado, buscando ver melhor, com o cuidado de ficar parcialmente oculta atrás da multidão de crianças.

Jude ajudou Grace a descer do carro e se afastou.

Grace não sorriu e Jude não lhe deu um beijo, e então Grace entrou sozinha na escola.

Lexi franziu o cenho. Não tinha como não se lembrar de como era antes, quando Jude levava Mia e Lexi para a escola. Os beijos, os abraços, os acenos como os de programas de TV.

Talvez Jude estivesse em um dia ruim. Ou Grace tivesse dito algo feio ou feito alguma malcriação. Ou pode ser que Grace tenha

pedido que não a beijassem em público e Jude tenha lhe dado uns bons apertos antes de entrarem no carro.

Lexi mal notou quando o carro começou a se afastar. Quando ela chegou ao cruzamento, o utilitário estava na fila de carros que deixava a escola, mas Lexi não olhava para lá. Toda a sua atenção se concentrava na menininha de camiseta amarela que carregava uma mochila gigantesca da Hannah Montana. Tinha os ombros caídos e caminhava relutantemente para a escola, arrastando os pés.

Ninguém falou com Grace até ela entrar no edifício.

Momentos depois, o sinal tocou e os poucos estudantes que restavam correram para dentro.

Lexi ficou parada no gramado entre a fileira de ônibus e a faixa para carros, observando a escola, que agora estava quase em silêncio. *Ela está no jardim de infância. Turma da manhã.*

Ela própria já entrara sozinha muitas vezes na escola, sem ter de quem se despedir ou alguém que fosse buscá-la. Lembrou-se de como se sentia sozinha na hora do almoço.

Sozinha.

Era do que Lexi mais se lembrava da infância. Sempre se sentira só, uma estranha na família dos outros, uma invasora em uma nova escola. Mesmo depois de Eva, Lexi nunca se sentira totalmente *integrada* a uma família... até conhecer os Farraday. Desde o primeiro dia do ensino médio, quando conhecera Mia e fora para a casa da amiga, Lexi se sentira acolhida.

Por isso cederia a eles a guarda unilateral de Grace. Para que a filha soubesse o que é se sentir amada...

Lexi olhou para o relógio. Ainda eram quase nove horas. Quanto tempo durava o jardim de infância? Duas horas? Três?

O ônibus para a Flórida só saía às três e meia. Ela tinha muitas horas sem nada para fazer.

Podia andar de bicicleta pela cidade, procurar algo para comer ou ir até a biblioteca e ler um pouco. Mas, enquanto listava tudo o que poderia fazer, sabia que havia uma única coisa que ela de fato queria fazer.

Não faça isso. Você já tomou a decisão. Pense na Grace.

Os argumentos metralhavam seus pensamentos, mas ela não lhes deu ouvidos. Não podia, não daquela vez. Todos os dias da vida da filha, Lexi imaginara Grace feliz e equilibrada. Amada e querida. Dessa Grace ela se obrigaria a se afastar.

Mas aquela menininha que arrastava os pés e tinha os ombros caídos... aquela menininha não parecia feliz.

— Ela aguenta — Lexi disse em voz alta. — Todos têm dias ruins.

Ainda assim, ela contornou a escola, passou por suas instalações pré-fabricadas e chegou ao grande quintal nos fundos. Ali, confinado em meio a uma grade com correntes, estava o *playground* do jardim de infância: cestas de basquete, áreas de concreto, gramados e um campo de beisebol. Encontrou um pinheiro gigante que fazia sombra em um gramado. Ali se sentou e esperou.

Com o passar dos minutos, tentou se convencer de que interpretara errado o que vira, transferindo a Grace sua própria história triste. Sua filha era uma menina feliz. Tinha de ser. Os Farraday eram a Família Dó-Ré-Mi da nova geração. Ninguém morava naquela casa e se sentia sozinho ou rejeitado. Ela se convenceria disso e então iria embora.

Por volta das dez e meia da manhã, um sinal tocou. A grande porta dupla se escancarou e uma horda de crianças correu para o pátio.

O recreio do jardim de infância. Óbvio. Só havia cerca de trinta crianças, e eram *tão* pequenas... Uma mulher morena bonita, que vestia calça jeans e blusa vermelha, supervisionava as brincadeiras.

Lexi ficou de pé e caminhou ao lado da cerca.

Grace foi a última a sair do prédio. Foi para um canto, sozinha. Parecia estar falando consigo mesma. Com as costas da mão, aliás. As outras crianças riam, brincavam e corriam. Grace ficou ali parada, falando com o relógio.

Sorria, Lexi pensou. *Por favor.*

Mas Grace não sorriu em nenhum momento durante os dez minutos do recreio. Nenhuma das outras crianças falou com ela, e ela não participou de nenhuma brincadeira.

Ninguém gosta dela, Lexi pensou, sentindo uma dor no peito.

— Gracie — murmurou, balançando a cabeça.

Do outro lado do pátio, Grace levantou o olhar, embora não fosse possível que tivesse ouvido seu nome. Lexi sentiu aquele olhar atravessá-la. Sem se conter, acenou.

Grace olhou para trás. Ao ver que não havia mais ninguém ali, olhou novamente para Lexi. Lentamente, sorriu e acenou de volta. Então o sinal tocou e ela correu para dentro da escola.

Lexi poderia ter tentado se enganar, inventado histórias ou lutado para não se importar, mas nem se preocupou com isso. Ela não queria tirar conclusões precipitadas, não queria cometer algum erro terrível — de novo —, mas também não podia ignorar o que tinha acabado de ver.

Grace não era feliz.

Não.

Grace *talvez* fosse infeliz, e isso mudava tudo.

Haveria um assento vazio no ônibus para a Flórida hoje.

Vinte



Sentada em sua cadeirinha, no banco de trás do carro, Grace se sentia muito pequena.

— Como foi a escola hoje? — perguntou a avó, sem olhar pelo retrovisor.

— Sei lá. Tudo bem.

— Você fez alguma amizade nova?

Grace detestava aquela pergunta, que a avó fazia a toda a hora.

— Eu sou a rainha do jardim. A Allison Shunt está fazendo uma coroa para mim.

— É mesmo? Que maravilha!

— É.

Grace suspirou. Era uma maravilha, sim, para Stephanie, que tinha sido nomeada rainha do jardim de infância. Ela olhou para o espelhinho mágico que trazia no pulso desejando que Ariel viesse visitá-la, mas o círculo estava vazio.

Ariel, ela disse sem fazer som, estou me sentindo sozinha.

Nada.

Grace encostou a cabeça na lateral acolchoada da cadeirinha e olhou pela janela, vendo passar os borrões das árvores enormes. Elas subiram uma rua, desceram outra, dobraram uma esquina e chegaram à casa da avó.

Jude dirigiu com cuidado pela trilha de terra.

Grace esperou pacientemente até ser tirada da cadeirinha. Uma vez livre, pegou a mochila e seguiu a avó pela trilha até a porta da frente.

Dentro de casa, ouviu a avó murmurar algo e começar a recolher coisas. Ela não gostava que o pai deixasse roupas por aí e detestava os brinquedos de Gracie.

Grace ligou a TV e subiu no sofá para esperar o pai. Quando a avó não estava olhando, chupava o dedão. Sabia que fazer isso era coisa de bebezinho, mas a avó a deixava nervosa, e chupar o dedo ajudava.

— Grace? — chamou a avó.

Grace tirou o polegar da boca.

— Eu não estava chupando o dedo. Estava roendo a unha. Também é feio?

A avó franziu a testa e Grace sentiu o coração acelerar e a barriga embrulhar um pouco.

Ela se aproximou.

— Não há nada de errado em chupar o dedo, Grace.

Sua voz era suave e doce como mel, e Grace começou a sorrir.

— De verdade?

— Acho que vou experimentar também.

Grace riu.

— Quando chupo o dedo, eu me sinto melhor.

— Só Deus sabe como isso seria bom.

— Você tinha dito que Deus não existe. Você falou isso para o papai quando ele quis ir ao cemitério.

O sorriso da avó se desfez.

— Vou preparar o jantar.

Grace soube imediatamente que tinha feito algo errado de novo. Sentiu vontade de chupar o dedão, mas acabou agarrando seu cobertor e ficando ali sentada, vendo a avó cozinhar. Ninguém disse nada durante muito tempo. Grace olhava a toda a hora para o espelho em seu pulso e sussurrava o nome de Ariel, mas a amiga não apareceu.

Nas duas horas seguintes foram só Grace e a avó, juntas na casa apertada, quase sem falar.

Então, finalmente, o pai chegou. Grace ouviu o carro se aproximar e viu a luz dos faróis se refletir dentro de casa. Ela pulou do sofá e correu para a porta.

— Papai! — gritou, quando ele entrou em casa.

Ele deixou cair a mochila e a pegou nos braços. E, assim, o mundo voltou ao seu lugar.

Ele a beijou no rosto.

— Como está a minha menina?

— Estou bem, papai.

Ele sorriu, mas ela percebeu como ele estava cansado. Tinha as pálpebras um pouco moles e mais uma vez tinha se esquecido de pentear o cabelo.

— Oi, mãe — disse ele. — O cheiro está bom.

A avó entrou na sala. Estava secando as mãos em uma toalha, mas era bobagem, porque ela nunca fazia bagunça nem se sujava.

— Bolo de carne e batatas gratinadas. A salada está na geladeira.

— Não precisava fazer isso — disse ele, começando a soltar Grace.

Ela se agarrou a ele como uma teia de aranha.

— Eu amo você, papai.

— Eu também amo você, princesa.

A avó se aproximou e olhou para o rosto do pai, franzindo toda a cara.

— Você não está dormindo.

— Provas finais — falou ele.

Grace não entendeu. É claro que ele não estava dormindo. Tinha acabado de entrar em casa.

— Hoje vamos brincar de rodeio, papai?

Era sua brincadeira favorita. Ela montava nas costas do pai e ele dava pinotes e a fazia pular bem alto.

— Talvez seja melhor a Grace passar a noite com a gente — sugeriu a avó.

Grace se agarrou ao pai com mais força.

— Eu não vou incomodar, papai. Prometo. Vou deixar você estudar.

— Obrigado, mãe — disse Zach. — A gente se vira.

A avó o encarou durante um tempo e então deu de ombros.

— Está bem. Antes das oito eu passo aqui para pegá-la. Não vá dormir muito tarde.

Grace sentiu uma onda de alívio quando a avó foi embora. Não sabia bem por quê, mas ela a deixava assustada. Era como brincar com o brinquedo superespecial de alguém: você está sempre com medo de quebrá-lo sem querer.

Ela olhou para o pai e notou como ele estava cansado. Ela detestava quando ele ficava quieto.

— Eu fui nomeada rainha do jardim — falou ela, tentando deixá-lo orgulhoso.

— Mesmo depois de bater no Austin?

— Ninguém gosta dele, papai. Todos me agradeceram por bater nele.

— O que é aquilo, a creche do *Senhor das moscas*?

— Hã?

Ele a carregou até o sofá e se sentou. Ela se encolheu contra ele, apoiada em seu peito. Era o lugar preferido de Grace em todo o mundo. O único momento em que ela se sentia segura era no colo dele.

— Por que nomearam você a rainha?

Ela franziu o rosto, pensando. Então, se lembrou de *A fantástica fábrica de chocolate*. Charlie ganhou porque era o menino mais legal.

— Eu salvei a Brittany. Ela entrou muito fundo na água e ia se afogar, então eu a salvei.

— Você salvou a Brittany — repetiu ele, olhando para ela.

Grace sentiu o rosto ficar quente. Por que tantas mentiras saíam de sua boca como se fossem bolhas de sabão? Ela não conseguia evitar. Não era à toa que ninguém gostava dela.

O pai tocou seu rosto.

— Sabe, Grace, quando eu era criança, eu achava que tinha de ser o melhor em tudo. Tinha de ir à melhor escola, tirar as maiores notas, seguir todas as regras. Eu queria que a minha mãe... e a minha irmã... se orgulhassem de mim. — Ele desviou o olhar. Passou muito tempo sem falar, e o silêncio fez a cabeça de Grace doer. Será que ela tinha dito algo errado de novo? Finalmente, ele pigarreou e disse: — A questão é que eu tenho orgulho de você do jeito que você é. Eu amo você, Gracie, não importa o que aconteça. Isso você pode escrever.

Ela não sabia o que ele queria dizer: ela ainda não sabia escrever, mas sabia que todo o resto não era verdade. Uma vez, ela ouviu o pai contar para o avô que Grace estava com problemas na escola. *Problemas de comportamento e nenhuma amizade* eram as palavras que ela ouvira por trás da porta. O pai então tinha dito uma palavra muito feia e perguntado ao avô quando é que todos eles seriam felizes de novo.

Ele queria muito que ela tivesse amigos. Era importante para ele.

— Eu sou popular, papai. Eu quase não consigo acabar o almoço, de tanto que as pessoas falam comigo.

Ele se abaixou e lhe deu um beijo no rosto.

— Está bem, princesa — disse, suspirando. — Está bem. Agora vamos comer alguma coisa, antes que eu desmaie.

— Fui eu que fiz o bolo de carne — contou Grace, sorrindo para ele com orgulho. O pai deu um sorriso tristonho e ela se assustou tanto que acrescentou: — E as batatas.

Ele a beijou de novo e ficou de pé.

— Venha, Gracie. Vamos comer.

Ela correu atrás dele.

Novamente, Jude acordara cedo demais. Não havia nenhum vestígio de luz atravessando as venezianas do quarto, mas ela sentia a alvorada se concentrar no horizonte, como um exército antes de uma investida.

Ao seu lado, Miles se mexeu, dormindo. Virou-se para ela e a abraçou, e sua respiração fazia uma carícia morna em sua nuca.

Ela rolou para o lado do marido e se aconchegou, deslizando a perna por entre as dele. Miles abriu os olhos lentamente, com preguiça, e sorriu.

Ele chegou mais perto e começou a beijá-la suavemente. Depois, com mais paixão. Suas mãos desceram pela camisola de seda até a bainha de renda, então a agarraram e puxaram para cima, e mais para cima, até ela ficar nua. Ele tirou o short e o jogou para o lado.

Ela se deixou conduzir pelo desejo de Miles, tocou o marido como ele gostava de ser tocado e se arqueou ao sentir as mãos dele, até que precisou tê-lo dentro de si. Quando gozou, foi uma explosão de sentimentos que estavam escondidos dentro dela, lá no fundo. Jude gritou tão alto que ficou envergonhada e, ao cair ao lado dele, estava tremendo.

Eles nunca falavam sobre essa nova paixão. Ela sabia que Miles, assim como ela, tinha medo de que as palavras quebrassem o feitiço. Durante muitos anos após a perda, o sexo tinha desaparecido por completo, assim como as risadas. Esse retorno os surpreendera. De alguma forma, haviam aprendido a se conectar pelo toque, a comunicar seu amor quase sem palavras. Não era a solução ideal, não era tudo o que Miles queria, o marido que Jude ainda flagrava olhando para ela com uma tristeza infinita a maior parte do tempo, mas era o que tinham agora, e ela sabia que só isso já era muita sorte.

Ela o beijou levemente e se afastou. Procurou a camisola e a vestiu, saindo em seguida da cama. Parou em frente às janelas e virou a haste das venezianas, deixando que a luz entrasse. À sua esquerda estava o jardim do qual desistira. Era uma confusão de

flores, ramos e folhas, sem nenhum tipo de ordem nem cuidado. Feio.

Miles foi até o seu lado e a beijou no ombro.

— Ainda vamos ficar com a Grace hoje?

Ela assentiu.

— O Zach tem um grupo de estudos hoje de manhã, para se preparar para as provas finais. Ele parece exausto.

— Eu fiquei exausto no segundo ano e não era um pai solteiro de 24 anos. — Ele apertou o braço dela. — Por que não trazemos a Gracie para cá? O Zach pode vir quando acabar. Podemos jogar alguma coisa. Aquele jogo *Terra dos doces* ainda está por aqui, não está?

Jude viu os reflexos dos dois na janela — formas aguadas, como se desenhadas a lápis. Ao ouvir as palavras *Terra dos doces*, o tempo parou. Ela voltara a ser uma jovem mãe, sentada no chão com os gêmeos, avançando uma peça e rindo...

Ela se soltou dos braços de Miles e foi para o banheiro. Já tinha tirado a camisola e entrado no chuveiro quando ele a alcançou.

— Esqueci — disse ele, em pé na porta, olhando-a de novo com ar decepcionado. — Não devia ter dito aquilo.

— Deixe de ser bobo. É só um jogo. — Sua voz fraquejou apenas sutilmente, mas mesmo assim ela soube que tinha se delatado.

Houve um momento de silêncio e então ele disse:

— Vou dar uma corrida e me encontro com você na casa do Zach.

— Você corre demais — disse ela.

Ele deu de ombros. Era o seu jeito de lidar com a perda. Ele corria, trabalhava...

— Até daqui a pouco — respondeu ela finalmente.

Jude ficou no chuveiro até ouvi-lo deixar o quarto, e então saiu e começou a secar o cabelo. Quando terminou de vestir uma calça capri bege e uma camiseta de algodão, já estava de novo no controle das emoções.

Ultimamente, a tristeza era assim: um caça invisível. Ela podia estar bem, seguindo em frente, e algo explodia de repente. Anos atrás, quando tudo ainda estava fresco, ela chegava a passar dias fora de controle, em um mundo cinza no qual nada era estável. Agora, na maioria das vezes ela conseguia corrigir o rumo.

Era um progresso.

Estava saindo do banheiro quando se lembrou, ao passar pela porta, que não tinha escovado os dentes nem se maquiado.

Voltou e escovou os dentes, mas decidiu ficar sem maquiagem. Ela só poderia removê-la à noite e nada a deixava mais exausta do que passar o dia com Grace e Zach. Estar presente na vida deles sem estar realmente *presente* demandava tanto esforço que ela voltava para casa destruída.

Foi até o carro, um utilitário híbrido menor que o antigo Escalade, e ligou o motor. Ao sair da garagem, precisou manobrar para virar o carro e sair pela subida de cascalho, observando o mato em que o terreno se transformara. Nos últimos anos, tudo havia crescido ali e as amoreiras, abusadas, passavam por cima de todo o resto.

Ela pegou a rua principal e foi até a casa de Zach.

Como sempre, para Jude, entrar naquela casinha era como voltar no tempo. O sofá azul era o que ela e Miles tinham comprado para o primeiro apartamento, e as cadeiras eram do ano em que os gêmeos nasceram. Tinham guardado toda a mobília e os utensílios

antigos para os filhos. Costumavam brincar que, *com dois deles para sair de casa, é melhor guardar tudo.*

Zach estava criando a filha e estudando medicina em uma casa quase igual ao lugar em que ela e Miles tinham feito as mesmas coisas.

— Alguém em casa? — chamou ela.

Zach saiu da cozinha segurando uma xícara de café e trazendo Grace no colo, agarrada a ele, sonolenta.

— Não diga nada — pediu Zach, passando a mão nas costas de Grace. — Eu sei que estou horrível. Fui dormir às quatro. Vocês ainda podem olhar a Gracie hoje? Eu tenho grupo de estudo.

— É claro.

— Obrigado. Até as sete eu estou de volta.

Jude concordou, foi para a cozinha e começou a fazer o café da manhã. Como ela mantinha a casa de Zach sempre abastecida, sabia onde encontrar tudo o que era necessário para fazer *waffles*, ovos mexidos e uma salada de frutas.

Quando Miles chegou, com o cabelo ainda molhado do chuveiro e sorrindo daquele jeito que só ele conseguia, Jude sentiu que um peso tinha sido retirado de seus ombros. Miles era a cola que mantinha todos eles unidos. Em torno dele, Jude e Zach respiravam com mais facilidade.

— Aí está a minha menininha — disse Miles, abrindo bem os braços.

Zach pôs Grace no chão e ela correu até o avô, atirando contra ele o corpo envolto em um pijama de flanela rosa de bolinhas.

Miles a pegou no colo e sussurrou algo em seu ouvido, e então Grace deu uma gargalhada.

Jude sentiu um espasmo no peito. Havia momentos, como aquele, em que tudo o que ela tinha perdido a abalroava com tanta força que ela tinha dificuldade de se manter em pé.

— Vamos comer enquanto está quente — disse, tensa.

— Oba! — exclamou Grace, enquanto se soltava dos braços de Miles e corria para a mesa. Ela sempre se sentava ao lado de um lugar vazio, com um prato adicional. Era o lugar de sua “amiga invisível”.

A princesa alienígena presa em um vidro.

— Como está indo a parte clínica? — perguntou Miles para Zach enquanto se sentava.

— Eu adoro a parte clínica. Diagnosticar é o máximo, mas farmacocinética? Estou tomando uma surra — respondeu Zach, servindo ovos para a filha.

Miles espetou um *waffle* com o garfo.

— Patologia foi o que acabou comigo no segundo ano. Não sei por quê. Você precisa acumular conhecimentos para conseguir passar por tudo isso. É no terceiro ano que você inicia mesmo a medicina.

Jude observou o filho passar manteiga no *waffle* de Grace enquanto conversava com Miles, cortá-lo em pedacinhos e pôr um guardanapo na mão dela, e sentiu tanto orgulho dele que pensou: *Vamos ficar todos bem. Um dia vamos voltar a sorrir.*

Quando deu por si, estava rindo da ideia inesperada de felicidade, de um futuro juntos. Ouviu uma das histórias de Zach sobre o diagnóstico de uma doença terrível que ele tinha errado e riu junto com o marido e o filho.

Após o fim do café da manhã, aquela sensação imprevista de leveza permaneceu. Jude se despediu de Zach com um beijo no rosto e um abraço tão apertado que ele até franziu o cenho para ela.

— Pode ir. Nós vamos nos divertir — disse ela.

— Valeu, mãe — agradeceu Zach.

— Sem problema — respondeu ela sem pensar. Então, lembrando-se de quem eles tinham sido, ela se calou.

Zach pegou a mochila e foi para a porta.

— Vovô, posso ir brincar no meu castelo? — perguntou Grace depois que o pai saiu.

— Primeiro se vista e escove os dentes — disse Miles, distraído.

Ele estava procurando o controle remoto da TV. Quando o encontrou, a tela ganhou vida e um jogo de beisebol a preencheu. Miles se afundou no sofá velho e apoiou os pés na mesa de centro.

Enquanto Jude lavava a louça, viu uma mancha amarela passar correndo.

— Fique longe da água, Gracie.

— A Ariel e eu só *vai* brincar de Barbie no castelinho — respondeu Grace, esforçando-se para abrir a porta corrediça de vidro.

— A Ariel e eu *vamos* — corrigiu Jude automaticamente. — Miles, as regras comuns da gramática valem para amigos imaginários?

— Oi? O que foi, amor?

Jude voltou a lavar a louça. Ouviu a porta de vidro deslizar e se fechar e deu uma olhada.

Lá fora, Grace saltitava pelo jardim a caminho do castelo de princesa rosa e amarelo que o Papai Noel trouxera no ano passado.

Tinha sido posto logo abaixo da varanda, em um gramado que dava para a praia de areia cinzenta.

— Vamos, depressa! — gritou ela para a amiga imaginária.

Jude enxugou a louça e a guardou. Quando terminou, deu outra olhada em Grace. Viu a neta através da janela de plástico do castelo. Ela conversava com o ar enquanto fazia a Barbie dançar.

— Você vai lá ao reino encantado? — perguntou Jude para Miles.

— Daqui a um segundo. Só quero ver este lance.

— Está bem. Vou fazer um ensopado de frango para o jantar — decidiu Jude de improviso. Não queria que Zach passasse fome quando voltasse dos estudos.

Preparou a receita familiar sem dificuldade. De tempos em tempos levantava a vista para conferir se Grace estava bem, e então voltava ao trabalho.

Quando o ensopado foi guardado na geladeira, com uma notinha em que explicava como cozinhá-lo, ela limpou novamente a cozinha e foi para a sala. Ia dizer algo para Miles quando notou um movimento com o canto do olho.

Jude abriu a porta de vidro e foi para a varanda desgastada pelo tempo. Era um lindo dia de junho, com um céu de azul intenso e sem nuvens. À direita da propriedade havia uma larga fileira de pinheiros que bloqueava a vista da casa vizinha.

Grace estava de pé perto das árvores.

Ao seu lado havia uma moça que vestia um short desbotado e uma camiseta azul. Seria a filha de Mildred, da casa ao lado? Teria voltado da faculdade?

Então a moça se virou e Jude viu seu rosto.

Jude se apoiou na porta de correr para se equilibrar e estava prestes a chamar o marido quando uma forte dor explodiu em seu peito. Era tão intensa que ela não conseguia pensar, nem se mover, nem fazer nada, exceto apertar a mão sobre o coração e cair de joelhos.

Lexi pedalou até o parque LaRiviere.

Ao descer da bicicleta e olhar para a praia cinzenta, com os montes de troncos esbranquiçados emaranhados sobre a orla, foi invadida por lembranças.

Amarrou a bicicleta no suporte e passou pelos troncos, relembando a primeira vez em que Zach dissera que a amava. Fora bem ali...

Caminhou até a praia coberta de seixos. As pedras ali eram perfeitamente polidas pelas ondas, pareciam vidro. Contando as casas, ela soube qual era o seu destino.

Ali estava: a velha casa Tamarindo. Uma vez haviam ido a uma festa ali, no primeiro ano do ensino médio. Jude nunca ficou sabendo.

Havia uma fileira fechada de cedros em um dos lados da propriedade. À direita, no gramado, Lexi viu um castelinho de plástico colorido, com direito a uma torre cinza pontuda e um chamativo estandarte rosa. Ao lado, encarapitada como um passarinho na beira da varanda de madeira acinzentada, estava uma menininha vestida de amarelo. Novamente, ela conversava com o próprio pulso.

Lexi se aproximou lentamente da filha, tomando cuidado para ficar escondida atrás das árvores. A última coisa que queria era que

Zach saísse da casa como um Nazgul, gritando para que ela deixasse a filha dele em paz.

Ela realmente só queria ter certeza de que Grace estava feliz. Tudo seguiria como planejado, desde que Grace estivesse feliz.

Começou a dizer “oi”, mas a voz não saiu. Pigarreou e tentou novamente.

— Oi, Grace.

— Eu não posso falar com estranhos.

— Eu não sou uma estranha, Gracie. Conheço você desde que nasceu.

— Ah, tá. — Grace inclinou o rosto para a direita, estudando Lexi. Apertou os lábios. — Eu vi você na escola.

— É.

Lexi precisava usar todas as suas forças para ficar ali parada. Tinha vontade de se atirar para Grace, tomá-la nos braços e implorar seu perdão. Mas continuou se cuidando para ficar à sombra das árvores, fora da visão da casa.

— Você acenou pra mim. Por quê?

Lexi deu um passo à frente. Seu coração estava a ponto de alçar voo.

— Eu vi você quando ainda era bebê.

— Você conhece o meu pai?

Ela assentiu.

Grace fechou o rosto.

— Prove.

— Ele ainda gosta de sorvete de menta com gotas de chocolate e detesta qualquer tipo de pente?

Grace soltou uma risadinha e imediatamente cobriu a boca para abafar o som.

— A vovó diz que o cabelo dele parece um besouro, e eu acho engraçado porque os besouros são nojentos. Principalmente os que comem cocô.

Lexi controlou um sorriso.

— Posso ficar do seu lado?

— Pode.

Lexi se aproximou, ficando de pé ao lado de uma árvore enorme.

— Por que você está aqui sozinha?

Grace fez uma cara de decepção.

— O papai saiu. *De novo*. A vovó está na cozinha.

— A sua avó ainda dança enquanto cozinha?

Grace a olhou e franziu a testa.

— Ela me odeia.

— A sua avó Jude odeia você?

— É porque eu pareço com *ela*.

Lexi sentiu um calafrio na espinha.

— Ela?

— A irmã do papai, que morreu. É por isso que a vovó nunca olha pra mim. Não era para eu saber disso, mas eu sei.

— É mesmo?

— Os piratas assassinaram ela. Por isso ninguém quer falar nada. — Grace suspirou. — O papai também às vezes chora quando olha pra mim.

— Você parece mesmo a Mia — disse Lexi em voz baixa.

— Você conhecia a irmã do papai?

— Conhecia — respondeu Lexi. — Ela era...

— Ei, você tem cachorro?

Lexi se surpreendeu com a mudança de assunto.

— Não. Nunca tive.

— Eu quero um cachorro. Ou talvez um esquilo.

— Você já pediu para o seu pai?

— Ontem a gente jantou cascavel. Com amendoim.

Havia algo ali. Grace estava soltando assuntos aleatórios, mas por quê? Teria se assustado com a conversa sobre as emoções de Zach? Lexi disse a única coisa que lhe veio à mente.

— Uma vez eu comi avestruz.

— Uau.

— Quer dizer que o seu pai não está aqui?

— Não. Eu sou grande. Eu fico sozinha em casa o tempo todo. Eu sei tomar banho sozinha e tudo. Ontem eu fiz a janta sozinha.

— Ele sai muito?

Grace fez que sim com a cabeça.

Lexi estudou o rosto perfeito da filha, com os olhos verdes tristonhos e a pele clara, e se perguntou se haveria algum vestígio seu ali.

— Você tem amigos na escola?

— A-amigos? — perguntou Grace, e então sorriu. — Milhões. Eu sou a menina mais popular da escola.

— Você tem sorte. Eu às vezes me sentia sozinha na escola — disse Lexi, observando a filha atentamente.

Sem poder resistir, deu um passo à frente. Os lábios de Grace tremeram um pouco.

— Na verdade, eu não tenho...

— Grace! — gritou alguém ríspidamente. — Venha para dentro. *Agora.*

Lexi correu para trás das árvores. Espiou pelo lado de um grande ramo verde e viu a casa. A porta de vidro estava aberta e

Miles estava de pé ali, com o rosto preocupado. Ele não a vira, disso tinha certeza. Então, por que parecia tão bravo?

— Droga, Grace — gritou ele de novo. — Venha *já* para cá.

— Preciso ir — disse Grace, ficando de pé.

— Ele sempre grita desse jeito?

Grace começou a se virar para ir, mas Lexi se atreveu a estender a mão e segurar a mão da filha.

— Eu quero ser sua amiga — falou suavemente.

Era difícil parar por ali. De repente, havia tanto mais a dizer... Ela fora ingênua ao pensar que conseguiria se afastar da filha.

O rosto de Grace se abriu em um sorriso que fez Lexi sentir calor.

— Está bem. Tchau — disse Grace, acenando.

Ela se virou e correu para a casa.

Lexi se levantou devagar. Finalmente entendeu a sensação de não querer mais sair correndo.

Caminhou até a bicicleta, subiu e pedalou ladeira acima, até a cidade.

Uma ambulância passou por ela, com as luzes piscando, a sirene soando, mas ela mal percebeu.

Estava indo falar com Scot Jacobs.

Vinte e um



Jude estava no setor de emergência do hospital Seattle Hope, deitada em uma cama estreita, ligada a todo tipo de monitor, máquina e alarme. Mas tudo aquilo era desnecessário. Ela não tivera um infarto.

Ela olhou para o marido, sentindo-se frágil e tola. Novamente havia se deixado vencer com facilidade.

— Eu pensei que já tivesse superado tudo aquilo.

Ele passou a mão nos cabelos de Jude, que estavam molhados de suor, e os afastou do rosto da esposa.

— Eu também.

— Ataque de pânico — disse ela, praticamente cuspiendo as palavras.

Grace trepou nas grades metálicas da cama. Escorregou e caiu no chão, e então subiu de novo. O golpe vibrante do metal reverberou pelo corpo tenso de Jude e fez nascer uma dor na base no crânio.

— O que é pânico? — perguntou Grace, batendo o queixo na grade.

— Quer dizer sentir medo — explicou Miles.

— Uma vez eu vi um rato na praia. Eu senti medo — comentou Grace. — E aquelas aranhas grandes e peludas também dão medo. Foi uma aranha que subiu na sua perna?

— A sua avó está muito cansada, Grace — falou Miles. — Por que você não lê aquele livro um pouco?

— Mas eu quero saber o que assustou ela.

— Agora não, Gracie, está bem? — disse ele com ternura.

— É que nem quando eu tive catapora e só queria dormir?

— Exato.

— Tá bom, vovô.

Grace escorregou pela lateral da cama, foi até a cadeira no canto do quarto e se sentou. Abriu uma edição surrada de *O gato da cartola* e tentou ler as palavras em voz alta.

Jude se sentia mal — trêmula, com dor de cabeça e enjoada.

— Estou surtando, Miles.

— Como assim?

Ela adorava sentir o movimento constante e forte da mão de Miles em seus cabelos, que a acalmava mais que qualquer remédio.

— Eu pensei tê-la visto.

— A Mia? — sussurrou ele.

— Não.

Jude não pôde deixar de se decepcionar com a pergunta. Ela tentara ver a Mia. Nem meditação nem orações tinham resolvido. Certamente, ver a Mia não levaria Jude a pensar que estivesse tendo um infarto. Seria o contrário: uma visão assim voltaria a fazer seu coração bater.

Ela olhou para o lado e viu Grace absorvida no desafio de ler.

— A Lexi — sussurrou. Era a primeira vez em anos que pronunciava esse nome. — Estava falando com a Gracie.

Miles segurou sua mão. Não parecia nem um pouco perturbado com essa revelação, e a calma do marido apaziguou Jude.

— É comum ter sensações como de sonho ou distorções perceptuais durante um ataque de pânico. Você sabe disso. Lembra aquela vez em que você pensou que um carro ia atropelar a Grace? Se eu não estivesse lá, você teria se matado, correndo no meio da rua.

— Desta vez não foi como aquilo — disse Jude, mas, enquanto falava, ficou em dúvida. Tinham acontecido tantas coisas estranhas desde a morte da Mia... — O cabelo dela era curto e cacheado. E ela era muito magra.

— Não era a Lexi — falou Miles calmamente.

A certeza de Miles fez bem à Jude. Às vezes, essa mesma certeza deixava Jude com vontade de arrancar os olhos dele, mas agora ela queria usufruir a mesma calma que ele parecia sentir.

— Como tem tanta certeza?

— A sentença dela terminou em novembro. Lembra como todos nós ficamos tensos, esperando para ver se ela iria aparecer?

Tensos era pouco. Jude passara o fim do ano anterior se sentindo uma cerca elétrica. Só em meados de janeiro começara a relaxar. Miles queria ligar para o governo estadual e rastrear os movimentos de Lexi, mas Jude fora categórica: não queria nenhum tipo de contato. Não deixava ninguém na família nem mesmo pronunciar o nome de Lexi em voz alta — muito menos descobrir para onde ela tinha ido.

— Ela não apareceu. Não ligou, não escreveu. E devolveu as cartas do Zach sem abrir — relembrou Miles. — A Lexi tomou a decisão. Ela pensa que a G-R-A-C-E está melhor sem ela.

— Você fala como se discordasse.

— Eu sempre discordei. Você sabe disso.

Grace levantou o olhar.

— Você soletrou o meu nome, vovô?

Miles olhou para a neta e deu um sorriso tenso.

— Eu estava testando você. Muito bem, bonequinha.

O rosto de Grace se iluminou.

— Eu sou a melhor soletradora da turma. Vou ganhar um troféu.

— Ela não vai voltar, Jude — disse Miles suavemente, inclinando-se para dar um beijo na testa da esposa. — Tudo isso ficou para trás.

Grace adorava hospitais. Eram lugares de gente grande e, como o avô era *cirujão* — ou algo assim —, as pessoas davam livros, caixinhas de suco e papel e giz de cera para ela. Às vezes, quando um médico queria ficar a sós com a avó e o avô, uma das enfermeiras a levava para passear pelos corredores movimentados. O que ela mais gostava era de ver os bebês recém-nascidos naqueles bercinhos de plástico transparente. Ela adorava aqueles gorrinhos rosa e azuis.

Mesmo assim, depois de algumas horas, ela se sentia entediada. Ariel estava escondida, não vinha até o espelho de pulso desde a brincadeira no castelinho, e a mão de Grace já estava doendo, de tanto colorir desenhos.

Estava a ponto de reclamar de novo quando a porta do quarto da avó se abriu de repente. O pai entrou apressado, carregando uma pilha enorme de livros embaixo do braço.

— Como ela está? — perguntou para o avô.

— Estou bem — garantiu a avó. Ela sorriu, mas de um jeito um tanto murcho, como se ela estivesse cansada. — Vocês não precisam começar a falar em “mediquês”. Tive um ataque de pânico

que foi incrivelmente parecido com um infarto. Já vão me dar alta. É bastante constrangedor.

O pai pôs os livros na cadeira ao lado de Grace. Passou a mão na cabeça dela e foi até a cama.

— Ataque de pânico? Você não tem um há anos. Desde que...

A avó levantou a mão trêmula.

— Todos já conhecemos a história.

— Ela pensou ter visto a Lexi — disse o avô.

O pai inspirou com força.

Aquilo parecia importante. A avó tinha um motivo, e o motivo tinha nome. Grace trepou novamente nas grades de metal e ficou se segurando.

— Quem é Lexi?

Ninguém respondeu. Ficaram só se entreolhando.

— Alucinação? — perguntou o pai baixinho.

— É o que o seu pai pensa — disse a avó. — Espero.

— Ela deixou os sentimentos dela muito claros — falou o pai.

— A Lexi. Provavelmente está na Flórida com a Eva.

Grace esticou o braço e pôs a mão no bolso traseiro dele. Assim se sentia conectada, mesmo que ele mal notasse.

— Quem é Lexi? — perguntou ela novamente.

— A sobrinha da Mildred voltou da faculdade — disse o pai. — Ela tem cabelo castanho-escuro.

— Com certeza foi ela — falou a avó.

Grace se balançou um pouco na grade. O metal fez um barulho. Ninguém dava atenção a ela e isso a incomodava.

— Eu vi um bebê com quatro braços — disse. — Está lá no berçário.

— Zach, por que você não leva a Grace para casa? — sugeriu a avó. — Ela se comportou muito bem.

Grace desceu da cama, foi até a mesa e recolheu todos os desenhos e lápis de cera. Pegou um desenho de uma borboleta em uma flor e o entregou à avó.

— Este é para você.

A avó olhou o desenho.

— Obrigada, Gracie. Já está fazendo eu me sentir melhor.

— Esses lápis são mágicos. Curam todo mundo. É por isso que são do hospital — explicou Grace. — Os amarelos voam.

— Vamos, Grace — disse o pai.

Ele pegou todas as coisas dos dois e a levou até o carro.

Ela subiu na cadeirinha e ele prendeu o cinto.

Em todo o trajeto para casa, Grace falou com o pai. Havia passado *horas* em silêncio, e tinha muito que contar. Falou para ele da nova brincadeira que Ariel tinha ensinado e da bolacha-da-praia que encontrara perto do castelinho e da amiga que tinha conhecido hoje e da gaivota que pousara bem na frente dela.

— Olha, papai! — disse Grace, endireitando-se no banco enquanto atravessavam a cidade. — Lá está ela. É a minha nova amiga. Oi! — gritou Grace para o vidro fechado, acenando furiosamente. — Você viu, papai? Ela tem uma bicicleta muito legal. É mágica. Eu acho que ela é uma estrela de cinema. Ela me contou que já comeu avestruz.

O pai continuou dirigindo. Minutos depois, entrou na trilha para a casa e estacionou.

— Você acredita no que eu contei sobre a moça do avestruz, não é? Ela disse que...

— Já chega, Gracie. Nada de fingir hoje, está bem? O papai teve um dia muito cansativo.

— Eu não estava fingindo — disse Grace, chocada com a acusação.

Puxou o cobertor que estava no banco de trás e o enrolou no pescoço. O pai estava em um daqueles dias em que nem ouvia o que ela dizia. Mesmo enquanto olhava para ela, Grace sentia que não estava prestando atenção. Como se na cabeça visse outra pessoa. E parecia triste.

Grace crescera rodeada de gente triste. Sabia que o melhor era não falar nada e ficar abraçadinha com o pai quando ele estava assim. Mas ela passara o dia todo quieta e estava desesperada para conversar com alguém. Com ele.

Dentro de casa, Grace foi direto para a geladeira e tirou o ensopado pesado que a avó tinha feito. Ela se esforçou muito para não deixá-lo cair.

— Isto tem que ser posto no forno, papai — disse, mostrando a assadeira com orgulho.

Ele pegou a assadeira e a colocou no forno.

— Vou tomar um banho. Vou pôr um DVD para você.

Ela começou a dizer que não queria ver nenhum filme, mas ele já estava caminhando em direção à sala.

Grace subiu no sofá com o seu cobertor e pôs o polegar na boca. Ninguém prestava atenção nela, mesmo. O pai tomou um banho que pareceu o mais demorado do mundo e, quando terminou e apareceu vestindo um moletom largo, com os cabelos molhados pingando na camiseta vermelha da USC, ela o seguiu, falando tudo o que lhe passava pela cabeça.

— Quando a gente foi para o hospital, eu fui no banco da frente do carro do vovô. A gente seguiu a ambulância. E ele me deixou dirigir... só até a balsa. Eu fui bem devagarzinho. Eu sei dirigir bem. Eu vi uma baleia comendo uma foca. Nojento.

Nada o fazia prestar atenção. Ele mal olhava para ela, e seu rosto foi ficando cada vez mais triste, até que Grace também começou a se sentir triste. Sozinha.

Quando ele fez Grace vestir o pijama e a pôs na cama, ela estava com vontade de chorar.

O pai se deitou ao seu lado.

— Desculpe-me por eu estar esquisito hoje, princesa. Ir ao hospital fez com que eu me lembrasse da minha irmã.

— A Mia — disse ela solenemente, demonstrando que se lembrava do nome que quase nunca era pronunciado. — Aposto que você *detesta* hospitais.

— Se fosse assim, eu não daria um bom médico — falou ele, sorrindo. — Além disso, você nasceu em um hospital.

Grace se apertou contra ele. Era uma de suas histórias preferidas.

— Como eu era?

— Você era uma princesinha perfeita. Seus olhos eram azulados, mas um pouco escuros. Você quase não chorou.

— E a minha mãe estava lá?

— Ela chamou você de Grace.

— E você me deu o nome da sua irmã. E aí você me trouxe para casa.

— Eu amei você desde o primeiro segundo.

— Eu sei, mas por que...

— Pronto, Gracie — disse ele, pegando um livro na mesinha de cabeceira. — O papai teve um dia difícil. Quer que eu leia mais um pouco do *Jardim secreto*?

— Mas você não quer que eu conte da minha amiga nova?

— A estrela de cinema que comeu um avestruz e anda em uma bicicleta mágica?

— Talvez ela não seja uma estrela. Talvez ela seja uma espiã que...

— Já chega, Gracie — advertiu ele, abrindo o livro. — Onde a gente estava?

Só que ele sabia. Ele sempre sabia. Grace sorriu, com sono, e murmurou:

— No Colin.

— Ah, é — disse ele, indo até a página certa e começando a ler. — “Uma coisa estranha de viver no mundo é que só de vez em quando temos a certeza de que vamos viver para sempre...”

Grace pôs o dedão na boca e ouviu a música da voz do seu pai.

— Eles gritam com ela, Scot. E ela vive sozinha. Ninguém nem sai para brincar com ela. Parece que sua única amiga é invisível.

— O amigo imaginário do meu filho é um pato. O que será que isso diz a respeito dele?

— Estou falando sério — disse Lexi.

Ela passara horas e horas lutando com suas emoções e, por mais que repetisse para si mesma e insistisse em que Grace estava melhor sem uma mãe ex-presidiária, não conseguia derrubar o novo sentimento de que se enganara ao abandonar a filha. Era como abrir a porta em meio a um tornado: não havia mais como impedir o

estrago que seria feito do lado de dentro, nem como voltar a fechar a porta.

Abandono. A palavra carcomia as melhores intenções de Lexi e a deixava totalmente exposta. Depois de todo o esforço para ser diferente da sua mãe, ela tinha feito a mesma coisa? E por que é que nunca tinha se perguntado isso antes?

— Você tem razão — disse Scot, empurrando a sua cadeira. As rodinhas metálicas arranharam o piso laminado. — Isso é *muito* sério. Por que você não se senta? Já está me deixando tonto.

Obediente, Lexi se sentou.

— Diga tudo, Lexi.

Ela respirou fundo.

— Abrir mão da Grace foi a coisa mais difícil que eu fiz na vida. — Sua voz perdeu força; ainda era difícil dizer essas palavras, mesmo depois de tanta terapia. — Só o que me fazia seguir em frente era a imagem de como seria a vida da minha filha. Eu via vestidinhos cor-de-rosa, festinhas de aniversário com pôneis, histórias de ninar e ceias de Natal em família. Via uma menina que cresceu sabendo que era amada, sabendo qual era o lugar dela. — Ela ergueu o olhar. — Eu *confiei* neles, Scot — falou, sentindo a raiva crescer. — Em todos eles. Miles. Jude. Zach. Eu acreditei que eles lhe dariam a infância que eu nunca tive. E sabe o que eu encontrei? Uma menininha solitária que tem um pai ocupado demais para estar com ela... uma menininha que ouve gritos sem motivo... que brinca sozinha. Que não tem amigos.

— O que você quer fazer?

Ela voltou a ficar de pé e começou a andar de um lado para o outro.

— Eu sou uma ex-presidiária. Tenho 24 anos e quase nenhuma experiência profissional. Só trabalhei na biblioteca da penitenciária e em uma sorveteria, e no verão eu colhia framboesas. Não tenho nenhum tostão. O que é que eu *posso* fazer?

— A sua tia Eva tinha dinheiro quando abriu as portas para você?

Lexi parou de andar e olhou pela janela do escritório. Lá fora, uma mãe jovem ajudava a filhinha ruiva a alcançar um bebedouro metálico.

— Ela tinha um emprego e um lugar onde morar.

— Você tem um diploma e é esforçada. Além disso, é uma das pessoas mais honradas que eu conheço. Você sabe mais sobre o amor, e a falta de amor, que a maioria das pessoas. Então, vou perguntar de novo: o que você quer fazer? É uma pergunta simples. Ou você vai, ou fica.

— E se eu escolher ficar?

— Podemos entrar com uma ação para modificar o acordo de guarda. Pediríamos que fosse compartilhada. Ou, se não der certo, solicitamos o direito a visitas.

— Supervisionadas, imagino, já que eu sou ex-presidiária.

— Você não foi acusada de crimes violentos, Lexi — disse ele.
— Não é igual à sua mãe. Mas, sim, de início eles podem impor uma supervisão. Eu não disse que seria fácil, mas você vai conseguir *no mínimo* o direito a visitas e possivelmente a guarda compartilhada. Não vamos conseguir a guarda unilateral, mas você é a *mãe*, Lexi. O juiz sabe como você é importante para ela. E você pode ficar aqui no escritório até encontrar outro lugar.

Você é a mãe.

Durante anos, mesmo antes de a Grace nascer, Lexi eliminara aquele pensamento de sua consciência. As palavras eram dolorosas demais. Mas agora, ouvindo-as em voz alta, ela sentiu sua doçura, e o desejo foi crescendo dentro dela.

Ela poderia estar com Grace, abraçá-la, beijá-la, ir com ela ao parque...

— Não vai ser fácil — falou Scot, após uns instantes de silêncio. — Imagino que os Farraday irão se opor.

Era tarde demais para se preocupar com isso. Ela libertara a ideia de ser mãe e agora estava sem chão, flutuando.

— Vamos entrar com a petição — disse Lexi.

— Tem certeza?

Então ela se virou e o encarou.

— Tenho certeza.

Jude desistiu de dormir por volta das quatro horas da manhã. Deixou o aconchego do quarto e caminhou até a sala escura. Ali, de pé na frente das janelas altas, ficou observando seu reflexo distorcido.

Ela sabia que os médicos queriam que ela acreditasse que o pânico causara a visão, e não o contrário.

Ela também queria acreditar naquilo.

Mas não acreditava, ponto. Durante a noite, em algum momento, ela se convencera. Tanto que, horas depois, quando Miles atravessou o salão arrastando os pés, em busca de café, ela disse:

— Eu vi. A Lexi. Eu a vi.

Miles fez uma expressão confusa.

— Espere. — Passou por ela, foi até a cozinha e voltou com uma xícara de café. — Nada de café para você. Já está quase saindo voando. Agora, o que foi que disse?

— Eu a vi. Não me enganei.

Jude bateu o pé no chão, nervosa, olhando para ele.

— Eu sempre quis descobrir onde ela estava.

Ela concordou polidamente.

— Eu sei. Eu é que não queria. O que os olhos não veem, o coração não sente.

— Pois é. Faz todo sentido. — Ele ficou parado, nu exceto pelo calção azul, olhando pela janela. — Muito bem — disse finalmente, dando sua xícara de café para ela. — Vamos descobrir.

Ele foi até o laptop, procurou um número de telefone e ligou.

— Oi, Bill. Desculpe-me por ligar tão cedo, mas é urgente. Você poderia descobrir quando a Alexa Baill saiu da prisão? ... É, eu sei que pedimos para não saber. As coisas mudaram. É. Obrigado. Vou ficar aqui.

Ele desligou e pegou o café de novo.

— Você está bem? — perguntou ele, acariciando os cabelos de Jude.

— Já estive melhor.

Os dois ficaram ali, juntos, olhando para o jardim sem dizer nada, enquanto o céu se iluminava e ficava azul. O tempo foi passando como as batidas de seu coração, silencioso e constante. O telefone sobressaltou tanto Jude que ela deu um gritinho.

Miles atendeu.

— Alô?

Jude voltou a bater o pé no chão e cruzou os braços, cravando as unhas neles com tanta força que quase tirou sangue.

— É mesmo? — perguntou Miles, franzindo o cenho. — Por quê? Ah. Certo, obrigado. Ah, de novo, desculpe-me pelo incômodo.

Desligou.

— E? — indagou Jude, desejando ter tomado um Xanax.

— Ela saiu faz dois dias. A sentença foi estendida por mau comportamento.

Jude bateu o pé tão depressa que por pouco estaria dançando.

— E veio direto para cá.

— Não sabemos disso.

— Temos de fazer alguma coisa. Consiga uma liminar ou algo. Talvez seja melhor nos mudarmos.

— Não vamos nos mudar. — Miles a segurou pelos ombros e a fez olhar para ele. — Fique calma, Jude.

— Você está *louco*?

Jude sentiu risadas histéricas borbulharem dentro dela. Sabia que era inadequado rir naquele momento, mas ultimamente suas emoções viviam em curto-circuito. Às vezes ela chorava quando estava feliz, ria quando tinha medo e gritava quando estava cansada.

Libertou-se de Miles e correu para o quarto, onde encontrou o Xanax e ficou lutando com o vidro.

— Maldita tampa anticriança!

Miles tirou o vidro de sua mão e o abriu, dando-lhe um comprimido, que ela engoliu com o café quente dele.

— É melhor conseguir uma hora com a Dra. Bloom.

Jude sobreviveu às duas horas seguintes no torpor da medicação. Lavou e secou os cabelos e pôs um vestidinho bege de verão. Foi só quando se sentou na cadeira da Dra. Bloom, encolhida sob o olhar atento da psiquiatra, que se deu conta de que ainda estava de chinelos de quarto.

— Obrigada por abrir um horário para mim — disse Jude, tentando esconder os pés.

— Ataque de pânico. Você não tinha um havia mais de dezoito meses. O que aconteceu?

Jude não conseguia olhar nos olhos penetrantes de Harriet, que a faziam se sentir fraca e perturbada. Então, olhou para a esquerda.

— Eu estava na casa do Zach no sábado de manhã, fazendo café para todos. O Zach está estudando para as provas finais. Este ano a faculdade vai acabar tarde, por causa de todas aquelas malditas nevascas.

— E? — perguntou Harriet.

— Eu vi a Gracie lá fora... falando com... a Lexi.

— Lexi é a garota que dirigia o carro naquela noite.

— É.

— Não falamos muito sobre ela. Aliás, acredito que você disse que nunca voltaria aqui se eu a mencionasse de novo.

— O que os olhos não veem, o coração não sente — recitou Jude, voltando a bater o pé.

— Então você a viu de novo, depois de todos esses anos, e teve um ataque de pânico.

— Ela estava falando com a Gracie!

— A filha dela — disse a Dra. Bloom.

Jude ficou de pé subitamente e começou a andar. Sentia dificuldade para respirar.

— Ela abriu mão desse direito quando foi para a prisão. Ela assinou os documentos.

— Foi aí que você acha que ela abriu mão de ser mãe? Quando foi para a prisão? Ou foi quando ela matou a sua filha?

— Os dois — respondeu Jude, com a respiração mais pesada. O peito começou a doer. — Qual é a diferença? Ela não pode aparecer de repente e fingir que nada aconteceu. O Zach finalmente pôs a vida dele nos eixos. Eu não vou deixar que ele a veja de novo.

— Sente-se, Jude — falou a Dra. Bloom, e sua voz transparecia sensatez.

— E se ela quiser... e se... ai, meu Deus!

Jude inspirou com força e começou a entrar em pânico. A Dra. Bloom estava ao lado dela quase instantaneamente, passando a mão em suas costas, na tentativa de acalmá-la.

— Tudo bem, Jude. Respire. Aqui, sente-se.

Jude controlou a respiração e a dor no peito diminuiu. Com a mão trêmula, afastou do rosto os cabelos molhados de suor e tentou sorrir.

— Eu estou perdendo o controle.

— Será que seria algo tão terrível?

Jude se afastou da médica.

— Tem certeza de que você estudou medicina?

— Jude, você não tem como controlar esta situação.

— Obrigada pela pérola. — Olhou para a porta. Aquilo ali não estava ajudando. — Eu devia ter engolido um punhado de comprimidos quando... — Não conseguiu enunciar as palavras. Nunca conseguira.

— Você cogitou isso — lembrou a Dra. Bloom. — Mas, mesmo nos momentos mais tenebrosos, você teve esperança.

— Você pensa que foi a esperança que me impediu?

— E o que a impediu?

Ela não iria responder. Até porque detestava a resposta.

— Droga, eu estou preocupada com o Zach. Ele é frágil, como eu. Nunca se livrou da culpa... nem da dor. Ver a Lexi de novo... E se ela quiser ser a mãe da Grace? Não vou deixar que ela volte a fazer parte da família. Deus do Céu...

— Ela já faz parte da sua família — afirmou Harriet.

— Cale a boca.

— Excelente resposta. Aliás, não parece que você não sente nada pela sua neta.

Jude agarrou a bolsa.

— Eu tenho de falar com um advogado, não com uma terapeuta.

— E por que teria de falar com um advogado?

— Preciso proteger a Grace e o Zach. Talvez precisemos de uma ordem judicial...

— Acha que manter a Lexi afastada irá protegê-los?

— É claro. Você está prestando atenção ao que eu digo?

— A Lexi é a mãe da sua neta — disse a Dra. Bloom gentilmente. — Você me contou que dava um valor imenso à maternidade.

Jude deu uns passos para trás.

— Preciso sair daqui.

Sem esperar uma resposta, foi para a porta. Ao abri-la com força, escutou a Dra. Bloom dizer:

— Ela tinha 18 anos, Jude. Pense nisso.

Jude bateu a porta atrás de si.

Vinte e dois



Jude telefonou para Miles e pediu que ele a encontrasse na casa de Zach. Então dirigiu até o terminal. Chegou no instante exato: a balsa estava sendo ocupada.

A travessia do estuário, que durava trinta minutos, pareceu levar uma eternidade. Nervosa, ela batucava os dedos no volante.

A única certeza que tinha era de que precisava chegar até Grace. Como se seus braços fossem aquele lugar seguro no qual viviam antes, tudo o que Jude queria naquele instante era reunir a família. Ou ao menos o que restara da família — o que Lexi deixara dela.

Ao sair da balsa, atravessou a cidade lentamente, rastreando com os olhos à procura de uma moça de cabelo escuro, que estivesse usando bermuda e uma camiseta de loja de conveniência. Pensou ter avistado Lexi uma dúzia de vezes e pôs o pé no freio com tanta frequência que ouviu algumas buzinas.

Entrou na Rua Turnagin e passou pela escola fundamental em direção à creche. Ali, desceu do carro e caminhou a passos largos até a bela casinha em “A” que abrigava a creche Ursinho Atrapalhado. Dentro, deparou com um salão vazio, repleto de mesas de plástico coloridas e pufes.

Foi até o pátio, onde uma dúzia de crianças brincava em caixas de areia, balanços feitos com troncos e em uma casinha de

bonecas. Imediatamente, mapeou todo o lugar e começou a procurar Grace, sabendo que a neta estaria sozinha.

— Oi, Jude — disse a dona da creche, Leigh Skitter. Elas se conheciam havia anos, porque o filho mais novo de Leigh tinha jogado futebol com Zach. — Você chegou cedo.

— Não estou vendo a Grace — falou Jude, percebendo, tarde demais, que não a cumprimentara e que falara com rispidez.

— Ela está com a Lexi — explicou Leigh. — Ela mudou bastante, não é mesmo?

Jude sentiu um calafrio atravessar seu corpo.

— Você deixou que ela falasse com a Grace?

Leigh pareceu se surpreender com a pergunta, ou talvez tivesse sido com o tom de voz de Jude.

— Ela disse que você estava de acordo. E não há nenhuma ordem judicial restritiva contra ela, há? Quero dizer, eu sei que ela não tem a guarda, mas todos sabíamos que um dia ela iria voltar...

Por que Jude não tinha cogitado esta situação? Leigh Skitter conhecia Zach e Lexi desde o ensino médio. Em várias ocasiões dissera que gostava muito da Lexi. Sem dúvida, tinha até mesmo sentido um pouco de pena dela. Muita gente sentiu. Quando um programa de televisão famoso abordou o assunto, certa vez, muita gente protestou, dizendo que a punição para o caso tinha sido dura demais. Pois é. Coitadinha da Lexi.

Jude começou a entrar em pânico. Por que não tinham obtido uma ordem judicial que impedisse Lexi de se aproximar, só por segurança? No mínimo ela deveria ter informado Leigh e a escola de que Lexi não tinha autorização para ver a filha. A guarda unilateral não lhes garantia esse direito?

— Jude? Algum problema? O Zach nunca me pediu que mantivesse a Grace afastada da mãe.

Jude esbarrou com força em Leigh ao passar por ela a caminho do pátio coberto de serragem, que atravessou às pressas. No portão dos fundos, abriu a trava à prova de crianças e saiu correndo por entre as árvores até chegar à praia. Ali, parou de repente, num impasse.

Havia crianças por toda parte, rindo e brincando. A outra supervisora da creche estava perto dos troncos retorcidos que eram trazidos pelo mar até a areia e dali observava toda a movimentação e as brincadeiras.

Acalme-se, Judith.

Ela examinou a margem da praia.

Ali estava ela: uma menininha loura ao lado de uma jovem de cabelo escuro.

Lexi.

Jude correu na direção das duas e, na sua fúria repentina, quase caiu. Agarrou Lexi pelo braço e a fez girar sobre os próprios pés.

Lexi empalideceu.

— J-Jude...

— Oi, vovó — disse Grace. — Esta é a minha nova amiga.

— Grace, vá ficar com a Tami — falou Jude com firmeza.

— Mas...

— *Já!* — gritou Jude.

A rispidez do comando fez Grace se encolher. Com os ombrinhos caídos para a frente e a cabeça baixa, afastou-se, arrastando os pés.

— Você não tem o direito de vir aqui — disse Jude.

Quando Lexi levantou o olhar, Jude notou várias coisas ao mesmo tempo: Lexi estava muito magra, quase seca, mas ainda era muito jovem. E, ao observar seus cabelos crespos e indomáveis, ela se lembrou da Mia dizendo: *Ela é igualzinha a mim, mãe, não é o máximo?* A lembrança fez Jude cambalear. Não devia ter vindo, não devia ter abordado Lexi. Ela não tinha forças para isso.

— Saia — falou Jude com a voz fraca. — Por favor...

— Eu precisava vê-la.

— Já viu.

Jude se sentia tão fraca que se via prestes a cair de joelhos. A ação de se manter de pé, por si só, já exigia concentração.

— Ela está carente, solitária — disse Lexi olhando para Grace, que estava afastada das outras crianças e as observava de longe.

— E o que você esperava? — perguntou Jude com rancor. — Ela cresceu em uma família destruída.

— Eu só queria ter certeza de que ela estava feliz antes de ir embora. Mas ela não está.

Jude abriu a bolsa e pegou a carteira, com as mãos trêmulas.

— Eu pago para que você vá embora. Quanto? Vinte mil dólares? Cinquenta? É só me dizer quanto você quer.

A expressão de Lexi se transformou, mas Jude tremia demais, o que não lhe permitia enxergar com clareza. Palpitações surdas comprimiam seu peito e ela teve a terrível sensação de que iria desmaiar.

— Cem mil? O que me diz?

— Eu a dei para o Zach — disse Lexi. — *Dei*. Você sabe como foi difícil? Consegue imaginar?

— Perder uma filha? — provocou Jude. — Sim, Lexi, eu sei como é isso. Sei como é difícil.

— Eu fiz aquilo por amor à Grace. E porque acreditei que o Zach, você e o Miles seriam a família dela.

Jude viu a reprovação nos olhos de Lexi e sabia que a censura tinha fundamento, era justificada, e isso só aumentou sua dor.

— Nós somos a família da Grace.

— Não. Ela tem medo de você, sabia? Ela me disse que você nunca a abraça nem a beija. Ela se pergunta por que você não a ama.

Subitamente, Jude se sentiu exposta. O medo começou a verter de dentro dela, a transbordar, e ela começou a tremer tanto que deixou a bolsa cair.

— Que atrevimento!

Mas as palavras não tinham veneno nem peso.

— Eu confiei em vocês.

A voz de Lexi fraquejou. Era o primeiro indício de emoção verdadeira, e Jude o aproveitou.

— O Zach abriu mão de tudo pela Grace. De tudo.

— Você está se referindo à USC, não é? O seu Santo Graal, seu Cálice Sagrado. Você nunca se importou de saber se ele estava feliz. Só queria que ele fizesse o que você achava que seria melhor.

— Isso não é verdade.

— Ele me *amava*. Mas isso não significava nada para você.

— Você matou a irmã dele — disse Jude.

— Foi — concordou Lexi, com a boca trêmula. — E tenho de viver com isso todos os dias da minha vida. Eu fiz tudo o que foi possível para me redimir com você, com o Zach e com a Grace. Mas não existe redenção. Eu lhe dei a minha liberdade e a minha filha, e você ainda quer mais. Então, vá à merda, Jude! Você não terá mais

nada. A Grace é minha filha. A minha Mia. E eu a quero de volta. Meu advogado deu entrada na ação hoje.

Jude ficou ali parada, vendo Lexi se afastar, e seus olhos ardiam e a garganta apertava, enquanto ela ouvia repetidamente a voz de Lexi dizer “A minha Mia”.

Depois que Lexi começou a caminhar pela praia, não conseguiu mais parar. Seguia na direção errada, pois sua bicicleta estava estacionada na área pública, no final da rua sem saída. Mas ela não podia voltar, não podia ver Jude pegar Grace no colo e levá-la embora, como se fosse perigoso que a menina conhecesse a própria mãe.

Uma brisa fresca de verão soprou seus cabelos. Os olhos lacrimejaram com o vento. Mesmo assim, ela pôs as mãos nos bolsos e continuou caminhando. Voltou-se para olhar o extremo oposto da praia. Jude ainda estava lá.

Lexi queria ser firme e resistente e sentir que tinha razão ao voltar e exigir a filha de volta. E sentia isso, sim, por todos os motivos que dera a Jude. Acima de tudo, porque os Farraday haviam tido a oportunidade de fazer Grace feliz e fracassaram.

Mas a culpa e o remorso de Lexi, sempre circulando e se espalhando dentro dela, estavam em expansão agora, intensificados. Ela destruíra os Farraday. No começo, alimentara a esperança de que os anos na prisão de alguma forma fechariam as feridas, mas ela sabia, melhor que ninguém, que tempo e distância não curavam nada. Havia sido ingenuidade supor que Grace seria criada como a Mia e o Zach tinham sido, em um lar repleto de amor e alegria. Então, de certa forma, era culpa de Lexi que a filha estivesse infeliz.

Tudo isso era verdade — e pesava muito nos ombros e na consciência de Lexi. Mas também havia outra sensação, uma espécie de leveza que havia anos ela não sentia. Era esperança — um farol brilhante no breu de sua culpa.

Ela poderia alegrar Grace. Poderia ser o tipo de mãe que um dia sonhara em ter. Talvez elas não tivessem dinheiro, nem uma casa grande, tampouco um carro novo, mas Lexi sabia muito bem, mais que a maioria das pessoas, que o amor pode bastar. Eva demonstrara isso. Ela detestava até o fundo da alma fazer os Farraday — e Zach — sofrerem novamente, mas já tinha pagado por seu erro.

A decisão lhe deu firmeza. Enxugando os olhos, observou ao redor, surpresa ao constatar quanto tinha caminhado. Atrás dela, a praia pública era uma vírgula de areia cinza espremida contra o bosque escuro. Não era possível saber se ainda havia gente lá ou não.

Lexi começou a fazer a volta quando um lampejo provocado por alguma coisa de um intenso tom de rosa atraiu seu olhar. Ela parou e olhou para a praia. Era o castelinho, com seu estandarte cor-de-rosa tremulando ao vento e a torre falsa de pedra. Ela não tomara a decisão de ir até lá. Apenas se viu andando naquela direção, caminhando, prosseguindo, e de repente ela estava ali, parada na praia, à sombra de uma árvore gigante, olhando para uma casinha de criança.

Na sua cabeça, porém, ela estava em outra praia, anos atrás, de pé sob uma árvore diferente, ao brilho das luzes das casas distantes, com a melhor amiga e o garoto que ela pensara que iria amar para sempre.

Vamos pôr algo aqui e enterrar.

Vai ser o nosso pacto.

Nunca diremos adeus de verdade.

Como aquela ingenuidade brilhara, tal qual prata polida, cintilando na escuridão! Ela nunca acreditara em nada tanto quanto tinha acreditado nos três juntos, naquele momento.

Ela se inclinou e olhou, através da pequena janela com venezianas de plástico, para dentro do castelo. Havia várias Barbies deitadas em camas de plástico, e as roupas das bonecas estavam espalhadas. Um livro estava aberto ao lado de uma caixinha de suco vazia.

Era aqui que Grace brincava sozinha.

Lexi deslizou os dedos até o telhado plano, que simulava pedra, enquanto caminhava para dentro do jardim. A grama estava verde e reluzente: o verão ainda não tinha desbotado sua cor nem ressecado suas folhas. Uma varanda malconservada se projetava da casa de madeira, claramente um acréscimo à construção original. Em um canto havia uma velha mesa de piquenique com dois bancos, ao lado de uma grelha de churrasco coberta com um plástico. Rosas cresciam livremente ao longo da cerca de madeira, com seus compridos ramos verdes subindo uns sobre os outros, como adolescentes que oferecessem flores a uma menina.

A casa — casa do Zach — era uma cabana de madeira rústica. As junções do telhado estavam repletas de musgo. Chaminés de pedras cinzentas pareciam sustentar a casa em pé, como aparadores de livros. Ela voltou a se lembrar da festa a que tinham vindo ali, na adolescência. Foi antes que o álcool dominasse a turma. Na época, só uns poucos jovens bebiam. Mia e Lexi passaram a maior parte da noite na praia, só as duas, ouvindo a música que vinha da casa. Na

época, Zach namorava Emily Adamson e Lexi lembrou como tinha desejado estar perto dele.

A porta corrediça de vidro se abriu ruidosamente, e ali estava Zach.

— Lexi.

Quantas vezes ela não sonhara em vê-lo novamente, em ouvi-lo dizer seu nome desse jeito?

Ele saiu da casa e se aproximou. Como Lexi pensara muito nele e se debruçara sobre a sua foto de formatura, encarando-a até que cada centímetro do rosto de Zach ficasse impresso na memória, ela instantaneamente percebeu quanto ele tinha mudado. Estava mais alto, com os ombros mais largos, apesar de mais magro. Usava uma camiseta cinza velha da USC e um short cáqui com a cintura baixa no quadril estreito. Seu rosto era esbelto e bem-delineado. Não mais a beleza estonteante de antes: a aparência estava endurecida, cansada, e os olhos eram tristes.

— Você não vai falar nada? — perguntou ele.

— Eu achei que você não estivesse aqui.

— Eu achei que *você* não estivesse aqui.

Havia um tom de acusação na voz dele? Ela se obrigou a lembrar que ele a decepcionara, que a Grace não estava feliz morando com ele, mas essa emoção não vingou totalmente. Como sempre, quando o via, parte dela se derretia. Era sua grande fraqueza. *Ele* era a fraqueza de Lexi, desde o instante em que ela o vira pela primeira vez. Agora, porém, ela não era mais tão ingênua. Ele deixara que ela fosse para a prisão e que abrisse mão da filha.

— Eu precisava ver a Grace... precisava saber se ela era feliz.

A gravidade que sempre os unira exerceu sua força e, sem perceber, ela se moveu para mais perto dele. Foi só quando estava ao

alcance de suas mãos que Lexi percebeu que ele não tinha caminhado na direção dela. Zach ficara parado e fora ela que caminhara até ele. Claro.

— Por que você veio aqui? — perguntou ele.

— Eu precisava ver a minha filha.

— Nossa filha.

— Isso.

Lexi engoliu em seco. Ela imaginara este reencontro mil vezes, um milhão de vezes, e nunca tinha sido tão estranho e tão instável, permeado de sentimentos de perda e distância. Ela queria perguntar sobre a Grace, saber se a filha tinha algo em comum com ela, mas não podia, não devia entregar seu coração de bandeja com essas palavras. Esse erro ela já tinha cometido.

Ele a encarou. Ela sentia o calor do corpo dele e o exalar suave de cada respiração.

— Ela faz um barulho, um assoviozinho, quando dorme. Como você faz. Quero dizer, como você fazia.

Lexi não sabia o que responder. É claro que ele sabia o que se passava na cabeça dela, ele sempre soube o que ela pensava. A respiração de Lexi acelerou. A dele também, e ela notou. Ela olhou para a boca de Zach e se lembrou de como ela ficava quando ele ria e de como eles costumavam rir, os dois, e de novo foi tomada pela sensação de perda.

— Você nunca respondeu às minhas cartas.

— De que serviria? Eu achei que seria melhor se a gente se esquecesse. E os dois primeiros anos na penitenciária foram... difíceis — ela explicou.

— Eu pensava em você o tempo todo.

Pensava. Ela engoliu em seco e deu de ombros.

Ele tocou o braço de Lexi, com cautela, como se tivesse medo de que ela se quebrasse ou gritasse — ou talvez tenha pensado que ela não quisesse que ele se aproximasse. Lexi ficou parada olhando para ele e percebeu, com um sobressalto, que desejava que ele a beijasse.

Tola.

Ela se afastou dele, cambaleante. Precisava que houvesse alguma distância entre os dois. Fora uma idiotice chegar tão perto. Desde o momento em que se conheceram, ela lhe dera seu coração. Como era possível que ela não tivesse aprendido nada depois de tudo o que aconteceu?

— Você deixou que eu fosse presa — disse ela, para se lembrar de quem ele realmente era.

— Eu não tive escolha.

— Acredite, Zach, você sempre teve escolhas. Fui eu que não tive. — Ela respirou fundo e olhou para o garoto, o homem, que amou desde o instante em que o viu pela primeira vez, e a dor provocada pela lembrança de seu passado foi aterradora. — Eu quero a Grace — ela disse pausadamente. — Dei entrada na documentação hoje.

— Sei que você me odeia — falou ele. — Mas não faça isso com a Grace. Ela não vai entender. Eu sou tudo o que ela tem.

— Não — corrigiu Lexi. — Isso não é mais verdade.

Ela ouviu um carro se aproximar, os pneus girarem sobre o cascalho, e não teve dúvidas de quem era.

Jude. Chegando para salvar o filho e a neta da terrível Lexi.

— Tchau, Zach — disse Lexi, fazendo meia-volta.

— Lexi, espere.

— Não, Zach — retrucou ela, sem olhar para ele. — Já esperei muito.

Jude tremia enquanto ajustava Grace na cadeirinha do carro.

— Ai, vovó!

— Desculpe-me — murmurou Jude.

Uma dor de cabeça surgira por trás dos olhos, e ela mal conseguia enxergar. Mandou uma mensagem de texto para Miles, pedindo que ele fosse para casa imediatamente, e então se sentou em frente ao volante. Mas não podia ir para casa. Lexi sabia onde eles moravam.

— Por que eu vou para casa mais cedo, vovó? — perguntou Grace do banco de trás. — Eu me comportei mal de novo?

Casa. Isso mesmo.

Jude dirigiu — rápido demais — até a casa de Zach e estacionou ao lado da picape dele. Então, pegou Grace no colo e correu para dentro, batendo a porta atrás de si.

A porta de vidro da varanda estava aberta. A casa estava com cheiro de praia na maré baixa. Zach estava de pé na varanda, olhando para o estuário.

Jude carregou Grace até o quarto e a colocou na cama. Deu a ela uma edição gasta de *Ovos frescos e presunto* e disse:

— Leia isto por um minutinho, está bem? Preciso dizer uma coisa ao seu pai e já volto.

Jude saiu do quarto e fechou a porta. Então, foi até a varanda e se aproximou do filho. Vendo sua postura — os ombros caídos, derrotados, as mãos enterradas nos bolsos —, ela soube o que tinha acontecido. Não chegara a tempo.

— A Lexi esteve aqui — disse Jude com rancor.

— É.

— Ela quer ter outra chance, mas nós não temos. A Mia nunca mais vai voltar. Não posso olhar todo dia para a pessoa que a matou.

Zach olhou para Jude.

— A Grace é filha dela, mãe.

A simplicidade e a clareza das palavras do filho fizeram Jude perder o fôlego. De repente, sentiu como se estivesse correndo rumo a um precipício. Como se todos eles estivessem. Sentiu um medo que fez doer até os ossos. Nos últimos anos, eles tinham se recuperado apenas o suficiente para sobreviverem. Não podiam passar por tudo de novo.

Ela observara, à distância, o menino imaturo e irrequieto se tornar homem. A dor o estilhaçara, mas a paternidade o ajudara a se remendar.

Ela pegou o celular e telefonou para o amigo que havia anos era seu advogado.

— Bill. Jude Farraday. A garota que matou a Mia saiu da prisão e entrou com uma ação para requerer a guarda da Grace... amanhã? Ótimo. Até mais.

Jude desligou o telefone.

— A Grace não é feliz — disse Zach, e a desilusão em sua voz era terrível.

— A Lexi não é a solução, Zach. Ela é a causa. Não se esqueça disso.

Jude tocou o braço do filho. Ela precisava ser forte para ampará-lo. Talvez Zach tivesse precisado disso durante anos, mas agora ela estaria ao lado dele. Desta vez, ela o protegeria.

Vinte e três



Na manhã seguinte, Jude acordou cedo e se vestiu com desvelo.

— Não é um enterro — disse Miles, quando a viu na cozinha.

— É mesmo? Pois parece. Vejo você no carro — falou ela, afastando-se depressa do marido.

Tudo o que ela não queria ouvir agora era a demonstração da superioridade moral dele ou mais perguntas intermináveis sobre o que eles estavam fazendo. É claro que o Senhor Bondade Infinita queria explorar a ideia de que trazer Lexi de volta para a vida deles iria ajudá-los a se recuperar. Na noite anterior, ao retornarem para casa, ela o mandara calar a boca pela primeira vez em todo o tempo de casamento dos dois.

Pelo visto ele tinha entendido o recado, porque não disse nem uma única palavra durante todo o tempo que levou até pegarem Grace no jardim de infância e a levarem à creche, nem enquanto seguiam rumo a Seattle.

À uma hora, Zach os encontrou na entrada da Smith Tower e, dez minutos depois, estavam sentados em um escritório de esquina com vista para Pine Island e a baía de Elliott... Daquele ângulo, a ilha era um morro coberto de florestas densas flutuando no mar azul-metálico, parecendo desabitada.

— Scot mandou entregar a petição inicial aqui — disse Bill, após os cumprimentos. — Alexa Baill quer modificar o acordo que concede a Zach a guarda unilateral.

— Ela quer tirar a Grace de mim? — perguntou Zach, imóvel na cadeira. — Ela acha que eu não fui um bom pai?

— Não é isso. Ela quer a guarda compartilhada — explicou Bill.

— Como ela pode fazer isso? — indagou Jude. — Ela abriu mão da guarda quando a Grace nasceu.

— Os acordos de guarda raramente são eternos, Jude. Neste caso, a Alexa vai precisar demonstrar uma mudança substancial nas circunstâncias. Certamente, o fato de ela ter saído da prisão dá conta disso.

— Então, o que vai acontecer? — perguntou Zach.

— Primeiramente haverá o que se chama de audiência inicial, que irá estabelecer apenas se as circunstâncias da mãe mudaram ou não o suficiente para que a ação tenha prosseguimento. Depois, por meio de um pedido para uma decisão liminar, o juiz irá estabelecer os direitos de guarda ou visitação até o julgamento. De acordo com uma previsão realista, o julgamento deverá ser marcado para daqui a um ano, mais ou menos. Um assistente social será indicado para determinar o que é melhor para a criança e representar os interesses de Grace.

— Parece caro — disse Miles. — Como a Lexi irá pagar por tudo isso?

— Provavelmente algum defensor público advogará pela Lexi. Ou algum advogado po-de assumir o caso *pro bono* — explicou Bill. — Na melhor das hipóteses, ela consegue o direito à visitação. Na pior, a guarda compartilhada. Mas saibam disto: a corte vai tender

para uma reaproximação com a mãe, a menos que ela seja claramente inadequada ou represente alguma ameaça para Grace.

— Então está dizendo que ela vai fazer parte da nossa vida para sempre — concluiu Jude.

— Ela já faz — respondeu Miles. — É a mãe...

— Eu não estava falando com você — alfinetou Jude. Voltando-se para o advogado, disse: — Mas ela é inadequada. Ela abandonou a filha logo depois do nascimento e nunca enviou nem um cartão de aniversário. Não tem emprego nem família por aqui. A mãe dela era drogada e tinha passagens pela polícia. Quem sabe que amizades ela pode ter feito na prisão? Não queremos que a Grace seja exposta a gente desse tipo.

— Mãe, pelo amor de Deus! Não é nem um pouco justo falar isso da Lexi. Ela é totalmente diferente da mãe dela — disse Zach, de modo direto.

— Você precisa se opor a ela, Zach — falou Bill, e havia certa dureza em seu olhar, severidade. — Você é pai, agora. Não um garoto na escola. Sua função é proteger a Grace e, para isso, você precisa preservar os seus direitos. Se a Alexa conseguir a guarda, mesmo que seja compartilhada, quem garante que ela não irá fugir com a Grace? E, no meu entender, ela já fez uma escolha, há muito tempo. Ela nunca se comunicou com a Grace. Nem uma vez sequer. Isso não desperta em mim nenhum sentimento terno nem carinhoso a respeito dela como mãe. Precisamos fazer o que for melhor para a sua filha. Pelo menos por enquanto, precisamos manter a Lexi longe da Grace.

— Sem dúvida — disse Jude.

— E por que isso seria o melhor para a Grace? — perguntou Zach. — A Lexi é a mãe dela.

Bill abriu uma pasta.

— Vou lhe explicar por que é o melhor. Li os registros da penitenciária sobre a Alexa, Zach, e eles não são bons. Não foi por acaso que ela cumpriu seis meses a mais. Brigas. Descumprimento das regras. Foi pega comprando drogas mais de uma vez. Valium, acredito, entre outras. Você a conhecia antes, Zach, mas a cadeia muda as pessoas e parece que a Alexa fez algumas escolhas erradas lá dentro. Você não a conhece mais. Pensa mesmo que a Grace estará a salvo com alguém assim?

— Drogas? — perguntou Zach, franzindo a testa.

— E com o histórico familiar que ela tem. Acho que a Lexi não é mais a menina de quem você se lembra, Zach. Ela passou muito tempo na solitária. Quebrou o nariz de uma mulher — disse Bill. — Ela pode até ser perigosa.

Zach se encostou na cadeira, dando um suspiro profundo.

— Drogas... — falou novamente, sacudindo a cabeça.

— Vamos enfrentá-la, o litígio é o único caminho — declarou Jude. — Não temos alternativa.

Bill concordou.

— Muito bem. Vou protocolar a contestação e aviso quando marcarem a audiência preliminar.

— Eu estou fazendo mal a eles de novo, Scot — disse Lexi, andando pelo escritório do advogado.

— É — falou Scot. — Imagino que eles não queiram ser lembrados do... que aconteceu.

— Do que eu fiz.

— O que você fez não representa o que você é, Lexi. Nem estamos falando de você agora. Isto é sobre a sua filha. Você a ama e

ela precisa de você. É nisso que temos de nos concentrar. E é o que você pode controlar. O sofrimento dos Farraday é problema deles.

Ela ficara arrasada novamente só de ver Zach. A atração por ele fez com que ela quisesse voltar a fugir, a se esconder. Por quanto tempo ela ainda iria amá-lo?

— Eu vi quanto o Zach a ama — disse Lexi, com suavidade.

— Não se trata dele. Nem deles. Nem do que você fez. Diz respeito à Grace. Como é que alguém se sente, Lexi, quando a própria mãe lhe dá as costas?

Lexi parou de andar e olhou para Scot ao dizer:

— Obrigada. Você deu a perspectiva correta às coisas.

O interfone tocou. Scot se inclinou e o retirou do gancho.

— Oi, Bea... Bill Brein, é? Está bem. Obrigado. — Ele desligou, abriu a agenda de mesa e escreveu alguma coisa. Então olhou para Lexi. — Você vai precisar ser forte, Lexi.

— Estou tentando.

— Muito forte — disse ele. — Eles não vão ceder.

Dois dias depois, Lexi estava de volta em um tribunal. Apenas atravessar a porta trouxe uma enxurrada de lembranças dolorosas. Tanto que, quando Scot lhe pediu que se vestisse de preto, ela se recusou. Não iria encenar aquele dia, não queria revivê-lo. Então, na véspera da audiência, ela voltou ao brechó e comprou uma saia verde longa e rodada, um casaco de gola V praticamente novo, também verde, mas um ou dois tons mais claro, e um par de sandálias cor de bronze.

Vestindo aquelas roupas novas e femininas, Lexi tentou não se sentir como a menina de preto que, certa vez, fora levada algemada de uma sala igual àquela em que estava agora.

Ela sentiu Scot se aproximar, parar ao seu lado e em seguida tocar ligeiramente seu braço.

— Eles chegaram — disse Scot.

Ela sentiu o corpo ficar tenso e os cabelos da nuca se arrepiarem. Tentou não se virar, mas como impedir? Aquela força gravitacional que a atraía para Zach era forte demais.

O coração de Lexi deu um pequeno salto ao vê-lo. Ele estava usando o mesmo terno que vestira na festa dos veteranos, agora muito justo no peito.

Posso beijar você, Lex?

Lexi desviou o olhar, tentou esquecer. Ela e Scot se dirigiram à mesa que havia do lado esquerdo do tribunal. Zach se juntou ao advogado dele, que o aguardava à mesa posicionada no lado oposto da sala.

O juiz foi o último a entrar. Era um homem pesado, de cabeça calva e brilhante e óculos bifocais sem armação apoiados no nariz grande e bulboso. O oficial de justiça era um elegante oriental de uniforme, que abriu um largo sorriso ao tomar seu lugar próximo à mesa do juiz.

O juiz alisou a toga e se sentou.

— Estamos aqui para um pedido de adequação na causa — falou, mexendo nos papéis que havia sobre a mesa e finalmente encontrando o que procurava. — Modificação do acordo de guarda. Sr. Jacobs?

Scot se levantou, sussurrando a Lexi que fizesse o mesmo.

— A Srta. Baill solicita à corte a modificação da guarda. Em 2004, a Srta. Baill era uma aluna comum, cursando o último ano do ensino médio, apaixonada pela primeira vez e ansiosa por entrar na faculdade. Suas notas e desempenho acadêmico exemplares lhe

valeram uma bolsa na Universidade de Washington. Com 18 anos, ela sonhava em se formar em direito. Uma má decisão tomada em uma noite de verão mudou tudo, tanto para a minha cliente quanto para a família Farraday. Embora Zachary Farraday tivesse prometido ser o motorista após a festa escolar na qual haveria álcool, ele não cumpriu a promessa e se embriagou. Sua irmã gêmea, Mia, também bebeu durante toda a noite. Então, tragicamente, Alexa se ofereceu para dirigir e levar os Farraday para casa, a um quilômetro e meio de distância. Em uma colisão, Mia faleceu. Naquela época, aconselhei Alexa a se declarar inocente e a lutar por sua liberdade, mas ela é uma jovem com um profundo senso de moral, com uma distinção muito clara entre o que é certo e o que é errado. Por isso, ela se declarou culpada e foi condenada à prisão, na esperança de que a condenação a ajudasse a expiar o erro que cometera. Ela ainda não sabia, na ocasião, que estava grávida. Originalmente, planejou dar a criança para adoção, mas Zach a surpreendeu ao se oferecer para criar a filha dos dois. Alexa ficou tão agradecida e sentia tanta culpa pela morte de Mia que concordou em conceder a guarda unilateral a Zach. Na penitenciária, Alexa obteve um diploma de bacharel em sociologia e agora espera fazer um mestrado em serviço social, para ajudar outros adolescentes que enfrentam dificuldades na vida. Ela é uma jovem maravilhosa e não tenho dúvida de que será uma mãe exemplar para a filha. O Estado procura a reunificação das mães com seus filhos. Neste caso, está absolutamente claro que a situação da minha cliente mudou substancialmente e que ela merece o direito de conviver com a filha. — Scot encostou no braço de Lexi. — Obrigado. — Ambos se sentaram.

Do outro lado do corredor, Bill ficou de pé. No tribunal pequeno, de paredes de cor esmaecida e piso desgastado, ele era uma figura imponente com seu perfil sério e o refinado terno cinza.

— Não há uma causalidade adequada para modificar este acordo de guarda. A Srta. Baill foi para Purdy condenada pelo crime de homicídio na direção de veículo automotivo sob o efeito de álcool, um crime gravíssimo. — Fez uma pausa, olhando firmemente para Lexi. — Purdy, Meritíssimo. Fica a menos de uma hora de carro de Pine Island. Ela não tinha por que perder o contato com a filha. Ela *optou* por não ser a mãe. Quando Zachary Farraday lhe escreveu cartas contando sobre a filha, junto às quais enviou inclusive fotos, a Srta. Baill devolveu os envelopes sem abrir. Ela nunca escreveu nem telefonou para a filha. Durante todo o período de encarceramento, jamais fez qualquer tentativa de se comunicar. Uma ex-companheira de cela da Srta. Baill, Cassandra Wojocheski, poderá testemunhar que a Srta. Baill lhe disse explicitamente que não pretendia ver a filha nunca mais. Essa falta de instinto maternal na Srta. Baill não é de sur-preen-der. A mãe dela também era criminosa e viciada em drogas. E, pelo que pudemos apurar, a Srta. Baill também tem problemas com drogas. Para concluir, pedimos que o acordo de guarda vigente seja mantido. A Srta. Baill não está apta a ser mãe, e suas circunstâncias atuais não são significativamente diferentes das que se podiam verificar no momento em que ela voluntariamente abriu mão da guarda da filha. — Bill abaixou a cabeça e se sentou.

O juiz deu batidinhas na mesa usando a caneta.

Lexi mal conseguia respirar, tamanha sua expectativa. As palavras de Bill liberaram um veneno em sua corrente sanguínea, e ela sentia as veias queimarem.

— Temos um nexo de causalidade adequado para seguir adiante — disse o juiz. Ele abriu um laptop sobre a mesa e apertou algumas teclas enquanto olhava para o monitor. — O julgamento será marcado para o dia 19 de abril de 2011. As partes estão de acordo?

Os dois advogados concordaram.

— Um ano? — sussurrou Lexi. — Mas não pode...

— Shh! — sibilou Scot, sério.

O juiz prosseguiu.

— Até então, passaremos à decisão interlocutória para dar início à readaptação familiar. Eu designarei um assistente social para investigar os interesses e os problemas pertinentes e reportar as constatações a esta corte. — Ele mexeu em alguns papéis. — Nomeio Helen Adams. Se houver algum conflito de horários, informarei às partes. Agora, vamos ao acordo temporário. Sr. Jacobs?

Scot ficou novamente de pé.

— A Srta. Baill visa à reaproximação imediata com a filha e solicita o registro de uma ordem temporária de guarda compartilhada.

Bill se levantou.

— Isso é ridículo! A Srta. Baill não tem emprego nem dinheiro nem onde morar. Como poderia assumir a responsabilidade por uma guarda compartilhada da menor? Além disso, ela não tem experiência como mãe. Como destaquei anteriormente, sua mãe era viciada e a abandonou, então a Srta. Baill não sabe nada sobre uma educação adequada. Quem sabe depois de algum treinamento ela fique preparada para assumir uma guarda parcial limitada, mas não agora. Também não devemos ignorar seu mau comportamento na

penitenciária nem os riscos que ela representa: a Srta. Baill foi posta repetidas vezes em regime disciplinar diferenciado em 2005 devido a brigas e ao uso de drogas. A única parente que ela tem reside na Flórida. Quem garante que ela não tentará levar Grace embora? Ela já demonstrou desrespeito às leis antes. Nosso entendimento é de que não deva haver visitas nem tentativas de reaproximação até que o acordo de guarda seja modificado, no ano que vem. Isso dará à Srta. Baill tempo para que demonstre suas verdadeiras intenções com relação à maternidade.

— Meritíssimo! — disse Scot, levantando-se. — Isso seria patentemente punitivo. A Srta. Baill não tem problemas com drogas. É...

O juiz ergueu a mão larga.

— Vou permitir visitas supervisionadas entre a sua cliente e a filha dela. Devido à severidade desta situação e à separação extrema que ocorreu, uma assistente social irá observar todas as visitas, a menos que algum dos parentes da menor concorde em estar presente. De hoje até a data do julgamento, esta corte receberá relatórios frequentes da assistente. — Ele bateu o martelo. — O próximo caso.

Lexi sentiu aquele breve golpe de martelo reverberar coluna acima. Voltando-se para Scot, tentou manter um sorriso no rosto. Ele fizera o possível, e ela não queria que ele soubesse quanto as palavras “visita supervisionada” a abalaram. Ela já tinha passado por essa situação, estar sob o olhar atento de algum profissional frio, só que na época era ela a criança. Agora, seria a mãe pouco confiável.

— Vou poder passar tempo com ela, e é isso que importa, certo?

Scot a segurou pelo cotovelo e a orientou em direção à porta lateral. No saguão, ele a levou até um espaço mais isolado.

— Desculpe-me, Lexi.

— Não tem de que se desculpar. Sei que você fez o que pôde. E eu consegui a chance de ver a Grace. De *conhecê-la*. Vou provar a todos eles que mereço outra oportunidade. Um ano é bastante tempo. Talvez, até lá...

— Não é tão simples assim — disse ele.

— O que você quer dizer?

— A corte quer que um assistente social acompanhe as visitas, alguém especializado em reunificações difíceis.

— Ê, eu sei.

— Gente assim custa muito, muito caro.

Lexi sentiu um amargor inusitado, que deixou um gosto ruim na boca.

— É claro que tudo se resume a dinheiro.

— Vou começar a pesquisar. Deve haver um jeito de contornarmos isto, mas agora, assim de repente, a única possibilidade que me ocorre é pedir a um dos Farraday que supervisione.

— Sei. Vai ser *tranquilíssimo* conseguir isso.

— Não desista, Lexi. Vou continuar tentando.

— Certo — disse ela, pendurando a bolsa no ombro.

Ela mal podia esperar para tirar essas roupas ridículas de mocinha. Ela já deveria saber. Todo o sistema jurídico era construído para dar a gente como os Farraday o que eles quisessem.

— Estou indo, Scot. Obrigada.

Ela começou a se afastar. Ele a segurou pelo braço.

— Não faça nenhuma bobagem, Lexi.

— O que, por exemplo? Amar a minha filha?

Sua voz falhou ao dizer isso e ela virou as costas e saiu andando depressa.

Vinte e quatro



Lexi se sentou em um banco de praça do lado de fora do escritório de Scot.

Ela sabia o que era desistir. Quando foi negligenciada pela mãe e depois, quando era devolvida por uma família adotiva após outra, ela deixara de esperar algo mais. Quando menina, sentada em uma sucessão de agências governamentais à espera de novos pais, ela observava o relógio na parede e via os minutos passarem, pensando a cada mínimo *clique* que daquela vez ela não se envolveria, daquela vez ela não teria esperança e, assim, seria invulnerável.

Mas nunca dera certo. Por algum motivo que ela nunca compreendeu bem, a esperança estava em seu código genético. Mesmo na prisão, de pé em uma fila de mulheres com expressões vazias e desesperançadas, ela fora incapaz de se tornar uma delas. Nem o Valium tinha ajudado a abafar aquela partezinha brilhante que ela tinha dentro de si. O problema era que ela *acreditava*. Não sabia ao certo em que acreditava. Seria em Deus? Na bondade? Em si própria? Ela não tinha uma resposta. Só sabia que acreditava profundamente que, se fizesse a coisa certa, se sempre agisse da melhor maneira, assumisse a responsabilidade pelos próprios erros e tivesse uma vida baseada na moral, acabaria bem. Não seria igual à mãe.

Mas ela tinha feito tudo isso. Aceitara ser presa para redimir seu erro. Abrira mão da filha por amá-la muito. Tentara fazer as coisas certas, mas continuava enfrentando frustrações.

Ela conquistara o direito de ver Grace, mas não tinha dinheiro.

Como suportaria viver um ano nesta comunidade, vendo a filha, mas sem poder estar com ela? E como, sendo uma ex-presidiária quase sem histórico profissional ou recomendações, conseguiria um emprego que pagasse o aluguel e as despesas do dia a dia e ainda sobrasse o suficiente para os encargos jurídicos e a assistente social? E, ainda que de alguma forma conseguisse tudo isso, passaria os fins de semana com a filha sendo monitorada e julgada. Como seria possível desenvolver um relacionamento nessas circunstâncias?

O mais fácil seria desistir. Bastaria entrar em um ônibus com destino à Flórida, onde aparentemente o sol sempre brilha. Lá, ela poderia mandar cartas para Grace — ninguém podia impedir isso agora —, e ela e a filha se conheceriam à moda antiga. Talvez, em alguns anos, pudessem combinar uma visita.

Tudo o que precisava fazer era desistir. Aceitar a derrota e pegar o próximo ônibus.

Abandonar a filha pela segunda vez.

Esse pensamento bastou para nauseá-la. Ela se lembrou de todas as horas passadas na solitária, sentindo-se esvair naquela escuridão fétida, desejando desaparecer. Fora Grace que a fizera sair de lá, Grace que convencera Lexi a deixar de se tranquilizar com Valium e se rebelar com os punhos. Fora Grace que a fizera voltar a ser ela mesma. Ou, ao menos, a ideia de Grace.

Lexi se levantou e caminhou em direção ao escritório de Scot. Após acenar para a recepcionista, entrou no gabinete sem bater.

— Desculpe-me incomodá-lo.

— Você não é incômodo, Lexi — disse ele, afastando sua cadeira da mesa.

Ela pegou a nota de cem dólares que a tia Eva tinha lhe mandado e a mostrou para ele.

— Quanto tempo com a Grace eu consigo com isto?

— Não muito — ele respondeu com pesar.

Lexi mordeu o lábio. Ela sabia o que ele ia dizer, mas estava com medo.

— Só tem mesmo um jeito de ver a minha filha, não é?

Ele assentiu com a cabeça, lentamente.

Outro minuto passou. Ela esperou que ele a fizesse mudar de ideia.

— Então, muito bem — disse ela, após um longo silêncio.

Acomodando a bolsa no ombro, ela saiu da sala. Lá fora, tirou a tranca da bicicleta e montou, pedalando para fora da cidade. Embora pudesse economizar cinco quilômetros, ela evitou a Estrada da Noite e deu a volta mais longa. Não se permitiu pensar no seu destino nem no que faria quando chegasse lá.

No topo da longa trilha de cascalho, ela desceu da bicicleta.

A casa continuava linda contra o estuário azul e o céu mais azul ainda. O jardim estava um desastre, mas só quem o tivesse visto antes saberia disso. Para quem o visse pela primeira vez, era apenas uma confusão de cores.

Lexi segurou o guidão e empurrou a bicicleta pela trilha irregular. Na garagem, ela deitou a bicicleta lentamente no gramado aparado e então foi até a porta da frente e tocou a campainha.

Era curioso como aquele pequeno ato, de tocar a campainha, a lançara no passado. Por uma fração de segundo, ela voltara a ser

uma garota inocente de 18 anos, com o anel do namorado no dedo, chegando à casa da melhor amiga.

A porta se abriu e Jude ficou ali, parada. De camiseta preta e *legging*, estava perigosamente magra; as mãos e os pés pálidos pareciam grandes demais e ossudos, com veias azuis cobertas pela pele fina. As sombras de cor lavanda sob os olhos a envelheciam, e na risca do cabelo havia uma linha grisalha.

— Que audácia sua vir aqui! — falou Jude finalmente.

Sua voz tremeu um pouco, e aquela vibração ajudou Lexi a retomar o controle de seu próprio nervosismo.

— Que audácia a sua, também! Ela é minha filha.

— A Grace não está aqui. E a creche não vai mais deixar você falar com ela.

— Eu não vim ver a Grace — disse Lexi. — Vim falar com você.

— Comigo? — Jude estava cada vez mais pálida. — Por quê?

— Posso entrar?

Jude hesitou e depois deu uns passos para trás, sem saber ao certo se para deixar Lexi passar ou manter distância dela. De qualquer forma, Lexi entrou e fechou a porta.

A primeira coisa que Lexi viu foi o suéter de Mia, verde-bandeira com botões, pendurado no cabide. Ela prendeu a respiração e estendeu a mão para tocá-lo.

— Não mexa nisso — advertiu Jude rispidamente.

Lexi baixou a mão.

— O que você quer?

Lexi não podia ficar ali, ao lado do suéter em que não podia tocar nem conseguia deixar de olhar, então passou por Jude e entrou no salão ladeado de vidros. Pelas janelas que iam do chão ao

teto, via-se a praia. Foi bem ali que Zach disse que a amava... e ali tinham enterrado a cápsula do tempo. O pacto. A prova.

Ela deu as costas à essa vista. Jude agora estava de pé ao lado da lareira imensa, em que ardiam grandes labaredas naquele dia de verão, e ainda assim Jude parecia sentir frio.

Lexi se lembrou dela como uma mulher linda e confiante. Teria dado tudo para ter uma mãe como ela.

— Lembra quando a gente se conheceu? — perguntou Lexi em voz baixa, aproximando-se. — Foi no primeiro dia do ensino médio. Eu fui até onde a Mia estava e perguntei se podia me sentar ao lado dela. Ela me disse que seria suicídio social, e eu respondi...

— Não...

— Você não quer lembrar. Eu entendo. E você pensa que *eu* quero? Eu a sinto aqui sentada; ouço ela rir e dizer “*Madre*, que tal fazer um lanche para a gente?” e você rindo e dizendo “Eu vivo para servi-la, Mia”. Eu morria de inveja da família que vocês eram. Do tipo de mãe que você era. Eu sonhava em fazer parte desta casa. Mas isso você já sabe. Foi por isso que você insistiu para que o Zach fosse para a universidade na Califórnia: para ele ficar longe de mim. — Lexi suspirou. — Talvez você estivesse certa. O que eu faria se a Grace se apaixonasse com 17 anos? É muito cedo. Agora eu vejo isso. Muito jovem. — Ela andou na direção de Jude, que se encolheu. — Você era a melhor mãe do mundo.

— E daí? — disse Jude, com voz fraca.

— E daí... você deveria saber o que eu sinto pela Grace. Por que eu preciso vê-la. Você, mais que ninguém, deveria entender.

Jude inspirou com força e cruzou os braços sobre o peito.

— Saia, Lexi. Agora.

— Eu não posso pagar uma assistente social para supervisionar as visitas à Grace. Mas eu poderia vê-la se *você* supervisionasse.

— Saia da minha casa.

Lexi chegou perto de Jude. Sentia a sua animosidade, mas também uma dose de tristeza, e foi para a tristeza que Lexi falou.

— Você ama a Grace. Eu sei que ama. Você é como eu: talvez não saiba como ir para a frente ou para trás, mas você se lembra do que é o amor. Eu sou a mãe dela. Apesar do que eu fiz, ela precisa saber que eu a amo. Se ela não souber disso... — A voz de Lexi finalmente falhou. — Eu não vou fazer mal à Grace. Eu juro. E vou ficar longe do Zach. Só me deixe conhecer a minha filha. Eu lhe imploro.

Lexi tentou pensar em algo mais que pudesse dizer, mas nada lhe veio à mente. O silêncio entre as duas foi ficando pesado e finalmente Lexi encolheu os ombros e caminhou para a porta, onde o suéter verde era uma vívida lembrança da melhor amiga. Ela parou e voltou a olhar para o salão. Jude não tinha se movido.

— A Mia ficaria do meu lado — disse Lexi.

Jude finalmente olhou para ela.

— Graças a você, nunca vamos saber, não é?

Jude ficou ali, imóvel, congelando de frio, olhando para a porta fechada e o suéter verde suspenso ao lado e se esforçando para não sentir nada. Em um momento, tomou consciência de que o telefone estava tocando. Caminhou mecanicamente até a cozinha, pegou o telefone sem fio e atendeu.

— Alô.

— O telefone tocou um tempão — disse a mãe dela.

Jude suspirou.

— Foi?

— Você está tendo outro daqueles dias ruins? Eu posso...

— A Lexi acabou de sair daqui — contou ela, surpresa ao ouvir essas palavras em voz alta. Ela realmente não queria falar sobre aquilo com a mãe. Aliás, não queria falar sobre nada com a mãe, mas, naquele momento, não conseguia se conter. Sentia que os nervos estavam a ponto de rasgar a pele.

— A garota que dirigia naquela noite?

— É.

— Ah. Nossa! Que audácia!

— Foi o que eu falei. — Jude se encostou contra a parede, sentindo-se desgastada com tudo aquilo. — Ela quer que eu supervisione as visitas, para que ela possa ver a Grace.

— Você disse que não, claro. É o que eu faria.

As palavras da mãe levaram alguns instantes para produzir efeito. Então, Jude se ergueu.

— É o que você faria?

— Sem dúvida.

Jude se afastou da parede e caminhou até a janela. Olhando para fora, viu o seu jardim descuidado e desordenado. Era uma mistura caótica de cores vivas e folhas escuras. *É o que eu faria.*

— Você não pode deixar que essa garota cause mais mal a você — disse a mãe.

A Mia ficaria do meu lado.

A mãe ainda estava falando, dizendo algo sobre a dor, talvez, como se soubesse o que Jude sentia naquele momento, mas Jude não prestou atenção. Começou a andar para a escada, à deriva, como uma mulher levada pela corrente. Quando percebeu, estava na

frente do quarto de Mia, levando a mão à maçaneta e abrindo a porta pela primeira vez em anos. Foi até o closet, o abriu e entrou. Uma luz se acendeu automaticamente e ali estava, bem onde ela a deixara. Uma caixa rotulada MIA.

Uma fina camada de pó denunciava quanto tempo ela se mantivera distante. Passaram-se anos até ela conseguir reunir forças para guardar aqueles pertences. Depois disso, não restara energia para lembrar-se deles.

— Tchau, mãe — disse ela, e desligou o telefone, deixando-o cair no carpete.

Ela ficou de joelhos e levantou as abas da caixa. As lembranças da breve vida de Mia estavam cuidadosamente guardadas. Anuários escolares. Troféus de futebol e vôlei. Um antigo tutu cor-de-rosa que uma vez coubera em uma menina de seis anos. Moletons da USC. Barbies sem roupas e um par de sapatinhos brancos de bebê, desgastados. Tudo, exceto o diário, que ela nunca conseguira encontrar.

Ela retirou cada um dos objetos, cheirando-os, segurando-os próximo ao rosto. Embora tivesse chorado durante muitos anos, as lágrimas pareciam ser novas, mais quentes, e queimavam seus olhos e bochechas. No fundo da caixa estava uma foto emoldurada de Mia, Zach e Lexi, em que os três apoiavam os braços negligentemente nos ombros uns dos outros. Seus sorrisos reluziam.

Ela quase podia ouvir as risadas...

A Mia ficaria do meu lado.

Estranhamente, essa frase trouxe Mia de volta com tamanha intensidade, como se ela tivesse passado pela porta e dito “Oi, *madre*” e dado uma risada. Não era a Mia das lembranças estáticas,

mas a Mia mesmo, com aquele sorriso vibrante, o estilo doido de se vestir e as inseguranças.

Mia *ficaria* do lado de Lexi. Pensar na opinião da filha envergonhou Jude até o fundo da alma. Sua mãe apelara para o que havia de pior em Jude — *Você disse que não, claro*. Lexi, para o que ela tinha de melhor.

Você era a melhor mãe do mundo.

As palavras carregaram uma avalanche de reminiscências, e Jude estava exausta, exaurida demais para continuar se esquivando delas. Pensou em Mia no último ano, uma jovem tranquila, pensativa, que não fazia ideia da beleza que tinha, que se apaixonara pela primeira vez e se desiludira. Uma moça de 18 anos que amava sem limites e encontrava alegria nas coisas mais simples — um velho coelho de pelúcia, um filme da Disney, um abraço da mãe.

Naquele momento, Jude sentiu algo se partir dentro de si, como um músculo que se esgarça do osso.

Hola, madre, como foi o seu dia?

Eles pensavam que fossem fluentes, os gêmeos, após um ano de aulas de espanhol. Jude achava hilário, e eles sabiam disso.

Ela passou muito tempo ali, lembrando Mia pela primeira vez em anos — revivendo-a de verdade. E, ao encontrar as memórias de sua filha, reconquistou uma parte de si que estava perdida. E sentiu vergonha da pessoa em quem ela se permitira se transformar.

Jude não fazia ideia de quanto tempo ficara sentada ali.

Finalmente, olhou para o relógio, surpresa ao constatar que estava na hora de buscar Grace na creche. Antes, em um dia como aquele, ela teria se esquecido da neta. Teria passado horas no closet, talvez até tivesse adormecido. Agora, desceu a escada, encontrou a

chave do carro e foi até a Ursinho Atrapalhado. Parou em frente à creche, bem na hora.

— Oi, vovó — disse Grace, em tom apático quando Jude apareceu, e Jude percebeu subitamente, distintamente, o que Lexi tinha dito: *Ela tem medo de você*.

No curto trajeto até a casa de Zach, Jude observou Grace pelo retrovisor.

Ela era muito parecida com Mia. Mas, pela primeira vez, não foram as semelhanças físicas que entristeceram Jude, mas as diferenças. Mia e Zach riam e conversavam constantemente, explorando o seu mundo como um par de Marcos Polos em miniatura, confiantes, felizes... e seguros, na certeza de que eram amados.

Jude estacionou o carro e ajudou a neta a sair da cadeirinha. Grace desceu do carro e foi na direção da casa.

— Quer jogar alguma coisa? — perguntou Jude, seguindo-a.

Grace olhou para ela, obviamente surpresa.

— *Você quer brincar comigo?*

— Claro.

— Legal!

Grace correu para dentro da casa e foi até o quarto. Reapareceu alguns momentos depois, segurando uma caixa colorida de *Serpentes e escadas*.

— Está pronta?

Jude acompanhou Grace até a mesa.

— Você estava quietinha hoje na creche — disse Jude, avançando a sua peça.

Grace deu de ombros.

— Por quê? — perguntou Jude.

Grace encolheu os ombros outra vez.

— A mãe do Jake levou doces.

— E você não ganhou um?

— Ganhei alguns — falou Grace, olhando fixamente para o jogo.

— Ah — disse Jude, compreendendo. — A *mãe* dele levou doces.

— A mãe de todo mundo leva coisas às vezes.

Jude se apoiou na cadeira. Como poderia se surpreender? Durante dezoito anos, ela fora a mãe que levava doces. Fora a mãe que ia às festas, a mãe das excursões, a presença constante. Mas jamais fizera nada daquilo pela neta.

— Um dia desses, eu posso levar *cupcakes*.

— Tá bom — concordou Grace, sem erguer o olhar.

Novamente, Jude entendeu.

— Não é a mesma coisa que uma mãe, né?

— Você vai jogar?

— Claro — disse Jude.

Durante a hora seguinte, ela se concentrou em mover as peças pelos quadrados multicoloridos. Manteve uma conversa constante e, no segundo jogo, Grace começou a se abrir.

Mas ela sabia que Lexi tinha razão: Grace não era uma menina feliz. Boa parte dos seus diálogos se dirigia ao espelhinho no pulso, à amiga imaginária. E por que as crianças inventavam amigos imaginários? Não era preciso ser terapeuta para saber a resposta. Era porque se sentiam sozinhas e sem amigos de verdade.

Jude estava tão atenta observando Grace que não ouviu a porta da frente se abrir.

Zach entrou em casa, largando a mochila pesada sobre a mesa de centro.

— Papai!

O rosto de Grace se iluminou quando ela correu para os seus braços. Ele a segurou e lhe deu vários beijos no rosto, até que ela riu e pediu a ele que parasse.

Miles chegou atrás do filho, sorrindo.

Jude olhou para os dois, o marido que amava havia tanto tempo e que tinha praticamente abandonado e o filho a quem protegera boa parte da vida como se fosse uma flor rara e a quem depois dera as costas. Notou as marcas que a tristeza deixara na pele dos dois, em seus olhos, até em sua postura, e teve consciência de quanto ela contribuía com tudo isso. Ela tinha sido a lama que os mantivera afundados na dor. Por conta própria, eles teriam se recuperado.

Você era a melhor mãe do mundo.

Jude ficou de pé.

— Preciso falar com vocês dois.

Zach franziu a testa e disse à filha:

— Gracie, por que não vai pegar seu livro de colorir e os lápis? Eu adoro ver você colorir.

— Está bom, papai.

Ela escorregou dos braços de Zach e saiu.

Jude entrelaçou as mãos. Eles estavam prestando atenção nela, mas agora ela tinha medo de dizer as palavras.

— A Lexi foi falar comigo hoje.

Zach ficou imóvel.

— O que ela queria?

Jude olhou para o filho. Era um homem. Jovem, mas um homem, e ela tinha tanto orgulho dele que mal cabia em si. Quando lhe havia dito isso, nos últimos anos?

— Ela me pediu para supervisionar as visitas dela com a Grace. Ela não pode pagar a assistente social que a corte exigiu.

— O que você disse? — perguntou Miles, aproximando-se do filho.

— Ela não tem como conhecer... a filha a menos que eu concorde — explicou Jude, ganhando tempo.

— O que você disse? — indagou Zach, repetindo as palavras do pai.

Jude sentiu o coração acelerar.

— Eu tenho medo — disse ela baixinho.

Provavelmente nunca ficara tão vulnerável em muito tempo. Não tinha mais controle, estava insegura e amedrontada. Em geral, escondia essas emoções de Zach e de Miles, ela as enterrava, mas agora não tinha forças para isso.

Ela foi até Zach, que nunca tinha sentido medo enquanto a irmã estava viva, nem se sentira só, mas agora ela viu essas duas emoções em seus olhos.

— Eu não quero fazer isso, mas vou aceitar — disse Jude.

— Vai aceitar? — perguntou Zach em voz baixa.

— Pela Grace e pela Mia — falou Jude, olhando para o filho. — E por você.

Vinte e cinco



Algo estranho estava acontecendo.

Grace e Ariel estavam no sofá, embrulhadas no cobertor preferido de Grace, o amarelo peludinho. Havia poucas luzes acesas na casa e estava escuro lá fora, então ela não conseguia ver bem o espelho do pulso, mas sabia que Ariel estava ali porque a ouvia cantarolar. Ariel adorava cantarolar.

Grace não sabia a hora, mas sabia que era tarde. Ela nunca tinha podido ficar acordada tanto tempo depois do jantar e o filme na TV tinha todo tipo de palavra feia, mas ninguém se importava com o que ela estava ouvindo. Nem que visse um cara dar um tiro na cabeça do malvado.

Ninguém prestava a menor atenção em Grace. O pai, a avó e o avô tinham passado a noite inteira sussurrando. Fizeram vários telefonemas e olharam a agenda do pai umas vinte vezes. Grace não sabia de que estavam falando, mas a avó várias vezes ficava brava com o avô e dizia coisas como *Eu sei o que você pensa, Miles* e *O que eu vou dizer para ela? Talvez tenha sido um erro...*

O avô disse que era *tarde demais* para aquilo, porque a *Lexi sabe* e os sussurros frenéticos recomeçaram.

— Quem é Lexi? — perguntou Grace, olhando para eles do sofá.

Os três adultos pararam de falar e olharam para ela.

— É hora de ir para a cama, princesa — disse o pai, e Grace desejou ter mantido a boca fechada. Reclamando, ela caminhou até o avô e abriu os braços para ganhar um abraço. Ele a pegou no colo e a fez girar, beijando seu pescoço. Ela se segurou nele, rindo enquanto ele a colocava de volta no chão.

Grace foi até a avó, que estava em pé ao lado da porta de vidro, roendo a unha do polegar. Ela precisou juntar bastante coragem, mas disse:

— Vovó, obrigada por jogar *Serpentes e escadas* comigo.

A avó parou de roer a unha e olhou para baixo.

Grace tentou sorrir, mas não se saiu muito bem.

Aí, a avó fez a coisa mais incrível: ela se abaixou e pegou Grace no colo.

Grace ficou tão surpresa que prendeu o ar. Ela pensou em abraçá-la, mas tudo terminou tão depressa que ela mal teve tempo de piscar e avó sussurrou:

— Boa noite, Gracie. Tenha lindos sonhos.

Foi *muito* esquisito. Grace foi para junto de seu pai e pôs a mão no bolso traseiro dele, para ficar bem perto. Ele a pegou no colo e a levou até o banheiro que eles dividiam. Ajudou-a a escovar os dentes e a se preparar para dormir. Após vestir o pijama, ele a colocou na cama e se sentou ao lado dela.

O quarto estava uma bagunça, com brinquedos por toda parte, e o edredom do Wall-E parecia um bolo no pé da cama. O pai o esticou direitinho, cobrindo Grace.

— Vamos ler mais do *Jardim secreto* hoje, papai?

— Hoje não, princesa.

Pergunte.

— O quê? — murmurou Grace furiosamente para o pulso.

— Por que você está falando com a Ariel quando eu estou bem aqui? — perguntou o pai, franzindo as sobrancelhas.

— A Ariel acha que tem alguma coisa estranha acontecendo.

— Ela acha, é? E o que ela pensa que é?

— O que é? — murmurou Grace para o pulso, mas Ariel tinha sumido. — Acho que ela foi dormir.

Ele desabotoou a pulseira de Grace.

— Ela não pode dormir comigo hoje? — perguntou Grace em um murmúrio. Essa era uma briga antiga, e ela não esperava vencer, mas precisava perguntar.

— Você já sabe a regra. Ela dorme na mesinha.

O pai se deitou na cama estreita e apoiou a cabeça no grande panda de pelúcia atrás dele. Grace se encostou nele e o encarou.

— Papai?

Ele acariciou seu cabelo.

— O quê, Gracie?

— Quem é Lexi?

Ele parou de acariciá-la.

— Lexi é a sua mãe.

Grace chutou o edredom e se sentou, sobressaltada.

— O quê?

— A Lexi é a sua mãe, Grace.

— Uau! — disse Grace. — Ela é espiã?

— Não, meu amor.

— Astronauta?

— Não.

Grace se sentiu mal, mas não sabia bem por quê.

— Onde é que ela estava?

— Ela esteve... ocupada. Acho que essas coisas você tem de perguntar a ela.

— Eu posso fazer perguntas?

— Ela quer ver você, Gracie.

— Quer? — Grace sentiu uma emoção completamente nova crescer dentro dela. Era brilhante como papel-alumínio, cintilante como uma coroa de aniversário. — Ela sentiu saudade de mim?

— Acho que sim — respondeu ele.

— Uau! — exclamou Grace novamente.

Ela tentou imaginar como seria ter uma mãe, alguém que soubesse tudo sobre ela e a amasse mesmo assim. Agora Grace finalmente seria como as outras crianças.

Mas por que a mãe a deixara, para começo de conversa? E quanto tempo iria ficar? E se ela não gostasse da Grace? E se...

— Papai? — perguntou Grace, franzindo a testa. — Por que você parece tão triste?

— Não estou triste, meu amor.

— Você não quer ver a minha mamãe?

— É claro que eu quero — respondeu ele, mas ela sabia que era mentira. Ela o vira triste muitas vezes, mas agora era pior que triste.

— E se ela não gostar de mim?

— É de mim que ela não gosta, princesa.

— Se ela não gosta de você, eu não gosto dela — declarou Grace, cruzando os braços.

Ela notou que o pai mal ouviu o que ela disse. Ele estava olhava fixamente para a foto na mesa de cabeceira — a foto dele e da irmã sentados em um tronco, em uma praia.

Ele não queria que ela falasse com a mãe. Por quê?

De repente, Grace sentiu medo. Ela se lembrou do que acontecera com Allyson, da turma do ano passado, quando os pais da menina se divorciaram. Um dia Ally estava na aula e, no dia seguinte, tinha ido embora para morar com a mãe, que se mudou.

— Eu vou ver a minha mãe, mas vou ficar aqui com você, não é, papai? Não é?

O pai respondeu:

— É, Gracie. Claro.

Mas, pela primeira vez em sua vida, ela não acreditou no pai.

— Eu vou ficar com você — insistiu ela.

Lexi passara as últimas vinte e quatro horas em uma montanha-russa de emoções, subindo esperançosa e despencando de medo. Em meio a tudo isso, ela fez planos e se organizou. Pegou a caixa de sapatos cheia de cartas escritas para Grace e a amarrou com uma fita. Seu presente para a filha. Era tudo o que ela tinha.

Depois, esperou impacientemente.

Finalmente chegou a hora. Ela subiu na bicicleta emprestada e pedalou para fora da cidade.

Na entrada dos Farraday, ela diminuiu e pedalou com cuidado pela trilha de cascalho. Após deixar a bicicleta perto da garagem, pendurou no ombro a bolsa velha e fora de moda e foi até a porta da casa. Respirou fundo e tocou a campainha.

Jude abriu a porta quase imediatamente. Seu rosto estava pálido, os olhos, vítreos. Sem maquiagem, o rosto não tinha aquela vibração falsa e ela parecia tanto mais jovem quanto mais velha. Os cabelos louros — que precisavam ser pintados — estavam recolhidos em um rabo de cavalo apertado e ela vestia uma calça branca de

tecido macio e um casaco cinza de tom aguado. No conjunto, estava descolorida, uma mulher feita de nuvens.

— Por favor, bata à porta daqui para a frente. Eu não gosto da campainha. Entre.

Lexi ficou parada, lembrando-se, pelo olhar de Jude Farraday, do que tinha feito.

Jude deu um passo atrás para que Lexi entrasse.

O suéter verde atraiu seu olhar.

— Uma hora — disse Jude. — E vocês ficam no salão.

Lexi concordou. Incapaz de continuar olhando para a dor estampada no rosto de Jude, passou por ela e entrou no salão. A luz do sol atravessava as janelas e parecia incendiar as madeiras exóticas. O fogo queimava na lareira gigante, mandando para a sala um calor desnecessário.

Quando Lexi entrou, Grace se levantou. A menina vestia uma linda blusa amarela e macacão azul-claro. Um par de marias-chiquinhas pendia de cima de cada orelha, como apóstrofes.

— Oi — falou Grace, entusiasmada. — Estou esperando a minha mamãe.

— Eu sou a Lexi — disse ela, nervosa.

— Você é a Lexi? — perguntou Grace.

— Sou.

Grace olhou para ela com ar desconfiado.

— Você é a minha mamãe?

Lexi precisou pigarrear.

— Sou.

Grace deu um gritinho e correu na direção dela.

Lexi segurou a filha pela segunda vez na vida, abraçando-a com tanta força que Grace começou a se contorcer. Grace escorregou

até o chão, pegou a mão de Lexi e a levou até o sofá, onde se sentaram juntas.

Grace se encostou em Lexi.

— Você quer jogar?

— Podemos ficar assim um minuto? É tão bom segurar você de novo...

— Como assim, de novo?

— Quando você nasceu, o médico pôs você nos meus braços pela primeira vez. Você era pequenininha e toda rosada. O seu punho era do tamanho de uma uva.

— E por que você não quis ficar comigo?

— Eu queria, sim — disse Lexi com ternura, vendo a confusão nos olhos verdes da filha. — Eu queria você loucamente. — Ela ofereceu a caixa de sapatos cheia de cartas para Grace. — Eu escrevi estas cartas para você.

Grace observou as cartas amassadas, empilhadas na caixa velha, e Lexi não pôde deixar de sentir vergonha, como se o seu amor fosse pobre como aquela oferenda.

— Ah.

— Eu sei que não é um grande presente.

— O meu pai me amou desde o primeiro segundo em que me viu.

— É verdade.

O lábio inferior de Grace tremeu ligeiramente.

— Ele disse que você me chamou de Grace e ele me chamou de Mia.

— Ele amava a irmã mais que a qualquer pessoa no mundo. Exceto você.

Grace estudou Lexi.

— Você conhecia ela?

Lexi ouviu Jude inspirar com força e levantou o olhar. Do outro lado da sala, Jude a encarava.

— Ela foi a melhor amiga que eu tive na vida — disse Lexi. — Mia Eileen Farraday. Você é muito parecida com ela... Mia adorava pregar peças. Alguém contou isso a você? Ela colocava plástico-filme no assento da privada do seu pai. E ela não sabia cantar, mas pensava que sabia e, quando o seu pai pedia a ela que se calasse, ela ria e cantava ainda mais alto. — Lexi sentiu algo se abrir dentro de si ao falar sobre Mia. Aquelas lembranças tinham passado tanto tempo presas, como uma libélula em âmbar, mas agora estavam amolecendo. Ela olhou para Jude. — Eu dei à Mia aquele suéter verde que está pendurado ali na entrada. Gastei todo o dinheiro que eu juntei em um mês, mas, quando eu o vi, soube que ficaria perfeito nela, pois combinava com seus olhos. E queria que ela soubesse quanto aquela amizade significava para mim.

— O papai nunca fala dela.

— É — disse Lexi, voltando a olhar para a filha. — Talvez seja mais fácil assim. Quando se ama alguém... e se perde essa pessoa, você também pode acabar se perdendo. Mas o seu pai teve você para amar todos esses anos. Eu também quero isso.

— Como assim?

— O que você acharia de algum dia morar comigo? Poderíamos nos conhecer melhor e eu...

— Eu *sabia*. — Grace desceu do sofá. — Eu não vou deixar o meu papai.

— Eu não quis dizer isso, Grace.

— Quis, sim. Você falou.

Ela correu até onde Jude estava sentada e subiu em seu colo, agarrando-se à avó como um macaquinho faria.

Lexi a seguiu. Ajoelhou-se no piso aos pés de Jude.

— Desculpe-me, Grace. Eu...

Grace se retorceu para olhar para Lexi.

— Você não me quis.

— Eu quis, sim — disse Lexi.

— Por que você me deixou?

Como responder àquilo? Ajoelhada ali, olhando para a filha assustada, ela se lembrou de *ser* aquela menininha, confusa com uma mãe que nunca a queria, mas às vezes fingia querer. As lembranças a atordoaram, fizeram com que ela se sentisse patética e mesquinha.

— Eu sempre amei você, Gracie.

Grace levantou o queixo pontudo.

— Eu não acredito. As mães boas não vão embora.

Lexi se lembrou de dizer o mesmo à sua mãe, que caíra em prantos e jurara que seu amor era verdadeiro.

Ela sabia melhor que ninguém que só o tempo provaria o seu amor. Grace teria de *aprender* a acreditar que a mãe a amava.

— Eu quero morar com o meu papai — insistiu Grace.

— Mas é claro — disse Lexi. — Eu errei ao dizer aquilo. Eu fiquei... longe tanto tempo e não sei nada sobre crianças. Mas eu quero aprender.

— Você é mãe. Você já devia saber — retrucou Grace, agarrando a manga de Jude.

O que Lexi poderia dizer? Ela se levantou devagar e olhou para as duas.

— Acho melhor eu ir. Obrigada, Jude — disse, com a voz embotada. — Eu sei que você não fez isso por mim, mas agradeço.

— Você vai me deixar *de novo*? — perguntou Grace.

— Eu volto — prometeu Lexi, recuando. Em dez minutos com a filha, tinha feito tudo errado. Deixara Grace apavorada. — Na semana que vem, está bem? No mesmo dia, à mesma hora?

— Você deixou algo no sofá — disse Jude.

Lexi olhou para a pilha de cartas. Dali, naquela sala perfeita, pareciam pequenas, sujas e desordenadas. Ela fora tola de pensar que cartas teriam importância para uma criança de 5 anos. Mais um erro.

— São para a Grace — foi tudo o que conseguiu dizer antes de deixar a filha novamente.

— Ela nem sabe que eu não sei ler — disse Grace, com a voz carregada de decepção. Ela se desvencilhou dos braços de Jude e ficou de pé. — Quando o meu pai vai chegar?

Jude não conseguia tirar os olhos da caixa de sapato amarrotada sobre o sofá. Parecia absurdamente pequena e deslocada contra o tecido caro.

— Vovó? — chamou Grace, batendo o pé no chão para enfatizar. — Eu quero ir para casa.

Jude levantou os olhos e viu Grace em frente à lareira, com um olhar revoltado. A neta estava com medo, e quando isso acontecia ela se tornava agressiva. Era exatamente o que Zach teria feito com aquela idade.

— Está bem. Mas eu não sei a que horas o papai vai chegar.

— Eu não ligo — disse Grace, mas a voz titubeou um pouco.

— Você quer um abraço?

— Eu só quero ver o papai.

Jude suspirou. Não deixava de ser natural que Grace não desejasse ser consolada por uma avó que passara anos ignorando-a.

— Pegue as suas coisas e vamos.

Enquanto Grace recolhia os brinquedos, Jude caminhou lentamente para a sala. Olhou para a caixa cheia de cartas durante alguns instantes.

— Estou pronta — declarou Grace, segurando o cobertor amarelo contra o rosto.

Jude pegou a caixa e a levou para o carro. Pôs Grace na cadeirinha e deixou as cartas no assento do passageiro, onde agora pareciam ocupar muito espaço.

Jude percebia quanto a neta estava irritada e queria acalmá-la, mas tantos anos de separação tinham feito dela uma estranha. Grace nem olhava para a avó à espera de consolo.

— É natural que você fique nervosa, Gracie. Aposto que conhecer a sua mãe é uma coisa confusa.

Grace a ignorou, falando furiosamente com o pulso.

Jude observou a neta por bastante tempo, talvez mais do que nunca. Então, lentamente, deu um passo atrás e fechou a porta do carro. No trajeto até a casa de Zach, Jude tentou iniciar algumas conversas, mas Grace não respondeu. A menina só repetia “Volte, Ariel, eu preciso muito de você”, e os sussurros fervorosos fizeram Jude lembrar anos passados, quando uma garotinha igual a Grace sussurrava constantemente para o irmão em uma língua que só ele compreendia.

Chegando à casa, Jude estacionou e ajudou Grace a sair do banco. Ela segurou a mãozinha de Grace.

— Que tal eu ler uma história para você?

Grace lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Está bem — concordou por fim, lentamente, como se esperasse que Jude retirasse a oferta ou talvez começasse a rir.

Caminharam em silêncio até a casa e Grace foi direto para o quarto. Pegou a boneca favorita, uma princesa branca reluzente, e subiu na cama branca de madeira, enfiando-se sob o edredom de Wall-E.

— Vou chupar o dedo — disse em tom de desafio.

Jude não pôde deixar de sorrir.

— Acho que eu também. — E pôs o polegar na boca.

Grace sorriu.

— Você é muito velha.

Rindo, Jude foi até a estante.

Um livro fino, de capa branca, chamou sua atenção. Ela o retirou devagar de entre os outros e se sentou ao lado de Grace. Abrindo o livro, começou a ler.

— “Na noite em que Max vestiu sua fantasia de lobo e saiu fazendo bagunça uma atrás da outra a mãe dele o chamou de ‘MONSTRO!’...”

As palavras transportaram Jude até um quarto repleto de bonecos de heróis e dinossauros de plástico, e um menino que ria constantemente e só ouvia histórias se tivesse a irmã ao seu lado. As lembranças estavam tão próximas que seria possível tocá-las. Por um segundo, ela voltou a ser uma mãe jovem, sentada no meio de uma cama *king size*, com uma criança apoiada em cada braço e um livro aberto nas pernas...

— Não é triste, vovó. Por que você está chorando?

— Eu tinha esquecido que adoro este livro. Ele me lembra dos meus... filhos.

Era a primeira vez em anos que pronunciava em voz alta aquela palavra meiga: filhos. Ela tivera dois.

— Eu também gosto — afirmou Grace aproximando-se de Jude, quase se apoiando nela.

Durante muito tempo ficaram ali, unidas enquanto Jude lia a história. Quando ela fechou o livro e olhou para baixo, Grace tinha adormecido.

Ela beijou o rosto rosado e macio de Grace e saiu do quarto, fechando a porta.

Na sala, encontrou as cartas esperando por ela na mesa de centro, onde as tinha deixado.

Não eram para ela.

Ainda assim, ela observou a pilha sanfonada de cartas. Percebeu que os envelopes não estavam lacrados. Talvez Lexi tivesse voltado a ler o que escrevera ao longo dos anos.

Finalmente, ela pegou a caixa e se sentou com ela no colo. Olhou para elas durante um longo tempo, sabendo que era errado lê-las.

Só uma. Para ver se vai partir o coração do Zach...

Puxou o primeiro envelope da caixa e o abriu. Dentro, a carta estava escrita em um papel branco barato. Havia borrões cinzentos na superfície. Lágrimas.

A carta estava datada de novembro de 2005. Lexi demorara bastante tempo para escrever a primeira carta.

Com um aperto no peito que pareceu o comecinho de mais um ataque de pânico, Jude começou a ler. Tinha lido só os primeiros parágrafos quando a porta da frente se abriu e Zach entrou. Ele parecia nervoso, tenso.

— Oi, mãe — falou, jogando no chão a mochila, que deslizou pelo piso de madeira e bateu contra a parede. Ele tirou os cabelos dos olhos com impaciência. — Como foi hoje com a Lexi?

De repente, Jude se perguntou se sempre fora assim. Ele sempre pensava em Lexi? Nesse caso, quanto trabalho teria dado para esconder esses sentimentos?

— Escute isto — disse Jude.

— Posso ouvir depois? Eu quero saber...

— É uma carta que a Lexi escreveu para a Grace na prisão.

— Nossa...

Zach se deixou cair na poltrona de TV na frente da lareira.

Jude notou que ele estava com medo de ouvir aquelas palavras, o que ela compreendia. Era mais fácil suprimir a perda que enfrentá-la. Ao menos esse fora o caminho que ambos tinham escolhido. Ela pigarreou e começou a ler:

Querida Grace:

Eu tinha 18 anos quando tive você. Parece um tanto bobo dizer isso, já que agora eu só tenho 19, mas pensei que seria algo que você talvez gostasse de saber a meu respeito.

Eu queria conseguir esquecer você. É uma coisa horrível de dizer, mas, se você tiver idade para ler esta carta, já saberá onde eu estou e o que fiz. E por que não posso ser sua mãe.

Então, eu gostaria de esquecer você.

Mas não consigo.

Eu acordo neste lugar e a primeira coisa em que penso é em você. Fico imaginando se os seus olhos ficaram verdes como os do seu pai ou se são azuis como os meus. Me pergunto se você já dorme

a noite inteira. Se eu pudesse, cantaria para ninar você todas as noites. Não que eu conheça cantigas de ninar...

Eu me apaixonei por você antes mesmo de você nascer. Como é possível? Mas é verdade, e aí segurei você no colo, e depois dei você para o Zach.

Que mais eu poderia fazer? Pedir a você que me visitasse neste lugar e me visse atrás das grades? Eu sei como isso é ruim.

Eu li em algum lugar que perder alguém é como quebrar um osso. É preciso engessar direitinho, senão pode doer para sempre. Eu rezo para que algum dia você entenda isso e me perdoe.

Eu não vou mandar esta carta, mas talvez um dia, quando você crescer, venha me procurar, e então eu terei esta caixa cheia de cartas para dar a você. Vou dizer “Viu? Eu amava você”. Talvez você acredite em mim.

Até lá, ao menos sei que você estará segura. Eu sonhava que era uma Farraday. Você tem muita sorte de ter essa família. Se você estiver triste, procure o Miles. Ele sempre faz a gente rir. Ou peça um abraço à Jude — ninguém dá abraço melhor que a sua avó.

E o seu pai. Se você deixar, ele lhe mostra todas as estrelas do céu e faz com que você se sinta capaz de voar.

Então eu não me preocupo com você, Gracie.

Vou tentar esquecê-la. Desculpe-me, mas eu preciso fazer isso. Amar você dói demais.

Jude olhou para o filho, que estava com os olhos brilhantes. Parecia novamente o seu garoto de ouro, o seu Zach, e, naquele momento, ela se lembrou da jovem Lexi, da menina sempre disposta a dar seu coração e que fora a melhor amiga que a Mia tivera.

Lembrou-se da garota do acampamento de trailers que nunca soubera o que significava amor de mãe, mas sorria sempre.

— O encontro da Lexi com a Grace não foi bom. A Lexi fez besteira.

— Como assim?

— Ela foi rápido demais, forçou a barra antes que a Grace estivesse pronta.

— Ela não sabe ser mãe. Como iria saber?

— Ninguém sabe — disse Jude baixinho. — Eu me lembro de como você e... a Mia me fizeram sentir arrebatada.

— Você foi uma excelente mãe.

Jude não conseguiu olhar para ele.

— No passado, talvez. Mas não mais. Eu não sou uma mãe para você há muito tempo, nós dois sabemos disso. Eu... perdi aquilo. Eu pensei... — Jude fez uma pausa e se obrigou a olhar de novo para ele. — Eu culpei você. É verdade, mesmo sabendo que não deveria. E culpei a Lexi. E a mim.

— Não foi culpa sua. Nós fomos irresponsáveis... naquela noite — falou ele.

A lembrança fez Jude sentir uma pontada no coração. Era o tipo de dor que antes sempre fora um obstáculo e a fazia retroceder. Dessa vez, ela foi em frente.

— Você tem razão — disse suavemente. — Você não devia ter bebido naquela noite, mas a Lexi não devia ter dirigido, e eu não devia ter deixado vocês irem. Eu sabia que teria bebida. O que eu tinha na cabeça quando acreditei que adolescentes bêbados tomariam decisões sensatas? Por que simplesmente aceitei que eu não tinha como impedir que vocês bebessem? E... a Mia devia ter usado o cinto. Há culpa para dar e vender.

— A culpa é *minha* — afirmou ele e, embora Jude o tivesse ouvido dizer isso outras vezes, sentiu pela primeira vez o peso desse fardo. Envergonhou-se ao perceber que se concentrara tanto na própria dor que deixara o filho carregar a dele sozinho.

Foi até ele, pegou-o pela mão e o fez ficar de pé.

— *Todos* nós carregamos isso, Zach. E carregamos há tanto tempo que as nossas colunas se curvaram. Precisamos voltar a ficar de pé. Precisamos nos perdoar.

— Como? — perguntou ele simplesmente.

Em seus olhos verdes, ela viu Mia também. De alguma forma ela tinha esquecido isso, em meio à tristeza: seus filhos eram gêmeos, e Mia sempre estaria viva em Zach. E agora também em Grace.

Ela tocou o rosto dele, observando a discreta cicatriz no queixo.

— Ela está aqui... em você — disse com ternura. — Como fui esquecer isso?

Vinte e seis



-V enha — diz mamãe Lexi, estendendo a mão. —Você quer morar comigo, não quer?

A mão fica preta e longas garras amarelas nascem dos dedos que parecem ganchos, e Grace grita...

— Estou aqui, princesa.

Ela ouviu a voz do pai e o envolveu com os braços. Ele tinha o cheiro de sempre e o pesadelo foi se desfazendo até ela lembrar que estava na sua cama, no seu quarto, no seu lugar. Não havia monstros ali.

O pai a abraçou e acariciou seus cabelos.

— Tudo bem?

Ela se sentiu um bebezinho.

— Desculpe, papai — murmurou.

— Todo mundo tem sonhos ruins de vez em quando.

Ela sabia que era verdade, pois, quando era pequena, ouvia o pai gritar dormindo e ia até o quarto dele e subia na cama. Ele nunca acordava, mas parava de gritar quando ela estava com ele. De manhã, ele dava um sorriso cansado para ela e dizia que ela tinha de ser uma menina grande e aprender a dormir na própria cama.

— Não me faça ir embora, papai. Eu não minto mais. Prometo. E não vou mais dar soco no nariz do Jacob, *nunca mais*. Eu vou ser boazinha.

— Ah, princesa... — disse ele, suspirando. — Eu devia saber que a sua mãe viria atrás de você. Devia ter preparado nós dois. É que... eu tentei não pensar nela.

— Porque ela é malvada?

— Não — falou o pai com uma voz tão triste que a assustou. — Ela é o oposto de malvada.

— Talvez ela tenha ficado malvada quando era espiã.

— Ela não é espiã, princesa.

— Como você sabe?

— Sabendo.

Grace mordeu o lábio inferior, nervosa.

— Como ela é?

O pai balançou a cabeça. Passou muito tempo quieto. Grace estava quase perguntando outra coisa quando ele disse:

— Eu conheci a sua mãe na escola. — A voz dele estava estranha, como se tivesse algo preso na garganta. — Eu ia convidá-la para sair naquele primeiro dia, mas ela já era amiga da Mia. Então... eu tentei não amar a Lexi... até que uma noite... ela quase me beijou. Isso mudou tudo. Depois daquilo, eu não consegui mais ficar longe dela.

— As meninas não devem fazer isso — murmurou Grace, com o dedão na boca.

— A sua avó dizia que as meninas podem tudo. Pelo menos era o que ela falava para a minha irmã.

Grace franziu a testa. O pai estava todo... molenga e com os olhos brilhantes. Parecia estar apaixonado pela mãe, mas isso era bobagem, porque ele disse que ela não gostava dele. Nada daquilo fazia sentido.

— Mas ela não me quis — disse Grace. — Ela me abandonou.

— Às vezes, as pessoas não têm escolha.

— Ela vai me visitar de novo?

Ele olhou para Grace.

— A sua mãe é muito especial, princesa. Eu sei que ela ama você. É isso que importa agora. O motivo de ela ter ido embora... bom, na verdade, também é minha culpa. Eu deixei que ela assumisse o erro. Mas eu também errei.

— Errou no quê?

Ele pareceu que ia dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Deu um beijo na testa dela.

— Papai?

— Durma, filha. Tudo vai dar certo. Você vai ver. Nós vamos resolver tudo.

— Mas você vai ficar comigo, não é, papai?

— É claro, mas ela é sua mãe, Gracie, e você precisa dela, acredite ou não.

— Eu fiz tudo errado, Scot — repetiu Lexi. Estava na sala dele, caminhando para lá e para cá em frente à janela, roendo a unha do polegar.

— Lexi. *Lexi*.

Ela parou e o encarou.

— Você disse alguma coisa?

— Sente-se. Você está me deixando tonto.

Ela foi até a mesa e ficou ali parada, olhando para Scot, que hoje parecia um pouco cansado. O cabelo estava despenteado e a gravata, torta.

— Você está bem?

— O Danny está tendo cólicas. A Jenny e eu não temos dormido muito. Mas eu estou bem.

Lexi pegou o porta-retratos da mesa de Scot. Um bebê careca e rechonchudo segurava uma chave de plástico. Ver esse bebê a entristeceu, fez com que ela pensasse em Grace e imaginasse se a filha teria tido cólica ou se sempre dormira a noite toda, como um anjinho.

— Eu não sei nada sobre ser mãe — disse em voz baixa, sentindo-se derrotada de novo.

— No começo, ninguém sabe — falou Scot. — Eu procurei um manual junto com o Danny, mas ele só veio com um cobertor. E tenho certeza de que foi a avó que deu. Sente-se, Lexi.

Ela mais desabou do que se sentou, percebendo subitamente como estava cansada.

— Não sei o que eu tinha na cabeça.

Scot lhe deu um jornal.

— Não vai ajudar em nada ficar remoendo o erro. Agora é hora de agir, Lexi. Precisamos mostrar à corte e aos Farraday que você veio para ficar e que está pronta para cuidar da Grace. E o melhor jeito de conseguir isso é arranjando um emprego.

— Um emprego. Claro.

— Eu separei algumas possibilidades. Pena que não tenho um negócio maior, assim poderia empregar você aqui...

— Você já fez demais. Obrigada, Scot.

— A Jenny tem um blazer azul-marinho que talvez você queira pegar emprestado. Está pendurado atrás da porta da sala de reuniões.

Mais uma vez, Lexi se encheu de gratidão por este homem e sua mulher. Ficou de pé devagar.

— O Danny é um menino de sorte. Você sabe disso, né?

Ele levantou o olhar.

— A Grace também.

— Espero que sim — falou Lexi baixinho, sentindo uma ponta de esperança retornar. Despediu-se de Scot, foi para a sala de reuniões e vestiu o blazer leve de Jenny. Não ficou perfeito com a camiseta azul-clara e as sandálias rasteiras de Lexi, mas era o melhor que ela tinha.

Em menos de quarenta minutos, estava pedalando até a farmácia da cidade, que anunciara uma vaga para balconista. Período integral, salário mínimo.

Dentro da loja iluminada, cheia de prateleiras coloridas, ela parou e olhou à sua volta. Na caixa mais próxima, uma mulher larga, com cabelo grisalho que parecia uma colmeia de abelhas, estava de pé, conversando no celular.

Lexi foi até a fila do caixa e esperou.

— Vai levar alguma coisa, querida? — perguntou a mulher, abaixando só um pouco o telefone.

— Eu vim pelo emprego.

— Ah. — A mulher se inclinou para a frente, pressionou o botão do interfone da loja com a enorme unha curva e vermelha e disse: — Gerente no caixa um, por favor.

Então sorriu para Lexi, se endireitou e voltou para a conversa ao telefone.

— Obrigada — disse Lexi, ainda que a mulher não fosse ouvir.

Lexi viu o gerente se aproximar do caixa. Era um homem alto e magro, com um jeito nervoso, de nariz aquilino e sobrancelhas peludas e desordenadas como espinheiros.

Ela caminhou com confiança até ele e estendeu a mão.

— Oi, senhor. Eu sou Alexa Baill. Vim me candidatar à vaga de balconista.

Ele apertou sua mão.

— Venha comigo.

Ela o seguiu até uma sala pequena e sem janelas, com pilhas altas de caixas de papelão. Ele se sentou atrás de uma mesa metálica e apontou para um banco no canto da sala.

Lexi arrastou o banco até a mesa e se sentou, sentindo-se um pouco exposta ali em cima.

— Você trouxe um currículo?

Lexi sentiu o rosto ficar quente.

— Não. É uma vaga para balconista, certo? Durante o segundo grau, eu trabalhei na Amoré, a sorveteria. Sou boa com dinheiro e melhor ainda com gente. Sou uma boa funcionária e posso trabalhar em qualquer turno. Posso conseguir algumas recomendações.

— Quando você trabalhou na Amoré?

— De 2002 a 2004. Eu... me demiti em junho, depois de me formar.

Ele anotou algo em um pedaço de papel que parecia um formulário.

— E agora você está de férias da faculdade? Está procurando um emprego para o verão?

— Não. Quero um emprego em tempo integral.

Ele levantou o olhar de repente. As sobrancelhas espessas formaram um V.

— Você estudou na Pine Island?

— Estudei.

— A maioria dos garotos da ilha não trabalha aqui em tempo integral. Onde você trabalhou desde o ensino médio?

Lexi engoliu em seco.

— Em meio expediente, em uma biblioteca.

— Que biblioteca?

Ela suspirou lentamente e deixou a máscara cair.

— Purdy.

— Não está falando...

— Da penitenciária. Passei alguns anos presa. Mas agora saí e vou ser uma boa funcionária. Isso eu garanto.

Lexi estava falando, mas era em vão. Ela percebeu que o rosto dele perdeu a expressão ao ouvir a palavra *penitenciária*, e agora ele não a olhava mais nos olhos.

— Então muito bem — disse ele, sorrindo pela primeira vez. Pura ficção. — Eu entro em contato quando tomarmos uma decisão.

— Quer dizer que não consegui a vaga — falou ela, escorregando do banco.

— Quer dizer que eu entro em contato se formos contratá-la.

— Sei. — Ela tentou se manter otimista. Aquele era o primeiro de vários empregos em potencial. Talvez outros empregadores tivessem a cabeça mais aberta. — Então, quer o meu telefone?

Ele finalmente olhou para ela.

— Se quiser, pode me dar.

Ela sentiu vontade de dizer “Nem morta” e sair dali com um vestígio de dignidade, mas tinha de pensar em Grace. Anotou seu número de telefone e saiu da drogaria iluminada.

Do lado de fora, abriu o jornal e encontrou a oferta seguinte. Vaga para garçonne na Cozinha Mexicana da Esmeralda.

Durante toda a tarde, Lexi tentou acreditar em si, ainda que um emprego após o outro evaporasse diante de seus olhos. A maioria das vagas era para meio expediente, sem benefícios. Ela perdeu a

conta das vezes que lhe disseram que a economia estava contra ela. Pelo visto, tinha ficado presa na época das vacas gordas e saíra na das magras. O salário mínimo era menos de nove dólares por hora. Isso lhe daria uns mil e quinhentos dólares por mês, brutos, e bem mais da metade seria para o aluguel.

Mas nada daquilo parecia importar, pois ela não conseguia emprego. Conversara com doze contratantes, e todas as conversas tinham terminado do mesmo jeito.

“O que andou fazendo desde o ensino médio?”

“Faculdade, é? Onde?”

“Qual foi seu último emprego?”

“Ah!” (e o olhar), “A biblioteca da penitenciária.”

“Lamento, a vaga já foi preenchida... Você é muito jovem... Qualquer coisa eu ligo...”

Uma desculpa após a outra. E o pior era que ela não podia culpá-los. Quem iria querer contratar uma ex-presidiária de 24 anos?

Como se já não fosse ruim, após todas as entrevistas inúteis ela foi se informar sobre aluguéis na ilha.

Só havia três complexos de apartamentos, e uma coisa era certa: ela não poderia pagar nenhum deles. O aluguel do menor dos apartamentos custava novecentos e cinquenta dólares por mês. Além disso, o proprietário exigia o adiantamento do primeiro e do último mês e um sinal. Isso somava dois mil e quatrocentos dólares, a ser pagos na assinatura do contrato.

Daria na mesma se fosse um milhão de dólares.

Alguns telefonemas confirmaram que Port George não era muito melhor.

Havia mais ofertas de locações do outro lado da ponte, mas também eram caras demais.

Aquele dia acabou com Lexi. Quando ela desistiu, já eram sete da noite e tudo o que ela queria era ficar sozinha. Pedalou na noite silenciosa de verão e estacionou do lado de fora do escritório de Scot. Usou sua chave e entrou. Só queria dormir. Ou gritar.

— Lexi? É você?

Ela suspirou e forçou um sorriso. Devia tudo a Scot; não era culpa dele se ela era patética.

— Oi, Scot — cumprimentou-o, dirigindo-se à sala dele. — Você está trabalhando até tarde?

— Estava esperando você. Tenho uma surpresa. Venha aqui.

Ele a pegou pela mão e a conduziu até a sala de reuniões. Na longa mesa de madeira, havia um laptop aberto.

— Aqui — disse ele. — Sente-se.

Lexi obedeceu.

Scot saiu da sala por alguns instantes e voltou.

— Certo, estamos prontos.

Ele apertou uma tecla no laptop e o rosto preocupado da tia Eva preencheu a tela.

— Não sei, Barb. Como você sabe se isto está funcionando?

A visão do rosto da tia foi como uma injeção de ânimo. Lexi sentiu o peito se abrir. Pela primeira vez em horas, ela sorriu. Não estava tão só quanto imaginava.

— Oi, tia Eva — falou Lexi, inclinando-se para a frente.

— Ela está aqui, Barbara! — O rosto de Eva se abriu em um grande sorriso. — Venha ver! Esta é a minha Lexi.

Minha Lexi.

Uma mulher grande, de cachos grisalhos, se inclinou e espiou pela câmera, sorrindo.

— Oi, Alexa. A minha irmã fala o tempo todo de você.

— Oi, Barbara — disse Lexi suavemente, comovida.

O rosto de Barbara saiu do campo de visão e Eva se aproximou do computador. Ela estava diferente; o rosto estava muito bronzeado, com rugas marcadas, e o cabelo tinha ficado completamente branco.

— Então, Lexi, conte-me tudo.

Scot saiu da sala e fechou a porta.

— Eu falei com a Grace — começou Lexi. Foi o que primeiro lhe veio à mente.

— Como ela está?

— Triste. Linda. Sozinha.

— Ah. Não deve ser fácil ver isso.

— Nada é fácil, tia Eva. Eu não queria vir para cá, pois sabia que seria difícil, mas agora estou aqui e está tudo muito confuso.

— Imagino que tenha visto o seu rapaz?

— Vi.

— E?

Lexi encolheu os ombros.

— Passou muito tempo.

— Você parece cansada, Lexi.

— Foi um dia ruim. Vai ser difícil conseguir um emprego e conseguir bancar um lugar para eu morar. Talvez impossível.

— Você acaba de sair, Lexi. Talvez seja bom vir para casa e ser mimada um pouco. A Barb e eu temos um sofá-cama esperando por você. Poderia arranjar um emprego aqui e economizar dinheiro. O Floyd, do salão, diz que adoraria contratar você para atender ao

telefone e cuidar da loja. Sem aluguel para pagar, logo, logo você vai ter um bom pé-de-meia.

Casa.

Lexi precisava admitir: a facilidade a atraía. Ela *precisava* que alguém a quisesse.

— Mas como eu poderia deixar a Grace de novo? Ela nunca me perdoaria.

— Você sabe como pode ser duro para uma criança ter uma mãe que não está preparada. Tire um tempo para cuidar de você. Fique forte e feliz e então volte para a sua filha. Volte quando a sua vida estiver nos eixos. Eu acho que é uma atitude responsável.

— Atitude responsável — repetiu Lexi, detestando a ideia, mas reconhecendo ser verdade.

Naquele momento ela só deixaria Grace confusa. Como seria uma boa mãe se sua vida estava de pernas para o ar? Grace merecia algo melhor; merecia estabilidade. Lexi sabia bem o que era ter uma mãe pouco confiável. A criança não se sente segura.

— Alexa?

Ela abriu o maior sorriso que pôde. Não queria mais falar naquilo. Estava ficando agoniada.

— E você, o que conta? Começou ou não aquelas aulas de tricô?

— Minha nossa! — Eva riu. — A Barbara e eu já temos cobertores para encher um hotel. Quando você vier...

A vista do 42º andar estava deprimente naquele dia chuvoso de junho. A torre Space Needle pairava à direita, um disco preto e branco suspenso contra um céu cinzento e monótono.

Jude estava de pé em frente à janela, vendo seu reflexo fantasmagórico no vidro. Tentava ficar quieta e parecer calma, mas não estava dando certo. Ela se sentia agitada e pouco à vontade, como se tivesse bebido dez xícaras de café com o estômago vazio. Começou a roer a unha do polegar e voltou a caminhar de um lado para o outro. O pânico estava logo ali, à espreita — ela sentia que ele a estava seguindo, escondido em uma sombra, pronto para dar o bote. Mas não conseguia identificar a origem desse temor. Sabia apenas que estava com medo, que desde que lera a carta de Lexi sentia medo.

— Estou orgulhosa de você, Jude — disse Harriet em um tom estranhamente monótono. — Foi muito corajosa de encarar a Lexi de novo.

— Eu não a encarei. Aliás, tentei nem olhar para ela.

— Mas olhou, não olhou?

Jude assentiu, agora mordendo o dedo e batendo o pé.

— Eu vi a garota que matou a minha filha... e a mãe da minha neta, e o primeiro amor do meu filho. E... uma menina da qual eu gostava. — Jude coçou nervosamente a lateral do braço. De repente, parecia que havia insetos em sua pele. — O que há de errado comigo, Dra. Bloom? Sinto como se estivesse ficando louca.

— Louca, não. Acho que você está pronta para tentar ir a uma reunião dos Amigos Solidários. Há uma hoje, você sabe. Às duas horas.

— Esse papo de novo? — Jude suspirou e se sentou, batendo o pé no chão, fechando e abrindo os punhos. — Eu não vou me enfiar em uma reunião com um monte de pais de luto. Quer que eu fale sobre a Mia? Isso vai trazê-la de volta?

— De certa forma.

— Dito por alguém que não perdeu um filho... Não, obrigada.

— O único jeito de acei...

— Se você disser “aceitar a perda”, juro por Deus que vou embora daqui. Não existe aceitação. Isso é tudo abobrinha. Eu ainda não consigo ouvir música. De nenhum tipo. Ainda choro quase sempre que tomo banho. Às vezes, grito no carro. Falo com a minha filha e ela não me ouve. Isso não tem fim.

— Você dizia que se sentia cinza.

— Eu dizia que vivia no cinza. Uma névoa densa e cinzenta.

— E você não achou que a chuva lembrava cinzas na noite em que a Mia -morreu?

— Ê, por quê?

Harriet olhou por sobre os óculos de leitura. Aquele era seu argumento, ela tinha chegado ao ponto.

— Se você continua no cinza, acho que deveria olhar ao redor de si. Talvez agora consiga ver alguma coisa. Formas. Pessoas.

Jude parou de roer a unha.

— Como assim?

— Eu sei que a dor não vai desaparecer, Jude. Não sou boba. Mas talvez você finalmente esteja preparada para aceitar que pode existir algo além da dor. É por isso que agora você está parecendo um poodle gigante. Você tem medo de *sentir*, mas está acontecendo mesmo assim. Você se abriu a ponto de deixar que a Lexi Baill entrasse na sua casa. É um passo enorme, Jude.

— Eu li uma história para a Grace e joguei um jogo de tabuleiro com ela — Jude disse, em voz baixa.

— E como se sentiu?

Jude levantou o olhar.

— Como uma avó. — Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela não tinha percebido isso até aquele momento. — Eu fui dura com o Zach. Eu... não conseguia olhar para ele sem lembrar...

— Não há problema em lembrar, Jude.

— Do jeito como lembro, há, sim. Eu... quebro.

— Talvez você precise se quebrar um pouco, para poder se reconstruir.

— Tenho medo de não conseguir me reconstruir.

— Vai conseguir, sim. Você já está no caminho, Jude.

— E o que faço agora?

— Siga o seu coração.

A ideia fez Jude estremecer. Ela se esforçara tanto para encerrar suas emoções que a ideia de libertá-las era aterrorizante. Ela não sabia se seria capaz de fazer isso. Mesmo que quisesse.

Durante o restante da consulta, Jude tentou prestar atenção à Dra. Bloom, mas aquela sensação de pânico começou a aumentar de novo, abafando tudo, menos os fluxos da sua respiração. E se ela se abrisse novamente e a dor simplesmente a engolisse? E se ela perdesse todo o progresso que fizera? Até pouco tempo atrás, Jude estivera praticamente incapacitada, uma forma cinzenta que vivia aos prantos e não chegava ao fim do dia sem remédios.

Ao final da sessão, ela disse algo à Dra. Bloom — não lembrava o quê — e saiu.

O dia estava ao mesmo tempo cinzento e claro. Nuvens da cor da areia da praia pairavam baixas no céu. Raios de sol iluminavam alguns lugares, enquanto a garoa caía em gotas tão finas que os habitantes dali nem percebiam, mas os turistas no mercado se protegiam debaixo de guarda-chuvas. Ela parou na esquina na frente do prédio da Dra. Bloom, sob aquele céu triste, e tentou

lembrar para onde deveria ir. Subitamente, parecia que qualquer movimento poderia ser errado.

— Você está bem, moça? — perguntou um garoto que apareceu ao seu lado.

De cabelos desgrenhados e com um skate debaixo do braço, ele a lembrou de muito tempo atrás — ou talvez um segundo atrás —, quando Zach e Mia estavam no ensino médio.

Ela daria tudo para correr para o carro agora, ir até o terminal de balsas e se enfiar em casa. Mas não podia. Era quarta-feira.

— Estou bem — respondeu. — Obrigada.

Ela saiu caminhando devagar. A chuva caía sobre sua cabeça e ocasionalmente um pingo entrava no olho, mas ela mal notava.

Em pouco tempo ela estava de pé na frente da galeria de arte da mãe. Nas vitrines dos dois lados da porta fechada havia telas enormes. Uma era uma paisagem tradicional, as tulipas do vale do rio Skagit, em vermelhos e dourados, sob um melancólico céu negro e nublado. A outra representava uma natureza-morta: um vaso cheio de dalias rosas. Só de perto era possível ver as rachaduras finíssimas na porcelana de aparência antiga.

No prédio ao lado, ela abriu uma das imensas portas de vidro e entrou em um lobby elegante. Cumprimentou o porteiro, foi até o elevador e subiu ao último andar.

O elevador se abriu na cobertura: trezentos e setenta metros quadrados de piso de mármore marfim sob belíssimas e desconfortáveis peças de mobília francesa. As janelas que iam do chão ao teto capturavam os prédios de Seattle, a baía de Elliott e, nos dias limpos, o monte Rainier.

— Judith — disse sua mãe, caminhando em sua direção. — Você chegou cedo. Gostaria de uma taça de vinho?

— Desesperadamente.

Jude seguiu a mãe até a sala de estar. As poucas paredes sólidas desse espaço estavam pintadas de creme e seguravam obras de arte gigantes, nenhuma das quais agradava a Jude. Eram todas escuras e um pouco aterradoras, tristes. Bastava olhar para as peças daquela sala para Jude se sentir deprimida. Com exceção das pinturas, não havia cor alguma. Jude se sentou em uma cadeira branca ao lado da lareira.

Sua mãe lhe trouxe uma taça de vinho branco.

— Obrigada, mãe.

A mãe se sentou no sofá pálido, de frente para Jude. Parecia a anfitriã de uma festa elegante: o cabelo branco estava preso em um simples e chique coque francês; o rosto estava cuidadosamente maquiado para destacar os olhos verdes e reduzir as rugas ao redor dos lábios finos.

— Você parece nervosa — disse a mãe, tomando um gole de vinho.

Era um comentário estranhamente íntimo para a mãe. Normalmente, Jude teria sorrido e inventado alguma desculpa, mas perdera a compostura com o retorno de Lexi, com aquela maldita carta e com a óbvia dor que o filho sentia agora — com tudo aquilo. Não tinha mais forças e sentia medo, embora não soubesse o que a assustava. Ficar no lugar? Virar a página? Se agarrar ao que havia? Nada mais parecia seguro e ela queria alguém com quem pudesse conversar, alguém que a ajudasse a encontrar o caminho. Mas a mãe certamente não era essa pessoa.

Ela queria sorrir, mudar de assunto e fingir que não tinha nada de importante na cabeça, mas sua vida parecia estar vindo abaixo, e ela não tinha mais energias para fingir.

— Por que nós nunca conversamos de verdade? — perguntou pausadamente. — Eu nem a conheço. E você certamente não me conhece. Por que é assim?

A mãe pousou a taça de vinho. Com o dia nublado ao fundo, ela parecia etérea. Pela primeira vez, Jude notou como ela aparentava estar velha e cansada. Os ombros eram finos como ossos de passarinho, e a coluna começara a se curvar para a frente.

— Você, mais que todo mundo, deveria entender, Judith.

A voz da mãe era fina e aguçada como uma navalha, mas seu olhar tinha talvez a expressão mais tenra que Jude já vira. E transmitia tristeza também. Sempre estivera ali?

— Por que eu deveria entender?

A mãe olhou pela janela.

— Eu amava o seu pai — começou a explicar baixinho, e sua voz falhava. — Depois que ele faleceu, eu sabia que tinha de cuidar de você, e queria cuidar de você, amá-la... mas não restou nada dentro de mim. Até a minha capacidade de pintar desapareceu. Eu pensei que duraria um dia ou uma semana. — Ela olhou para Jude. — Mas isso prosseguiu e prosseguiu e, quando eu finalmente consegui voltar a respirar, você já tinha se afastado de mim. Eu nem fazia ideia de como me reaproximar de você.

Jude encarou a mãe, chocada. Como ela nunca fizera essa conexão? Ela sabia que a mãe deixara de pintar no dia do enterro do pai, que saíra de casa e nunca voltara de verdade.

— Eu vi a mãe que você se tornou e senti muito orgulho de você. Mas nunca falei isso. E você não teria me ouvido mesmo, embora talvez seja nisso que eu queira acreditar. De qualquer maneira, eu nunca disse. Depois, eu a vi cometer o mesmo erro que eu: vi que você deixou de amar o Zach... e a si mesma. Isso partiu

meu coração. Eu queria lhe dizer o que você estava fazendo de errado, mas você sempre teve tanta certeza de que era forte e eu era fraca... Então, sim, Judith, você, mais que todo mundo, deveria compreender os meus erros. Devia saber por que eu a tratei daquele jeito.

Jude não sabia o que dizer. Sentia como se toda a sua vida, a sua identidade, tivesse se partido.

Sua mãe ficou de pé. Por um segundo, Jude pensou que ela atravessaria o espaço entre elas e iria até Jude, talvez até se sentasse ao seu lado.

— Você é jovem — disse a mãe, finalmente. — Ainda pode desfazer o erro.

Jude sentiu que começara a tremer. Ali estava, o que ela temia.

— Como?

— As pessoas pensam que amar é um ato de fé — falou a mãe. — Às vezes, é um ato de vontade. Eu não tinha forças para amar você, Jude. Ou para demonstrar o amor, imagino. Não sei qual dos dois, mas, no final das contas, qual é a diferença? Você é mais forte do que eu jamais fui.

De certa forma, era o mesmo que a Dra. Bloom vinha dizendo havia anos. Jude percebeu o arrependimento no olhar da mãe, e foi como ver o próprio futuro. Ela não queria um dia ter 80 anos e estar só.

— Eu não sou a única que ainda pode desfazer o erro, mãe.

— Eu não sou mais jovem — disse a mãe. — Já perdi a oportunidade. Eu sei disso.

— Os almoços eram por causa disso.

— É claro.

— E por isso você sempre quis que eu assumisse a galeria. Para que tivéssemos algo em comum.

— Você já se perguntou de onde veio o nome da galeria? JACE. O seu pai a batizou em homenagem a todos nós: Judith Anne, Caroline, Edward. Ele pensava que sempre estaríamos juntos nela. — A mãe suspirou. — Outro arrependimento meu.

Jude se levantou. O tremor nas mãos diminuía. De repente, ela se sentiu mais forte que em todos os meses passados, talvez os anos. Não sabia como corrigiria todos os rumos errados que tinha tomado, mas era hora de começar a desfazer seus erros. Um de cada vez.

— No sábado, eu vou levar a Gracie ao aquário. Por que não vem conosco?

Sua mãe deu um sorriso incerto.

— É mesmo? Posso me encontrar com vocês no terminal de balsas. Às onze, digamos. Depois, podemos almoçar no Ivar. Você e o seu pai adoravam jogar batatas fritas para as gaivotas.

Jude viu as imagens repentinas: ela de pé em frente à grade com os pais, jogando batatas fritas para as gaivotas que se agitavam acima dela. *Muito bem, docinho... que braço a menina tem, não é, Carol?*

— Ele amava nós duas — afirmou Jude.

A mãe concordou.

— É bom falar nele, finalmente.

Naquele instante, Jude soube o que tinha de fazer. Talvez soubesse havia anos, mas só agora, nesse momento, no resplandecer daquele recomeço, estava disposta a tentar.

— Não posso ficar para almoçar. Desculpe-me. Há algo que eu preciso fazer.

— Claro — falou a mãe. Se ficara surpresa com a mudança súbita, não demonstrou.

A mãe conduziu Jude até o elevador. Ali, ficaram se olhando por muito tempo. No rosto de porcelana envelhecida da mãe, Jude viu a imagem esquecida de outra mulher, que amava pintar.

— Eu senti a sua falta, Judith — disse a mãe suavemente.

— Eu também. Nos vemos no sábado.

Jude deixou a cobertura austera e voltou à garagem subterrânea na Rua Virgínia. Dali, saiu com seu carro da escuridão para o dia chuvoso. Dirigiu com cuidado até o Centro Comunitário de Capitol Hill. Ficou sentada no carro mais de noventa minutos, esperando. Cada instante que passava ali era um ato de coragem — seria muito mais fácil ir embora. Era o que tinha feito dezenas de vezes antes...

Finalmente, um carro parou e estacionou na sua frente, e depois outro. Em alguns minutos, viu as pessoas começarem a entrar. Em sua maioria, mulheres, sozinhas na chuva, sem guarda-chuva.

Jude sabia como aquela escolha era perigosa e assustadora, mas também sabia o perigo que havia na outra escolha.

O amor é um ato de vontade.

Ela tivera medo disso tempo demais.

Abriu a porta do carro com a mão trêmula e saiu na chuva. Fechou os punhos e atravessou a rua.

Uma mulher surgiu ao seu lado. Era jovem, de cabelo preto solto e olhos castanhos cheios de lágrimas.

Jude acompanhou a mulher sem que nenhuma das duas dissesse nada.

Um cartaz ao lado da porta aberta informava: *Amigos Solidários. 14h. Grupo de apoio ao luto.*

Jude parou, talvez tropeçando. O medo a preencheu tão depressa e com tanta força que ela não conseguia respirar. Passou-lhe pela cabeça dar meia-volta e sair correndo. Ela não estava preparada para aquilo. Não queria fazer aquilo. E se quisessem que ela esquecesse a Mia?

A pessoa ao seu lado tocou a mão de Jude.

Jude prendeu a respiração e olhou para ela. Viu uma mulher de cabelos escuros e, agora, viu também mais que lágrimas. Viu compreensão. E outra mulher de olhos vazios e lábios apertados que se esquecera de pintar o cabelo. Jude soube que essa mulher sabia como era estar ao mesmo tempo repleta de dor e dolorosamente insensível.

É assim que eu estou? Jude pensou de repente. Fez o que jamais imaginou que faria na vida: estendeu a mão e segurou a mão da estranha. Juntas, elas entraram pela porta.

No fim, foi exatamente como tinha sido no início. Ninguém tinha emprego para uma ex-presidiária com um diploma de sociologia e nenhuma experiência. Conforme suas perspectivas minguavam, minguava também sua esperança, até que, no fim da tarde de quinta-feira, ela sabia que estava agindo só por -obrigação.

Agora, sentada em um tronco caído no parque LaRiviere, ela entendeu.

Na verdade, ela nunca tivera chance.

Ao perceber isso, Lexi fechou os olhos.

Ela sabia o que devia fazer. As horas passadas ali tinham sido um curativo, nada mais.

Era a hora. Ela adiara o inevitável por tempo demais.

Caminhou até onde tinha deixado a bicicleta e montou, pedalando ladeira acima até a rua principal. Passou pela Estrada da Noite e fez toda a volta até a casa dos Farraday. Segurando o guidão com força, desceu a trilha de cascalho e parou na garagem. Ela tremia tanto que teve dificuldade de colocar a bicicleta perto da parede lateral da casa, então, finalmente desistiu e a deixou cair na grama alta. Mais uma vez, não pôde deixar de notar o jardim descuidado e de se lembrar de como fora perfeito no passado.

Marolas, pensou. A perda tinha consequências infindáveis. Afastando esse pensamento, foi até a entrada da casa e bateu depressa, antes que perdesse a coragem.

Jude abriu a porta.

— Lexi — disse, obviamente surpresa.

— Eu quero lhe dar algo, para que o dê à Grace.

— Ela está no quarto que era do Zach, vendo um filme.

— Ah. Eu não sabia que ela estaria aqui.

— Quer falar com ela?

Lexi sabia que deveria dizer não, mas como? Assentiu. Incapaz de formular palavras que acompanhassem o gesto, afastou-se de Jude e subiu a escada. Na porta do quarto de Zach, parou apenas o tempo necessário para respirar fundo e se recompor. Então bateu à porta, ouviu um “Entre” entusiasmado e a abriu.

— Oi, mamãe. O que você está fazendo aqui? — Grace estava sentada na cama de Zach, franzindo a testa.

Lexi perdeu o pé. Tentou disfarçar com um sorriso, mas percebeu que também não fez isso direito.

Era muita coisa de uma vez: o rosto lindo de Grace, sua voz dizendo “mamãe”... e o quarto de Zach.

Por toda parte, via lembranças do menino pelo qual se apaixonara: uma pilha de dinossauros de plástico, uma bola de futebol americano, uma coleção colorida de vídeos da Disney, videogames em caixas verdes. Mas o que acabou com ela foi o exemplar desgastado de *Jane Eyre* na mesa de cabeceira. Ela foi até lá, pegou o livro, sentiu a capa lisa com dobras... viu seu nome, escrito com uma caligrafia perdida no verso da capa. Ele o guardara. Todos esses anos.

— Você não veio para me levar embora, não é? — perguntou Grace, preocupada.

Lexi deixou o livro e se voltou para a filha.

— Não. Posso me sentar do seu lado?

— Tá bom.

Lexi subiu na cama (a cama de Zach, mas ela não devia pensar no que não tinha mais importância) e se sentou o mais perto que ousou de Grace.

— Eu assustei você no outro dia.

— Nada me assusta. Eu dei um soco no nariz do Jacob, e ele é muito maior que eu.

— Eu não devia ter dito que queria que você fosse morar comigo. Não era isso que eu queria dizer.

— Ah. Aquilo. Você não quer que eu more com você?

Lexi hesitou.

— Eu não sei bem como é ser mãe. E eu já vi que você adora morar com o seu pai.

Grace pareceu ficar mais relaxada.

— Você sabe fazer *cupcake*?

— Não. Por quê?

— Sei lá. As mães fazem essas coisas.

Lexi se apoiou na cabeceira da cama. O quadro de cortiça acima da cômoda, cruzando toda a parede, ainda estava repleto de recortes de jornal e medalhas que ele ganhara na escola. Ela não se lembrava de que eram.

— Bom, eu acho que você quer uma mãe do tipo que faz *cupcakes* e caminha com você até a escola.

Grace riu e cobriu a boca para abafar o som.

— Eu moro longe *demais* pra ir andando. A mãe da Samantha Green faz uma capa para todo mundo no Dia das Bruxas. Você sabe costurar?

— Não. Na categoria mãe, eu sou um zero à esquerda.

Lexi olhou para a filha e sentiu um princípio de sensação de perda.

— Eu queria ter um esquilinho — disse Grace. — Eu ia deixar você brincar com ele.

Lexi não pôde deixar de rir.

— Seria muito legal.

— O papai diz que esquilo não é bicho de estimação, mas eu acho que pode ser — Grace explicou, rindo, e cobriu a boca imediatamente.

Lexi tirou a mão de Grace delicadamente da frente da boca.

— Nunca tenha medo de rir, Gracie.

Grace encarou Lexi com um brilho de esperança nos olhos.

Lexi sabia que lembraria para sempre esse momento e, se tivesse sorte, se não fizesse nada para estragá-lo, talvez Grace também o lembrasse.

Ela tirou o anel com a safira do dedo e o ofereceu a Grace.

— Eu gostaria que você ficasse com isso, Grace.

— É um anel de gente grande.

— Talvez o seu pai possa passá-lo em uma correntinha para você usar no pescoço, até que caiba no seu dedo.

— É lindo.

— Não tão lindo quanto você, princesa.

— O papai me chama de princesa. Por que você me deu isto? Não é o meu aniversário.

Lexi engoliu em seco.

— Eu preciso ir embora, Grace. Eu pensei... Não importa o que eu pensei. Foi um erro ter vindo aqui. Eu não estou preparada.

— Preparada para o quê?

Lexi não era capaz de dizer em voz alta.

— Mas eu vou voltar assim que puder. É isso que eu quero que você lembre. Vou escrever toda semana e ligar sempre que puder. Está bem?

O lábio inferior de Grace tremeu.

— Eu fui malvada com você.

— Você não fez nada de errado — disse Lexi. — Eu não devia ter vindo. Eu... só faço os Farraday sofrerem... e eu... posso ganhar um abraço?

Grace subiu no colo de Lexi e lhe deu um abraço apertado.

Lexi se agarrou à filha, tentando imprimir fisicamente a memória daquele abraço nas duas.

— Eu amo você, Grace — sussurrou ela em seu ouvido. — Nunca se esqueça disso, está bem?

Ela ouviu Grace dar um soluço, e esse som foi a gota d'água. Sentiu as lágrimas aflorarem e, dessa vez, não havia como segurar.

— Não chore, mamãe.

Lexi enxugou as lágrimas e se afastou apenas para poder ficar frente a frente com Grace.

— Às vezes, chorar faz bem. Eu esperei muitos anos por essas lágrimas. Você pode me mandar desenhos que fizer na escola e eu os prenderei na geladeira. — Lexi se aproximou e deu um beijo nos lábios redondos da filha. — E vou aprender a fazer *cupcakes*.

— Está bom — disse Grace. Ela parecia confusa e insegura.

Lexi não sabia como aliviar essas emoções sem fazer promessas impossíveis. Alguns finais simplesmente não podiam ser como nos sonhos. Tudo o que podia fazer era criar novas memórias, se despedir e esperar um futuro melhor. Ela economizaria todo o dinheiro que pudesse e voltaria para reivindicar uma vida com a filha.

Deu um último beijo em Grace e a soltou do abraço. Então, saiu da cama e ficou de pé, olhando para ela.

Grace sussurrava furiosamente para o espelho no pulso, tentando não chorar.

— Não chore, Gracie. Vai acabar tudo bem — disse Lexi, acariciando seu cabelo.

— É o que *ela* diz.

Lexi conseguiu sorrir.

— Você tem sorte de ter uma amiga tão boa, mas vamos fazer um trato: se você ficar amiga de alguém da sua sala, amiga *de verdade*, eu mando uns *cupcakes* em setembro, para a festinha da primeira série.

Grace enxugou os olhos e olhou para Lexi.

— Como?

— Como o quê?

— Como eu fico amiga? Ninguém gosta de mim.

Lexi voltou a se sentar.

— Bom, você não pode continuar batendo nos meninos e mentindo. Se quer fazer amigos, você precisa ser amigável. Quem é a menina mais legal da sua sala?

— A Samantha. Mas ela nunca fala comigo.

— Certo. Amanhã, vá até a Samantha e diga algo simpático para ela. E não minta nem invente nada. Diga que você quer brincar com ela.

— E se eu não quiser?

— Você vai querer — prometeu Lexi. — Eu tive uma grande amiga uma vez, e eu contava tudo para ela. Ela sempre me fazia sorrir. Eu nunca me sentia sozinha quando ela estava por perto.

Ela abraçou a filha pela última vez e se obrigou a se afastar da cama, passando pelo exemplar de *Jane Eyre* e tocando-o mais uma vez. *Ele ter ficado com o livro não significa nada, não se deixe enganar.* No corredor, parou e olhou para trás.

Grace estava sentada na cama grande, incrivelmente pequena e triste.

— Eu amo você, Gracie.

— Tchau, mamãe — disse a menina, fungando.

— Diga ao seu pai que eu mandei um... “Oi”.

Lexi fechou a porta. Ela queria sair correndo daquela casa o mais depressa possível. E teria saído, se não tivesse olhado para o final do corredor, onde ficava o quarto de Mia. Caminhou até lá quase instintivamente e abriu a porta.

O quarto a recebeu como sempre, convidando-a a entrar. Ela foi até a penteadeira, e o telefone de Mia estava ali, ao lado de um trabalho de literatura com um A escrito no topo. Uma fileira de cavalos de plástico da Breyer ocupava o marco da janela. Havia dezenas de fotos de Mia — no ensaio do teatro, na aula de dança,

sentada na praia com Zach. Não havia mais nenhuma foto das duas juntas no quarto. Antes, estavam por toda parte.

— Eu evito entrar aqui há... algum tempo — disse Jude, atrás dela.

Lexi fez meia-volta, sentindo o rosto quente.

— Desculpe-me. Eu não devia ter...

Jude estendeu a mão e pegou a cachorrinha de pelúcia que estava na mesa de cabeceira. *Daisy*.

— Eu dormia aqui. Depois, o Miles e a minha terapeuta ficaram preocupados, então eu fechei a porta. A Erica limpa, mas eu não entro.

— Eu sinto a Mia aqui — falou Lexi em voz baixa.

— Sente? Que sorte a sua.

Lexi se aproximou.

— Ela adorava este quarto, mas detestava aquele espelho. Ela sempre dizia que parecia um projeto de estudante de artes. Mas ela sabia que você gostava dele.

Jude se sentou na cama. Quando levantou o rosto, tinha os olhos molhados de lágrimas e a boca era uma linha torta.

— Por que você dirigiu naquela noite?

Lexi se sentiu agradecida pela sinceridade da pergunta.

— Eu me perguntei isso um milhão de vezes. O Zach estava chumbado e a Mia não estava muito melhor. Na verdade, nenhum dos dois se mantinha em pé. Eles não queriam ligar para você. Era muito tarde, e eles estavam totalmente bêbados. — Fez uma pausa. — Eu não quis telefonar. Eu queria tanto que você gostasse de mim... e aí o Zach se sentou no volante. Eu não podia deixar que ele dirigisse.

— Por que eu deixei vocês saírem naquela noite? Eu sabia que iriam beber. E dei a chave do carro...

Enquanto caminhava em direção à cama, Lexi se sentia uma mulher de 90 anos, com as articulações frouxas e os olhos úmidos. Então se sentou ao lado de Jude.

— A culpa é minha, Jude. Toda minha.

Jude balançou a cabeça devagar.

— Eu quis acreditar nisso, não quis?

— É a verdade.

— Ultimamente, estou tentando ser um pouco mais franca. Eu sei que você ama a Grace. Ainda ama o Zach?

— Eu tentei deixar de amá-lo. Vou continuar tentando.

— Você deveria falar com ele.

— Eu não saberia o que dizer.

— Ele vai voltar logo — disse Jude. — Converse com ele. Diga o que sente.

Aquele pequeno gesto quase fez Lexi chorar. Ela se lembrou de todas as conversas que tivera com Jude ao longo dos anos, todos os momentos em que haviam sido quase como mãe e filha. Fora graças a Jude que Zach levara Lexi ao baile, quando tudo entre eles começara realmente.

— Eles tiveram tanta sorte de ter você, Jude. E sabiam disso. A Mia amava você demais.

— Eu sinto saudade da voz dela.

Lexi se abaixou e entrou embaixo da cama, tateando entre as ripas até encontrar o que procurava. Então deslizou pelo chão, saindo de sob a cama, e se ajoelhou, oferecendo a Jude o pequeno diário cor-de-rosa com um lírio laranja na capa.

— Minha nossa... — murmurou Jude, estendendo a mão. — O diário.

Lexi o pôs na mão de Jude e ficou de pé.

— Estou indo. Diga... ao Zach que eu vou telefonar para a Grace uma vez por semana e vou escrever com muita frequência.

Jude observou o diário, passando a palma da mão sobre ele como se fosse uma rara peça de seda.

— O quê? Por quê?

— Preciso fazer uma coisa importante antes de ir embora — disse Lexi, sem saber ao certo se Jude estava ouvindo. — Um adeus que deveria ter dito há muito tempo. Mas Jude... dê mais amor à Grace, está bem? Ela precisa de você.

Vinte e sete



O diário de Mia.

Estivera ali todo o tempo, à espera de que alguém o encontrasse. Jude passou a ponta dos dedos sobre o fecho de bronze rústico e então, lentamente, abriu o caderno.

Propriedade de Mia Farraday. Particular. Mantenha distância. E sim, estou falando de você, Zach Attack.

Querido diário:

Estou com medo. Posso escrever isso? Sei que pareço uma idiota. Mas você não liga, não é mesmo, diário?

No ensino médio, ninguém vai falar comigo. A mamãe diz que vai ser melhor que no fundamental, mas ela sempre diz esse tipo de coisa. Como ela saberia como é ser eu? Ela era líder de torcida e provavelmente foi Rainha do Baile dos Veteranos. O que ela faria se a Maribeth Astor tivesse dito que ela era bobona?

Eu queria não ter chorado. Só piorou tudo.

E agora provavelmente vou ter de me sentar ao lado da MB.

Merda.

Antes, tudo era mais fácil. O que aconteceu? No ensino fundamental eu tinha um monte de amigos. Tá, tudo bem, talvez fossem amigos do Zach, mas todos brincávamos juntos e eu não sabia que havia algo errado comigo. Agora eu sei. E como sei.

A madre está chamando para o café. A refeição mais importante do dia. Falou, então.

Idiota desligando.

Querido diário:

Você não vai ACREDITAR no que aconteceu hoje. Vou escrever tudo, porque não quero esquecer nada.

Em primeiro lugar, a mamãe estava enganada quanto ao e.m. Ao menos no começo. Entrei na escola com o Zach e, mesmo que ele estivesse de mão dada comigo, parecia que eu era invisível. Tá, talvez eu não devesse ter vestido o tutu rosa e os tênis de cano alto, mas não sou como aquelas garotas. Elas sabem disso e eu também sei. As roupas ajudam a mantê-las afastadas. E daí se elas riem?

O almoço foi um show de horrores. Entrei no refeitório e quase vomitei. Ninguém nem olhou na minha direção. O Zach estava sentado com todas as Barbies e os Kens e acenou para mim. De jeito nenhum eu iria me sentar lá, então peguei meu livro e saí.

E foi aí que aconteceu, diário!

Eu estava sentada na grama embaixo de uma arvorezinha, comendo e lendo (O Morro dos ventos uivantes), quando uma garota apareceu e perguntou se podia se sentar comigo.

Falei que seria suicídio social, e ela riu. Riu. Aí ela se sentou e a gente começou a conversar e, diário, a gente tem TUDO em comum.

Eu não quero falar demais, mas eu acho que ela quer ser minha amiga...

Não é o máximo???

Querido diário:

A Lexi dormiu na minha casa ontem. A gente enganou a madre e fingiu que ia dormir às 11, mas aí saímos de fininho e fomos para a praia. A gente ficou horas lá, conversando sobre TUDO. Ela gosta de

mim e não está nem aí se ninguém mais gosta. Seremos como Harry e Hermione. Amigas para sempre.

Querido diário:

A Lexi me convenceu a me candidatar à peça da escola. EU CONSEGUI O PAPEL!

O que eu faria sem ela?

O Tod Lymer convidou a Lexi para o baile. Ela tentou guardar segredo, mas a escola é uma novela mexicana. Ninguém consegue guardar nenhum segredo. Além disso, a Haley queria que eu soubesse. Ela riu quando me contou e disse que eu sou uma lesada que não consegue nenhum acompanhante.

Como é que a mamãe sempre sabe quando tem algo errado? Assim que eu cheguei da escola, ela simplesmente me olhou, veio até mim e me abraçou. Eu tentei me soltar, mas ela me segurou e eu chorei. Pois é, diário, eu sou o máximo mesmo. Quando acabei de contar tudo, ela me disse que eu tinha que lembrar que bons amigos querem o melhor um para o outro, e que eu nunca me esquecesse disso.

Eu quero, diário. Eu quero que a Lexi seja feliz. Não ligo a mínima se ela for àquele baile idiota.

A Lexi não foi ao baile. Ela disse que achava MUITO MAIS LEGAL ficar em casa com a melhor amiga e ver filmes, então foi o que fizemos. A gente fez pipoca e viu filmes. Até o Zach ficou em casa com a gente. Ele disse que qualquer festa sem a gente era total perda de tempo.

— Vovó?

Jude levantou o olhar e viu a neta de pé ao lado da cama. De moletom cor-de-rosa felpudo, com os cachinhos louros todos embaraçados. Ela estava exatamente igual à Mia com aquela idade, o que deixou Jude ligeiramente desorientada. Pela primeira vez em anos, Mia parecia estar ao alcance das mãos. O diário a trouxera de volta.

Grace caiu em prantos.

— A mi-minha mamãe foi emb-bora...

Dê mais amor à Grace, está bem? Ela precisa de você.

Jude saiu da cama e pegou Grace no colo.

— Calma, querida — falou baixinho, e subitamente Jude também estava chorando.

Ela apertou Grace e chorou apoiada no rosto macio e rechonchudo da menina, sentindo o cheiro de shampoo de bebê nos cabelos e recordando...

— Eu falei pra ela que queria fi-ficar com o papai — disse Grace, entre soluços. — E eu *quero* ficar com o papai, mas... mas eu também quero a mamãe. Eu tinha que ter falado isso.

— Ah, Grace...

Jude olhou para a neta por entre as lágrimas. Com a visão desfocada, ela viu não apenas Grace, mas também Zach e Mia. E a Lexi que fora parte deles. Estavam todos no rosto de Grace — em seus olhos, no desenho de seus lábios rosados. Como Jude podia ter esquecido isso?

Não, ela não tinha esquecido. Ela sempre soube e desviava o olhar de propósito, com medo de morrer de dor. Mas não sentir nada

também tirara dela a alegria e a deixara perdida naquela névoa cinzenta da insensibilidade.

De certo modo, estavam todos juntos novamente naquele momento, abraçados uns aos outros, como fariam se Mia estivesse viva.

Ela carregou Grace para cima da cama de Mia e se deitou abraçada a ela.

Grace abriu lentamente sua delicada mãozinha. Na palma, estava o anel de promessa que Zach dera a Lexi.

— Olha o que a mamãe me deu.

Jude pegou o anel delicado. Era *aquilo* que a deixara tão irritada anos atrás, aquele pequeno círculo de ouro branco com um disco de safira, e ela pensara que um anel assim tiraria dos eixos a vida de um jovem.

— Ele era tão romântico... — suspirou.

Grace pôs o polegar na boca e murmurou:

— Quem?

— Seu pai. Eu deveria saber que eu e o Miles criaríamos um romântico.

Por que ela não festejara ao constatar que o filho sabia amar profundamente? E sonhar com o futuro? Por que, até que fossem vistos pelo retrovisor, pequenos seixos sempre pareciam montanhas?

— Ele deu este anel à sua mãe no Natal.

Jude abriu a fina corrente de ouro que usava no pescoço. Deixou o pingente de diamante cair no colo, pegou o anel e o passou pela corrente, e então pôs o colar em Grace.

— Você parece uma princesa — disse Jude, beijando o rosto da neta.

E, depois que começou a beijá-la, não conseguiu mais parar. Deu beijos e apertos e cheiros, até que Grace pediu socorro, gritando “Para, vovó, faz cosquinha!” e rindo.

Finalmente, Jude se afastou e olhou para Grace.

— Eu amo você. Deveria ter lhe dito isso um milhão de vezes por dia.

— Isso é *um monte* de vezes. — Grace riu mais uma vez, e cobriu a boca com a mão.

— Não tente abafar a sua risada, Gracie. É um som lindo.

— Foi o que a minha mamãe disse.

Mamãe.

Como uma palavra comum, que ela ouvira a vida toda, podia subitamente ter tanto impacto? *Você era a melhor mãe do mundo.*

Jude estava cercada de arrependimento, sentindo-se asfixiada por ele. Mas então olhou para a menina em seus braços e voltou a respirar. O arrependimento foi se dissolvendo e escoando lentamente, substituído por um frágil broto de esperança.

— A sua mãe tem um coração do tamanho do mundo. Eu tinha me esquecido disso. E ela fez a minha Mia e o seu pai muito felizes.

— O que é isso? — perguntou Grace, apontando para o caderno na outra mão de Jude.

Ela nem percebera que ainda o estava segurando.

— É o diário da sua tia Mia.

— A gente não deve ler essas coisas. A Hannah Montana disse...

— Não tem problema.

— Porque ela morreu?

Jude respirou fundo, esperando pela dor, que não veio como sempre. Estava lá, é claro, naquela palavra horrível, mas foi embora depressa, e ela ficou surpresa ao descobrir que ainda assim conseguia sorrir. E talvez fosse melhor encarar o problema, dizer em voz alta, e não tentar escondê-lo.

— É. E isto é algo que ela deixou para nós.

— Como ela era, vovó? — indagou Grace, e Jude imaginou há quanto tempo Grace guardava essa pergunta, com medo de fazê-la a alguém da família.

— Ela era como... uma flor linda e frágil. Até conhecer a sua mãe, ela tinha medo até da própria sombra e vivia sozinha... muito sozinha. — Jude enxugou os olhos. — Ela queria ser atriz, e acho que teria conseguido. Tantos anos sozinha não tinham sido em vão: a Mia sempre gostou de observar as pessoas, de absorver o mundo à volta dela. No palco, ela era uma menina completamente diferente. A sua mãe a ajudou nisso. Foi a Lexi que convenceu a sua tia a se candidatar à primeira peça que ela fez.

Miles apareceu na porta.

— O que é isto? Parece que vocês duas estão fazendo uma festa sem mim.

— Estamos, vovô! — disse Grace, ficando de pé sobre a cama e correndo e se atirando nos braços abertos de Miles. — Vovó estava falando da Mia — acrescentou. — E olha o que a minha mamãe me deu — falou, mostrando o anel de promessa na corrente.

— Ela estava falando da Mia? — perguntou Miles, olhando para Jude.

Por sobre os cabelos dourados de Grace, seus olhos se encontraram e transmitiram um entendimento silencioso. Ambos sabiam o que significava simplesmente dizer o nome de Mia. Ele foi

até a cama da filha e se aproximou da esposa, passando um braço por seus ombros.

— Como você tem conseguido ser tão forte? — indagou Jude ao marido.

— Forte? — Ele suspirou e, nesse som, ela pôde ouvir a fonte inesgotável de sua perda. — Eu não sou forte, não mais — disse. — Porém, graças a Deus, sou paciente.

— Desculpe-me — pediu ela, baixinho.

Grace se contorceu até se encaixar entre os dois, e então se sentou. Levantou o queixo pontudo.

— O papai não vai ficar bravo porque a mamãe me deu este anel?

De repente, Jude entendeu: sabia agora por que Lexi tinha dado o anel à Grace. *Tenho de fazer uma coisa importante antes de ir embora.*

Lexi não tinha se despedido só por hoje. O anel era um adeus.

Lexi pedalou até a Avenida Central e estacionou a bicicleta na frente do escritório de Scot.

Ele ainda estava em sua sala, falando ao telefone. Quando ela entrou, ele sorriu e levantou um dedo. *Espere*, disse só com os lábios. *Não vá.*

Ela se sentou no sofá do escritório e aguardou. Assim que ele desligou o telefone, ela ficou de pé e foi até sua mesa.

— Eu cometi um erro — disse ela, parada diante dele.

Ele parou de mexer nos papéis e levantou o olhar.

— Como assim?

— Sabe o que a Grace me falou? Que eu já sou mãe. Que eu deveria saber o que tenho de fazer. Mas não sei. Não faço ideia de

como ser uma mãe para a minha filha. Não tenho emprego nem onde morar. Nada. Não estou preparada. Tudo o que fiz voltando aqui foi causar mais dor a eles. À Grace.

— Lexi, você não pode desistir.

— Não vou desistir. Ainda quero modificar o acordo de guarda e quero ser a mãe da Grace. Quero isso mais que tudo. Mas preciso fazer do jeito certo. Preciso fazer o que é melhor para *ela*, e não o que é melhor para mim. — Sua voz sumiu só lhe restou encolher os ombros. — Eu tentei arrumar um emprego. Até parece! Pelo visto, uma ex-presidiária de 24 anos não pode nem ser porteira em meio expediente. E apartamento, esqueça. Na melhor das hipóteses, eu poderia alugar um quarto na casa de alguém. Vou ter de trabalhar setenta horas por semana só para *sobreviver*. Como faço para cuidar da Grace? *Como?*

— Lexi...

— Por favor — pediu ela, com um sussurro. — Não torne mais difícil, está bem? Eu agradeço tudo o que você fez por mim, mas amanhã de manhã irei para a Flórida. A tia Eva me arranjou um emprego. Vou poder economizar para voltar daqui a um ano. O meu ônibus sai às 9h25.

— Ah, Lexi... — lamentou-se Scot. Se você tivesse me dado ouvidos...

— Peça a eles que me mandem fotos — disse ela em voz baixa, tentando não chorar. — Vou escrever para ela toda semana.

Scot foi até ela e a abraçou. Ela demorou a se soltar.

— Obrigada por tudo — falou finalmente.

— E o Zach? — perguntou Scot.

A pergunta machucava tanto que ela nem tentou responder.

— Você precisa de carona até a rodoviária amanhã?

— Não. — De jeito nenhum ela queria se despedir dele novamente. — Já está tudo certo. Deixei o blazer da Jenny na sala de reuniões. Agradeça a ela por mim.

— Você pode agradecer pessoalmente. Quer jantar com a gente hoje?

— Está bem, mas tenho algo a fazer depois.

— Precisa de ajuda?

— Não. Preciso fazer sozinha.

Jude estava sentada no sofá da sala de estar silenciosa de Zach. Não se dera o trabalho de acender as luzes, então o anoitecer cor de lavanda se esgueirava pelas janelas. Labaredas laranja dançavam na lareira preta e, pela primeira vez, ela sentiu que a aqueciam. De tempos em tempos ouvia uma risadinha vir pelo corredor, de onde Miles e Grace estavam jogando algo com o videogame. Grace parecia uma lâmpada que se acendera de repente: falava sem parar, mas não contara nenhuma mentira durante toda a tarde. Jude não tinha dúvidas de que as últimas horas passadas com a neta se tornariam uma das lembranças que iriam ancorar aquela nova etapa da vida da família. O início do depois.

Apesar de estar participando, Jude tinha uma sensação de urgência crescente. Ela sabia que havia mais o que fazer, mais erros a reparar.

Finalmente, por volta das sete, a porta da frente se abriu e Zach entrou, com a mochila pesada pendurada em um ombro só.

— Você chegou tarde — disse Jude, já se levantando.

— A última prova foi de matar — falou ele, jogando a mochila no chão. Parecia totalmente exausto. — Acho que me ferrei.

— Você está com a cabeça cheia.

— Você acha, é?

— Tentei ligar para você.

— Meu telefone morreu. Desculpe-me.

Ela ficou em pé na frente do sofá, olhando para o filho. Mesmo agora, não sabia ao certo como dizer tudo aquilo que estava pensando. Os últimos dias tinham sido surpreendentes, e ela se sentia como uma geleira que começara lentamente a se derreter e a se movimentar de novo.

— Também passei pelo escritório do advogado — contou ele, olhando para ela. — Concordei em modificar o acordo de guarda. Eu sei que você não gosta da ideia, mas não posso mais machucar a Lexi. Não vou. E, se ela precisar ficar um tempo com a Grace, eu vou permitir. — Ele fez uma pausa e depois disse em voz baixa: — Eu não devia ter ficado bêbado. Se estivesse sóbrio...

— Espere, Zach, eu...

— Você não pode controlar isto, mãe. Sei que você se preocupa muito com tudo, mas esta situação diz respeito a mim, à Lexi e à Grace. Eu preciso fazer o que é certo.

— Eu sei — disse ela. Era hora. — E estou orgulhosa de você.

Eram como soldados que haviam combatido no mesmo campo de batalha, ela e o filho. Havia muito a dizer, mas eram apenas palavras e viriam a seu tempo. O que importava era que tinham sobrevivido e que ainda havia amor — entre eles e em torno deles. Tudo o mais era um posfácio. Só havia mesmo uma coisa que ela precisava dizer agora. Uma pergunta a fazer.

— Você ainda a ama?

Zach pareceu desmontar ao ouvir a pergunta. Em seus olhos, ela viu uma fragilidade juvenil misturada com uma maturidade extrema.

— Eu sempre amei a Lexi. Nunca nem tentei deixar de amá-la.

Ela tomou o filho nos braços e o abraçou como deveria ter feito anos atrás, quando ele era imaturo e estava paralisado pela dor e pelo medo. Ela gostaria de ter percebido, naquela época, o que realmente importava.

— Eu amo você com toda a minha alma, Zach.

Ele a abraçou com mais força.

— Eu também amo muito você, *madre*.

Era a primeira vez em muitos anos que ele a chamava desse jeito, e ao ouvir aquele apelido carinhoso Jude se derreteu ainda mais e se aproximou mais um pouco de quem fora um dia. Ela se afastou devagar.

— Acho que ela vai embora amanhã. Para a Flórida, talvez.

— Por quê?

— Ela pensa que vai ser melhor para a Grace.

— Isso é loucura.

— A Lexi sempre tentou fazer o que fosse melhor para os outros. Ela é assim, né? Eu devia ter me lembrado disso, Zach... de quanto a Lexi significou para nós... para mim.

Zach olhou para ela. Jude viu esperança e preocupação em seus olhos: esperança de que ela estivesse sendo sincera, medo de que não estivesse.

— O que você quer dizer?

— Vá atrás dela, Zach. Diga-lhe o que sente. — Ela afastou os cabelos que caíam nos olhos do filho e sorriu. — Ela faz parte da nossa família e precisa saber disso.

— Ela não vai ouvir, mãe. Eu deixei que ela fosse *presa*.

— Você não pode assumir toda a culpa, Zach.

— Já chega disso, mãe. Por que ela me perdoaria?

— Você me perdoa por ter sido uma péssima mãe nestes últimos anos?

— Não tem nada que perdoar.

— É assim que fazemos isso, Zach. A gente simplesmente... perdoa. Eu me preocupava pensando que você e a Lexi eram jovens demais para o amor e ainda o vejo como um garoto, mas você não é, certo? Nenhum de nós é jovem, e a vida não segue uma linha reta.

— Onde ela está?

— Não sei.

Zach a abraçou e saiu correndo da casa. Ela ainda estava de pé na porta, olhando para a entrada de carros vazia, quando sentiu Miles parar ao seu lado.

Ele enlaçou a cintura da esposa.

— O Zach foi procurar a Lexi?

— Foi.

— As mudanças vêm depressa.

— Às vezes.

Ela se virou para Miles, enroscou os braços na cintura do marido e lhe deu um beijo.

Era um pequeno milagre, realmente, a durabilidade daquele amor.

— Vovó, vovô! — Grace se esgueirou entre eles como se fosse uma enguia. — Vamos jogar *Terra dos doces*. A vovó pode ser a princesa Frostine.

— A vovó não joga... — começou Miles.

— Eu adoraria jogar *Terra dos doces* de novo — interrompeu-o Jude.

Era estranho como uma frase podia ser capaz de libertar algo dentro de você. Uma coisa tão pequena...

Sentaram-se em volta da mesa de centro, na frente da lareira. Com o tabuleiro montado, jogaram, conversaram e riram. Estavam guardando tudo quando a porta se escancarou e Zach entrou.

— Não a achei — disse ele, em um tom infeliz e irritado. Jogou a chave do carro na mesinha da entrada. — Eu nem sei onde procurar.

Grace correu até ele, que a pegou no colo e a beijou no rosto.

— Ei, papai, olha o que a mamãe me deu.

Ela mostrou o anel.

Jude pensou que o filho fosse cair de joelhos ali mesmo.

— O anel de promessa — falou ele, deixando Grace deslizar até o chão. — Ela não quis mais.

— Papai?

Ele caminhou até a janela e olhou para o estuário escuro.

— Onde ela pode estar?

— Quem? — perguntou Grace, indo até ele e pondo a mão no bolso de trás da calça do pai.

— Eu procurei no parque, naquele lugar no bosque perto do trailer. Olhei em todas as janelas do centro da cidade. Até fui ao cemitério e ao... lugar na Estrada da Noite. É como se tivesse evaporado. — Ele se voltou para Jude. — Ela disse *alguma* coisa?

Jude tentou se lembrar. Ficara tão concentrada no diário que mal ouvira o que Lexi tinha dito. Mais um erro que teria de reparar.

— Acho que ela disse algo sobre um último adeus. Algo que ela deveria ter feito há muito tempo. Eu tinha de ter impedido que ela saísse. Deveria ter...

— Um adeus?

— É, isso mesmo. Ela disse que precisava fazer uma última coisa. Um adeus que deveria ter dito há tempos.

Zach pegou a chave e saiu correndo.

Lexi tentou esperar até a meia-noite, mas não conseguiu. Estava ansiosa e com dor de estômago só de pensar no que precisava fazer. Por fim, por volta das nove e meia da noite, não se segurou mais. Saiu da casa aconchegante e amável de Scot e pedalou até o parque LaRiviere. Ali, ficou de pé na beira da água. O som das ondas que corriam pela areia, indo e vindo, a lembraria para sempre do primeiro amor. Mas, finalmente, era hora de ir.

Empurrou a bicicleta ladeira acima e pedalou até a rua principal. Mesmo tarde em uma noite de verão, a Avenida Central estava cheia de pessoas circulando, e Lexi foi desviando delas com a facilidade de uma garota local em uma cidade turística. Uma leve melancolia tomou conta dela ao passar pelos lugares que definiriam para toda a vida a sua juventude. Ela sempre se lembraria da menina que fora naquela rua, da menina que ria em companhia da melhor amiga e que esperava por um garoto em um Mustang branco.

Na Estrada da Praia, diminuiu e se aproximou da trilha que levava à casa dos Farraday. Escondeu a bicicleta entre os arbustos e se manteve perto das árvores até se aproximar da casa e constatar que as luzes estavam apagadas.

Não havia ninguém ali.

Com um suspiro de alívio, ela desceu a trilha de cascalho e contornou a casa.

O quintal dos fundos estava um breu. Apenas uma lâmpada brilhava acima de uma das portas, e a luz se refletia nas lajetas de pedra. O luar iluminava as ondas e tingia o gramado de azul.

Ela passou pela área da churrasqueira e circundou um par de espreguiçadeiras voltadas para o estuário. Então, acendeu a

lanterna emprestada e apontou um feixe de luz amarela para o cedro gigante que protegia o terreno da ação das -ondas.

Na base da árvore, ela rastreou o chão com a lanterna, tentando calcular exatamente onde começar a cavar.

— Devíamos ter deixado um sinal — disse ela para os fantasmas das crianças que haviam sido.

Vai ser o nosso pacto.

Vamos ser amigos para sempre.

Nada de adeus.

Eles nunca deveriam ter feito a idiotice de enterrar aquela garrafa térmica, nem de se deixarem levar pela nostalgia.

Ou talvez ela simplesmente não devesse ter se lembrado dela. Quem imaginaria o peso que um pacto poderia ganhar, a exatidão contida em uma promessa?

Ela se ajoelhou devagar, sentindo o choque da areia fria na pele. Então, cavou, fazendo montes de um lado e do outro.

Não estava ali.

Cavou mais depressa, sentindo o desespero aumentar. Ela *tinha* de achar aquilo, tinha de se despedir de Zach...

— É isto que você está procurando?

Ela ouviu a voz dele na escuridão e, quando levantou o rosto, ali estava Zach, de pé ao lado da fileira de árvores. Ela devia ter passado por ele...

— Pelo jeito, você chegou antes.

Ela se levantou, um pouco sem jeito.

— Você não pode ficar com isto — declarou Zach. — Fica aqui. Assim como a promessa que nós três fizemos.

— Aquela promessa morreu em um carro na Estrada da Noite — disse ela.

— Foi, é?

Ele caminhou lentamente na direção dela.

— Fique longe de mim, Zach. Por favor.

— Por quê?

Era impossível encontrar palavras estando ele tão perto. Ela começou a dar meia-volta.

— Não vá — pediu ele.

Ele não tinha como imaginar o que essas palavras faziam com ela.

— Chega, Zach. É tarde demais. Eu não aguento mais. Só... me deixe ir. Diga adeus. Jogue a garrafa térmica no mar.

— Eu sinto falta dela — disse ele, e Lexi sentiu as lágrimas brotarem.

Como era possível que aquela conversa não tivesse ocorrido antes? Ela começou a dizer quanto lamentava por tudo, mas ele balançou a cabeça e disse:

— Mas eu sinto falta de você também, Lexi.

— Zach...

Agora ela mal conseguia vê-lo através das lágrimas, mas não as enxugou.

— Eu não imagino que você possa me perdoar... nem eu mesmo me perdoo, e entendo se você me odiar. Mas, Lex... caramba... eu me arrependo muito...

— Você se arrepende? Eu matei a sua irmã.

Ele olhou para ela e ela notou como ele estava inseguro e com medo.

— Será que um dia você seria capaz de me amar de novo?

Ela observou essa versão borrada dele, entre sombras e luar, e se lembrou da primeira vez em que ele a beijou, da primeira vez em

que andou com ela de mãos dadas, o dia em que ficou de pé no tribunal e disse que ele também era culpado, do dia em que pegara a filha nos braços. Tudo estava entre eles naquele instante — o bom, o excepcional, o triste, o terrível. Tudo o que haviam sido na infância e os adultos que agora tentavam ser. Ela era incapaz de continuar negando que o amava, tanto quanto seria incapaz de entrar no estuário carregando pesos e se afogar. Algumas coisas na vida simplesmente *existiam*, e seu amor por ele era uma delas. Não importava que fossem jovens ou que houvesse uma dezena de motivos para que ficassem separados. A única coisa que importava era que o sangue dele de alguma forma entrara nas veias dela e que, sem ele, ela ficava perdida.

— Eu amo você — disse ela baixinho. — Eu tentei evitar...

Ele a pegou nos braços e a beijou. Ao sentir o toque de seus lábios, tão doces, tão dolorosamente familiares, ela sentiu como se sua alma, acorrentada durante anos, se libertasse, se estirasse e abrisse as asas. Ela estava voando, pairando. Lexi se agarrou a ele, chorando finalmente pela melhor amiga que tinha matado, pelo tempo perdido na prisão, pela filha cujos primeiros anos estariam sempre inacessíveis para ela. Aquele momento era mais do que ela algum dia ousara sonhar, e o amor que ela tanto tentara extinguir a dominou por inteiro.

Ela se soltou e o observou, maravilhada. As lágrimas que molhavam seus cílios lhe davam uma aparência impossivelmente jovem, como o menino a quem ela entregara seu coração tantos anos antes em uma noite como aquela, com as luzes da estrada passando por eles.

— Como?

Foi tudo o que ela conseguiu dizer, mas sabia que ele a entenderia. Como fariam para recomeçar?

— Eu amo você demais, Lexi. É tudo o que eu sei.

— Então, o que fazemos? Por onde começamos?

Ele lhe deu a garrafa térmica suja com cuidado, como se fosse um artefato de uma civilização perdida, o que era, de certo modo.

— Vamos manter a promessa.

Lexi segurou a cápsula do tempo nas mãos, imaginando os brincos de ouro, a medalha de São Cristóvão e a pulseira de barbante desgastada.

Ela sentiu que Mia estava ali com eles — na brisa morna, no rufar das árvores, no pulsar constante das ondas. Beijou a garrafa térmica coberta de areia e a enterrou novamente. Quando terminou, bateu e alisou a areia.

— Ela está aqui — disse Lexi, sentindo a melhor amiga ao seu lado pela primeira vez em anos.

Zach finalmente sorriu.

— Ela sempre vai estar.

Então, ele lhe deu a mão e ficaram de pé.

— Venha para casa comigo, Lexi — pediu ele, e tudo o que ela conseguiu fazer foi concordar.

Casa.

Caminharam em silêncio até o carro, e ela pensou que era assim que eles deviam fazer. Era assim que deviam falar com Grace. De mãos dadas.

Na manhã seguinte, Grace acordou cedo. De pijama rosa com pezinho, ela cruzou sonolenta o corredor estreito até o quarto do pai, arrastando seu cobertor amarelo.

A porta dele estava fechada. Era estranho. Ela a abriu e já ia começar a dizer “Hora de acordar, dorminhoco”, mas só conseguiu dizer:

— Hora...

A mãe estava na cama com o pai. Estavam muito juntinhos, dormindo.

Grace sentiu um tremorzinho no coração.

A *mãe* estava ali.

Ela subiu na cama, enfiando-se entre os dois. Antes que ela pudesse dizer algo, o pai começou a fazer cócegas nela e ela riu até não conseguir respirar. Então ficou ali deitada, entre a mãe e o pai, com vontade de chorar, sem saber por quê.

— Tudo bem se eu ficar aqui, Gracie? — perguntou a mãe.

— Eu pensei que você fosse embora.

— O seu pai me fez mudar de ideia — disse a mãe. — Por você tudo bem, Grace? Posso morar aqui com vocês?

Grace soltou uma risadinha. Estava tão feliz que se esqueceu de cobrir a boca.

— É claro que pode.

A partir de então, Grace tinha um mundo de coisas para contar à sua nova mãe. Falou ininterruptamente, até que o alarme ao lado da cama tocou. Então, ela se sentou de repente e disse:

— Eu preciso ir para a escola. É o último dia. Você me leva, mamãe?

— Eu não dirijo — explicou a mãe, olhando para o pai com uma cara preocupada.

— Que estranho! — admirou-se Grace. — *Todas* as mães dirigem.

— Vou renovar a minha carteira — contou a mãe. — Quando a primeira série começar, eu vou estar pronta. E agora, que tal tomarmos café? Estou morrendo de fome.

Grace se atirou nas costas do pai, que a carregou até a cozinha e a colocou na sua cadeirinha, à mesa.

Enquanto comia, não conseguia parar de observar a mãe. E percebeu que o pai também não conseguia. Pareciam uma família.

E agora Grace pensou em mais *um monte* de coisas que queira dizer à mãe. Durante o café e no carro, Grace não parou de falar. Explicou à mãe que a Barbie era muito flexível, que a Hanna Montana e a Cinderela eram superlegais, e contou quanto tempo aguentava sem respirar e, quando percebeu, estava dizendo:

— E eu sei fazer esqui aquático como a Ashley Hamerom..

Estavam no carro, a caminho da escola.

A mãe se virou no assento da frente e olhou para Grace.

— Isso é verdade?

— Poderia ser.

— Mas é?

Grace se afundou no banco.

— Não.

Era difícil dizer só a verdade. Como alguém iria gostar dela do jeito que ela era na realidade?

Ao chegarem, o pai saiu da fila de carros e estacionou debaixo das árvores grandes na lateral da escola.

— Posso acompanhar você até a sala? — perguntou a mãe.

Grace sentiu aquela agitaçãozinha de novo. Sorriu.

— Você pode até ser o meu “mostre e conte”.

A mãe sorriu.

— Eu adoraria.

Elas passaram juntas pelos grupos de crianças e Grace começou a se sentir mal. A mãe iria perceber que ela não tinha amigos.

Mas, em todo o caminho até a porta da sala de aula, a mãe a segurou pela mão e, quando chegaram, ela se ajoelhou e olhou para Grace.

— Lembra quando eu lhe contei sobre a minha melhor amiga, a Mia?

Grace fez que sim. Tinha vontade de chupar o dedo, mas as crianças iriam rir dela.

— Eu estava morrendo de medo no dia em que a conheci. Era o primeiro dia de aula e ninguém gostava de mim. Saí correndo do refeitório porque não queria me sentar com ninguém. Aí eu vi essa menina sentada sozinha. E eu fui até ela e comecei a conversar. Foi assim que nos tornamos melhores amigas. Você precisa tentar, Grace. Converse com alguém.

— Tá bom, mamãe.

A mãe deu um forte abraço em Grace e beijou seu rosto.

— Eu vou estar aqui para buscar você quando a aula acabar.

— Promete?

— Prometo — respondeu a mãe, e então se afastou.

Grace olhou nervosa para dentro da sala, onde as crianças estavam agitadas, fazendo todo tipo de coisa. Viu Samantha de pé ao lado das prateleiras, sozinha.

— Ariel? Você está aqui? Eu preciso de você.

Vá até lá.

Grace olhou para o pulso e viu um reflexo amarelo e ouviu um som que parecia ser de risadas, ou talvez das ondas na frente da casa da vovó.

— Estou com medo — sussurrou. — O que eu falo?

Você sabe o que dizer. Você não precisa mais de mim, Gracerina.

— Preciso, sim! Não vá embora.

Grace começou a entrar em pânico. Seu rosto ficou quente. Teve medo de começar a chorar.

Vá, Gracerina. Você tem uma mamãe agora. Confie nela.

Grace olhou uma última vez para a mãe e entrou na sala.

Seu coração batia loucamente. Respirando fundo, ela foi até onde Samantha estava e ficou ao lado dela.

— A minha mãe voltou pra casa ontem — disse finalmente.

Samantha se voltou para ela.

— A espiã?

— Ela não é uma espiã de verdade.

— O que ela é?

Grace deu de ombros.

— Ah.

— Você quer se sentar comigo hoje? — perguntou Grace, mordendo o lábio.

— Você vai me bater?

— Não.

— Você gosta de amarelinha? — indagou Samantha, por fim.
— Porque eu gosto.

— Gosto — disse Grace, sorrindo. Era mentira. Na realidade, ela não sabia brincar de amarelinha, mas queria aprender. Mas pensou que não era uma mentira feia. — Eu *adoro* amarelinha.

O dia despertou Jude gentilmente. Estava na cama com Miles, sentindo o corpo dele ao lado do seu e ouvindo sua respiração

pesada e entrecortada, que significava que ele logo começaria a roncar.

Ela beijou seu rosto com a barba por fazer e retirou as cobertas para sair da cama. Através das janelas abertas, viu um céu resplandecente em tom salmão sobre o azul metálico do estuário de Puget e, pela primeira vez em anos, foi procurar a câmera.

Do lado de fora, vestida com um penhoar felpudo e descalça, tirou várias fotos do cedro preto contra o céu rosado. De repente, ele lhe deu a impressão de ser novo. O orvalho reluzia no denso gramado verde e nas pedras do quintal. Ela pensou nas festas que faziam no jardim, nas risadas que o preenchiam, e sentiu vontade de voltar a organizar algo assim. Comprara uma mesa enorme pensando no futuro, imaginando que um dia estaria circundada por netos. Não era usada havia anos.

Caminhou até o quintal resoluta e retirou a capa plástica que cobria a mesa, expondo-a novamente ao sol.

Então o jardim atraiu seu olhar.

Descalça, atravessou o gramado úmido e observou o jardim abandonado. Tudo estava uma bagunça: os canteiros que antes ela podava com tanta precisão agora eram impossíveis de distinguir, em meio à confusão de cores, e havia flores por toda parte, que desabrochavam, apesar de sua ausência, com seus ramos coloridos enredados uns nos outros.

Antes, ela só veria desordem ali, plantas que brotavam onde não deviam e que floresciam ao acaso. Ela iria atrás das ferramentas — tesouras, pás e estacas — e iniciaria a tarefa de recriação.

Dessa vez, porém, naquela manhã resplandecente, ela percebeu o que antes não via: existia beleza no caos, um caráter selvagem que insinuava percalços e erros reparados. Ficou bastante

tempo ali, olhando para o jardim devastado e ainda assim lindo. Finalmente, Jude se ajoelhou na grama e começou a arrancar ervas daninhas. Após limpar uma área, levantou-se, trêmula. Era um começo.

Foi até a estufa de vidro, onde no passado se dedicara de corpo e alma às semeadeiras cheias de terra preta. Tudo ali estava esquecido e coberto de teias de aranha. Um sistema de irrigação mantivera tudo vivo. As plantas, assim como as pessoas, aprendiam a crescer em terrenos rochosos. Em uma estante alta, nos fundos, encontrou o que procurava: um pequeno pacote branco, que continha sementes de flores silvestres. Ela as comprara anos atrás, de uma amiga de Mia e Zach que as vendia ao lado do supermercado, talvez planejando juntar dinheiro para uma viagem, foi o que ela pensou. Mas nunca tivera a intenção de plantá-las, não flores silvestres, que nasciam em qualquer lugar.

Pegou o pacote de sementes da prateleira, saiu da estufa e foi até o meio do jardim tomado pelas plantas.

Derramou na mão as sementes desiguais e as olhou, pensando em como as coisas eram pequenas no início. Com um sorriso, espalhou-as pelo jardim. Algum dia se surpreenderia ao ver o que nasceria dali. E em breve, talvez amanhã, plantaria uma rosa branca bem ali, onde Mia tinha perdido o primeiro dente...

Retornou para dentro da casa e fez uma garrafa de café. O aroma torrado e defumado tomou conta da casa e atraiu Miles até a cozinha, que entrou trôpego, com uma mão estendida e murmurando:

— Café...

Ela lhe deu uma xícara, puro.

— Tome.

— Você é um anjo.

— Por falar nisso...

— Por falar em quê?

— Em anjos.

Miles franziu a testa.

— Eu sei que não penso direito antes do café, mas a gente estava falando de anjos?

— Vou ao cemitério hoje — disse ela, em voz baixa. — Decidi ontem.

— Quer que eu vá com você?

Ela adorou que ele perguntasse.

— É uma coisa que eu tenho de fazer sozinha.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Então você me liga quando voltar para casa?

— Está com medo de que eu me atire em uma cova aberta?

Ele a beijou e se afastou.

— Já passei dessa fase. Não estou mais preocupado. Você voltou para nós.

— Pode me chamar de Frodo.

— Frodo, não. Sam. O Sam voltou para casa, se casou e teve uma vida feliz.

— Tem razão. Eu sou o Sam.

Ela passou a meia hora seguinte ao lado dele, na cozinha, tomando café e conversando. Quando ele foi tomar banho, ela se surpreendeu com aquela situação extraordinária: eram novamente capazes de estar juntos e de conversar sobre trivialidades. Planos para um jantar. Uma cafeteira nova. Um filme que estava sendo elogiado.

Passou uma hora inteira sem pensar na sua perda. Pode não parecer muito para a maioria das pessoas, mas para ela era algo monumental, como cruzar o Canal da Mancha a nado. Vislumbrou então algo de que tinha desistido: a possibilidade de ser ela mesma de novo, de algum dia voltar a se sentir feliz com a vida. Sabia que nunca se livraria da tristeza, mas talvez Harriet tivesse razão e ela pudesse realmente seguir em frente. Talvez o tempo não curasse as feridas, exatamente, mas criasse uma espécie de armadura, ou uma nova perspectiva. Uma forma de lembrar com um sorriso, e não com um soluço. Quem sabe chegaria o dia, quando um estranho perguntasse quantos filhos ela tinha, em que ela fosse capaz de simplesmente dizer um, e de falar sobre o Zach.

Que Deus permitisse isso!

Foi até o banheiro e entrou no chuveiro quando Miles saiu. Ele lhe deu um tapa no bumbum e ela riu, se esquivou dele e se protegeu sob o chuveiro de água quente. Estava enxaguando o condicionador do cabelo quando a porta do box se abriu.

— Tem certeza de que você vai ficar bem? — perguntou Miles de novo.

— Estou bem. Ligue para o Zach e lembre a ele que vamos ao aquário amanhã. A minha mãe vai nos encontrar lá.

Miles ficou quieto, e ela o conhecia bem demais para saber que estava pensando em alguma coisa.

— Que foi? — perguntou, saindo do chuveiro e se enrolando em uma toalha.

— Tivemos um aniversário de casamento muito importante há uns anos. Não comemoramos. Não comemoramos nenhum aniversário... depois.

— Vamos fazer algo este ano. Jantar no Canlis.

Ele estendeu uma caixa de veludo azul.

A mão de Jude tremeu quando pegou a caixa pequena e delicada. O veludo estava desgastado na parte de cima, de tanto que a havia segurado, mas havia anos não a tocava. Expirando longamente, ela abriu a tampa. Em uma almofadinha de puro branco estava, orgulhoso, o anel de formatura de Mia, e o ouro refletia a luz. O suporte para a pedra, antes vazio, agora continha um reluzente diamante rosa.

Jude olhou para aquele homem que amava e a força dessa emoção, desse compromisso, a arrebatou como se fosse uma corrente que a levasse de volta para casa. Ele a conhecia melhor do que ela própria: sabia que ela precisava daquela lembrança da filha, de algo que pudesse usar e ver todos os dias.

— Eu amo você, Miles Farraday.

Ele tocou seu rosto, sorrindo.

— Você é uma guerreira. Sabia?

— Quem me dera!

Ele a beijou novamente e sussurrou:

— Diga “oi” a ela por mim.

Então, voltou para o quarto.

Depois que ele saiu de casa, ela secou o cabelo e vestiu uma calça jeans velha e confortável e um casaco de moletom branco. Normalmente ela se maquiaria, mas hoje não sentia necessidade de esconder nada. Ela era quem era: uma mulher que sobrevivera a uma guerra do coração e que tinha marcas para provar.

Tinha a intenção de sair imediatamente, mas não conseguiu. Passou as horas seguintes organizando coisas, guardando objetos, lavando roupa, preparando um ensopado para o jantar.

Enrolando.

Finalmente, logo depois da uma da tarde, respirou fundo e parou de se movimentar. *Está na hora, Jude. Agora.*

Pendurando uma bolsa no ombro, foi até o carro e saiu. Ao chegar à esquina, a luz do sol se refletia na água azul do mar e nas janelas ao longo da praia. Que dia lindo!

Na Estrada da Noite, ela diminuiu. Havia anos não ousava entrar naquele trecho de asfalto onde sua vida se transformara. Finalmente chegara a hora de encará-lo.

Fez a curva e seguiu em frente. Após uns oitocentos metros, entrou no acostamento e estacionou. Saiu do carro lentamente e atravessou a rua.

Os resquícios das homenagens mal podiam ser vistos.

Ela estava de pé na curva fechada da Estrada da Noite.

Ali a floresta era escura, mesmo ao meio-dia, com o sol a pino. Coníferas antigas e imponentes se estendiam ao longo de ambas as margens da estrada, muito próximas umas às outras, e seus troncos cobertos de musgo se erguiam retos como lanças até o céu de verão, bloqueando todo o sol. Paralelamente à faixa do asfalto desgastado, as sombras terminavam na altura dos joelhos. O ar estava parado e silencioso, como se a natureza prendesse a respiração. Expectativa.

Ela não podia ficar muito tempo ali. Se alguém a visse naquela estrada solitária, a notícia correria, e as pessoas se preocupariam com ela. Ainda assim, ela fechou os olhos só por um momento e se lembrou daquela noite, tanto tempo atrás, quando a chuva se transformou em cinzas...

Foi deixando tudo para trás.

Por fim, voltou para o carro e deixou a ilha.

Chegou ao destino em menos de trinta minutos. Isso a surpreendeu. Por algum motivo, pensara que seria muito mais longe. Afinal, ela demorara anos para alcançar aquele lugar.

O cemitério era uma sucessão de suaves declives com um gramado meticulosamente aparado, entremeado de decorações da morte: lápides, monumentos, bancos de pedra.

Ela respirou fundo.

— Vamos, Judith. Você consegue.

Voltou-se para o banco de trás e pegou os três balões cor-de-rosa que comprara na véspera na floricultura. Segurou os barbantes, juntou os balões acima de si e saiu do carro. Repassou mentalmente as orientações que anotara no dia anterior, mas elas não eram necessárias. Seria capaz de encontrar a filha até de olhos -vendados...

Ali estava. Uma lápide de granito polido com o rosto de Mia em relevo no centro.

MIA EILEEN FARRADAY

1986 — 2004

FILHA E IRMÃ AMADA

Saudade Eterna



Havia também um pequeno símbolo da fita do Dom da Vida, representando as vidas que ela salvara.

Jude ficou segurando aqueles balões ridículos e olhando para a imagem do rosto da filha. Mesmo em granito, Mia tinha um sorriso brilhante.

— Desculpe-me por demorar tanto para chegar até aqui. Eu... me perdi — disse ela finalmente.

Quando começou a falar, não conseguiu mais parar. Sentou-se em um banco de granito e contou tudo à filha.

Durante anos, Jude sentira medo de esquecê-la, de que o tempo de alguma forma varresse as lembranças, até que não restasse nada sólido. Mas agora, sentada ali, ao sol, segurando os balões, ela se lembrou de tudo: que Mia chupava o polegar e acariciava as patinhas de cetim da cachorrinha de pelúcia, que começava a correr assim que Jude chegava de carro para pegá-la na escola, que comia laranjas descascadas em gomo e tirava todas as partezinhas brancas, que tinha pressa para crescer.

— Comprei este anel para você... há muito tempo — disse Jude, sentindo uma pontada de dor misturada com alegria. Era estranho como essas emoções coexistiam em um momento como aquele. — Eu o comprei para uma menina de 18 anos que eu pensava que seria o meu futuro.

Ela olhou para o diamante rosado, que cintilava à luz do sol, dançando.

Toda vez que visse o anel, ela se lembraria de algo referente à filha. Às vezes iria chorar, mas, tudo bem, pois um dia talvez sorrisse. Ou até risse.

Era algo que tinha aprendido nas últimas semanas. Em um mar de lamentação, havia ilhas de bênçãos, instantes no tempo que nos lembravam do que ainda tínhamos, em vez de tudo o que tínhamos perdido.

Jude ficou de pé e soltou os balões em direção ao céu. Os pontos cor-de-rosa rodopiaram e se chocaram contra uma corrente de ar invisível, como se uma menininha impaciente tivesse tentado agarrá-los e os deixado escapar. Um som parecido com o de uma risada percorreu as árvores e Jude sentiu uma paz profunda. Ela se enganara: sua filha *estava* ali, com ela, dentro dela. Sempre estivera ali, mesmo quando Jude esteve machucada demais para procurá-la. Mas agora chegara o momento de dizer:

— Adeus, bonequinha... Eu amo você.

Pela primeira vez em anos, ela acreditou que a filha pudesse escutá-la.



Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.**

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.